

Esta série é digna de fazer mais sucesso do que
Crepúsculo e *Jogos Vorazes*.
— **THE GUARDIAN**

MAXIMUM RIDE PROJETO ANGEL

JAMES PATTERSON

Autor best-seller #1 do *The New York Times*

#irado



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Ao leitor:](#)

[ALERTA](#)

[PRÓLOGO](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Parte 3](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Parte 4](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Parte 5](#)

[Capítulo 86](#)

[Capítulo 87](#)

[Capítulo 88](#)

[Capítulo 89](#)

[Capítulo 90](#)

[Capítulo 91](#)

[Capítulo 92](#)

[Capítulo 93](#)

[Capítulo 94](#)

[Capítulo 95](#)

[Capítulo 96](#)

[Capítulo 97](#)

[Capítulo 98](#)

[Capítulo 99](#)

[Capítulo 100](#)

[Capítulo 101](#)

[Capítulo 102](#)

[Capítulo 103](#)

[Capítulo 104](#)

[Capítulo 105](#)

[Capítulo 106](#)

[Capítulo 107](#)

[Capítulo 108](#)

[Capítulo 109](#)

[Parte 6](#)

[Capítulo 110](#)

[Capítulo 111](#)

[Capítulo 112](#)

[Capítulo 113](#)

[Capítulo 114](#)

[Capítulo 115](#)

[Capítulo 116](#)

[Capítulo 117](#)

[Capítulo 118](#)

[Capítulo 119](#)

[Capítulo 120](#)

[Capítulo 121](#)

[Capítulo 122](#)

[Capítulo 123](#)

[Capítulo 124](#)

[Capítulo 125](#)

[Capítulo 126](#)

[Capítulo 127](#)

[Capítulo 128](#)

[Capítulo 129](#)

[Capítulo 130](#)

[Capítulo 131](#)

[Capítulo 132](#)

[Capítulo 133](#)

[Capítulo 134](#)

[EPÍLOGO](#)

[Aviso](#)

[Blog do Fang](#)

[Guia do leitor](#)

[Maximum Ride: FUGINDO DOS HOMENS-LOBOS](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

MAXIMUM RIDE PROJETO ANGEL

JAMES PATTERSON

Tradução:
Bárbara Menezes



Título original: Maximum Ride – The Angel Experiment
Copyright © 2005 by SueJack, Inc.
Edição publicada sob acordo com Little, Brown and Company,
New York, New York, USA.
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Patterson, James.
Maximum Ride – Projeto Angel / James Patterson ; tradução Bárbara Menezes. --
Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The Angel Experiment
ISBN 978-85-8163-526-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-04272 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Ao leitor:

A inspiração para *Maximum Ride* veio de livros anteriores meus chamados *Quando Sopra o Vento* e *The Lake House*, que também têm uma personagem chamada Max que escapa de uma Escola terrível. A maioria das similaridades acaba aí. Max e as outras crianças de *Maximum Ride* não são as mesmas que as dos dois livros mencionados. Frannie e Kit também não têm participação em *Maximum Ride*. Espero que você goste mesmo assim.

James Patterson

ALERTA

Se você ousar ler esta história, vai virar parte do Experimento. Sei que isso parece um pouco misterioso... Mas é tudo o que posso dizer agora.

Max

PRÓLOGO

Parabéns. O fato de você estar lendo isto significa que deu um passo gigantesco e ficou mais perto de sobreviver até seu próximo aniversário. Sim, *você*, parado aí, folheando estas páginas. *Não largue este livro*. Falo muito sério... Sua vida pode depender disso.

Esta é minha história, a história da minha família, mas poderia facilmente ser a sua história também. Todos nós estamos juntos nessa; acredite em mim.

Nunca fiz nada do tipo, por isso vou simplesmente começar, e você tenta me acompanhar.

Certo. Meu nome é Max. Tenho quatorze anos. Moro com minha família, cinco crianças que não são meus parentes de sangue, mas ainda assim são completamente minha família.

Nós somos... Bem, nós somos meio fantásticos. Não quero parecer arrogante, mas não nos parecemos com nada que você já tenha visto antes.

Basicamente, somos superlegais, educados, espertos... Mas não “comuns”, de forma nenhuma. Nós seis — eu, Fang, Iggy, Nudge, Gasman e Angel — fomos feitos de propósito, pelos “cientistas” mais doentios e horríveis que você possa imaginar. Eles nos criaram como um experimento. Um experimento em que permanecemos apenas 98% humanos. Os outros 2% tiveram grande impacto. Vou contar a você.

Crescemos em um laboratório/prisão chamado a Escola, em gaiolas, como ratos cobaias. É bem surpreendente que a gente consiga pensar e falar. Mas conseguimos... E muito mais.

Apenas outro experimento da Escola conseguiu ultrapassar a infância. Parte humano, parte lobo... Predador total: são os chamados Apagadores. São durões, espertos e difíceis de controlar. Parecem humanos, mas, quando querem, conseguem se transformar em homens-lobo — com tudo: pelos, caninos e garras. A Escola os usa como guardas, policiais... e carrascos.

Para eles, nós somos seis alvos móveis: presas inteligentes o bastante para serem um desafio divertido. Basicamente, eles querem rasgar nossa garganta. E garantir que o mundo nunca descubra que existimos.

Mas não vou me render ainda. Estou contando a *você*, certo?

Esta história poderia ser a sua... ou a de seus filhos. Se não hoje, então logo. Por isso, por favor, por favor, leve isto a sério. Estou arriscando tudo o que é importante para mim ao contar a *você*... *Mas você precisa saber.*

Continue lendo — não deixe ninguém o deter.

— Max. E minha família: Fang, Iggy, Nudge, Gasman e Angel.

Bem-vindo ao nosso pesadelo.



Parte 1

SUSTO NO BANDO



O engraçado em enfrentar a morte iminente é que isso realmente coloca todo o resto na perspectiva certa. Veja este momento, por exemplo.

Corra! Vamos, corra! Você sabe que pode fazer isso.

Inspirei o máximo de ar que pude. Meu cérebro estava em hiperpotência; eu estava correndo para salvar minha vida. Meu único objetivo era escapar. Nada mais importava.

Meus braços sendo arranhados e cortados por um arbusto espinhoso pelo qual eu passava? Nada demais.

Meus pés descalços atingindo cada pedra afiada, raiz dura, graveto pontudo? Sem problemas.

Meus pulmões doendo em busca de ar? Eu podia lidar com isso.

Desde que conseguisse me distanciar o máximo possível dos Apagadores.

Sim, Apagadores. Mutantes: meio homens, meio lobos, em geral armados, sempre sedentos por sangue. Neste momento, eles estão atrás de mim.

Viu? Isso coloca tudo na perspectiva certa.

Corra. Você é mais rápida que eles. Você pode deixar qualquer um para trás.

Eu nunca estivera tão longe da Escola antes. Estava totalmente perdida. Ainda assim, meus braços subiam e desciam ao meu lado, meus pés esmagavam a vegetação rasteira, meus olhos examinavam à frente, ansiosos, pela meia-luz. Eu podia deixá-los para trás. Eu podia achar uma clareira com espaço suficiente para...

Ah, não. Ah, não. O latido antinatural de sabujos soava por entre as árvores, e eu fiquei enjoada. Eu podia correr mais que homens... Todos nós podíamos, até mesmo Angel, e ela só tem seis anos. Mas nenhum de nós conseguia correr mais que um cachorro grande.

Cachorros, cachorros, vão embora, deixem-me viver mais um dia.

Eles estavam se aproximando. A luz fraca era filtrada pelas plantas em frente a mim... Uma clareira? *Por favor, por favor...* Uma clareira me salvaria.

Atravessei entre as árvores, o peito arfando, um leve reflexo de suor frio na pele.

Sim!

Não... Ah, não!

Derrapei até parar, os braços balançando, meus pés tentando ir para trás sobre a terra rochosa.

Não era uma clareira. Diante de mim havia um *penhasco*, uma simples parede de rocha que caía para um chão impossível de ver centenas de metros abaixo.

Atrás de mim estava o bosque cheio de sabujos babando e Apagadores psicopatas com armas.

As duas opções eram péssimas.

Os cães estavam latindo animados... Havia encontrado a presa: *moi*.

Olhei para a queda mortal.

Não havia escolha mesmo. Se você fosse eu, teria feito a mesma coisa.

Fechei os olhos, abri os braços... e me deixei cair pela borda do penhasco.

Os Apagadores gritaram com raiva, os cães latiram histéricos, e, depois, tudo o que pude ouvir foi o som do ar passando depressa por mim.

Foi tanta paz por um segundo. Sorri.

Depois, respirando fundo, estendi minhas asas o mais forte e rápido que pude.

Quatro metros de uma ponta à outra, marrom-claras com riscas brancas e pontos marrons parecidos com sardas, elas seguraram o ar e, de repente, fui puxada para cima, com força, como se um paraquedas tivesse acabado de abrir. *Ai!*

Lembrete para mim mesma: nada de estender as asas de repente.

Retraindo o corpo, empurrei as asas para baixo com toda a força e, depois, puxei-as para cima; em seguida, empurrei-as para baixo de novo.

Ai, meu Deus, eu estava *voando*... Como sempre sonhara.

A base do penhasco, coberta de sombra, recuou abaixo de mim. Ri e subi sentindo o puxão dos meus músculos, o ar assoviando

pelas minhas penas secundárias, a brisa secando o suor do meu rosto.

Voei para cima e passei a borda do penhasco, os cães abismados e os Apagadores furiosos.

Um deles, com o rosto peludo, os caninos pingando, levantou a arma. Um ponto vermelho de luz apareceu na minha camisola rasgada. *Hoje não, seu idiota*, pensei, virando de repente para o oeste, para o sol ficar nos olhos loucos de ódio dele.

Não vou morrer hoje.



Sentei-me na cama em um sobressalto, arfando, a mão no coração.

Não pude deixar de verificar minha camisola. Nada de ponto de laser vermelho. Nada de buracos de balas. Caí de volta na cama, o corpo mole de alívio.

Minha nossa, eu odiava aquele sonho. Era sempre o mesmo: fugir da Escola, ser perseguida pelos Apagadores e pelos cachorros, cair de um despenhadeiro e, de repente, *vush*: asas, voar, escapar. Eu sempre acordava me sentindo a um segundo da morte.

Lembrete para mim mesma: ter uma conversa encorajadora com o inconsciente. Assunto: sonhos melhores.

Estava frio, mas me forcei a sair da cama confortável. Vesti um agasalho limpo... Era impressionante: Nudge guardara as roupas lavadas.

Todos os outros ainda estavam dormindo. Eu poderia ter alguns minutos de paz e silêncio, começar o dia antes deles.

Olhei para fora das janelas do corredor no caminho para a cozinha. Eu adorava aquela vista: a luz do sol da manhã

aparecendo pelo cume das montanhas, o céu limpo, as sombras profundas, o fato de eu não conseguir ter o vislumbre de outra pessoa.

Estávamos no alto de uma montanha, a salvo, apenas eu e minha família.

Nossa casa tinha o formato da letra “E” caída de lado. As pernas do “E” estavam apoiadas em consolas acima de um cânion íngreme, e, desse modo, se eu olhasse para fora de uma janela, sentia estar flutuando. No quesito “descolada”, de um a dez, essa casa era quinze, fácil.

Lá, minha família e eu podíamos ser nós mesmas. Lá, podíamos viver livres. Quero dizer, *literalmente* livres, ou seja, não em *gaiolas*.

É uma longa história. Depois eu conto mais.

E, é claro, aqui vai a melhor parte: sem adultos. Quando nos mudamos para lá, Jeb Batchelder tomou conta de nós como um pai. Ele nos salvou. Nenhum de nós tinha pais, mas Jeb chegara o mais perto possível.

Dois anos atrás, ele desapareceu. Eu sabia que ele estava morto, todos nós sabíamos, mas não conversamos sobre isso. Agora, estamos sozinhos.

É, ninguém nos diz o que fazer, o que comer, quando ir para a cama. Bem, exceto eu. Sou a mais velha, e, por isso, tento manter tudo funcionando da melhor maneira possível. É um trabalho difícil e nada recompensador, mas alguém tem de fazê-lo.

Não vamos para a escola também, e, assim, agradeço a Deus pela internet, porque, do contrário, não saberíamos *nada*. Mas não há escolas, médicos, assistentes sociais batendo na nossa porta. É simples: se ninguém sabe a nosso respeito, *ficamos vivos*.

Eu estava na cozinha à procura de comida quando ouvi um arrastar de pés sonolento atrás de mim.

— Bom dia, Max.



— **B**om dia, Gazzy — eu disse enquanto o menino de oito anos e olhos quase fechados se deixava cair na cadeira.

Esfreguei as costas dele e dei-lhe um beijo na cabeça. Ele era o Gasman desde bebê. O que posso dizer? Essa criança tem alguma coisa estranha no sistema digestório. Uma dica simples: fique contra o vento.

Gasman piscou olhando para mim, os lindos olhos azuis redondos e cheios de confiança.

— O que tem para o café da manhã? — ele perguntou, sentando-se ereto.

Seu cabelo loiro e fino ficava em pé em toda a cabeça, lembrando-me das penas macias recém-nascidas em um pássaro bebê.

— Hum, é surpresa — falei, já que não tinha ideia.

— Vou servir o suco — ofereceu Gasman, e fiquei emocionada.

Ele era um menino doce, doce, assim como sua irmãzinha. Ele e Angel, de seis anos, eram os únicos irmãos de sangue entre nós,

mas todos éramos uma família de qualquer forma.

Logo Iggy, alto e pálido, entrou desajeitado na cozinha. Os olhos fechados, ele se jogou no nosso sofá velho com mira perfeita. O único momento em que ele tem problemas por ser cego é quando um de nós esquece e troca a mobília de lugar, ou algo do tipo.

— Ei, Iggy, vamos acordar — eu disse.

— Não enche — ele murmurou, sonolento.

— Tudo bem — falei. — Perca o café da manhã.

Eu estava olhando dentro da geladeira com uma esperança inocente — talvez fadas da comida viessem — quando minha nuca formigou. Fiquei ereta depressa e me virei.

— Dá para parar com *isso*? — falei.

Fang sempre aparecia silenciosamente, do nada, como uma sombra escura que ganhava vida. Ele me olhou com calma, vestido e alerta, o cabelo escuro e muito longo escovado para trás.

Ele era quatro meses mais novo que eu, mas já estava dez centímetros mais alto.

— Parar com o quê? — ele perguntou com tranquilidade. — De respirar?

Revirei os olhos.

— Você sabe.

Com um resmungo, Iggy cambaleou para ficar em pé.

— Vou fazer ovos — anunciou.

Acho que se eu fosse mais mulherzinha ficaria incomodada por uma cara *cego*, seis meses mais novo, cozinhar melhor que eu.

Mas não sou. Então não me incomodei.

Supervisionei a cozinha. O café da manhã estava bem encaminhado.

— Fang? Você coloca a mesa. Vou buscar Nudge e Angel.

As duas meninas dividiam o último quarto pequeno. Abri a porta e vi Nudge, de onze anos, dormindo, enrolada nas cobertas. Era quase irreconhecível de boca fechada, pensei com sarcasmo. Quando estava acordada, nós a chamávamos de Canal Nudge: só Nudge, o tempo todo.

— Ei, querida, vamos acordando — eu disse, balançando o ombro dela com delicadeza. — Café da manhã em dez minutos.

Nudge piscou, os olhos castanhos esforçando-se para focar em mim.

— Quê? — balbuciou.

— Mais um dia — falei. — Levante-se e enfrente-o.

Resmungando, Nudge içou-se para uma posição curvada, mas tecnicamente em pé.

Do outro lado do quarto, uma fina cortina escondia um canto. Angel sempre gostou de espaços pequenos e aconchegantes. Sua cama, enfiada atrás da cortina, era como um ninho: cheia de bichos de pelúcia, livros, a maioria de suas roupas. Sorri e abri a cortina.

— Ei, você já está trocada — falei, inclinando-me para abraçá-la.

— Oi, Max — disse Angel, tirando os cachos loiros da gola. — Você pode fechar meus botões?

— Sim.

Virei-a e comecei a abotoar os botões.

Eu nunca disse aos outros, mas eu amava, amava, *amava* Angel. Talvez porque eu cuidava dela praticamente desde que era bebê. Talvez porque ela fosse tão inacreditavelmente doce e carinhosa.

— Talvez porque sou como sua filhinha — Angel falou, virando-se para me olhar. — Mas não se preocupe, Max. Não vou contar a ninguém. Além disso, você é quem eu mais amo também.

Ela lançou os braços magrinhos em volta do meu pescoço e plantou um beijo meio grudento na minha bochecha. Eu a abracei também, com força. Ah, é... Essa é outra coisa especial na Angel.

Ela consegue ler a mente das pessoas.



— **Q**uero colher morangos hoje — Angel disse com firmeza, pegando um garfo cheio de ovos mexidos. — Estão maduros agora.

— Certo, Angel, vou com você — falou Gasman.

Nesse instante, ele deixou sair uma de suas infelizes ocorrências e riu.

— Ah, minha nossa, Gazzy! — eu disse em tom de desaprovação.

— Máscara de... gás! — Iggy engasgou, agarrando o próprio pescoço e fingindo sufocar.

— Eu *acabei* — Fang disse, levantando-se depressa e levando o prato para a pia.

— Desculpem — Gasman disse automaticamente, mas continuou comendo.

— É, Angel — Nudge falou —, acho que o *ar fresco* faria bem a todos nós. Vou também.

— Vamos todos — eu disse.

Do lado de fora o dia estava lindo, claro e sem nuvens, com o primeiro calor real de maio. Carregamos baldes e cestas enquanto Angel nos guiava a um grande terreno com morangos silvestres.

Ela segurou minha mão.

— Se você fizer um bolo, posso fazer bolinhos de morango — ela falou alegre.

— É, pode esperar sentada pelo dia em que a Max vai fazer um bolo — ouvi Iggy dizer. — Eu faço, Angel.

Eu me virei.

— Puxa, obrigada! — exclamei. — Ok, não sou uma cozinheira maravilhosa, mas ainda posso dar uma surra em você, não se esqueça!

Iggy ria, com as mãos levantadas em sinal de negação. Nudge tentava não rir, até Fang estava com um sorrisinho, e Gasman tinha o olhar... travesso.

— Foi você? — perguntei a Gazzy.

Ele riu e encolheu os ombros, tentando não parecer muito satisfeito consigo mesmo. Gasman tinha cerca de três anos quando percebi que ele podia imitar quase todo som ou voz. Perdi a conta de quantas vezes Iggy e Fang quase se pegaram por causa de coisas que Gazzy dissera na voz deles. Era um dom sombrio, e ele o dominava com alegria.

Era apenas outra habilidade estranha... A maioria de nós as tinha. O que quer que fossem, com certeza deixavam a vida mais interessante.

Ao meu lado, Angel congelou e gritou.

Olhei para ela assustada, e, no segundo seguinte, homens com focinhos de lobo, caninos enormes e olhos vermelhos e brilhantes

caíram do céu como aranhas. Apagadores! E não era um sonho.



Não havia tempo para pensar. Jeb nos treinara para não pensar — apenas agir. Eu me joguei sobre um Apagador, girando e atingindo com um chute forte o seu peito grande. A respiração dele fez *au*, e o odor era simplesmente horrível, como água de esgoto sem tratamento deixada exposta ao sol quente.

Depois disso foi como um filme: várias imagens sobrepostas que mal pareciam reais. Desferi outro golpe, e, depois, um Apagador me deu um soco tão vigoroso que minha cabeça virou e senti uma explosão de sangue na boca. Pelo canto do olho, vi Fang conseguindo enfrentar um Apagador... Até mais dois se juntarem ao primeiro, e ele cair sob os golpes de mãos com garras.

Iggy ainda permanecia em pé, mas um olho já estava inchado e se fechando.

Despertando do choque, levantei-me desajeitada e depois vi Gasman inconsciente, deitado de bruços no chão.

Pulei na direção dele, mas fui pega de novo. Dois Apagadores prenderam meus braços para trás. Outro se inclinou, os olhos avermelhados brilhando de animação, o maxilar completamente metamorfoseado e com jeito de focinho. Ele puxou a mão para trás e apertou-a, fazendo um punho. Depois, trouxe-o com força,

socando-me a barriga. Uma dor inacreditável explodiu dentro de mim, e eu me dobrei ao meio, caindo como uma pedra.

Sem vê-las, ouvi Angel gritar e Nudge chorar.

Levante-se!, eu disse a mim mesma, tentando inspirar o ar.
Levante-se!

Como crianças mutantes estranhas, somos muito, muito mais fortes que adultos normais. Mas os Apagadores não são adultos normais e também estavam em maior número. Éramos comida de cachorro. Esforcei-me para me apoiar nas mãos e nos joelhos, tentando não ficar com ânsia de vômito.

Levantei-me desajeitada, a sede de sangue nos olhos, pronta para matar. Dois Apagadores seguravam as mãos e os pés de Nudge. Eles a balançaram com força, e ela foi lançada, batendo a cabeça contra uma árvore. Ouvi um gritinho de dor, e, depois, ela ficou deitada com o corpo dobrado entre folhas finas dos pinheiros.

Com um berro rouco e abafado pelo sangue, corri e bati as mãos em forma de concha em volta das orelhas peludas de um Apagador. Ele gritou quando seus tímpanos estalaram e caiu de joelhos.

— Max! — Angel berrou com voz aguda e apavorada, e eu me virei.

Um Apagador a segurava pelos braços, e corri em direção a ela, pulando por cima de Iggy, que estava caído e inconsciente. Dois Apagadores caíram sobre mim, derrubando-me, um deles apertando o joelho pesado contra meu peito. Eu ofeguei e lutei, e um deles esbofeteou meu rosto com força, as garras ásperas cavando poços fundos na minha bochecha.

Atordoada, caí para trás, os dois Apagadores me prendendo ao chão, e com um horror incompreensível vi outros três Apagadores enfiarem Angel, minha bebê, em um saco tosco. Ela estava chorando e gritando, e um deles bateu nela.

Esforçando-me freneticamente, tentei gritar, mas apenas soltei um berro rouco e sufocado.

— Sai de *cima* de mim, seu idiota, maldito... — falei, engasgada, mas fui atingida de novo.

Um Apagador inclinou-se acima de mim, com um sorriso horrendo.

— *Max* — ele disse, e senti um nó no estômago... Eu o conhecia? — Que bom vê-la de novo — ele continuou em tom de conversa. — Você está horrível. Sempre se sentiu muito superior a todo mundo, então isso me alegra.

— Quem é você? — ofeguei, sentindo um calafrio.

O Apagador riu, os dentes longos e afiados mal cabendo no maxilar.

— Você não me reconhece? Acho que cresci um pouco.

Meus olhos se arregalaram com o reconhecimento repentino e horrorizado.

— Ari — sussurrei, e ele riu como um louco.

Depois ele se levantou. Vi sua bota preta enorme ir até meu crânio, senti minha cabeça virar para um dos lados e tudo ficou escuro.

Meu último pensamento foi a descrença: Ari era filho de Jeb. Eles o haviam transformado em Apagador. Ele tinha sete anos.



— **M**ax?

A voz de Gasman era muito juvenil e bastante assustada.

Ouvi um gemido terrível e baixo, e depois percebi que viera de mim.

Gasman e Fang estavam inclinados acima de mim, expressões preocupadas no rosto machucado e com sangue.

— Estou bem — respondi, rouca, sem fazer ideia se estava mesmo.

A memória voltou depressa e tentei me sentar.

— Cadê a Angel? — Minha voz estava nervosa.

Os olhos escuros de Fang encontraram os meus.

— Ela se foi. Eles a levaram.

Achei que talvez fosse desmaiar de novo. Lembrei-me de quando tinha nove anos, olhando para fora da janela de vidro aramado do laboratório, observando os Apagadores à meia-luz. Os jalecos-brancos haviam libertado chimpanzés no terreno da Escola e

soltado os Apagadores recém-criados atrás deles. Ensinando-os a caçar.

O som dos chimpanzés berrando de terror e dor ainda ecoava na minha cabeça.

Eram eles que estavam com Angel.

A raiva me dominou... Por que não podiam ter me levado em vez dela? Por que levar uma criancinha? Talvez *eu* pudesse ter tido uma chance... talvez.

Tremendo, fiquei em pé. Minha cabeça girava, e tive de me apoiar em Fang, odiando minha fraqueza.

— Precisamos buscá-la — eu disse, nervosa, tentando permanecer em pé. — Temos que buscá-la antes que eles... — Imagens cheias de horror passaram pela minha cabeça: Angel sendo perseguida, ferida, morta. Engoli em seco, interrompendo-as. — Apresente-se, pessoal... Estão a fim de uma caçada?

Examinei os quatro. Pareciam ter sido enfiados em um liquidificador, na função “picar”.

— Sim — Nudge disse com a voz embargada de lágrimas.

— Estou dentro — falou Iggy, um lábio rachado, deixando a voz meio confusa.

Gasman acenou sério com a cabeça na minha direção.

Para meu horror, lágrimas quentes embaçaram minha visão por um momento. Eu as limpei com as costas de uma das mãos e convoquei a fúria para me ajudar a seguir em frente.

Nesse instante, Iggy levantou um pouco a cabeça. Era uma dica para eu começar a ouvir com atenção. E, então, também ouvi um barulho fraco de motor.

— *Ali!* — Iggy falou, apontando.

Nós cinco corremos com dificuldade e desajeitados na direção do som. Noventa metros bosque adentro nos levaram a uma queda brusca, talvez quinze metros acima de uma estrada antiga e desativada de transporte de madeira.

Em seguida vi um Humvee preto, opaco com a poeira e a lama, sacudindo bastante pela estrada sem pavimento. Meu coração bateu forte. Eu sabia, simplesmente sabia, que minha pequena, minha Angel, estava lá dentro. E ela estava a caminho de um lugar onde a morte vinha como uma bênção.

Isso não aconteceria, não enquanto eu ainda respirasse.

— Vamos pegá-la! — gritei e recuei cerca de três metros. Os outros saíram depressa do meu caminho enquanto eu corria para a borda e simplesmente pulava para o nada.

Comecei a cair na direção da estrada.

Depois estendi as asas depressa, prendendo o ar.

E comecei a voar.



Vveja bem, o pesadelo que tive, na verdade, é difícil de distinguir da minha vida real. Meus amigos e eu costumávamos mesmo viver em um poço fedorento de maldade chamado a Escola. Fomos criados por cientistas, jalecos-brancos, que colocaram DNA aviário em nossos genes humanos. Jeb fora um jaleco-branco, mas sentiu pena de nós, importava-se conosco e nos levou para longe de lá.

Éramos crianças-pássaros, um bando de seis. E os Apagadores queriam nos matar. E estavam com Angel, de seis anos.

Dei um impulso forte para baixo e depois para cima, sentindo meus músculos dos ombros trabalharem para mexer as asas de quatro metros de uma ponta à outra.

Fiz uma manobra mordaz para seguir o Humvee. Uma rápida olhada para trás revelou que Nudge pulara depois de mim e, em seguida, Iggy, Gasman e Fang. Fang arrancou um galho morto de uma árvore, voou direto para baixo e bateu com ele no para-brisa do Humvee.

O veículo virou de repente, uma janela rolou para baixo. O cano de uma arma espiou para fora. Ao meu redor, árvores começaram a estalar com balas. O cheiro de metal quente e a fumaça de revólver encheram o ar. Dei uma volta e recuei para uma fileira de árvores,

ainda seguindo o carro. Fang atingiu o para-brisa de novo. Balas foram cuspidas de várias janelas. Fang foi esperto, subiu e afastou-se.

— Angel! — gritei. — Estamos aqui! Vamos buscá-la!

— Em frente — chamou Fang, e vi uma clareira talvez a cento e oitenta metros de distância.

Em meio às árvores, eu mal podia ver o contorno esverdeado de um helicóptero. O Humvee balançava muito na estrada cheia de sulcos. Cruzei meu olhar com o de Fang, e ele fez que sim com a cabeça. Nossa chance seria quando eles passassem Angel do carro para o helicóptero.

Tudo aconteceu muito rápido, no entanto. O Humvee freou desengonçado, deslizando na lama. A porta foi aberta depressa, e um Apagador surgiu. Fang jogou-se sobre ele e depois recuou com um grito, o braço pingando sangue. O Apagador correu na direção do helicóptero, lançando-se por uma porta aberta. Um segundo Apagador, mostrando os enormes caninos amarelos, pulou do carro e jogou algo no ar. Gritando, Nudge agarrou a mão de Iggy, e eles foram para trás bem rápido, enquanto a granada explodia na frente deles, vomitando pedaços de metal e cascas de árvore por toda parte.

O rotor do helicóptero estava ganhando velocidade, e eu saí depressa de trás das árvores. Eles *não* iriam pegar o meu bebê. Eles *não* iriam levá-la de volta para aquele lugar.

Ari pulou para fora do carro, carregando o saco com Angel.

Eu me lancei na direção do helicóptero, medo e raiva desesperada fazendo meu sangue zunir. Ari jogou o saco com Angel pela porta aberta. Pulou e entrou em seguida, um atleta incrível.

Com um urro furioso, saltei para cima e segurei o esqui de pouso do helicóptero bem quando levantava voo. O metal estava quente

do sol e era muito grosso para eu agarrar. Prendi um braço por cima dele, tentando me equilibrar.

A grande corrente de ar vinda dos rotores quase partiu minhas asas ao meio. Fechei-as, e os Apagadores riram, apontando para mim enquanto fechavam a porta de vidro. Ari estava bem ali. Ele pegou um rifle e mirou em mim.

— Deixe-me contar um segredo, minha velha amiguinha, coleguinha — Ari gritou para mim. — Você entendeu tudo errado. *Nós somos os mocinhos!*

— Angel — sussurrei, quase chorando.

A garra de Ari apertou-se mais sobre o gatilho. *Ele ia fazer aquilo.* E morta eu não seria útil a ninguém.

Com o coração partido, soltei, caindo depressa, no mesmo instante em que vi uma cabecinha loira e despenteada sacudir-se e libertar-se do saco.

Meu bebê voando em direção à morte.

E, acredite em mim, existem coisas muito piores que a morte.



Todos nós temos ótima visão — visão de ave de rapina. Assim, enfrentamos a dor devastadora de observar o helicóptero levar Angel embora por muito mais tempo que uma pessoa comum. Minha garganta fechou-se com um soluço. Angel, de quem eu cuidara desde que ela era um bebê com asinhas de frango. Eu sentia como se tivessem cortado minha própria asa direita, deixando uma ferida irregular e larga.

— *Eles pegaram minha irmã!* — Gasman uivou, jogando-se para baixo.

Ele sempre se esforçava para ser durão, mas tinha apenas oito anos e acabara de ver a irmã ser raptada pelos cães do inferno. Socou a terra, e Fang ajoelhou-se perto dele, um braço ternamente ao redor de seus ombros.

— Max, o que vamos fazer?

Os olhos de Nudge nadavam em lágrimas. Ela estava machucada e sangrando, os punhos abrindo e fechando com ansiedade.

— Eles pegaram *Angel*.

De repente, eu sabia que iria implodir. Sem uma palavra, empurrei o chão, as asas abertas, levantando voo o mais rápido que pude.

Voei até sair de vista, sair do alcance da audição dos outros. Em frente, havia uma árvore, um enorme abeto-de-douglas, e pousei desastradamente em um dos galhos mais altos, talvez de cinquenta e três metros, arranhando-o para me segurar, pois tinha mirado alto demais. Arfando, agarrei-me ao ramo.

Certo, Max, pense. Pense! Conserte isso! Pense em alguma coisa.

Meu cérebro estava inundado com muitos pensamentos, muitas emoções, muita confusão, raiva e dor. Eu precisava me acalmar.

Mas não conseguia me acalmar.

Era como se tivesse acabado de perder minha irmãzinha.

Era como se tivesse perdido minha filhinha.

— Ah, meu Deus, *Angel, Angel, Angel!*

Gritando mais alto que conseguia, fechei os punhos e soquei a casca grossa do abeto, de novo e de novo, até enfim a dor real invadir minha consciência. Olhei os nós dos meus dedos, vi o sangue, a pele faltando, as lascas.

A dor física doía muito menos que a emocional.

Minha Angel, minha bebê, fora roubada. Ela estava com homens-lobo mutantes sedentos pelo sangue dela, que a entregariam a nerds de laboratório desprezíveis que queriam dividi-la em pedaços. *Literalmente.*

E então eu estava chorando, agarrando a árvore como se fosse um bote salva-vidas do *Titanic*, e soluçei e soluçei até achar que ia ficar enjoada. Aos poucos, os soluços diminuíram para tremores, e eu limpei o rosto na blusa, deixando traços de sangue.

Fiquei sentada na árvore até minha respiração acalmar e meu cérebro parecer estar funcionando quase direito de novo. Minhas mãos estavam me matando, no entanto. *Lembrete para mim mesma: pare de socar objetos inanimados.*

Certo. Era hora de descer e ser forte, de reunir todos, de criar o Plano B.

E mais uma coisa: as últimas palavras de Ari ainda gritavam no meu cérebro: *Nós somos os mocinhos.*



Nem me lembro de voar para casa. Sentia-me com o coração partido e entorpecida, e, quando entramos na cozinha, a primeira coisa que vi foi o prato de café da manhã de Angel na mesa.

Iggy uivou e passou uma mão pelo balcão da cozinha, catapultando uma caneca pelo ar. Ela atingiu Fang na lateral da cabeça.

— Olha o que faz, idiota! — ele gritou com Iggy, furioso.

Depois, percebeu o que dissera, apertou os dentes e revirou os olhos para mim, frustrado.

Lágrimas desciam pelas minhas bochechas, o sal pinicando onde o Apagador me arranhara com as garras. Mexendo-me automaticamente, peguei o kit de primeiros socorros e comecei a limpar os arranhões e cortes de Gasman. Olhei ao redor. A bochecha de Nudge estava sangrando; algum estilhaço a atingira ao passar voando. Diferentemente do costume, ela não estava falando... Estava enrolada no sofá, chorando.

Gasman levantou os olhos para mim.

Como você deixou isso acontecer, Max?

Eu estava me fazendo a mesma pergunta.

É verdade, eu sou a líder, sou Max, a Invencível... Mas também sou apenas uma adolescente de quatorze anos. E, às vezes, como quando compreendo de novo que Jeb se foi para sempre, que estamos sozinhos, que os outros dependem de mim e não posso decepcioná-los, bem, é quando tudo me afeta. De repente, sou uma criancinha de novo, desejando que Jeb volte... Ou até mesmo, ei, desejando ser *normal*! Ou ter *pais*!

Até parece.

— Você vê o que faz! — Iggy gritou para Fang. — O que *aconteceu*? Digo, vocês conseguem *ver*, não conseguem? Por que não conseguiram pegar Angel?

— Eles tinham um helicóptero! — Gasman berrou, contorcendo-se para longe do meu alcance. — E armas! Não somos à prova de balas!

— Pessoal! Pessoal! — gritei. — Todos nós estamos tristes. Mas *não somos* o inimigo! *Eles são* o inimigo. — Prendi o último curativo em Gasman e comecei a andar de um lado para o outro. — Apenas... Fiquem quietos por um minuto para eu poder pensar — acrescentei com mais calma.

Não era culpa deles nossa missão de resgate ter sido uma decepção completa. Não era culpa deles Angel não estar ali.

Era culpa deles a cozinha parecer pertencer a uma família de chacais anti-higiênicos, mas eu lidaria com isso depois. Quando aquele tipo de coisa voltasse a ser importante. Se voltasse.

Iggy foi para o sofá e quase se sentou em Nudge. Ela foi para um dos lados e, quando ele se sentou, colocou a cabeça no ombro dele. Ele acariciou o cabelo dela.

— Respire fundo — Gasman me aconselhou, parecendo preocupado.

Quase explodi em lágrimas de novo. Eu deixara a irmã dele ser sequestrada, não conseguira salvá-la, e ele estava preocupado *comigo*.

Fang estava sombriamente silencioso. Seus olhos me observaram enquanto ele abria uma lata de ravióli e pegava um garfo com uma das mãos muito enfaixada.

— Sabe, se eles apenas quisessem matá-la, ou matar a todos nós, poderiam ter feito isso — Nudge disse, trêmula. — Eles tinham *armas*. Eles queriam a Angel *viva* por algum motivo. E não se importavam se *nós* ficaríamos vivos ou não. Digo, eles não se esforçaram para *garantir* que morrêssemos, é isso o que quero dizer. Então, isso me faz pensar que temos tempo de ir atrás da Angel de novo.

— Mas eles estavam em um helicóptero — disse Gasman. — Estão muito longe. Podem estar em qualquer lugar.

O lábio inferior dele tremeu, e ele fechou a boca com força.

— Como na China ou coisa do tipo.

Aproximei-me e baguncei seu cabelo loiro já bagunçado.

— Não acho que eles a levaram para a China, Gazzy.

— Sabemos para onde eles a levaram.

As palavras calmas de Fang caíram como pedras. Ele raspou o fundo da lata com o garfo.

— Onde é? — Iggy perguntou, levantando a cabeça, os olhos cegos vermelhos com as lágrimas não derramadas.

— A Escola — Fang e eu dissemos juntos.

Bem, como você pode imaginar, aquilo caiu como uma maldita tonelada de tijolos.



Nudge conteve um grito, a mão sobre a boca, os olhos arregalados.

Gasman pareceu assustado e depois tentou aliviar a expressão do rosto.

A coluna de Iggy enrijeceu-se, o rosto parecia gelo. Quando ele estivera na Escola, tentaram melhorar cirurgicamente a visão noturna dele. Ele ficara cego para sempre. Opa.

— Eles levaram Angel de volta para a Escola? — Gasman perguntou, confuso.

— Acho que sim — respondi, tentando parecer centrada e na liderança. Como se eu não estivesse gritando de pânico por dentro.

— Por quê? — Nudge sussurrou. — Depois de quatro anos, pensei que talvez tivessem se esquecido...

— Eles nos querem de volta — Fang falou.

Nunca tínhamos conversado de verdade sobre isso. Era tipo: longe dos olhos, longe do coração. Na realidade, era mais: vamos todos tentar nos esquecer de quando estávamos à mercê de

sádicos filhos do diabo em um lugar que é uma abominação total e infernal e que devia ser explodido com bombas. É, mais desse tipo.

— Nunca vão se esquecer de nós. Não era para Jeb ter nos tirado de lá — lembrou Gasman.

— Jeb sabia que eles fariam qualquer coisa para nos ter de volta. Se alguém um dia descobrisse o que fizeram conosco, seria o fim da Escola — Fang explicou.

— Por que não os denunciemos então? — Nudge quis saber. — Poderíamos ir a um canal de TV e contar para todo mundo: “Olhem, eles colocaram asas em nós, e somos apenas crianças, e...”.

— Certo, isso resolveria a parte *deles* — Iggy interrompeu. — Mas *nós* iríamos parar em um zoológico.

— Bem, o que vamos fazer, então?

Gasman estava começando a entrar em pânico.

Fang havia se levantado e saído da cozinha, depois voltou segurando um punhado de papéis amarelados e desbotados. Os cantos pareciam roídos, e ele os sacudiu para tirar um pouco de cocô de ratos.

— Eca! — exclamou Nudge, limpando o nariz na manga. — Eca! Isso era...

— Aqui — Fang disse, empurrando os papéis para mim.

Eram os antigos arquivos impressos de Jeb. Depois de ele desaparecer, limpamos a escrivaninha dele e colocamos tudo no fundo de um armário, para não ter de olhar para aquilo o tempo todo.

Espalhamos os papéis na mesa da cozinha. Só de olhar para eles meus cabelos da nuca se eriçaram. Sem mencionar a forte *eau* de rato. Eu preferiria estar fazendo qualquer coisa em vez daquilo.

Fang começou a folhear a pilha. Encontrou um grande envelope de papel-manilha, selado com um pedaço de cera. Depois de olhar para mim e ver que eu fazia que sim com a cabeça, ele quebrou a cera com a unha do polegar.

— O que é isso? — perguntou Gasman.

— Um mapa — Fang falou, puxando um desenho topográfico desbotado.

— Mapa do quê?

Nudge inclinou-se mais para perto, espiando por cima do ombro de Fang.

— Mapa de uma instalação secreta — respondi, sentindo um nó no estômago.

Eu esperava nunca ter de vê-la de novo, nunca quebrar o lacre de cera.

— Na Califórnia. A Escola.



— **O** quêêê? — Gasman guinchou.

Iggy ficou ainda mais pálido que o normal, se é que isso era possível.

— Foi para onde levaram Angel — falei. — E é para onde temos que ir para trazê-la de volta.

— Ah! — disse Nudge, o cérebro começando a trabalhar além da conta. — É. Temos que trazer Angel de volta. Não podemos deixá-la ficar lá... com eles. Eles são... monstros. Vão fazer coisas ruins com ela. E colocá-la em uma gaiola. Machucá-la. Mas estamos em cinco. Então, o restante de nós tem que pegar, *hum...*

Eu colocara a mão na sua boca. Ela separou meus dedos.

— Hã, é muito longe?

— Uns novecentos e sessenta quilômetros — Fang informou. — Um voo de pelo menos sete horas, sem contar as paradas.

— Podemos *discutir* isso? — Iggy perguntou sem virar a cabeça. — Estamos em número bem menor que eles.

— Não.

Examinei o mapa, já pensando em rotas, pontos de parada e planos reserva.

— Podemos votar? Eles tinham *armas*. E um helicóptero.

Havia raiva na voz de Iggy.

— Iggy, isto não é uma democracia — eu disse, entendendo o medo dele, mas sem poder fazer nada a respeito. — É uma Maxocracia. Você sabe que temos que ir atrás de Angel. Não pode estar pensando que iríamos simplesmente deixar que a levassem. Nós seis cuidamos uns dos outros... Não importa o que aconteça. Nenhum de nós vai voltar a morar em uma gaiola, não enquanto eu viver.

Respirei fundo.

— Mas, na verdade, Nudge, Fang e eu vamos atrás de Angel. Você e Gasman... Preciso que fiquem aqui. Protejam este lugar. Por causa da chance remota de Angel escapar e voltar para casa.

Houve um momento de completo silêncio.

— Você é tão cheia de si! — Iggy falou, virando-se na minha direção. — Não é por isso que quer que a gente fique aqui! Por que não diz logo?

A tensão estava fazendo meu estômago doer. Eu não tinha tempo para aquilo. Não... *Angel* não tinha tempo para aquilo.

— Certo — eu disse, tentando usar um tom conciliador. — É verdade. Não quero que vocês vão. O fato é que você é *cego*, e, apesar de ser ótimo voando, não posso ficar me preocupando com você no meio de uma luta com tiros contra os Apagadores.

O rosto de Iggy retorceu-se de raiva. Ele abriu a boca, mas foi interrompido.

— E quanto a *mim*? — Gasman gritou. — Não me *importo* se eles têm armas e um helicóptero e Apagadores. Ela é *minha* irmã.

— Está certo. Se eles querem Angel, podem querer *você* tanto quanto ela — observei. — Além disso, você voa muito bem, mas tem oito anos, e vamos viajar por muitas horas.

— Jeb nunca faria a gente ficar — Iggy falou, bravo. — Nunca. Nunca.

Apertei os lábios. Estava fazendo o melhor que podia.

— Talvez não — admiti. — Nunca saberemos. Jeb está morto. Agora, todos peguem seus equipamentos.



Parte 2

HOTEL CALIFÓRNIA, MAIS OU MENOS



— **T**odos entenderam o plano B? — perguntei, levantando a voz para que Fang e Nudge pudessem me ouvir com o rugido do vento.

Estávamos seguindo em direção ao sol, sul-sudoeste. Deixando os montes Sangre de Cristo para trás, riscando o céu à velocidade constante de cento e quarenta e cinco quilômetros por hora. Se pegássemos uma boa corrente de ar, poderíamos acrescentar trinta e dois quilômetros por hora à nossa velocidade. A glória de voar.

Fang fez que sim com a cabeça. *Meu Deus, ele sempre faz o tipo forte e silencioso.*

— A-hã — disse Nudge. — Se nos separarmos de alguma forma... Apesar de eu não ver como isso poderia acontecer, a menos que um de nós se perca em uma nuvem ou algo assim... Você acha que isso poderia acontecer? Nunca entrei em uma nuvem. Aposto que é assustador. Dá para ver alguma coisa dentro de uma nuvem... — Olhei brava para ela. Ela fez uma pausa e, depois, terminou depressa: — Nós nos encontraremos no ponto mais ao norte do lago Mead.

Concordei com a cabeça.

— E onde é a Escola?

— No vale da Morte, treze quilômetros ao norte, a partir da bacia Badwater.

A boca de Nudge se abriu para falar mais, mas levantei as sobrancelhas na direção dela. Amo Nudge; ela é uma criança ótima, mas a mania dela de tagarelar poderia ter transformado a Madre Teresa em uma assassina da machadinha.

— Você entendeu — eu disse. — Bom trabalho.

Você viu o endereço? A Escola poderia estar localizada em um lugar mais perfeito? *Vale da Morte*. Acima da *bacia Badwater*. Tipo, quando chegássemos lá, veríamos uma estrada pavimentada com boas intenções e teríamos de cruzar o rio Estige para entrar. Eu não ficaria surpresa.

O vento estava desfazendo minha trança, e mechas grossas de cabelos longos chicoteavam irritantemente meu rosto. *Lembrete: cortar o cabelo curto*.

Gasman e Iggy não estavam muito felizes cuidando da casa quando partimos, mas eu achava que havia tomado a decisão certa. Esse era o problema com essa coisa de líder. Não vinha com manual de instruções. Levando em consideração o que Angel estava enfrentando, o descontentamento deles era a menor das minhas preocupações.

Olhei para Fang e vi que seu rosto parecia sereno, quase... bem, não exatamente *feliz*, Fang nunca está feliz, mas apenas bem calmo. Aproximei-me dele.

— Vendo pelo lado bom, voar é simplesmente muito, muito legal — falei, e ele olhou para mim com um meio sorriso de compreensão.

As asas escuras dele se mexiam poderosas, brilhando levemente roxas à luz do sol. O vento estava assoviando em nossos ouvidos;

podíamos enxergar tudo a quilômetros de distância. Era como ser Deus. Eu suponho.

Ah, sim.

— Vendo pelo lado ruim, somos aberrações mutantes que nunca terão uma vida normal.

Fang encolheu os ombros.

— Ganhar um pouco, perder um pouco.

Eu estava muito chateada para rir, mas dei um sorriso torto e olhei para Nudge. Ela era três anos mais nova que nós, mas estava se mantendo firme. Como todos nós, ela era alta para a idade, e magra — provavelmente não pesava mais que vinte e sete quilos, graças aos seus ossos fortes e leves de ave.

Cento e quarenta e cinco quilômetros por hora não era rápido o bastante. Os “cientistas” da Escola podiam fazer muito estrago em sete horas. Ainda assim, eu sabia que teríamos de fazer um intervalo antes de chegarmos lá. Se íamos até a Escola, precisávamos estar descansados, não famintos.

Verifiquei meu relógio... Estávamos no ar havia umas boas duas horas. Eu já estava me sentindo vazia, um pouco trêmula. Voar queimava mais energia que qualquer coisa, e após um voo longo eu sentia que poderia comer uma vaca. O garfo era opcional. Mesmo precisando chegar até Angel, não podíamos esquecer a necessidade básica de comer.

— Max? — Os olhos grandes de Nudge, do mesmo castanho-avermelhado de suas asas, olharam para mim. — Eu estava pensando...

Aqui vamos nós.

— Digo, um pouco antes de partirmos... Eu olhei os arquivos antigos do Jeb, sabe? E alguns deles eram sobre nós. Ou sobre mim. Vi meu nome em uma página, meu nome de verdade, Monique, e depois, tipo, o nome de algumas pessoas, e também... Tipisco, Arizona. Tipisco fica bem na fronteira do Arizona com a Califórnia... Eu encontrei no mapa. Uma cidade muito pequenininha, parecia. De qualquer forma, eu estava pensando, nenhum de nós conheceu nossos pais de verdade e, sabe, sempre tivemos curiosidade, ou pelo menos quero dizer que sempre tive curiosidade, mas acho que vocês também, tipo, se eles me deram por vontade própria ou se...

— Nudge. Sei como você se sente. Mas esses nomes podem não ter nada a ver com você. Não sabemos se fomos simplesmente bebês de tubo de ensaio ou sei lá. Por favor. Vamos nos concentrar em resgatar a Angel.

Nenhuma resposta.

— Nudge?

— Tá, tudo bem. Eu só estava pensando.

Eu sabia que aquilo iria voltar e me pegar.



A boca de Angel estava muito seca. A cabeça doía... Tudo doía. Angel piscou várias vezes tentando acordar. Acima dela havia um teto de plástico marrom-escuro. Uma gaiola. Uma casinha de cachorro. Um Canine Camper, tamanho médio. Pensamentos confusos comprimiam-lhe o cérebro enquanto ela se esforçava para se sentar. Ela sabia onde estava; poderia reconhecer o cheiro de química e desinfetante em qualquer lugar. Ela estava na Escola.

Nova nova com asas e nova nova asas menina nova

Angel virou-se rapidamente na direção dos pensamentos.

Em uma casinha ao lado dela havia duas outras crianças mais novas. Os olhos delas, grandes demais para o rosto faminto, prenderam-se aos de Angel.

— Oi — Angel sussurrou.

Ela não sentia nenhum jaleco-branco por perto... Apenas os pensamentos misturados e incoerentes daquelas crianças.

Boca barulho menina asas nova nova

As outras crianças a encaravam sem responder. Tentando sorrir, Angel olhou para elas com mais atenção. Achou que eram dois meninos. Um tinha a pele áspera e escamosa; literalmente *escamosa*, como um peixe, mas apenas em parte, não por completo. Não era nada legal de ver.

O outro simplesmente parecia... um erro. Tinha dedos a mais nos pés e nas mãos e quase não tinha pescoço. Seus olhos eram enormes e salientes, e o cabelo era esparsos. O coração de Angel doía só de olhar para ele.

— Meu nome é Angel — ela sussurrou de novo. — Vocês têm nome?

Barulho barulho ruim menina asas barulho ruim

Os meninos pareciam assustados e viraram as costas para ela, indo mais para o fundo da gaiola.

Angel engoliu em seco e ficou quieta. O que acontecera com Max e os outros? Eles estavam em gaiolas também?

Uma porta se abriu, e passos soaram no chão de linóleo. Angel sentiu os meninos engaiolados tremerem de medo, um turbilhão de pensamentos descontrolados chocando-se no cérebro deles. Eles se amontoaram mais no fundo da gaiola. Mas os dois jalecos-brancos pararam em frente a Angel.

— Meu Deus! Harrison estava certo — disse um jaleco-branco, agachando-se para olhar Angel pela grade. — Eles a pegaram! Você sabe há quanto tempo eu queria pôr as mãos nesta aqui?

Ele se virou animado para o outro jaleco-branco.

— Você já leu o relatório de preceito do diretor sobre esse grupo recombinante?

— Sim, mas não tinha certeza se acreditava nele — falou o outro jaleco-branco, uma mulher. — Está dizendo que este é o Elemento Onze? Esta menininha?

O primeiro jaleco-branco esfregou as mãos com alegria.

— Você está olhando para ele.

Ele se inclinou para a frente, para tirar o gancho da porta da gaiola.

— Venha, pequenina. Você é esperada no laboratório sete.

Ah, sim! Cara, quando eu cortar o cérebro dela...

Angel encolheu-se, e em seguida mãos grosseiras a arrastaram para fora.

Um alívio patético varreu os meninos por ser ela quem estava sendo levada, não eles.

Angel não os culpou nem um pouco.



— **M**ax? Estou morrendo de fome.

Eu estivera ignorando o rugido feroz das minhas entranhas por meia hora. Não havia chance de eu ceder primeiro... e dar a Fang a satisfação? Acho que não. Mas eu tinha obrigação, como líder, de cuidar de Nudge. Por mais que eu odiasse parar e perder tempo, era uma realidade.

— Certo, certo. Precisamos de comida.

Que tal isso para uma liderança incisiva?

— Fang! Precisamos reabastecer. Alguma ideia?

Fang pensou a respeito. Sempre fico impressionada com o modo como ele consegue parecer tão calmo nos momentos mais terríveis. Às vezes ele parece um androide... ou um avião guiado por controle remoto. Fang de Nove. Fang2-D2.

Abaixo de nós havia montanhas: os picos de São Francisco, de acordo com nosso mapa.

Nossos olhares se cruzaram; era assustador como um sabia o que o outro estava pensando grande parte do tempo.

— Rampas de esqui — falei, e ele assentiu. — Verão. Casas de veraneio vazias.

— Elas vão ter *comida*? — Nudge perguntou.

— Vamos descobrir — eu disse.

Voei em um grande círculo em volta dos limites das montanhas. Cidadezinhas que ganhavam vida no inverno pontilhavam a base dos morros. Guiei nosso grupo para longe delas, para onde algumas casas enfileiravam-se como vagões de trem em meio às árvores. Uma casa estava mais distante das outras. Sem carro estacionado do lado de fora, sem fumaça saindo da chaminé. Ninguém em casa?

Inclinei-me e diminuí a velocidade, recolhi um pouco as asas e comecei a descer.

Pousamos a noventa metros de distância. Como sempre, depois de voar por horas, minhas pernas pareciam um pouco de borracha. Eu as sacudi e depois dobrei as asas quentes bem perto do corpo.

Nudge e Fang fizeram o mesmo.

Nós nos arrastamos em silêncio pela mata. Nenhum sinal de vida. A varanda estava coberta de folhas de pinheiros, a entrada não fora utilizada, os arbustos estavam altos demais.

Fiz sinal de positivo com a mão para Nudge, e ela sorriu, embora, surpreendentemente, permanecesse quieta. *Deus a abençoe, menina.*

Um rápido reconhecimento não revelou nenhum sistema de alarme que eu pudesse ver. Nenhuma luz vermelha de detectores de movimento piscando do lado de dentro. Não era uma casa grande nem sofisticada que merecesse qualquer tipo de alarme. Era apenas um chalé de férias bem pequenininho.

Com meu canivete, cortei a tela de uma janela e soltei o trinco. Foi fácil levantar a tela, e eu a coloquei com cuidado contra a lateral da casa. Uma ladra providente, essa sou eu.

Em seguida, Fang e eu sacudimos o velho batente de madeira da janela até o trinco na parte de cima balançar e abrir. Fang entrou primeiro, depois ajudei Nudge, escalei a parede para entrar e fechei a janela.

A poeira cobria tudo. A geladeira estava desligada, e a porta dela, aberta. Comecei a abrir os armários da cozinha.

— Bingo! — falei, levantando uma lata empoeirada de sopa.

— Ah, sim, tesouro escondido, uhu!

Latas de feijões, frutas, leite condensado, o que quer que isso fosse... Não parecia coisa boa. O superpopular ravióli.

— Somos fantásticos!

Fang achou umas garrafas empoeiradas de refrigerante sabor laranja, e nós abrimos aquelas danadas. Mas deixe-me dizer uma coisa: há um motivo para as pessoas servirem esse negócio gelado.

Meia hora depois, estávamos esparramados nos sofás cheirando a mofo, os olhos meio fechados, o estômago cheio demais.

— Aiiiii — Nudge resmungou. — Eu me sinto como, como *concreto*.

— Vamos dar dez minutos, descansar um pouco — Fang falou, fechando os olhos. Ele se recostou no sofá e cruzou as longas pernas. — Fazer a digestão. Vamos nos sentir melhor.

— Compartilho da mesma opinião — balbuciei, meus próprios olhos se fechando.

Estamos indo, Angel. Em um minuto.



— **V**amos jogar todas as coisas deles no cânion — Iggy disse, com raiva, socando o batente da porta. Ter de ouvir o restante do bando ir embora enquanto *e/e* ficava sentado e *cego* era mais do que podia suportar. — Acho que até a cama deles passaria pela janela do corredor.

Gasman olhou zangado.

— Não acredito que *eu* tenho que ficar em casa enquanto eles vão salvar a minha própria irmã!

Ele chutou um tênis vermelho gasto contra a ilha da cozinha. A casa parecia vazia e muito silenciosa. Ele se pegou tentando ouvir a voz de Angel, esperando escutá-la cantando baixinho ou conversando com seus bichinhos de pelúcia. Engoliu em seco. Ela era sua irmã. Ele era responsável por ela.

Um saco de cereais aberto estava no balcão, e ele tirou de lá uma mão cheia e os comeu. De repente, pegou o saco e jogou-o em uma parede. A embalagem rasgou, e os cereais se espalharam por toda parte.

— Isso é uma *droga*! — Gasman gritou.

— Ah, agora que você percebeu? — Iggy falou com sarcasmo. — Acho que não se pode enganar Gasman. Ele pode não *parecer* a peça mais importante do jogo, mas...

— Cale a *boca*! — gritou Gasman, e Iggy levantou as sobrancelhas, surpreso. — Olhe, isso é uma droga mesmo! Max nos deixou aqui porque achou que não conseguiríamos acompanhar o ritmo deles. — O rosto de Iggy endureceu. — Mas ela pensou no que aconteceria se os Apagadores voltassem para cá? — Gasman continuou. — Tipo, eles pegaram Angel perto daqui... Eles *viram* todo o restante de nós. Então, devem saber que estamos em algum lugar próximo. Por que não voltariam para nos pegar?

— Hum — Iggy falou, pensativo. — Claro, seria difícil encontrar esse lugar, e ainda mais difícil chegar aqui.

— Não se tiverem um helicóptero — Gasman observou. — E eles têm.

— Hum — Iggy falou, e Gasman sentiu orgulho de ter pensado em tudo aquilo antes de Iggy, embora este fosse mais velho; da mesma idade de Max e Fang. Quase um ancião.

— Isso significa que temos que ficar sentados aqui e aceitar? — Gasman perguntou, batendo o punho no balcão. — Não! Nós não temos que esperar os Apagadores virem *nos* pegar! Podemos fazer alguma coisa. Podemos fazer *planos*. Digo, não somos inúteis, não importa o que Max ache.

— Certo — Iggy concordou.

Ele se sentou ao lado de Gasman no balcão, os pés esmagando o cereal seco.

— É, estou vendo o que você quer dizer. Por força de expressão.

— Digo, somos espertos! Somos durões feito ferro! A Max pode não ter pensado em manter o acampamento seguro, mas nós

pensamos e podemos fazer isso!

— É, agora você falou bonito. Hum... mas como?

— Poderíamos fazer armadilhas! Sabotagens! Bombas!

Gasman esfregou as mãos.

Iggy sorriu.

— Bombas são uma boa. Adoro bombas. Você se lembra daquela do último outono? Quando quase provoquei uma avalanche?

— Aquilo foi para fazer uma trilha pelo bosque. Certo. Havia um motivo para isso. Max aprovou.

Gasman remexeu um monte de jornais antigos, pilhas de lixo, as meias velhas de alguém, uma tigela que já guardara algum tipo de comida — opa! —, até encontrar um bloco de notas um pouco manchado de óleo.

— Eu sabia que estava por aqui — ele murmurou, rasgando páginas usadas. — Uma busca similar revelou parte de um lápis. — Agora, precisamos de um grande plano. Quais são nossos objetivos?

Iggy gemeu.

— Ah, não! Anos de influência da Max estão fazendo efeito. Você fala igual a ela. Você é, tipo, um Maxqueleto. Um Maxqueteiro. Um... um...

Gasman franziu as sobrancelhas e começou a escrever.

— Número um: fazer bombas incendiárias... Apenas para nossa *proteção*. Número dois: explodir os Apagadores demoníacos quando eles voltarem. — Ele segurou o papel e o releu, depois sorriu. — Ah, é. Agora estamos chegando a algum lugar. *Isso é por você, Angel.*



Angel sabia que não podia continuar assim por muito mais tempo.

Seus pulmões haviam começado a queimar muito uma hora antes; ela não conseguia sentir os músculos da perna fazia mais tempo ainda. Porém, sempre que parava de correr, um jaleco-branco sádico — Reilly — a atingia com uma vara. Jogava eletricidade nela, fazendo-a gritar e pular. Já estava com quatro marcas de queimadura daquilo, e elas doíam muito, muito mesmo. O pior é que ela podia sentir a ansiedade dele: ele *queria* machucá-la.

Bem, ele poderia atingi-la cem milhões de vezes, se quisesse. Era isso... Ela não conseguia continuar.

Foi um alívio desistir. Angel viu o mundo todo estreitar até virar um pequeno tubo confuso, e depois até ele ficou cinza. Ela meio que se sentiu cair; sentiu os pés se emaranharem na correia da esteira ergométrica. O ataque veio uma vez, duas vezes, três vezes, mas parecia distante; mais uma picada desagradável que dor de verdade. Depois, Angel ficou perdida, perdida em um sonho, e Max estava ali. Max estava acariciando seu cabelo suado e chorava.

Angel sabia que era um sonho, porque Max *nunca* chorava. Max era a pessoa mais forte que ela conhecia. Não que tivesse conhecido muitas pessoas.

Sons de rasgos e uma dor nova e lancinante na pele puxaram Angel de volta. Ela piscou para as luzes brancas. Luzes de hospital, luzes de prisão. Sentiu aquele cheiro horrível e quase teve náuseas. Mãos estavam puxando e tirando todos os eletrodos presos à pele dela... *arranca, arranca, arranca*.

— Ah, meu Deus, três horas e meia — Reilly estava murmurando. — E o ritmo cardíaco da coisa só aumentou setenta por cento e, no final... Foi apenas nos últimos, tipo, vinte minutos que os níveis de oxigênio máximos da coisa cederam.

Coisa! Angel pensou e quis gritar. *Eu não sou uma coisa!*

— Não acredito que tivemos a chance de estudar o Elemento Onze. Quero dissecar esse recombinante há quatro anos — outra voz baixa disse. — Níveis de inteligência interessantes... Mal posso esperar para conseguir uma amostra do cérebro.

Angel sentiu a admiração deles, o prazer desagradável. Eles gostavam de todas as coisas *erradas* dela, de todas as maneiras pelas quais ela *não era* normal. E todas aquelas palavras complexas idiotas resumiam-se a uma coisa? *Angel era um experimento*. Para os jalecos-brancos, era um pedaço de equipamento científico, como um tubo de ensaio. Ela era uma *coisa*.

Alguém pôs um canudo na sua boca. Água. Ela começou a engolir rapidamente... Estava com muita sede, como se tivesse comido areia. Depois, outro jaleco-branco levantou-a depressa. Ela estava muito cansada para resistir.

Preciso pensar em um jeito de sair daqui, ela lembrou a si mesma, mas era muito difícil conectar os pensamentos naquela hora.

Alguém abriu a porta da casinha de cachorro dela e a jogou para dentro. Angel ficou deitada onde caiu; pelo menos estava deitada. Ela só precisava dormir um pouco. Depois, tentaria escapar.

Cansada, piscou e viu o menino-peixe encarando-a. O outro menino sumira. O pobrezinho saía pela manhã e não voltara. Talvez não voltasse.

Eu não, Angel pensou. Vou lutar. Logo... depois... de... descansar.



— Hum...

Aquela cama era horrível! O que havia de errado com a minha cama?

Irritada, dei um soco no travesseiro para ajeitá-lo e depois comecei a espirrar histericamente enquanto nuvens de poeira nadavam até meu nariz.

— A, a, a, atchim!

Segurei o nariz em uma tentativa de manter um pouco do cérebro na cabeça, mas o movimento repentino me fez perder o equilíbrio e, sem aviso, caí com tudo no chão. *Crash!*

— Ai! Filho da mãe...

Arrastei-me para ficar de pé. Minhas mãos atingiram um estofado áspero e o canto de uma mesa. Certo, então eu estava perdida. Forcei meus olhos a abrirem e olhei ao redor.

— Mas que...

Onde eu estava? Olhei ao redor enlouquecida. Eu estava em uma... cabana. Uma cabana! Ah! Uma cabana. Certo, certo.

Era muito cedo... Ainda não havia amanhecido.

Pulei e fiquei em pé, examinei o lugar e não vi nada que pudesse me alarmar. Exceto o fato de, obviamente, Fang, Nudge e eu termos desperdiçado horas preciosas dormindo!

Ah, meu Deus! Corri até Nudge, que estava esparramada em uma poltrona reclinável.

— Nudge! Nudge! Acorde! Ah, cara...

Virei-me para Fang e o vi balançando os pés para fora de um sofá. Ele espirrou e balançou a cabeça.

— Que horas são? — ele perguntou com calma.

— Quase de manhã! — eu disse, extremamente chateada. — *Do dia seguinte!*

Ele já estava indo na direção dos armários da cozinha. Encontrou uma mochila muito velha e manchada em um guarda-roupa e passou a enchê-la metodicamente com latas de atum, sacos fechados de bolachas, sacos plásticos com grãos e frutas secas.

— Que *tá* acontecendo? — Nudge perguntou, piscando entorpecida.

— Pegamos no sono! — eu disse a ela, pegando suas mãos e puxando-a para se levantar. — Vamos! Temos que ir!

Agachei-me apoiada nos joelhos e nas mãos, arrastei meus sapatos de debaixo do sofá e soprei montinhos de poeira deles.

— Fang, você não pode carregar tudo isso — eu disse. — Vai ser muito peso. Nada é mais pesado que latas.

Fang encolheu os ombros e colocou a mochila nas costas. Que carinha teimoso. Ele se mexeu silenciosamente pelo aposento e

escorregou pela janela como uma sombra.

Eu estava enfiando os sapatos de Nudge nos pés dela, esfregando suas costas, tentando acordá-la. Geralmente eu ficaria feliz com a falta de enxurrada de palavras que começaria quando ela estivesse em atividade completa, mas, naquele momento, precisávamos *ir, ir, ir!*

Praticamente joguei Nudge pela janela, serpentei para fora e, em seguida, coloquei a tela de volta no lugar em que estava da melhor forma que pude.

Uma corrida rápida por uma estrada do interior e partimos, batendo as asas com força, empurrando para sermos levados pelo ar.

Desculpe, Angel. Desculpe, desculpe, desculpe, meu bebê.



Certo. Apesar do nascer do sol iminente, eu me senti melhor depois de estarmos voando acima das árvores.

Mas ainda assim... como isso foi estúpido! Que tipo de idiota eu era para nos deixar cair no sono no meio de um maldito *resgate*? Pensei em Angel esperando por nós, e meu coração apertou. Com uma sensação de medo, inclinei-me e nos fiz voar cerca de dez, doze graus para sudoeste. A ansiedade dava combustível às minhas asas, e eu tinha de me lembrar de achar boas correntes de ar, colocar as asas em um ângulo e me deixar ser levada sem esforço quando podia.

— Nós *tínhamos* que descansar — Fang falou, vindo ao meu lado.

Lancei um olhar chateado para ele.

— Por dez *horas*?

— Hoje temos mais quatro horas de viagem, talvez um pouco mais — ele disse. — Não teríamos conseguido de uma vez só. Era tarde quando partimos. Vamos ter que parar de novo de qualquer maneira, antes de chegarmos lá, e reabastecer.

Não há nada mais irritante que a lógica e a razão frias quando você está tendo um bom chique.

Fang estava certo, é claro — suspiro —, e obviamente teríamos que parar de novo. Nem havíamos chegado à fronteira da Califórnia ainda. Longe disso.

— Vamos invadir o lugar ou o quê? — Fang perguntou uma hora depois.

— É, Max, eu estava me perguntando qual era o seu plano — Nudge falou, vindo para o nosso lado. — Digo, somos apenas três, e eles são um monte. E os Apagadores têm armas. Nós poderíamos, tipo, atravessar os portões com um caminhão? Ou até entrar no prédio com ele? Ou talvez pudéssemos esperar até cair a noite, entrar e sair escondidos com Angel antes de alguém reparar em nós.

Esse pensamento louco a alegrou. Permaneci em silêncio... Eu não tinha coragem de dizer a ela que a nossa chance de sucesso na empreitada era a mesma de voar até a lua. Mas, se acontecesse o pior, eu tinha um Plano C secreto. Se funcionasse, todos escapariam e ficariam livres. Exceto eu. Mas tudo bem.



Apesar da minha ansiedade crescente, era glorioso lá em cima. Poucas aves voavam tão alto; alguns falcões, gaviões, outras aves de rapina. De vez em quando, alguma delas vinha nos ver, provavelmente pensando: *Cara, essas aves são feias pra burro!*

Tão alto assim, a terra lá embaixo parecia um tabuleiro de xadrez, com verdes e marrons ao estilo Robin Hood. Os carros pareciam formigas ocupadas andando por suas trilhas. De vez em quando, eu escolhia algo pequeno e me concentrava nele. Era legal ver como uma coisinha pequena, como uma piscina, um trator, ou o que quer que fosse, ganhava foco. Pelo menos, aqueles maníacos da Escola não tiveram tempo de “melhorar” minha visão como melhoraram a de Iggy.

— Nossa, o que será que Iggy e Gasman estão fazendo agora?
— Nudge tagarelou. — Talvez tenham feito a TV funcionar de novo. Espero que não se sintam muito mal. Eu me sentiria... quero dizer. Acho que é mais fácil eles ficarem em casa. Mas aposto que não estão limpando, ou pegando lenha, ou fazendo alguma das tarefas deles.

Aposto que estão amaldiçoando meu nome do nascer ao pôr do sol. Mas pelo menos estão a salvo. Sem pensar, escolhi uma forma piscante lá embaixo e me concentrei nela, observando uma

pequena mancha se transformar em pessoas, ganhar características, roupas, individualidade. Era um grupo de adolescentes, talvez da minha idade, talvez mais velhos. Que não poderiam ser mais diferentes de mim.

Bem, e *daí?*, pensei. Eram apenas adolescentes chatos, presos ao chão, fazendo a lição de casa. Com horário para dormir e um milhão de adultos dizendo a eles o quê e como fazer tudo o tempo todo. Despertadores e escola, e empregos à tarde. Esses pobres bobocas. Enquanto nós éramos *livres, livres, livres*. Subindo pelo ar como foguetes. Sendo embalados por brisas. Fazendo o que quiséssemos, quando quiséssemos.

Muito bom, hein? Quase me convenci.

Olhei para baixo de novo e recuperei o foco. Depois, fiz uma careta. O que parecera à primeira vista um monte de adolescentes chatos e presos à terra arrastando-se juntos para a escola transformara-se, com uma observação mais atenta, no que pareciam vários adolescentes mais velhos cercando outro muito menor. Certo, talvez eu seja paranoica, *perigo por toda parte*, mas podia jurar que os mais velhos pareciam bem ameaçadores.

Os mais velhos eram meninos. A criança pequena no meio era uma menina.

Coincidência? Acho que não.

Nem me faça começar a falar sobre a coisa toda do cromossomo Y. Moro com três garotos, lembra-se? Eles são três dos *bons*, e, ainda assim, detestáveis ao extremo.

Tomei uma das minhas famosas decisões repentinas, o tipo de que todos se lembram depois como a idiotice mais estúpida já vista ou a salvação milagrosa do dia. Eu parecia ouvir falar mais do primeiro tipo. Isso é que é gratidão.

Virei-me para Fang e mal abri a boca.

— Não — ele disse.

Estreitei os olhos. Abri a boca de novo.

— *Não.*

— Encontrem-se comigo no ponto mais ao norte do lago Mead — falei.

— O quê? Do que você está falando? — Nudge perguntou. — Vamos parar? Estou com fome de novo.

— Max quer ser a Supergirl, defender os fracos — Fang falou, parecendo irritado.

— Ah.

Nudge olhou para baixo, franzindo as sobrancelhas para o chão como se tudo fosse ficar claro em pouco tempo.

Eu começara um círculo amplo que me levaria de volta à menina lá embaixo. Fiquei pensando: *E se aquela menina estivesse em perigo, como Angel, e ninguém parasse para ajudá-la?*

— Ah! Max, lembra quando você tirou aquele coelhinho da raposa e ficamos com ele em uma caixa de papelão na cozinha, e depois, quando ele ficou bom, você o soltou? Foi legal. — Nudge fez uma pausa. — Você viu outro coelho?

— Mais ou menos — respondi, minha paciência começando a diminuir. — Vai levar dois segundos. — Falei para Fang: — Eu me encontro com vocês antes de avançarem sessenta e cinco quilômetros. Apenas fiquem no caminho, e, se alguma coisa estranha acontecer, encontro vocês no lago Mead.

Fang olhou para a frente, o vento chicoteando seu cabelo. Ele odiava aquilo, eu sabia.

Bem, não podemos agradar todo mundo o tempo *todo*.

— Certo — falei depressa. — A gente se vê daqui a pouco.



A questão de Iggy era que, bem, às vezes ele conseguia adivinhar as coisas como um cientista de verdade. Ele era aquele tipo superinteligente, assustadoramente inteligente.

— Temos cloro? — Gasman perguntou a Iggy. — Parece ser meio explosivo quando misturado com outras coisas.

Iggy franziu as sobrancelhas.

— Tipo o quê? Suas meias? Não, não temos cloro. Não temos piscina. De que cor é esse fio?

Gasman inclinou-se e examinou o emaranhado de fios do aparelho de som espalhado na mesa da cozinha.

— Parece que um robô veio aqui e vomitou — ele observou. — Esse fio é amarelo.

— Certo. Acompanhe o fio amarelo. Muito importante. Não confunda com o vermelho.

Gasman consultou os esquemas que baixara da internet. Naquela manhã, Iggy descongelara a ventoinha do compressor de dentro da

CPU, e assim o computador estava funcionando histérico, sem desligar a cada dez minutos. Ele acabara de *consertar* o computador em um piscar de olhos.

— Pode deixar — Gazzy murmurou, folheando as páginas. — Próximo passo: precisamos de algum tipo de aparelho para contar o tempo.

Iggy pensou por um momento. Depois, sorriu. Até seus olhos pareceram sorrir.

— Bem, esse é um sorriso maldoso — Gasman disse, apreensivo.

— Vá pegar o despertador da Max pra mim. O do Mickey Mouse.



Fiz um pouso um pouco forçado e tive que me virar bem depressa para não cair de cara no chão. Eu estava em algum lugar do Arizona, andando depressa em meio à vegetação rasteira, atrás de um armazém deserto. Fechei as asas, sentindo-as se dobrarem, quentes do exercício, até formarem um acordeão de cada lado da minha coluna. Amarrei minha jaqueta impermeável em volta do pescoço. *Pronto. Parece perfeitamente normal.*

Quando virei o canto do depósito, vi que havia três caras, talvez de quinze, dezesseis anos. A menina parecia mais nova, talvez doze anos, mais ou menos.

— Eu disse pra você não falar pra ninguém sobre o meu pequeno problema com o Ortiz — um menino gritava com ela. — Não era da sua conta. Precisei dar uma lição nele.

A menina mordeu o lábio, parecendo brava e assustada.

— Batendo nele? Parece que ele foi atropelado por um carro! E ele não fez nada a você — ela disse, e pensei: *vá em frente, menina.*

— Ele respondeu pra mim! Ele existe! Ele respira meu ar! — falou o cara, e seus amigos babacas riram de um jeito maldoso.

Meu Deus, que imbecis. Imbecis *armados*. Um deles estava segurando uma escopeta displicentemente na dobra do braço. Estados Unidos, direito de portar armas, blá-blá-blá. Que idade tinham aqueles brutamontes? Os pais deles sabiam que tinham armas?

É tão cansativa essa coisa de os fortes atormentarem os fracos. Era a minha história de vida, literalmente, e parecia fazer grande parte do mundo exterior também. Eu estava cansada disso; cansada de caras como aqueles, estúpidos e provocadores.

Saí de trás do armazém. A menina me viu, e seus olhos se agitaram de surpresa. Foi o suficiente. Os meninos giraram para olhar para trás.

Apenas outra menina idiota, pensaram aliviados. Os olhos deles se demoraram por um momento no meu rosto arranhado, no meu olho roxo, mas não ficaram me observando. Erro número um.

— Então, Ella, o que você tem a dizer em sua defesa? — o garoto líder perguntou com maldade. — Tem algum motivo pra gente não dar uma lição em você também?

— Três caras contra uma menina. Parece equilibrado — falei, seguindo em frente.

Era difícil não mostrar fúria no meu rosto. Meu sangue zumbia de fúria.

— Cala a boca, *mina*! — um dos garotos disparou. — É melhor sair daqui pro seu bem.

— Não posso — eu disse, andando até ficar ao lado da menina chamada Ella.

A garota olhou para mim alarmada.

— Na verdade, acho que chutar o traseiro estúpido de vocês seria bom pra mim.

Eles riram. Erro número dois.

Como o restante do bando, sou muito mais forte até mesmo que uma mulher adulta... Engenharia genética em serviço. E todos nós fomos treinados em autodefesa pelo Jeb. Eu tinha habilidades. Até ontem, nunca precisei usá-las. Se eu pudesse apenas tirar Ella dali...

— Pegue a Linguaruda — disse o chefe, e os outros dois se mexeram para me cercar.

O que foi o erro número três. *Bam*, você está fora!

Eu me mexi rápido, rápido, rápido. Sem aviso, dei um chute bem no peito do babaca líder. Um golpe que só tiraria o fôlego de Fang pareceu, na verdade, partir uma costela daquele cara. Ouvi o estalo, e o cara engasgou, parecendo chocado, e caiu para trás.

Os garotos restantes correram para cima de mim ao mesmo tempo. Girei e tirei a escopeta da mão de um deles. Segurando no cano dela, balancei-a em um arco grande contra a lateral da cabeça dele. *Crack!* Atordoadado, ele cambaleou para o lado, e um fluxo bem vermelho de sangue jorrou do crânio dele.

Dei uma olhada e vi Ella ainda parada ali, parecendo com medo. Eu esperava que não fosse de mim.

— Corra! — gritei para ela. — Saia daqui!

Depois de um momento de hesitação, ela se virou e correu, deixando uma nuvenzinha de poeira vermelha atrás de si.

O terceiro agarrou meu braço e eu dei um puxão para soltá-lo, e depois balancei-o e o soquei, mirando-lhe o queixo, mas atingindo o nariz. Recuei — opa! —, sentindo o nariz dele se quebrar, e houve

uma pausa em câmera lenta de cerca de um segundo antes de ele começar a esguichar sangue. Minha nossa... Os humanos eram como cascas de ovos.

Os valentões estavam arrasados. Mas ainda se arrastaram para ficar em pé, raiva e humilhação retorcendo seu rosto feio. Um deles pegou a escopeta e a armou, usando mais seu braço direito.

— Você vai se arrepender — ele prometeu, cuspiendo sangue e correndo na minha direção.

— Aposto que não — falei.

Depois, fugi e corri para a mata o mais rápido que pude.



É claro que, se eu pudesse ter levantado voo, já seria uma manchinha no céu. Mas não podia deixar aqueles psicopatas verem minhas asas, e, de qualquer forma, segundos depois eu estava na mata.

Corri pela vegetação rasteira, batendo em galhos para tirá-los do caminho, feliz por estar usando sapatos. Eu não fazia ideia de para onde estava indo.

Atrás de mim, podia ouvir alguns dos palhaços gritando, xingando, ameaçando. Eu queria rir, mas não podia perder tempo. Estava aumentando a distância entre nós sem vacilar. Depois, ouvi um estouro alto da escopeta, e cascas de árvores explodiram em volta da minha cabeça. Aquela *arma* idiota.

Você está pensando o que acho que está pensando? Está se perguntando se reparei nas semelhanças entre essa situação imbecil e meu sonho? *Sim*. Não sou *idiota*. Quanto ao que tudo isso significava... bem, cuidarei disso mais tarde.

No instante seguinte, houve outro estouro e, quase ao mesmo tempo, uma dor lancinante no meu ombro esquerdo. Ofeguei, olhei e vi o sangue florescer na minha manga. Aquele idiota tinha mesmo me atingido!

Depois, a pura falta de sorte me fez tropeçar instantaneamente em uma raiz de árvore, cair sobre meu ombro machucado e escorregar feito louca por um declive íngreme, em meio a arbustos, vegetação rasteira, trepadeiras e pedras. Tentei agarrar qualquer coisa, mas não conseguia mexer bem o braço esquerdo, e minha mão direita arranhava sem sucesso. Por fim, dei uma cambalhota e parei no fim de uma ribanceira com mato alto. Olhando para cima, só vi verde: eu estava coberta de trepadeiras e arbustos.

Fiquei deitada sem me mexer, tentando recuperar o fôlego, tentando pensar. Bem acima de mim, ouvi os meninos selvagens gritando e atirando de novo. Era como o som de elefantes arrebrandando a mata, e segui o rastro deles com clareza quando passaram correndo por onde eu caíra.

Senti como se um ogro tivesse acabado de espancar meu corpo todo com uma clava. Mal conseguia mexer o braço esquerdo; ardia como fogo. Tentei estender minhas asas, mas engoli o ar com força ao descobrir que ela também fora atingida. Eu não conseguia ver bem por cima do ombro, mas minha grande pista era a dor devastadora.

Eu estava toda arranhada, tinha perdido minha jaqueta impermeável e, se não me engano, estava sentada sobre erva venenosa.

Devagar, levantei-me, contendo gritinhos de dor sufocados. Precisava sair dali. Verifiquei o sol e comecei a seguir para o norte. Engoli um gemido quando percebi que Nudge e Fang estavam, com certeza, se perguntando onde raios eu estava.

Eu havia feito uma grande besteira. Angel estava esperando por mim também... se ainda estivesse viva. Eu os decepcionara.

Além de tudo, estava muito machucada, e havia maníacos armados atrás de mim. Droga!

Fiz uma careta. É da minha natureza lutar pelos oprimidos. Jeb sempre me disse que esse era o meu erro fatal.

Ele estava certo.



— **F**ang? Estou com muita fome, sabe?

Fazia quase uma hora que Max os deixara. Nudge ainda não entendia bem o que acontecera, aonde Max fora.

Fang assentiu rapidamente e depois fez sinal com a cabeça. Nudge inclinou-se um pouco e o seguiu.

Eles estavam chegando a alguns desfiladeiros, planos no topo e feitos de rocha estriada. Fang seguiu na direção de um recuo sombreado, e Nudge começou a mexer os pés para trás, para diminuir a velocidade e pousar. Perto assim, o recuo transformou-se em uma caverna ampla e rasa, e Nudge abaixou-se um pouco enquanto se acomodava nela.

Fang pousou quase em silêncio ao lado de Nudge.

A caverna entrava, talvez, quatro metros e meio nas rochas e tinha cerca de seis metros de largura, estreitando-se nas duas pontas. O chão era arenoso e seco, e Nudge sentou-se agradecida.

Fang tirou a mochila e começou a passar comida a ela.

— Ah, sim, sim — Nudge disse, rasgando um saco de frutas secas.

Fang balançou uma barra de chocolate na frente dela, e ela guinchou de alegria.

— Ah, Fang, onde você encontrou isso? Você devia estar escondendo... Não disse nada e, todo esse tempo, tinha *chocolate*, e, ah, meu Deus, é tão bom!

Fang deu um sorrisinho para ela e sentou-se. Mordeu o chocolate e fechou os olhos escuros por alguns momentos, mastigando devagar.

— Então, cadê a Max? — Nudge perguntou alguns minutos depois. — Por que ela desceu lá? Ela já não devia ter voltado? Não devíamos ir até o lago Mead? O que vamos fazer se ela não voltar logo?

Ela parou quando Fang levantou a mão.

— Max viu alguém com problemas, lá embaixo, e foi ajudar — ele disse com a voz baixa e cuidadosa. — Vamos esperar por ela aqui. O lago Mead está bem abaixo de nós.

Nudge ficou preocupada. Cada segundo era importante. Por que então eles estavam presos ali? O que Max estava fazendo que era mais importante que Angel? Ela comeu o último damasco seco e olhou ao redor.

Certo, depois de Fang ter mencionado, ela conseguia ver a ponta azul do lago Mead à esquerda. Nudge levantou-se; a cabeça mal encostava no teto. A caverna tinha uma saliência bastante ampla de cada lado, e ela caminhou pelo lado esquerdo, para ver melhor o lago, e congelou.

— Uh, *Fang*?



Fang foi para perto de Nudge e ficou parado, perfeitamente imóvel. A saliência curvava-se para cima, na direção do topo do despenhadeiro. Plantas afiladas e baixas pontilhavam a área, e seixos apontavam para fora da argila e das pedras bem impressadas. Dentro e em meio às pedras e plantas havia grandes ninhos, cada um com cerca de sessenta centímetros de um lado a outro. A maioria deles tinha aves recém-nascidas grandes e cobertas de penugem, e a maioria das avezinhas tinha pais maiores cor de ferrugem, e a maioria dos pais estava tensa, encarando Nudge e Fang com olhos frios de predadores.

— O que são? — Nudge sussurrou.

— Gaviões ferruginosos — Fang falou com suavidade. — A maior ave de rapina dos Estados Unidos. Sente-se *bem devagar*. Sem movimentos bruscos ou nós dois seremos comida de passarinho.

Ceeerto, Nudge pensou, afundando pouco a pouco sobre os joelhos. Ela queria se virar e correr, mas achou que, se o fizesse, poderia ser atacada. As poucas garras que podia ver pareciam letais. Sem falar dos bicos fortes, muito curvos e de aparência cruel.

— Você acha... — ela começou suavemente, mas Fang fez sinal para que ficasse quieta, *muito* quieta.

Ele se abaixou ao lado dela, os olhos nas aves. Um dos gaviões tinha um roedor parcialmente desmembrado no bico, os filhotes gritando alto por ele.

Depois de vários minutos, Nudge sentiu que precisava gritar. Ela odiava ficar sentada em silêncio; tinha um milhão de perguntas a fazer; não sabia por quanto mais tempo poderia suportar aquela falta de ação.

Um pequeno movimento chamou sua atenção. Fang estava estendendo uma das asas muito devagar. Todos os gaviões haviam girado ao mesmo tempo, os olhos focados nas asas de Fang como laser.

— Estou deixando que sintam o meu cheiro. — Os lábios de Fang mal se mexeram.

Depois do que pareceu um ano, os gaviões pareceram relaxar um pouco. Eram enormes, com quase um metro e meio de uma asa a outra, e pareciam frios e poderosos. Na parte de cima, as penas das asas eram, na maior parte, marrons com traços castanho-avermelhados e tinham riscas brancas na parte inferior. Não eram diferentes das asas de Nudge, exceto porque as dela eram muito maiores, com o dobro do tamanho.

Alguns gaviões voltaram a alimentar suas crias barulhentas, outros partiram em busca de comida, e ainda outros voltaram com o jantar.

— Eca! — Nudge não pôde deixar de sussurrar quando um gavião trouxe de volta uma cobra ainda se contorcendo.

Os filhotes estavam animados por ver o réptil e praticamente subiram uns nos outros para tentar dar a primeira mordida.

— Eca duplo!

Fang virou a cabeça devagar e sorriu para ela. Nudge ficou tão surpresa que sorriu de volta.

Aquilo *era* bem legal. Ela estava louca para ir embora, desejava que Max aparecesse logo e que eles tivessem mais comida, mas, ao mesmo tempo, era bem incrível estar sentada ali ao sol, cercada por aves enormes e lindas. Suas próprias asas abertas e descansando. Ela achou que não seria nada mau continuar com aquilo por mais um tempo.



Mas não por tanto tempo.

— A Angel está *esperando* por nós — Nudge disse pouco depois.
— Digo, ela é como uma irmãzinha, como a irmãzinha de todos.

Ela tirou um pouco de poeira das pedras de suas pernas bronzeadas já empoeiradas e fez careta, mexendo em uma crosta de ferida no joelho.

— À noite, quando devemos dormir, eu e Angel conversamos e contamos piadas, e coisas assim. — Seus grandes olhos castanhos encontraram os de Fang. — Digo, vou ter que dormir sozinha naquele quarto, quando a gente voltar pra casa? A Max tem que voltar. Ela não abriria mão da Angel, abriria?

— Não — Fang falou. — Ela não abriria mão da Angel. Olhe, você está vendo como aquele gavião grande, aquele com a faixa escura nos ombros... Você está vendo como ele parece mexer uma asa mais rápido que a outra quando se inclina? Faz a inclinação dele ser muito controlada e suave. Deveríamos tentar.

Nudge olhou para ele. Aquela era, provavelmente, a conversa mais longa que ela já tivera com Fang.

Ela se virou para olhar o gavião que ele apontara.

— É. Estou vendo o que você quer dizer.

Mas ela mal terminara antes de Fang se levantar, correr com leveza na direção da borda do desfiladeiro e saltar. Suas asas grandes, poderosas e escuras prenderam o ar e o varreram para cima. Fang voou perto de onde os outros gaviões estavam circulando, em um tipo de balé de aves de rapina.

Nudge suspirou. Ela queria muito, muito, que Max estivesse ali. Será que Max estava ferida? Eles deveriam voltar? Ela perguntaria a Fang quando ele retornasse.

Nesse momento, ele passou por ela no nível da caverna.

— Vem! — chamou. — Tente! Você vai voar melhor!

Nudge suspirou de novo e tirou alguns farelos de chocolate da blusa. Ele não estava preocupado com Angel? Se estava, provavelmente não demonstraria, ela imaginou. Mas ela sabia que Fang amava Angel; ele lera para ela antes de ela aprender a ler, e, mesmo agora, ainda a abraçava quando ela estava chateada com alguma coisa.

Ora, eu bem que poderia praticar também. Melhor do que ficar sentada sem fazer nada. Ela se arremessou do desfiladeiro, incapaz de evitar que uma felicidade agri-doce lhe inundasse o peito. Era apenas uma sensação tão... linda, flutuar no ar, mexer as asas com força e sentir-se deslizar com liberdade pelo espaço.

Ela voou ao lado de Fang, e ele demonstrou o movimento a ela. Ela o observou e imitou. Funcionou muito bem.

Nudge voou em círculos enormes, praticando o movimento e voando mais perto dos gaviões, que pareciam a estar tolerando. Desde que ela não pensasse em Max ou Angel, ficaria bem.

No fim daquela tarde, Nudge deitou de bruços, as asas estiradas ao redor, e observou os gaviões pais arrumarem seus pequenos. Eram muito gentis e atenciosos. Aquelas aves ferozes e fortes estavam alisando com cuidado as penas brancas pontilhadas dos bebês, alimentando-os, ajudando-os a sair do ninho e a praticar o voo.

Um caroço chegou à garganta dela, e ela fungou.

— O que foi? — Fang perguntou.

— Essas aves... — disse Nudge, limpando os olhos e se sentindo boba. — Tipo, esses gaviões estúpidos têm mais de uma mãe do que eu já tive. Os pais estão cuidando dos pequeninhos. Ninguém nunca fez isso por mim. Bem, além da Max. Mas ela não é mãe.

— É. Eu entendo.

Fang não olhou para ela. A voz dele parecia quase triste.

O sol se pôs, e os gaviões se acomodaram nos ninhos. Por fim, os bebês roucos ficaram quietos. Quando já estava escuro fazia uma hora, Fang aproximou-se de Nudge e estendeu a mão em um punho. Nudge olhou para ele e, depois, empilhou seu punho esquerdo em cima do dele. Era algo que o bando sempre fazia junto antes de dormir. No entanto, não tinham feito isso quando caíram no sono na cabana, na noite anterior. E, naquele momento, estavam apenas eles dois.

Nudge bateu no punho dele com a mão direita, e ele bateu no dela.

— Boa noite — ela sussurrou, com a sensação de que tudo que lhe importava tivesse sido arrancado dela.

Em silêncio, ela se enrolou contra a parede da caverna.

— Boa noite, Nudge — sussurrou Fang.



Ah, cara. Aquele *não* era o melhor dia que eu já tivera. Meu ombro ainda sangrava um pouco, embora eu o estivesse pressionando fazia horas. Sempre que eu o apertava, sangue quente pingava pelos dedos.

Eu não tinha encontrado os palhaços armados de novo, mas os escutara algumas vezes. Estivera seguindo para o norte em um grande arco, tentando traçar um rastro confuso para quem quer que pudesse me seguir. Sempre que os ouvia, congelava por uma eternidade, tentando me misturar ao mato. Depois, com cãibra e o corpo ficando rígido, eu recomeçava dolorosamente. Caso trouxessem cachorros, passei por riachos quatro vezes pelo menos, e, deixe-me dizer, tentar manter o equilíbrio em pedras cheias de limo na água gelada e com o ombro machucado não é moleza.

Passei a mão no ombro e na asa, e, até onde podia perceber, o tiro apenas arrancara uma trilha de carne e asa, mas não tinha realmente se alojado no meu corpo. Que seja! Meu braço e minha asa pareciam inúteis e doíam demais.

Estava ficando tarde. Angel estava em algum lugar a horas de distância, sendo submetida a sabe Deus que horror, perguntando-se onde eu estava. Apertei os lábios, tentando não chorar. Eu não conseguia voar, não podia alcançar Fang e Nudge, que

provavelmente já estavam furiosos. Não era como se eu pudesse ligar para o celular deles ou algo do tipo. Aquela situação era uma droga completa, e era cem por cento minha culpa idiota, o que a fazia ser ainda pior.

Depois, é claro, começou a chover forte. Então, eu estava avançando com dificuldade pela mata molhada, pela vegetação rasteira, pela lama de argila vermelha, limpando a água dos olhos, ficando com mais frio e me sentindo mais infeliz, e mais faminta, e mais loucamente *furiosa* comigo mesma.

Eu não ouvia os meninos fazia muito tempo. Provavelmente haviam ido para casa para *sair da chuva*. Um minuto depois, pisquei e limpei os olhos. Apertei-os. Havia luzes à frente. Se fosse uma loja ou um barracão, eu poderia esperar até todos irem embora e me esconder durante a noite. Logo eu estava a apenas nove metros de distância, agachando-me na escuridão, espiando em meio às árvores molhadas. Era uma casa. Uma figura passou por uma janela, e minhas sobancelhas levantaram. Era aquela menina, Ella. Devia ser a casa dela.

Mordi o lábio. Ela provavelmente morava ali com dois pais loucos por ela e seus irmãos perfeitos. Que bom pra ela! De qualquer forma, eu estava feliz por ela ter chegado em casa a salvo. Apesar de tudo, se eu tivesse deixado aqueles caras horríveis baterem nela, nunca teria me perdoado.

Tremi muito, sentindo a chuva gelada escorrer pelas minhas costas. Eu estava prestes a cair. O que fazer ali, arrumar um plano...

Eu ainda estava esperando por uma inspiração brilhante quando a porta lateral da casa se abriu. Ella saiu segurando um grande guarda-chuva. Uma sombra movimentava-se aos pés dela. Era um cachorro, um cachorro gordo com o corpo quase tocando o chão.

— Vem, Magnolia — Ella chamou. — Depressa. Você não vai querer se molhar muito.

O cachorro começou a cheirar o canto do quintal, fungando as ervinhas, sem reparar na chuva. Ella virou-se e andou de um lado para o outro, girando o guarda-chuva, passando os olhos pelo quintal. Estava de costas para mim.

Situações desesperadoras pedem medidas desesperadas. Não sei quem foi o primeiro a dizer isso, mas estava certíssimo. Respirei fundo e, depois, com muito, muito silêncio, comecei a me mexer na direção de Ella.



Certo, mais duas amostras de sangue e a análise de glicose estará feita. Então poderemos fazer as eletroencefalografias.

Por que isso não acabou? Onde você está, Max?, Angel pensou com tristeza enquanto o jaleco-branco se aproximava. A frente da casinha de cachorro de Angel foi aberta, e um cara ajoelhou-se e olhou para ela. Ela se espremeu contra o fundo do engradado o máximo que pôde. Ele estendeu o braço para agarrar-lhe a mão, onde estava o acesso à veia, e reparou no rosto dela. Ele se virou para os outros jalecos-brancos.

— O que aconteceu com essa coisa?

— Ela mordeu o Reilly mais cedo — alguém disse. — Ele bateu nela.

Angel tentou se apertar em uma bolinha firme. Todo o lado esquerdo do seu rosto pulsava. Mas ela estava feliz por tê-lo mordido. Ela o odiava. Odiava todos eles.

Reilly idiota! O cara deveria trabalhar num lava-rápido. Se ele estragar este espécime, vou matá-lo.

— Ele não entende o quanto esse indivíduo é único? — o jaleco-branco disse, bravo. — Digo, esse é o Elemento *Onze*. Ele sabe há quanto tempo o procurávamos? Diga ao Reilly para não danificar a mercadoria.

Ele estendeu o braço para dentro do engradado e tentou pegar a mão de Angel de novo. Angel não sabia o que fazer. O acesso de plástico na mão doía, e ela o protegeu junto ao corpo. Durante o dia todo, não recebera nada para comer ou beber, e, depois, eles a fizeram ingerir uma coisa de laranja horrível e enjoativamente doce. Tinham tirado sangue do braço dela, mas ela brigou com eles e mordeu aquele cara. Assim, colocaram um acesso na mão dela, para ser mais fácil tirar sangue. Já tinham tirado sangue dela três vezes.

Angel sentiu-se perto de chorar, mas travou o queixo.

Devagar, ela se desenrolou um pouquinho e se aproximou mais da abertura. Estendeu a mão na direção do cara do laboratório.

— Isso — ele disse, tranquilizador, e pegou uma agulha com um tubo de teste preso a ela. — Soltou o clipe do acesso e enfiou a agulha. — Não vai doer. Prometo.

Angel virou-se para o outro lado, mantendo-se de costas para ele, a mão esticada para longe do corpo.

Não demorou muito e não doeu. Talvez ele fosse um jaleco-branco bom, igual a Jeb. E talvez a lua fosse feita de *cream cheese*.



— **C**erto — disse Iggy. — Estamos sendo *muito* cuidadosos. Alô? Gazzy? Estamos sendo *muito* cuidadosos?

— Confirmado — disse Gasman, dando uma batidinha no pacote explosivo que eles chamavam de Garotão.

— Pregos?

Gasman chacoalhou o pote.

— Confirmado.

— Lona? Óleo de cozinha?

— Confirmado, confirmado.

Gasman fez que sim com a cabeça.

— Nós somos *gênios*! Aqueles Apagadores nunca vão saber o que os atingiu. Queria apenas que tivéssemos tempo de cavar uma fossa.

— É, e colocar estacas envenenadas no fundo — Iggy concordou.
— Mas acho que o que temos é bom. Agora, precisamos sair

voando, ficar fora de vista, verificar a direção das estradas e se os Apagadores acamparam em algum lugar.

— Certo. Depois, podemos espalhar pregos nas estradas e montar a lona e o óleo.

Gasman sorriu.

— Só temos que garantir que não seremos pegos.

— Sim. Isso seria ruim — Iggy disse sem expressão. — Agora, *já anoiteceu?*

— Praticamente. Encontrei algumas roupas escuras pra você.

Gasman apertou uma camiseta e uma calça nas mãos de Iggy.

— Tenho algumas também. Então, pronto para agir?

Ele esperava que Iggy não conseguisse ouvir o quanto estava nervoso. Era um ótimo plano; eles precisavam fazer aquilo... Mas o fracasso seria desastroso. E, provavelmente, mortal.

— É. Vou levar o Garotão caso surja uma oportunidade.

Iggy trocou de roupa; em seguida, colocou a bomba caseira em uma mochila e jogou-a sobre os ombros.

— Não se preocupe — disse, como se pudesse ver a expressão de Gasman. — Não vai disparar até eu ajustar o *timer*. É, tipo, uma bomba de segurança.

Gasman tentou sorrir. Abriu a janela do corredor com uma manivela o máximo que ela ia e empoleirou-se na borda. Suas palmas suavam, seu estômago estava se revirando. Mas ele não tinha escolha. Aquilo era pela Angel. Aquilo era para mostrar às pessoas o que aconteceria se mexessem com a família dele.

Ele engoliu com dificuldade e lançou-se no ar da noite. Era incrível poder estender as asas e voar. Era ótimo. Conforme sentia o vento da noite contra o rosto, o vigor de Gasman aumentou. Ele se sentiu forte, poderoso e perigoso. Não se parecia nada com uma aberração mutante de oito anos.



— **H**um, Ella?

A garota enrijeceu e pulou para trás.

Avancei um pouco, saindo dos arbustos baixos, para que ela pudesse ver meu rosto.

— Sou eu — falei, sentindo-me ainda mais idiota. — A menina de antes.

Estava escurecendo e ainda chovia, e eu esperava que ela pudesse me reconhecer. O cachorro aproximou-se em passinhos rápidos, me viu e deu um latido de aviso com pouco entusiasmo.

— Ah, *sim*. Ei, obrigada... por me ajudar! — disse Ella, apertando os olhos para mim através da chuva. — Você está bem? O que está fazendo?

Ela parecia nervosa e olhou ao redor, como se, talvez, desde a última vez em que me vira, eu tivesse passado para o lado do mal.

— Estou bem — respondi, nada convincente. — Bem, na verdade, acho que preciso de ajuda.

Aquelas palavras nunca tinham saído da minha boca. Graças a Deus Jeb não estava ali para me ver fazer algo tão incrivelmente imbecil e fraco.

— Ah — disse Ella. — Nossa! Certo. Por acaso aqueles caras...

— Um deles conseguiu me acertar com um tiro, você acredita? — contei, aproximando-me devagar.

Ella prendeu um gritinho e colocou a mão sobre a boca.

— Ah, não! Por que não me contou? Você está machucada? Por que não foi para o hospital? Ah, minha nossa, entre!

Ela deu um passo para trás para me dar espaço e apressou Magnolia, que tinha se aproximado pesadamente e começado a cheirar minhas roupas molhadas com interesse, para depois se afastar de mim.

Adivinhe. Eu hesitei. Houve um momento de decisão. Até eu pisar naquela casa, ainda podia me virar e correr, escapar. Depois de estar na casa, seria muito mais difícil. Pode dizer que é uma peculiaridade da minha personalidade, mas tenho a tendência a enlouquecer se me sinto presa em algum lugar. Todos nós somos assim... O bando, quero dizer. Morar em uma gaiola durante os anos de formação pode fazer isso. Mas eu era sincera o bastante comigo mesma para saber que não podia mesmo continuar daquele jeito: molhada, com frio, faminta e um pouco instável por causa da perda de sangue. Eu tinha de parar de bobagem e aceitar ajuda. De estranhos.

— Seus pais estão em casa? — perguntei.

— Só a minha mãe — Ella falou. — Sem pai. Vem, vamos colocar você pra dentro. Minha mãe pode ajudar. Magnolia, aqui, menina. — Ela virou-se e andou com energia na direção da casa. Subiu desajeitada os degraus de madeira e depois virou-se e olhou para mim. — Você consegue andar bem?

— A-hã.

Devagar, segui na direção da casa de Ella, que brilhava com calor e luz. Sentia-me zozza e em pânico. Poderia ser o último grande erro de uma extensa fila de grandes erros que eu já cometera naquele dia.

Embalei o braço machucado com o braço bom.

— Ai, meu Deus! Isso é sangue? — Ella perguntou, encarando meu agasalho azul-claro. — Ah, não, entre! Precisamos levar você para dentro rápido!

Ela empurrou a porta para abrir com o ombro, quase tropeçando em Magnolia, que saiu em passinhos rápidos.

— Mãe! Mãe! Esta menina precisa de ajuda!

Eu me senti congelada. Ficar ou fugir. Ficar ou fugir. Ficar?



— **V**ocê acha que o fio vai aguentar? — Gasman sussurrou.

Iggy assentiu com a cabeça, franzindo as sobrancelhas enquanto torcia com um alicate as duas pontas dos cabos juntas. Ele se apoiou em um pinheiro para conseguir uma alavanca e, quando o fio estava bem preso, prendeu uma braçadeira de cabo e apertou-a para fechar.

— Isso vai segurar um pouco — Iggy sussurrou também. — Até um certo Hummer atingi-lo a toda a velocidade.

Triste, Gasman assentiu com a cabeça. Que noite! Eles tinham conseguido fazer muita coisa. Max não teria feito melhor. Ele esperava que Max já tivesse resgatado Angel. Esperava que nada tivesse dado errado. Se os jalecos-brancos tivessem pegado Angel... Por apenas um instante, ele a viu, branca e sem vida, deitada em uma placa de aço frio enquanto os jalecos-brancos explicavam sua estrutura óssea incomum. Ele engoliu em seco e se livrou da imagem horrível. Mais uma vez, olhou ao redor, escutando.

— De volta pra casa? — Iggy sussurrou.

— É.

Levantando-se, Gasman impulsionou-se do chão, permanecendo perto das árvores. Seguiu a sombra escura de Iggy, quando ele parou e voltou para oeste, na direção da casa. Lá de cima, Gasman não conseguiu ver nada do que tinham feito, o que era bom. Ele não queria que o helicóptero dos Apagadores conseguisse encontrar a lona ou o fio até ser tarde demais.

— Cobrimos os caminhos de entrada e saída — ele disse a Iggy quando estavam em altitude de cruzeiro.

— Óleo, pregos na estrada, fio para tropeçar. Isso deve bastar.

Iggy assentiu.

— Estou chateado por não termos podido usar o Garotão — ele disse. — Mas não quero desperdiçá-lo. Temos que vê-los de verdade antes. Digo, você tem.

— Talvez amanhã — Gasman disse, encorajador. — Vamos sair e ver que destruição provocaremos.

— Provocamos — disse Iggy.

— Que seja — falou Gasman, respirando depressa no ar frio da noite.

Espera só até Max descobrir quão legais eles tinham sido.



Uma mulher de cabelos escuros com olhos preocupados abriu mais a porta.

— O que foi, Ella? O que aconteceu?

— Mãe, esta é a...

Ella parou, a mão no ar.

— Max — falei.

Por que não dei um nome falso? Porque não *pensei* nisso.

— Minha amiga Max. É a menina de quem falei, a que me salvou do José e do Dwayne e dos outros. Ela me salvou. Mas eles atiraram nela.

— Ah, não! — exclamou a mãe de Ella. — Por favor, Max, entre. Quer que eu ligue para os seus pais?

Fiquei parada sobre o tapete da porta, relutante em pingar chuva e sangue no piso delas.

— Hum...

A mãe de Ella viu meu agasalho manchado de sangue, e seus olhos voaram para meu rosto. Minha bochecha estava arranhada, um olho, roxo. A situação toda mudou naquele instante.

— Deixe-me pegar minhas coisas — a mulher disse com gentileza. — Tire os sapatos e vá com a Ella para o banheiro.

Andei pelo corredor fazendo barulho com as meias molhadas.

— Que coisas sua mãe vai pegar? — sussurrei.

Ella acendeu uma luz e me fez entrar em um banheiro com aparência antiga, azulejos verdes e um anel de ferrugem em volta do ralo da pia.

— As coisas dela de médica — Ella sussurrou de volta. — Ela é veterinária, então é boa com machucados. Até em pessoas.

Uma veterinária! Comecei a rir espontaneamente e tive que me sentar na borda da banheira. Uma veterinária. Espere até elas descobrirem como isso era adequado.

A mãe de Ella chegou com uma caixa de plástico com materiais de primeiros socorros.

— Ella, talvez você pudesse buscar um suco para Max ou algo assim. Ela provavelmente precisa de açúcar e fluidos.

— Suco seria ótimo — eu disse, com sentimento.

Ella assentiu com a cabeça e se apressou pelo corredor.

— Devo entender que você não quer ligar para seus pais? — a mãe de Ella perguntou gentilmente, começando a cortar a gola do meu agasalho.

— Uh, não.

Alô, laboratório? Posso falar com um tubo de ensaio, por favor?

— E nem a polícia, certo?

— Não precisa envolvê-la nisso — concordei e depois puxei o ar enquanto os dedos gentis dela encontravam o ferimento na parte de cima do meu braço. — Acho que a bala só pegou de raspão.

— Sim, acho que você está certa, mas está bem profundo e ruim. E aqui...

Fiquei sentada, congelada, olhando bem para a frente, enquanto todos os meus sentidos ficavam tensos. Eu estava me arriscando muito ali. Você não tem ideia de quanto. Eu nunca, nunca havia deixado alguém de fora do bando ver minhas asas. Mas aquela era uma situação que eu não podia resolver sozinha. Eu *odiava* isso.

A mãe de Ella franziu um pouco as sobrancelhas. Terminou de cortar a gola e, em seguida, esticou a blusa para tirá-la, deixando-me só com a regata. Fiquei sentada como uma estátua, sentindo um frio arrepiante que não tinha nada a ver com estar molhada.

— Tome.

Ella me entregou um grande copo de suco de laranja. Quase engasguei tentando bebê-lo o mais rápido possível. Ai, meu Deus, era tão bom!

— O que... — a mãe de Ella disse, os dedos passando pela borda da minha asa no lugar onde ela se dobrava e entrava sob um espaço perto da minha coluna, entre o ombro e a cintura. Ela se inclinou para ver melhor.

Fiquei olhando para minhas meias molhadas, meus dedos dos pés se fechando.

Ela me virou um pouquinho, e eu deixei.

— Max.

Seus olhos castanho-escuros estavam preocupados, cansados e desconcertados, tudo ao mesmo tempo.

— Max, o que é isso? — ela perguntou com delicadeza, tocando as penas que mal estavam visíveis.

Engoli com dificuldade, sabendo que acabara de perder qualquer chance de uma ligação normal com Ella e a mãe dela. Mentalmente, repassei a planta da casa: seguindo o corredor, uma virada rápida à esquerda e sair pela porta da frente. Levaria apenas alguns segundos. Eu conseguiria. Provavelmente poderia pegar minhas botas ao sair.

— É uma... asa — sussurrei. — Pelo canto do olho, vi Ella franzir as sobrancelhas. — Minha, hum, asa. — Silêncio. — Ela também foi machucada.

Respirei fundo, sentindo que ia vomitar, e depois, lenta e dolorosamente, estendi minha asa só um pouco, para a mãe de Ella poder ver onde eu fora baleada.

Os olhos delas se arregalaram. E arregalaram. E arregalaram. Até eu começar a esperar que eles saltariam das órbitas e cairiam no chão.

— O que... — Ella começou a dizer, curiosa.

A mãe dela inclinou-se para a frente e examinou a asa mais de perto. Surpreendentemente, ela estava tentando agir com casualidade, como, ah, tudo bem, você tem uma *asa*. Nada de mais.

Eu estava quase hiperventilando, sentindo-me zozza e perdendo um pouco a visão periférica.

— É, sua asa também foi atingida — a mãe de Ella murmurou, estendendo-a com muita delicadeza. — Acho que o tiro arrancou um pouco de osso.

Ela se reclinou para trás e olhou para mim.

Olhei para o chão, sentindo o peso do olhar dela. Não conseguia acreditar que estava naquela situação. Fang iria me matar.

E eu mereço.

A mãe de Ella inspirou profundamente e soltou o ar.

— Certo, Max — ela disse com voz calma e controlada. — Primeiro, temos que limpar os ferimentos e estancar o sangramento. Quando foi a última vez que tomou vacina contra tétano?

Olhei nos olhos dela. A mãe de Ella não parecia estar brincando... e estava sendo incrivelmente atenciosa. Comigo. Eu tinha me transformado em um grande bebê chorão nos últimos dias e, assim, não estava surpresa de sentir lágrimas embaçarem minha visão.

— Hum, nunca?

— Certo. Posso cuidar disso também.



— **V**amos, vamos — Gasman falou bem baixo.

Ele estava se segurando com tanta força ao galho do pinheiro que mal conseguia sentir os dedos.

— O que está acontecendo? — Iggy exigiu saber, impaciente. — Conte tudo.

Era de manhã cedo, e os dois estavam empoleirados perto do topo de um pinheiro centenário observando uma das estradas abandonadas de transporte de madeira. Haviam estudado a situação, e Gasman estivera certo: pelo menos dois Apagadores, talvez mais, tinham montado um acampamento precário não muito longe de onde o helicóptero pousara. Parecia claro que estavam procurando o restante do bando. Não importava se queriam matá-los ou apenas raptá-los: a captura era impensável.

Gasman ainda tinha pesadelos nos quais se via de volta à Escola. Sonhava que os jalecos-brancos tiravam-lhe sangue, injetavam nele várias drogas para ver como reagia, faziam-no correr e pular e, depois, engolir corante radiativo para poder estudar sua circulação. Dias e semanas intermináveis, e anos sentindo-se enjoado, doente, vomitando, ficando exausto, preso em uma gaiola. Gasman morreria

antes de voltar para lá. Angel preferiria ter morrido também, ele sabia... Mas não tinha tido escolha.

— O Hummer está *vindo* — Gasman disse com voz baixa.

— Na estrada certa?

— A-hã. E estão dirigindo rápido demais.

Gasman tinha o sorriso tenso e preocupado.

— Não estão praticando direção segura. Puxa, que pena.

— Certo, estão vindo — Gasman murmurou. — Mais quatrocentos metros.

— Você consegue ver a lona?

— Não.

Gasman observou, tenso, enquanto o Hummer preto desbotado acelerava pela estrada de transporte de madeira sem pavimento.

— A qualquer segundo — ele sussurrou para Iggy, que estava praticamente vibrando de emoção.

— Espero que estejam usando cinto de segurança. *Não!*

E aconteceu.

Era como assistir a um filme. Em um segundo, o veículo preto retangular estava correndo pela estrada e, no segundo seguinte, virava violentamente para a esquerda, com um guincho audível dos freios. Ele começou uma série lenta e desajeitada de giros descompassados pela pista e depois deu um pulo inesperado na direção das árvores de um dos lados. Atingiu-as virado e foi lançado ao ar, viajando de cabeça para baixo por cerca de quatro metros e meio, antes de aterrissar com um barulho alto de algo triturado.

— Uau! — Gasman disse baixinho. — Foi *incrível*!

— Você tem dois segundos pra descrever a cena — Iggy disse, irritado.

— Ele derrapou no óleo, sem problemas. Girou, bateu nas árvores e virou de cabeça pra baixo — Gasman contou. — Agora, está virado ao contrário, como um besouro grande, feio e morto.

— Isso!

Iggy deu um soco no ar, fazendo o galho deles oscilar.

— Sinais de vida?

— Hum... Ah, sim. Sim, um deles acabou de tirar uma janela com um soco. Agora, estão saindo. Parecem furiosos. Estão andando, o ferimento não foi grave.

Gasman queria tirar os Apagadores da jogada porque assim não teria mais que se preocupar com eles. Ao mesmo tempo, não tinha certeza de como se sentiria se houvessem morrido mesmo. Depois, lembrou-se de que haviam levado Angel. Então, decidiu que, provavelmente, não se importaria se tivessem sofrido um acidente com risco de morte.

— Droga! — Iggy parecia decepcionado. — Faz sentido jogar o Garotão neles agora?

Gasman fez que não com a cabeça; depois lembrou-se de que Iggy não conseguia enxergar e disse:

— Acho que não. Estão falando em *walkie-talkies*. Agora estão indo direto para o bosque. Provavelmente provocaríamos um grande incêndio na mata ou algo assim.

— Humm.

Iggy franziu as sobrancelhas.

— Certo. Precisamos nos reorganizar, planejar a Fase Dois. Que tal ficarmos na velha cabana por um minuto?

— Certo — disse Gasman. Vamos. Fizemos coisas boas o bastante para um dia.



Oitenta anos antes, madeireiros tinham usado uma cabana improvisada ali perto como base durante a temporada de corte de madeira. Abandonada durante os últimos trinta anos, estava quase em ruínas. O que fazia dela uma sede particularmente boa para o bando.

— Então a Fase Um está concluída — disse Iggy, sentando-se em uma cadeira de plástico quebrada. — Ele cheirou o ar. — A gente não vem aqui há muito tempo.

— A-hã — concordou Gasman, olhando ao redor. — Caso você esteja se perguntando, ainda é um lixo.

— Sempre foi um lixo — Iggy falou. — Por isso gostamos daqui.

— Cara, não consigo parar de pensar. Aquela lona cheia de óleo varreu completamente o Hummer — Gasman lembrou. — Foi meio... assustador. Fazer aquilo de verdade.

Iggy abriu a mochila e tirou o Garotão, passando os dedos sensíveis pelo relógio preso com fita adesiva ao pacote explosivo.

— Temos que eliminar os Apagadores — ele murmurou. — Para que nunca mais possam nos machucar.

— Para que nunca mais possam levar a Angel — Gasman disse, os olhos se estreitando. — Acho que devemos bombardear o helicóptero.

Iggy assentiu com a cabeça e se levantou.

— É. Ouça, vamos sair daqui, voltar pra casa, fazer mais planos.

No instante seguinte, a mais leve vibração das tábuas do piso fez Iggy congelar. Gasman olhou depressa para ele, viu seus olhos se mexerem um pouquinho de um lado para o outro.

— Você ouviu? — Gasman sussurrou, e Iggy fez que sim com a cabeça, levantando a mão. — Talvez um guaxinim...

— Não durante o dia — Iggy mal mexeu os lábios.

Um leve arranhão na porta fez o sangue de Gasman virar gelo nas veias. Com certeza era apenas um animal, um esquilo ou alg...

— Porquinhos, porquinhos, me deixem entrar.

A voz sussurrada, serena e angelical pareceu flutuar pelas rachaduras da porta como fumaça envenenada. Era a voz de um Apagador, uma voz que poderia pedir que você pulasse de um despenhadeiro e você pularia.

Com o coração disparado, Gasman passou os olhos rapidamente pelo lugar. A porta. Duas janelas, uma da sala principal e uma pequenininha no banheiro. Ele duvidava de que pudesse passar pela janela do banheiro, Iggy menos ainda.

O Apagador arranhou a porta de novo, e os cabelos da nuca de Gasman se levantaram. Certo, a janela dali, então. Ele começou a se aproximar dela, sabendo que Iggy conseguiria seguir o som quase imperceptível.

Crash! A porta abriu em uma explosão, lascas de madeira voando pelo ar como flechas.

— Oito horas! — Gasman sussurrou, dizendo a Iggy onde a janela estava enquanto seu cérebro registrava o Apagador enorme que enchia a passagem da porta. Seus músculos se tensionaram para pular pela janela... Mas a luz dela foi de repente bloqueada por uma cabeça gigantesca e sorridente.

— Ei, porquinho, porquinho, porquinho — um segundo Apagador provocou através do vidro escurecido pela sujeira.

Anos de treinamentos forçados pela Max fizeram efeito enquanto a adrenalina acelerava pelo corpo de Gasman. Porta bloqueada. Janela bloqueada. Eles estavam cercados, sem uma fuga fácil disponível. Seria uma luta, ele percebeu, já se preparando.

Provavelmente, uma luta até a morte.



Nudge acordou quatro vezes antes de enfim se virar e forçar os olhos a se abrir.

Mal havia amanhecido. Fang não estava ali. Primeiro Angel, depois Max... e agora Fang.

Sumiu! Nudge olhou ao redor, engatinhando até a abertura da caverna. Não há nada como o pânico para acordar alguém de verdade, ativar todos os seus sentidos. Nudge sentiu-se afiadamente alerta, amedrontada, inúmeros pensamentos começando a invadir-lhe o cérebro.

Um movimento chamou-lhe a atenção, e sua cabeça virou-se acompanhando uma formação imprecisa de gaviões girando pelo céu claro azul e branco. Eles eram tão bonitos, poderosos, graciosos, completamente integrados ao sol e à terra e aos despenhadeiros acidentados.

Um deles era Fang.

Nudge levantou-se depressa, quase batendo a cabeça no teto baixo da caverna. Suas asas se desenrolaram e prenderam o ar como velas, e, de repente, ela era um pequeno barco marrom subindo pelo mar azul infinito.

Ela se aproximou dos gaviões, e depois de olhares duros e brilhantes eles se deslocaram para que ela pudesse se unir a eles. Fang a estava observando, e Nudge ficou surpresa com o rosto dele... Como parecia vivo, como parecia relaxado. Fang sempre parecia muito travado; de alguma maneira, tenso como o fio de um arco. Naquele momento, parecia solto, livre e vivo.

— Bom dia — ele disse.

— Estou com fome — Nudge falou.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tem uma cidade a uns três minutos daqui. Siga-me.

Ele inclinou o corpo de um jeito novo que o levou para cima e para longe sem mexer as asas. Era legal como um avião. Nudge tentou, mas não funcionou tão bem para ela. Ela praticaria.

Abaixo deles havia uma autoestrada estreita de duas pistas, com um conjunto de lojas antes de a estrada serpentear deserto adentro. Fang baixou a cabeça: um lugar de fast-food tinha uma lixeira grande no fundo. Mesmo daquela altura, Nudge conseguia ver um funcionário jogando caixas de papelão com coisas dentro dela, preparando-se para um novo dia.

Eles circularam algumas vezes até terem certeza de que o funcionário não sairia de novo e depois desceram rapidamente, como bombas, apertando as asas contra o corpo com apenas as pontas das penas guiando a descida. Nove metros acima da lixeira, abriram as asas de novo, freando bruscamente, pousando, em seguida, quase em silêncio, na borda de metal do recipiente.

— Nirvana — Fang falou, apalpando comidas que ainda estavam boas, mas não para serem vendidas. — Hambúrguer?

Nudge pensou, depois fez que não com a cabeça.

— Não sei... Após ver aqueles gaviões despedaçando animaizinhos... Ah, mas tem algumas saladas. E algumas tortas de maçã. Bônus!

Eles apertaram mais os fios das jaquetas impermeáveis em volta da cintura. Depois, trabalhando depressa, começaram a enfiar comida dentro dos casacos, qualquer coisa que pudesse ser levada no caminho. Três minutos após pousarem, estavam no ar de novo, cheios de protuberâncias e sorrindo.

Era incrível quão melhor Nudge se sentia depois de comer. Ela suspirou e sentou-se de pernas cruzadas na entrada da caverna, observando os gaviões voarem.

Fang terminou sua quinta fatia de hambúrguer e limpou os dedos na calça jeans.

— Sabe, acho que a maneira como descem rápido e tal é como uma mensagem para os outros gaviões — ele disse. — Como se estivessem dizendo onde tem caça, ou onde vão estar, ou algo assim. Ainda não descobri. Mas chegarei lá!

— Ah.

Nudge sentou-se sobre os pés e abriu as asas, aproveitando a sensação do sol aquecendo suas penas. Tentou ficar quieta e não incomodar Fang, mas depois de cinco minutos estava prestes a desabar.

— Fang? A gente precisa encontrar a Max — disse. — Ou deveríamos tentar achar a Angel?

Fang tirou a atenção dos gaviões com dificuldade.

— Vamos dar a volta, procurar a Max — falou. — Ela deve ter... encontrado alguma coisa.

Nudge meneou a cabeça solenemente, incapaz de definir que tipo de coisa teria mantido Max longe deles. Ela não queria pensar nisso.

Fang levantou-se, alto e moreno contra o arenito castigado pelo tempo do despenhadeiro rochoso. Olhou para Nudge, o rosto calmo e paciente, os olhos sem refletir nenhuma luz.

— Está pronta?

Nudge pulou e ficou em pé, tirando areia do traseiro.

— Com certeza. Hum, para onde acha que a gente deveria...

Mas Fang já tinha ido, carregado para longe pelo vento, levado para cima pelo ar que subia do cânion lá embaixo.

Nudge deu um pequeno salto correndo para fora do despenhadeiro atrás dele.

— Tarzan! — ela gritou, o que quer que isso significasse.



Acordei aquecida, seca, com curativos e a salvo.

Parecia a morte.

Como sempre, quando me vi consciente, entrei em pânico por um segundo, sem saber onde estava. Meu cérebro registrou ansioso o papel de parede. Uma cama macia e quente que cheirava a amaciante de roupas. Olhei para baixo. Estava usando uma camiseta enorme com um personagem de desenho animado, um que eu não conhecia.

Era a casa de Ella. Eu deveria estar no resgate da Angel... Isso se ela ainda estivesse viva. Fang e Nudge provavelmente estavam enfiando alfinetes em uma boneca Max naquele momento. Não os culpei.

Já acordada, a dor no ombro e na asa me atingiu de novo, uma pontada que irradiava como uma explosão de raios. Ai. Lembrei-me de que, certa vez, desloquei o ombro lutando com Fang. Tinha doído muito, e eu cambaleara segurando o ombro e tentando não chorar. Jeb me acalmou conversando comigo, tirando meus pensamentos daquilo, e, quando eu menos esperava, ele o colocou de volta no lugar. Instantaneamente, a dor sumiu. Ele sorriu e fez

carinho tirando meu cabelo suado da testa e me deu limonada. E pensei: é isso que um pai faria. Isso é melhor que um pai faria.

Eu ainda sentia tanta falta de Jeb que tinha um nó na garganta. De repente, congelei, porque a porta do quarto estava se abrindo bem devagar e em silêncio.

Corra!, minha mente gritou conforme minhas mãos se contorciam em garras contra os lençóis. *Voe!*

Os olhos castanhos de Ella, curiosos e ansiosos, espiaram por trás da porta. Ela falou baixinho por cima do ombro.

— Acho que ela está acordada.

A mãe de Ella apareceu.

— Bom dia, Max. Está com fome? Gosta de panquecas?

— E salsichinhas de café da manhã? — Ella acrescentou. — E frutas e tal?

Esperei que apenas *parecesse* que eu estava babando na camiseta de dormir. Fiz que sim com a cabeça. Elas sorriram e saíram, e depois vi as roupas na minha cama. Meu jeans e minhas meias tinham sido lavados, e havia um agasalho lilás com grandes rasgos recém-cortados nas costas.

A mãe de Ella estava cuidando de mim como Jeb fizera. Eu não sabia como reagir, o que dizer.

Uma menina poderia se acostumar com aquilo.



Não importava quão rápido os Apagadores os matassem, Gasman tinha certeza de que pareceria uma eternidade.

— Pra cima e pra longe — Iggy sussurrou, aproximando-se um pouquinho mais dele.

Pra cima e pra longe? Gasman franziu as sobrancelhas. Iggy devia estar brincando. *Direto* pra cima?

Crash! Gasman pulou quando a janela ao seu lado estilhaçou-se com uma chuva de vidro e madeira quebrados. Um Apagador atravessou a abertura cheia de pontas com um sorriso silencioso.

— Adivinhem! — o primeiro Apagador disse com um sorriso satisfeito. — Pegamos a pequena... Eles não precisam de vocês dois vivos.

Ambos riram, o som semelhante a sinos graves soando, e o rosto dos homens começou a mudar. Gasman não pôde evitar uma careta enquanto eles se transformavam em lobos, o focinho se estendendo, os dentes se projetando até parecerem bocas repletas de facas.

— Meninos, meninos — um quase ronronou. — Ninguém nunca disse a vocês? Podem correr, mas não conseguirão se esconder.

Seu cabelo escuro brilhante estava ficando mais grosso, e mais pelos brotaram grotescamente nos braços e nas mãos. Ele literalmente lambeu o rosto e esfregou as mãos enormes e peludas uma na outra, como se tivesse aprendido a ser vilão nos desenhos animados.

— *Pronto?*

A voz de Iggy estava tão fraca, os lábios tão imóveis, que Gasman não tinha certeza de que ouvira alguma coisa. Cada segundo parecia estranhamente aumentado. Suas mãos se fecharam em punhos. Ele estava pronto. É claro.

— Essa aberração é *cega* — um Apagador disse, fazendo um gesto na direção de Iggy. — Não se preocupe, garoto. Tudo vai acabar logo, e você não vai ter mais que se preocupar em ser cego. Mas é uma pena eles não terem dado a você um dos novos olhos deles... como o meu.

Gasman olhou para o Apagador, e uma sensação de repugnância subiu-lhe pela garganta quando viu o que o homem queria dizer. Acomodada bem profundamente em uma órbita ocular havia uma bola de aço inoxidável. Um brilho vermelho semelhante a laser fazia parecer que estava cheia de sangue. O Apagador sorriu e virou o olho para Gasman. Um ponto vermelho apareceu na blusa do garoto e, conforme ele observava, começou a queimar, devagar, um pequeno furo no tecido.

Os Apagadores riram.

— Você foi embora antes de eles poderem consertá-lo com a tecnologia mais recente — um disse. — Perdeu.

Até parece, Gasman pensou, com nojo.

— E então, porquinhos? — o primeiro Apagador perguntou. — Querem tentar fugir? Quem sabe... Podem dar sorte. Por um tempo.

Sorrindo de expectativa, o Apagador se aproximou.

— *No três.*

Mais uma vez, Gasman não tinha certeza de que ouvira Iggy ou se estava imaginando.

— *Um.*

Os dedos de Gasman se dobraram dentro dos tênis.

— *Dois.*

Quando Iggy gritou “Três!”, Gasman deu um pulo direto no ar, desenrolando as asas com um grande *vush*. Com um rugido de raiva, um Apagador agarrou o pé de Gasman e o puxou. Acima dele, Iggy atravessou o teto podre da cabana, arrebentando-o, saindo em direção ao céu. Gasman se soltou do Apagador. Em seguida, estava atravessando o teto despedaçado, apertando bem as asas para passar pelo buraco. Do lado de fora, perdeu altitude rápido demais e pousou desajeitado na viga instável de um telhado. Escorregou de lado, agarrando telhas que saíram em suas mãos.

Iggy gritou cerca de seis metros acima dele.

— *Gasser! Vamos!*

Bem quando escorregou pela borda do telhado, Gasman abriu as asas. Impulsionou-se para baixo com toda a força e depois puxou as asas para cima, empurrando-as para baixo de novo. Conforme subia para encontrar Iggy, este jogava um pacote na cabana.

— *Vamos, vamos, vamos!* — Iggy gritou, batendo as asas feito louco.

Segundos depois, estavam a noventa metros de distância.

Bum! Mas foi mais do tipo: *Ba-ba-bum!*

Os dois meninos recuaram com a explosão, tombando para trás com a onda de choque. Gasman se aprumou, olhos arregalados, à medida que uma bola de fogo de nove metros de diâmetro subiu de onde a cabana estivera antes.

Ele estava mudo.

Depois de a bola de fogo do Garotão se desintegrar, a cabana brilhou forte, a madeira antiga e podre consumida tão instantaneamente quanto gravetos. As chamas ergueram-se para o céu, lambendo as árvores verdes por perto, serpenteando pelo solo conforme folhas finas, frágeis e marrons de pinheiro pegavam fogo.

Meu Deus, era lindo.

— Bem — Iggy falou após muito tempo —, isso dá um jeito *neles*.

Gasman fez que sim com a cabeça, sentindo-se enjoado. Um corpo escuro havia voado para cima na explosão, caindo de volta na terra como carvão incandescente. O outro Apagador havia rastejado para alguns metros de distância da cabana, uma silhueta queimando, os contornos embaçados pelas chamas.

— A menos que tenham escapado — Iggy acrescentou.

É claro que Iggy não tinha visto nada. Gasman limpou a garganta.

— Não — ele disse. — Estão mortos.

Ele se sentiu um pouco nauseado, culpado e sujo. Depois, lembrou-se de Angel, de que ela havia dividido o último sorvete com ele três noites antes. Ela era tão pequena, e só Deus sabia que coisas horríveis estavam fazendo com ela. Seu queixo endureceu.

— Tomem *isso!* — murmurou. — É pela minha irmã, pela *Angel*, seus vermes imundos!

Em seguida, ele viu o Hummer preto, o capô amassado, avançando depressa na direção da cabana queimada, olhando através de binóculos.

— Vamos, Iggy — disse Gasman. — Vamos sair daqui.



O sino soou de repente, e mãos grosseiras empurraram Angel para a frente. Ela cambaleou, segurando-se no último segundo antes de cair em rolos de arame farpado.

Angel queria chorar. Estava fazendo aquilo o dia todo... Já era o fim da tarde. Estava faminta e zozna, e todos os músculos doíam... E ainda assim eles a faziam correr.

Era um labirinto. Angel sabia.

Eles o haviam feito em um enorme salão parecido com um ginásio no prédio principal da Escola. Tocaram um sino e a empurraram para a frente, e depois ela teve que correr o mais rápido que podia para encontrar a saída. A cada vez, o labirinto era diferente, a saída estava em um lugar diverso. Se ela diminuísse o ritmo, levava um choque elétrico tão forte que embaralhava seu cérebro, ou fios quentíssimos sob seus pés a queimavam. Assim, os olhos embaçados com lágrimas, Angel correu para a frente às cegas, virando aqui e ali até finalmente esbarrar na saída. Ao fim, ganhava um gole de água e um descanso de cinco minutos enquanto o labirinto era refeito.

Angel fungou, tentando ficar em silêncio. Odiava aquilo! Se ao menos soubesse com antecedência... Se ao menos *soubesse*,

poderia atravessar rápido e não ganhar choques nem ser queimada.

Angel sentou-se ereta, um tremor de agitação descendo-lhe pela coluna. Fechou os olhos e tentou ouvir o que os jalecos-brancos estavam pensando. Um deles queria soltar um Apagador no labirinto, deixá-lo lutar com ela, ver quão forte ela realmente era. Um achava que eles deviam aumentar os fios quentes, para ela sempre ter de correr em cima deles. Depois poderia estudar o efeito do estresse nos níveis de adrenalina dela.

Angel queria que eles todos queimassem no i-n-f-e-r-n-o para sempre!

Um deles estava projetando o labirinto seguinte, o nojento.

Angel concentrou-se, tentando parecer que estava descansando. Alguém lhe deu outro gole de água, e ela o engoliu depressa. Ela conseguia ver o esboço do labirinto! Estava em sua mente porque estava na mente do jaleco-branco. De forma deliberada, inspirou e expirou, parecendo exausta, mas sentia uma nova onda de possibilidade.

Ela entendeu. Sabia como seria o labirinto seguinte. Piscando cansadamente, Angel sentou-se ereta, mantendo os olhos sem foco. Mentalmente, estava revisando a disposição do labirinto: uma virada rápida à direita, depois outra à direita, depois uma à esquerda, pular as três direitas seguintes e pegar a quarta... E assim por diante, até ver a saída. Ela conseguia ver todas as armadilhas, as saídas fechadas, os caminhos que não levavam a lugar nenhum. Mal podia esperar para deixá-los loucos. Seria divertido!

Um jaleco-branco a agarrou e fez com que ficasse em pé em frente à nova entrada do labirinto.

O sino soou.

Alguém a empurrou.

Angel partiu. Correndo o mais rápido que podia caso todos os fios estivessem quentes, virou rápido à direita, outra vez à direita, depois à esquerda, e assim por diante. Atravessou correndo com velocidade recorde, sem hesitar. Não levou choque nenhuma vez e não sentiu nenhum fio quente sob seus pés. Explodiu para fora da saída do labirinto e depois caiu no chão frio de madeira.

O tempo passou.

Palavras voaram até ela: *Incrível. Habilidade cognitiva. Capacidades interpretativas. Solução criativa de problemas. Dissecar o cérebro dela. Preservar seus órgãos. Extrair seu DNA.*

Uma voz disse:

— Não, não, não podemos dissecar o cérebro dela ainda.

Quem falou riu como se isso fosse engraçado. Sua voz soava... como uma que ela ouvira em um conto de fadas ou algo assim, tipo à noite, ou em casa, ou com a Max...

Angel piscou e mergulhou de volta na consciência. Cometeu o erro de olhar para cima. Um homem mais velho estava ali. Ele usava óculos com aro fino e sorria para ela. Ela não conseguiu captar nenhum pensamento dele. Ele parecia...

— Olá, Angel — disse Jeb Batchelder com doçura. — Não a vejo há muito tempo. Senti sua falta, menina.



Nudge não sabia exatamente o que Fang esperava ver. Max voando na direção deles? Max em pé, lá embaixo, balançando os braços para chamar a atenção dele? O corpo de Max esmagado... Nudge bloqueou esse pensamento. Iria apenas esperar. Fang era mais velho e muito esperto. Max confiava nele. Nudge também.

Quão distante Max estava deles? Nudge não conseguia se lembrar. Ela e Fang estavam voando em círculos cada vez maiores havia horas. Como poderiam saber que Max não tinha de alguma forma passado por eles e os estava esperando no lago Mead?

— Fang, você se lembra de onde deixamos a Max?

— Sim.

— Vamos para lá?

Uma pausa.

— Não se eu puder evitar.

— Mas por quê? Talvez Max esteja ferida e precisando de ajuda. Talvez a gente precise salvá-la antes de resgatar Angel.

Era difícil manter essas missões separadas. Primeiro Angel, então Max, depois Angel de novo.

Fang inclinou-se para a esquerda, diminuindo o ângulo como tinham visto os gaviões fazerem. Nudge o seguiu. Abaixo deles, o chão parecia ressecado, apenas com algumas estradas, cactos, vegetação rasteira.

— Não acho que a Max se machucaria sozinha — Fang disse devagar. — Ela não iria voar e bater em uma árvore ou aterrissar de mau jeito. Por isso, se ela se atrasou porque se machucou, provavelmente significa que alguém, uma pessoa, fez isso. O que significa que alguém sabe a respeito dela. Não queremos que essa pessoa saiba a nosso respeito também. O que aconteceria se fôssemos para onde Max está. — O queixo de Nudge caiu. — E, se Max estiver atrasada porque está ocupada, ir até ela não vai adiantar as coisas... Ela vai vir quando estiver pronta. Então, por enquanto, vamos fazer uma observação geral. Mas não vamos voltar tudo.

Nudge ouviu a voz de Max na mente: *Pense antes de falar*. Assim, fechou a boca e pensou. Ela não fazia ideia de como Fang poderia *não* buscar Max, mesmo que isso significasse que eles poderiam ser capturados ou feridos. *Todos* eles poderiam ser capturados ou feridos salvando Angel, não é? Por que Max era diferente de Angel? Max era mais importante que Angel, Nudge pensou, sentindo-se culpada. Max cuidava deles, ajudava-os a tocar a vida.

Ela olhou discretamente para Fang. Fang era bom, mesmo que não fosse muito carinhoso ou melado. Era forte, bonito e capaz. Mas ficaria para tomar conta de todos se não tivessem a Max? Ou ele partiria e viveria sozinho em algum lugar e não se importaria com eles? Nudge não sabia o que Fang estava pensando de verdade.

De repente, Nudge estava limpando lágrimas dos olhos, engolindo o caroço na garganta, sentindo o nariz entupir. Ah, meu Deus! Ela não conseguiria sem Max. Piscando, tentou clarear a visão; tentou

pensar em outra coisa. Viu um caminhão branco lá embaixo e concentrou-se nele, forçando-se a imaginar o que ele carregava, de onde vinha. Como se qualquer uma dessas informações importasse.

Ela tomou grandes doses de fôlego e segurou-as, recusando-se a chorar na frente de Fang. Talvez logo tivesse de começar a ser muito forte. Bem que já poderia praticar.

O caminhão seguiu para um cruzamento que tinha placas marcando uma junção. Nudge piscou e olhou conforme as placas ficavam claras e conseguia lê-las. Uma dizia Centro de Boas-Vindas da Califórnia, 29 km. Outra, Las Vegas, norte, 158 km. Outra, Tipisco, 5 km.

Tipisco! Tipisco, Arizona! De onde Nudge vinha! Onde seus pais tinham estado! Ah, meu Deus! Ela ainda conseguiria achar os pais? Eles iriam querê-la de volta? Haviam sentido muita falta dela naqueles anos todos?

— Fang! — ela gritou, já começando a descer. — É Tipisco, lá embaixo! Vou lá!

— Sem chance, Nudge — Fang disse, voando perto dela. — Não se distraia agora. Fique comigo.

— Não! — Nudge falou, sentindo-se ousada, desesperada e corajosa.

Ela curvou os ombros e baixou a cabeça, sentindo que perdia altitude.

— Preciso encontrar meus pais! Se Max se foi, vou precisar de alguém.

Os olhos escuros de Fang arregalaram-se de surpresa.

— O quê? Nudge, você está louca! Venha, conversemos sobre isso. Vamos encontrar um lugar e fazer um intervalo.

— Não! — Nudge falou, lágrimas chegando aos olhos de novo. — Vou descer... E você não pode me impedir.



— **E**stamos bastante seguros, a menos que os Apagadores sintam nosso cheiro — Gasman sussurrou a Iggy.

Os dois estavam enfiados em uma fissura na lateral de um despenhadeiro, bem alto. Arbustos irregulares obscureciam a abertura. Os Apagadores teriam que escalar a pedra para pegá-los ou usar o helicóptero.

Iggy jogou-se para trás e descansou as mãos nos joelhos.

— Bem, é uma porcaria completa — disse, mal-humorado. — Achei que com aqueles dois Apagadores mortos estaríamos livres, pelo menos por um tempo. Eles devem ter pedido reforços antes mesmo de atacarem a cabana.

Gasman triturou a terra entre as pontas dos dedos.

— Pelo menos tiramos dois deles do caminho.

Ele se perguntava se Iggy se sentia tão estranho e tão mal em relação àquilo quanto ele. Não conseguia saber.

— É, mas e agora? Estamos, tipo, todos arrumados e sem ter festa para ir — Iggy falou. — Não tem jeito de podermos ir pra casa.

Eles provavelmente estão por toda parte. O que devemos fazer? E se a Max e os outros voltarem apenas para cair em uma emboscada?

— Não sei — Gasman disse, frustrado. — Eu não tinha pensado em mais nada além de explodir os imbecis. Talvez você devesse pensar em um plano.

Os dois meninos ficaram sentados na meia-luz da fissura, respirando o ar viciado. O estômago de Gasman roncou.

— Conte pra mim — Iggy falou, apoiando a cabeça nos joelhos.

— Certo, certo — Gasman soltou de repente. — Tenho uma ideia. É arriscada, e Max vai nos matar se descobrir.

Iggy levantou a cabeça.

— Parece meu tipo de ideia.



Nunca, nos meus looongos quatorze anos, me senti pelo menos um pouquinho normal; exceto pelo meu dia com Ella e sua mãe, a doutora Martinez.

Primeiro, tomamos um café da manhã de verdade juntas, em volta da mesa da cozinha. Em pratos com garfos e facas e guardanapos. Em vez de, tipo, uma salsicha enfiada em um garfo de churrasco, queimada até ficar preta sobre uma chama ao ar livre, depois comida direto do garfo. Ou cereal sem leite. Ou creme de amendoim comido na faca. Salsicha com feijão comidos na lata.

Depois, Ella tinha que ir para a escola. Eu estava preocupada com os babacas de antes, mas ela disse que sua professora era boa em manter os alunos na linha, e o motorista do ônibus também. Um ônibus escolar de verdade! Como nos programas de TV.

Assim, ficamos eu e a doutora Martinez.

— Então, Max — ela disse enquanto esvaziava a lavadora de louça. — Fiquei tensa. — Quer conversar sobre... qualquer coisa?

Olhei para ela. Seu rosto era bronzeado e gentil, os olhos, carinhosos e compreensivos. Mas eu sabia que, se começasse a falar, nunca pararia. Desmontaria e começaria a chorar.

Enlouqueceria. E então não seria mais a Max, não conseguiria funcionar, cuidar dos outros, ser a menina alfa. Salvar a Angel. Se já não fosse tarde demais.

— Na verdade, não — falei.

Ela fez que sim com a cabeça e começou a empilhar pratos limpos. Fantasiei sobre ser amiga de verdade de Ella e de sua mãe até muito tempo depois de eu ir embora e voltar para casa. Eu poderia voltar e visitá-las às vezes... É, poderíamos fazer piqueniques, trocar cartões de Natal... Tenho tanta *certeza*. E estava perdendo totalmente a noção da realidade. Precisava sair dali.

A doutora Martinez guardou os pratos limpos e colocou os sujos na lavadora.

— Você tem sobrenome?

Pensei. Já que não tinha uma identidade “oficial”, não havia nada que ela pudesse fazer com a informação. Esfreguei as têmporas... Uma dor de cabeça estava tomando conta de mim desde o café da manhã.

— Sim — falei, enfim. Encolhi os ombros. — Eu dei a mim mesma.

No meu décimo primeiro aniversário (que também foi um dia que escolhi para mim mesma), eu perguntara a Jeb sobre meu sobrenome. Acho que estava esperando que ele dissesse: “Seu sobrenome é Batchelder, igual ao meu”. Mas ele não disse. Ele disse: “Você deveria escolher um”. Assim, pensei a respeito; pensei no fato de poder voar e em quem eu era.

— Meu sobrenome é Ride — eu disse à mãe de Ella. — Como Sally Ride, a astronauta. Maximum Ride.

Ela fez que sim com a cabeça.

— É um bom nome. Há outros como você? — ela perguntou.

Apertei os lábios e olhei para o outro lado. Minha cabeça estava pulsando. Eu *queria* contar a ela... Essa era a parte terrível. Algo dentro de mim queria soltar tudo. Mas eu não podia. Não depois de anos de Jeb me dizendo que eu não podia confiar em ninguém, nunca.

— Você precisa de ajuda?

Meus olhos voltaram-se para o rosto dela.

— Max... Suas asas... Você pode mesmo voar?

— Bem, *sim* — levei um susto e falei.

Essa sou eu: Maximum boca-rápida-no-gatilho. Sim, você precisa usar todos os seus truques para conseguir que *eu* fale. Nossa! É no que dá eu dormir em uma cama macia e comer comida caseira.

— Mesmo? Você consegue mesmo voar?

Ela parecia fascinada, alarmada e com um pouco de inveja.

Fiz que sim.

— Meus ossos são... finos — comecei a dizer, odiando-me. *Cale a boca, Max!* — Finos e leves. Tenho músculos a mais. Meus pulmões são maiores. E meu coração. Mais eficiente. Mas preciso comer muito. É difícil.

De repente, fiquei em silêncio, um rubor furioso esquentando minhas bochechas. Isso, pessoal, é o máximo que eu já falara a um não membro do bando. Mas, quando abro a boca, abro mesmo! Eu podia até ter contratado um avião para escrever no céu “Sou uma aberração mutante!” em letras garrafais.

— Como isso aconteceu? — a mãe de Ella perguntou baixinho.

Meus olhos se fecharam sozinhos. Se eu estivesse sozinha, teria colocado as mãos nas orelhas e agachado até formar uma bolinha no chão. Imagens fragmentadas, lembranças, medo, dor, tudo entrou no meu cérebro se batendo. Você acha que ser um adolescente normal com dores de crescimento é difícil? Experimente fazer isso com um DNA que não é seu nem de um *mamífero*.

— Não me lembro — disse a ela.

Era mentira.



A doutora Martinez parecia aflita.

— Max, tem certeza de que não posso ajudar de alguma maneira?

Fiz que não com a cabeça, irritada comigo mesma, exasperada com o fato de ela mencionar tudo aquilo.

— Não. Já acabou, de qualquer forma. Está terminado. Mas... preciso sair daqui. Alguns amigos estão esperando por mim. É muito importante.

— Como você vai chegar até eles? Posso dar uma carona?

— Não — eu disse, franzindo as sobrancelhas e esfregando meu ombro machucado. — Preciso, hum, voar até lá. Mas acho que ainda não consigo.

A doutora Martinez franziu a testa, pensando.

— Seria perigoso você forçar seu machucado antes de ter se curado. Não consegui saber a dimensão dele. Mas eu poderia dar uma ideia melhor se tivéssemos uma radiografia.

Olhei para ela com solenidade.

— Você tem visão de raios X?

Ela riu, surpresa, e não pude deixar de sorrir também. Meu Deus, Ella tinha isso *o tempo todo*. Uma mãe de verdade.

— Não. Nem todos nós temos poderes super-humanos — ela disse, provocando-me. — Mas alguns de nós têm acesso a máquinas de raios X.

A doutora Martinez dividia uma clínica veterinária com outro médico. Aquele era seu dia de folga, mas ela tinha certeza de que ninguém acharia estranho se aparecêssemos no consultório. Ela me deu uma jaqueta impermeável para usar, mas eu ainda estava bem assustada por ver outras pessoas de perto.

— Oi, pessoal — a doutora Martinez disse enquanto entrava no consultório. — Esta é uma amiga de Ella. Ela estava fazendo um trabalho sobre a profissão de veterinário e eu disse que faria um pequeno *tour* com ela.

As três pessoas atrás do balcão sorriram e assentiram com a cabeça, como se aquilo fosse completamente crível. Talvez fosse. Como eu saberia?

Dois segundos depois de entrarmos, congelei na porta, sentindo o sangue sair do meu rosto e uma onda de terror me varrer.

Havia um homem ali.

Com um jaleco branco.

A doutora Martinez olhou para trás.

— Max?

Eu a encarei sem falar nada. Delicadamente, ela pegou meu braço e me levou para a sala de exames.

— Sim, é aqui que atendemos nossos pacientes — ela disse, alegre, enquanto fechava a porta atrás de nós. Depois, virou-se e baixou a voz. — Max, o que foi? Qual é o problema?

Forcei-me a respirar várias vezes, profunda e lentamente, a desfazer os punhos fechados ao meu lado.

— É o cheiro — sussurrei constrangida. — O cheiro de produtos químicos como um laboratório. O cara de jaleco branco. Preciso sair daqui, tudo bem? Podemos ir agora, bem rápido?

Procurei uma saída, uma janela.

A mão dela esfregou minhas costas.

— Posso garantir que está segura aqui. Você pode ficar tempo suficiente para eu tirar uma radiografia rápida e vamos embora logo em seguida?

Tentei engolir, mas minha boca estava seca. Meu coração batia tão forte que fazia um som agitado em minhas orelhas.

— Por favor, Max.

Forcei-me a assentir com a cabeça. A doutora Martinez fez uma verificação geral para garantir que eu não estava usando joias — até parece — e depois se posicionou com cuidado em uma mesa. Uma máquina pairou sobre mim. Senti que meus nervos estavam prestes a explodir.

Ela saiu da sala. Ouvi um *buz* baixinho, e tudo acabou.

Dois minutos depois ela me mostrou uma folha grande e escura com meus ossos do ombro, meu braço e parte da asa aparecendo em tons de branco. Ela a enfiou em uma caixa de vidro na parede e acendeu uma luz. A imagem pulou brilhando.

— Olhe — ela disse, traçando minha omoplata com o dedo.

— O osso está bem. São danos nos músculos. Você pode ver o tecido rasgado aqui e aqui.

Fiz que sim com a cabeça.

— E os ossos da sua asa... — ela disse, baixando a voz sem perceber — ... todos parecem bem. O que é bom. Infelizmente, os danos nos músculos costumam demorar mais para curar que nos ossos. Embora sua taxa de regeneração pareça estranhamente rápida, devo dizer.

Ela franziu as sobrancelhas para a radiografia, batendo nela com o dedo.

— Seus ossos são tão finos e leves — ela murmurou, como se falasse consigo mesma. — São lindos. E, então... Hã, o que é essa coisa? — Ela estava apontando para um quadrado branco brilhante, talvez com um centímetro de comprimento por três milímetros de largura, que estava exatamente na metade do meu antebraço. — Não é uma joia, é? — Ela olhou para mim. — É o zíper da jaqueta?

— Não... Eu tirei.

A doutora Martinez inclinou-se mais para perto da imagem, apertando os olhos.

— É um... Parece um...

A voz dela sumiu.

— O quê? — falei, amedrontada com a expressão no rosto dela.

— É um microchip — ela disse hesitante. — Colocamos algo parecido em animais. Para identificá-los caso sejam perdidos. Parece do tipo que... do tipo que usamos em bichos de estimação muito caros, cães de exposição e tal. Eles têm um rastreador para o caso de serem roubados. Podem ser rastreados onde quer que estejam.



O olhar de horror e entendimento que surgiu em meu rosto assustou a doutora Martinez.

— Não estou dizendo que é isso — ela falou depressa. — É apenas o que parece.

— Tire — eu disse rouca. — Estendi o braço e puxei a manga para cima. — Por favor, tire agora.

Ela olhou a radiografia de novo, estudando-a por vários minutos, enquanto eu tentava não pular para fora do meu corpo.

— Sinto muito, Max — ela disse, enfim. — Não acho que possa ser removido cirurgicamente. Parece que foi implantado há muito tempo, quando seu braço era muito menor. Agora, seus músculos e nervos, suas veias cresceram em volta dele tão completamente que acho que, se tentarmos tirá-lo, você poderia, possivelmente, perder o movimento da mão.

Seria de esperar que eu me acostumassem ao pesadelo eterno que era minha vida, mas, na verdade, fiquei pateticamente surpresa por aqueles demônios da Escola continuarem a gerar caos em mim de tão longe, de tanto tempo atrás.

Mas por que eu estava surpresa?, perguntei-me com amargura. Eles tinham feito exatamente isso dois dias antes, quando raptaram Angel. Uma imagem dela apareceu na minha mente, seu rosto doce e pequeno sorrindo para mim, o amor brilhando nele. Engoli com dificuldade e depois respirei fundo. Nesse instante, reparei nas vozes na sala de espera, suaves e charmosas, fazendo perguntas. Congelei de novo, fazendo minha imitação de cervo assustado com os faróis de um carro.

A doutora Martinez olhou para mim e ouviu as vozes.

— Tenho certeza de que não é nada, Max — ela disse com calma.
— Mas por que não entra aqui por um minuto?

No corredor, havia uma portinha que levava ao armário de armazenamento de remédios. Vários jalecos brancos longos estavam pendurados lá dentro, e deslizei para trás deles, apertando-me contra a parede.

E, sim, percebi a ironia, obrigada.

A doutora Martinez apagou a luz e fechou a porta. Nem vinte segundos depois, ouvi as vozes na sala de exames onde eu estivera.

— O que está acontecendo aqui? — a doutora Martinez disse com severidade, parecendo ultrajada. — Isso é um consultório médico!

— Desculpe, senhora — uma voz disse, parecendo feita de mel.

Meu coração começou a bater forte.

— *Doutora!* — ela disparou.

— Desculpe, doutora — outra voz disse.

Era tranquilizadora, relaxante, conciliadora.

— Desculpe-nos interromper. Não há nada com que se preocupar. Estamos com a polícia local.

— Estamos procurando qualquer coisa estranha — disse a primeira voz. — Apenas precaução. Temo que não possa dizer mais que isso.

Dando a entender que era tudo coisa supersecreta do governo. Talvez eu fosse.

Houve uma pausa. A doutora Martinez estaria sendo persuadida pela voz deles? Ela não seria a primeira. Ah, meu Deus!

De repente, lembrei-me da radiografia na caixa de luz e coloquei as mãos sobre a boca. Meu estômago apertou. No minuto seguinte, eu poderia ter que lutar pela minha vida. Estava escuro demais para procurar possíveis armas. *Pense, pense...*

— Estranho como o quê? — a doutora Martinez disse, ácida. — Um arco-íris duplo? Gasolina por menos de um dólar e cinquenta centavos? Refrigerante sem açúcar com gosto bom?

Não pude deixar de sorrir. Ela era simplesmente demais. E parecia imune aos Apagadores, o que era muito esquisito.

— Não — disse a segunda voz depois de um momento. — *Pessoas* estranhas, por exemplo. Estranhos no bairro. Crianças ou adolescentes que você não conhece ou parecem suspeitos. Ou até animais estranhos.

— Sou cirurgiã veterinária — disse a doutora Martinez com a voz assustadora. — Para dizer a verdade, geralmente não olho muito para os donos dos meus pacientes. Quanto a *animais* estranhos, na semana passada cuidei de uma vaca com útero bicornes. Ela tinha um bezerro saudável de cada lado. Isso ajuda?

Silêncio. Eu odiaria estar no lugar de receptor da raiva dela.

— Hum... — disse a primeira voz.

— Se os senhores me dão licença, tenho um consultório para tocar. — Pingentes de gelo caíam das palavras dela. — A saída é por aquela porta.

— Se você vir ou ouvir qualquer coisa estranha, aqui está o número para ligar. Obrigado pela atenção. Desculpe incomodá-la.

Passos pesados foram ficando mais distantes para mim. Um minuto depois, senti a porta ser fechada com força.

— Se você vir aqueles dois caras de novo, chame a polícia — a doutora Martinez disse à recepcionista.

Ela veio e me deixou sair do armário, olhando para meu rosto muito séria.

— Aqueles caras eram ruins — ela disse —, estou certa?

Fiz que sim com a cabeça.

— É melhor eu ir embora já.

Ela fez que não.

— Amanhã de manhã é cedo o bastante. Mais uma noite de descanso. Prometa.

Abri a boca para discutir, mas o que saiu foi:

— Certo. Eu prometo.



— **N**udge, pela última vez, desista disso. É má ideia — disse Fang. — Uma ideia *horrível*.

Particularmente, Nudge estava surpresa por Fang ainda estar com ela. Ele ameaçara deixá-la várias vezes, mas, quando vira que ela não cederia mesmo, fechara-se em um silêncio colérico.

Naquele momento, eles estavam nos limites de um bairro de casas em trailers. Nudge lembrara-se do endereço, e Tipisco era tão pequena que não foi difícil andar por ali e encontrar o lugar. Ela não sabia o que esperar, mas, de alguma forma, não era aquilo.

O estacionamento de trailers estava dividido em filas sinuosas, a maioria marcada com placas de madeira frágeis com nomes como Roadrunner Lane ou Seguro Street nelas.

— Venha — Fang falou baixinho. — Estou vendo Chaparral Court.

Eles serpentearam em meio a cerejeiras virginianas, juníperos retorcidos, eletrodomésticos abandonados e carcaças de carros que cercavam o bairro. Não havia cercas de madeira branca em nenhum lugar.

Os olhos de Nudge rapidamente acharam um número, 4625, no último lar móvel da fila. Ela engoliu em seco. Seus pais poderiam estar *bem ali*. Ela empurrou para o lado algumas latas de tinta spray, e ela e Fang agacharam-se ao lado de um carro abandonado e grafitado.

— E se eles se mudaram? — Fang perguntou pela enésima vez. — E se você entendeu errado o que leu e essas pessoas não tiverem nenhum parentesco com você? — Depois, com uma gentileza terrível, ele disse: — Nudge, mesmo que você tenha sido um bebê de proveta... O que provavelmente foi... E se houver um motivo para eles terem aberto mão de você? Podem não te querer de volta.

— Você acha que não pensei nisso? — ela sussurrou com uma raiva nada característica.— Sei disso! Mas tenho que tentar. Digo, se houver a menor chance... Você não tentaria?

— Não sei — Fang disse após uma pausa.

— Isso é porque você não precisa de nada nem ninguém! — Nudge falou, virando-se de volta para olhar o trailer. — Mas eu não sou assim. Preciso das pessoas.

Fang ficou em silêncio.

Eles estavam bem fora da vista entre o carro e alguns pinheiros. Nudge sentia-se tão nervosa que estava praticamente tremendo.

A seu lado, Fang ficou tenso, e depois Nudge ouviu uma porta ser aberta. Ela prendeu a respiração enquanto uma mulher saía da casa móvel. Nudge olhou depressa para o próprio braço para ver se o tom de pele delas combinava. Mais ou menos. Era difícil dizer. A mulher desceu para o pátio da frente, que estava coberto de folhas pontudas e marrons de pinheiro, e se sentou em uma cadeira de jardim barata na sombra. O cabelo dela estava molhado e com bobes, e uma toalha estava enrolada em volta dos ombros. Ela se

inclinou para trás, acendeu um cigarro e abriu uma lata de refrigerante.

— Coca-cola. Não é mais só para o café da manhã — Fang sussurrou, e Nudge bateu nele com o cotovelo.

Hum. Nudge ficou sentada sobre os pés. Era estranho. Parte dela esperava que aquela *não fosse* sua mãe. Teria sido melhor se ela estivesse, tipo, colocando uma bandeja de cookies na soleira da janela para esfriar, ou cuidando do jardim, ou algo parecido. Alguma coisa de mãe. Mas parte dela ainda esperava que fosse sua mãe porque, francamente, *alguém, qualquer pessoa* era melhor que ninguém.

Nudge precisava apenas se levantar, andar até lá e dizer: “Olá, você perdeu uma filha chamada Monique há cerca de dez, onze anos?”. É, isso era tudo o que ela precisava dizer. E depois a mulher diria...

— Procurando alguma coisa, aberrações? Acho que encontraram.

Não havia como confundir aquela risada bela e melódica de um Apagador, bem atrás deles.



Nudge dobrou o corpo para ficar em pé. Havia três deles, e já estavam começando a se transformar. Começaram parecendo modelos, mas depois o focinho esquisito se alongou, caninos brotaram de gengivas vermelho-sangue, garras irregulares cresceram na ponta dos dedos.

— Ari — Fang disse sem vacilar.

Nudge franziu as sobrancelhas e olhou para o líder. Seus olhos se arregalaram.

— Ari! — ela disse. — Você era só uma criancinha.

Ele sorriu, dobrando as mãos com garras.

— E agora sou um Apagador incrível, grande e adulto — ele disse, batendo os dentes de brincadeira, fazendo barulhos altos. — E você é um porquinho marrom. Saboroso.

— O que fizeram com você? — Nudge perguntou com voz baixa. — Sinto muito, Ari.

Ele franziu as sobrancelhas, baixando a testa peluda.

— Guarde sua pena para si mesma. Sou exatamente quem quero ser. E tenho notícias pra você.

Ele enrolou as mangas para revelar braços bem tensos, musculosos e peludos.

— Seu esconderijo nas montanhas não passa de cinzas. Seus amigos continuam tendo acidentes infelizes. Vocês dois são os últimos com vida... E agora foram pegos.

Os Apagadores acharam graça nisso e deram risada, os ombros tremendo, enquanto a cabeça de Nudge dava voltas. Os últimos vivos? Os outros estavam mortos? A casa deles havia sido queimada?

Ela começou a chorar e ordenou a si mesma que parasse, mas não conseguiu. Depois, estava chorando como um bebê.

Nudge olhou ansiosa para Fang, mas ele estava observando Ari, o queixo duro, as mãos fechadas em punhos.

— Cata-vento — ele murmurou pelo canto da boca.

Ari franziu as sobrancelhas, obviamente se perguntando o que *cata-vento* significava, os olhos grandes e belos se estreitando.

— Primeiro cacto — Nudge sussurrou.

Ela não conseguia acreditar que estava sendo tão corajosa, quase como Fang. *O restante do bando estava morto? Não podia ser! Simplesmente não podia!*

— No três — Fang disse sem vacilar.

O que significava *no um*.

Ari inclinou-se, rápido como um raio, e socou o ombro de Fang.

— Cale a boca!

— Um — Fang disse, recuperando o equilíbrio, e Nudge lançou-se instantaneamente para a frente, empurrando o segundo Apagador no peito o mais forte que pôde.

Pego de surpresa, ele cambaleou para trás, direto nos espinhos afiados de um cacto. Xingando, balançou os braços, mas caiu direto nas agulhas de oito centímetros, guinchando como um desastre de trem. Um desastre de trem adorável e musical.

No instante seguinte, Nudge se jogou de lado para o ar, rezando para que Fang a alcançasse. Ele a alcançou, agarrando os braços dela e girando-a, seguindo seu impulso. Os pés dela acertaram Ari na lateral do pescoço, quase o derrubando e deixando-o engasgando e tentando respirar. Depois, Fang balançou Nudge com o máximo de força possível, girando-a enquanto ela abria as asas de repente e as batia com tanta força que permaneceu no ar.

— Você vai morrer, mutante — Ari rosnou, pulando em Fang enquanto ele tomava impulso do chão.

Ele agarrou a perna de Fang, e os dois caíram com força. Depois, Ari estava sentado no peito de Fang, dando socos nele. Nudge sufocou um grito e colocou a mão na boca ao ver sangue sair do nariz de Fang. O segundo Apagador chutou forte o peito de Fang, de novo e de novo, *tunc, tunc*.

Nudge estava enlouquecendo... Aquilo era um desastre. As pessoas do estacionamento de trailers com certeza a veriam pairando em frente às árvores. Fang levou outro golpe, a cabeça sacudindo para o lado, e depois cuspiu um jato de saliva sangrenta bem na cara de Ari. Este urrou e desceu as duas mãos no peito de Fang com força suficiente para quebrar-lhe as costelas. Nudge ouviu a respiração de Fang deixá-lo com um *vush*.

O que fazer? Se ela descesse, seria morta, e Fang também. Se ao menos conseguisse...

Então ela se lembrou das latas de tinta spray. Talvez estivessem vazias. *Talvez não.*

Em um instante, ela descera, agarrara a lata mais próxima e pulara de volta para o ar, fora de alcance. Balançou a lata com força e, em seguida, desceu alguns metros e mirou bem o rosto de Ari. Depois de um chiado de parar o coração, a tinta verde formou um arco no ar. Ari gritou e pulou para ficar em pé, as mãos de garras limpando os olhos.

Fang levantou-se em um pulo e alçou voo mais rápido que Nudge já o vira se mexer. Nudge conseguiu acertar outro Apagador no rosto, e depois a tinta acabou. Nudge jogou a lata com força na cabeça de Ari, onde ela quicou no cabelo saudável, grosso e *verde*. Momentos depois, ela e Fang estavam no ar, bem acima dos Apagadores. Ari ainda estava em pé, mas o amigo dele permanecia no chão, xingando e tentando limpar a tinta dos olhos. O que enfim tinha saído do cacto estava bem arranhado. Entre o sangue vermelho e a tinta verde, eles pareciam meio natalinos.

— Vocês estão *mortos*, aberrações! — Ari rosnou, os olhos com lágrimas escorrendo, os longos dentes amarelos parecendo grandes demais para sua boca.

— Ah, como se você não fosse uma aberração! — Nudge disse com maldade. — Experimente olhar no espelho, menino-cachorro!

Ari procurou no casaco e tirou uma arma. Nudge e Fang fugiram o mais rápido que puderam. Uma bala passou assoviando pela orelha de Nudge. Ela estivera *muito* perto de ficar surda e morrer. Quando estavam em segurança de novo, Nudge disse sem fôlego:

— Sinto muito, Fang. Foi culpa minha você ter-se ferido.

Fang cuspiu mais sangue e o viu cair por um longo, longo caminho até o solo.

— Não foi sua culpa — ele disse. — Você é só uma criança.

— Vamos para casa — ela falou.

— Eles falaram que ela foi queimada — Fang respondeu, limpando sangue da boca.

— Não, falo da casa com os gaviões — Nudge explicou.



Angel encarou e encarou e encarou Jeb Batchelder.

Ela sabia quem ele era. Tinha apenas quatro anos na última vez em que o vira, mas, ainda assim, conhecia seu rosto, seu sorriso. Ela se lembrava de Jeb amarrando seus sapatos, jogando Mico com ela, fazendo pipoca. Ela se lembrava de ter se machucado e de Jeb tê-la pegado no colo para abraçá-la apertado. Max contara a ela como Jeb havia sido bom, que ele os salvara das pessoas más da Escola. Que ele desaparecera, e que todos achavam que estava morto.

Mas ele estava vivo! E estava ali! Ele *voltara* para salvá-la de novo! A esperança a preencheu como uma luz quente. Angel quase pulou para correr para os braços dele.

Espere. Pense. Havia algo errado com aquela imagem.

Ela não conseguia captar nem um pensamento dele... Era um vazio cinza. Aquilo nunca acontecera antes. Além disso, ele estava usando um *jaleco branco*. Seu cheiro era todo antisséptico. O fato de ele estar ali, *para início de conversa*. O cérebro dela parecia ao mesmo tempo hiperativo e lento, e ela piscou várias vezes, tentando entender aquilo como se fosse um pequeno mistério.

Jeb ajoelhou-se no chão de madeira em frente a ela. Os jalecos-brancos que tinham coordenado o labirinto fundiram-se ao cenário. Jeb colocou a mão para trás e depois estendeu alguma coisa a ela.

Angel olhou para aquilo sem reação. Era uma bandeja de comida, muita comida de aparência deliciosa, quente e soltando fumaça. O cheiro era tão bom que Angel sentiu um gemido de desejo subir pela garganta.

Ela olhou a bandeja, o cérebro crepitando de informações, e teve vários pensamentos ao mesmo tempo.

Um: Jeb parecia estar do lado *deles* agora. Um inimigo do bando, como todos os outros jalecos-brancos da Escola.

Dois: espere só até Max saber daquilo. Max ficaria, bem, ficaria tão brava, e tão magoada, e tão chateada que Angel nem conseguia imaginar. Ela não *queria* imaginar. Jamais gostaria que Max se sentisse assim.

— Angel, você não está com fome? Não tem recebido muita comida, tem?

Jeb parecia preocupado.

— Quando eles me contaram o que têm dado pra você comer... Bem, eles entenderam mal, querida. Não sabiam do seu apetite.

Ele riu um pouco, balançando a cabeça de um lado para outro.

— Eu me lembro de uma vez em que a gente estava comendo cachorro-quente no almoço. Todos os outros tinham dois cachorros-quentes cada. Mas você... Você comeu quatro cachorros-quentes sozinha! — Ele riu de novo, olhando para ela como se pensasse que ela era incrível. — Você tinha três anos. Quatro cachorros-quentes! — Ele se inclinou para a frente, empurrando a bandeja de comida com delicadeza mais para perto, para ficar bem embaixo do nariz dela. — O que acontece, Angel, é que, com o seu metabolismo e a

sua idade atual, você deveria estar ingerindo cerca de três mil calorias por dia. Aposto que não tem chegado a mil. — Ele balançou a cabeça mais uma vez de um lado para o outro. — Isso vai mudar agora que estou aqui. Vou garantir que a tratem bem, combinado?

Angel apertou os olhos. Aquilo era uma armadilha. Aquilo era exatamente o tipo de coisa sobre a qual Max os alertara. Exceto por Max nunca ter imaginado que viria de Jeb.

Sem dizer palavra, Angel se sentou cruzando os braços e olhou para ele da maneira que Max olhava para Fang quando estavam discutindo e ela iria ganhar. Angel forçou-se a não olhar para a comida, nem ao menos cheirá-la. Estava tão enlouquecida por ver Jeb ali que seu estômago estava cheio de nós. O fato de ela não conseguir captar nenhum dos pensamentos dele o fazia parecer estranho e morto para ela.

Jeb sorriu como se pedisse desculpas e deu uma batidinha no joelho de Angel.

— Está tudo bem, Angel. Vá em frente e coma. Você precisa. Quero que se sinta melhor.

Ela tentou não piscar, não mostrar o quanto estava chateada.

Suspirando, Jeb abriu o guardanapo branco de papel, pegou um garfo e o colocou no prato. Tudo o que ela precisaria fazer seria baixar a mão... E estaria condenada?

— Sei que tudo isso é confuso, Angel — Jeb disse com gentileza. — Não posso explicar agora. Mas vai ficar claro logo, e aí você vai entender.

— Claaaro.

Angel colocou cada pedacinho da dor da traição dele naquela única palavra.

— O que acontece, Angel — Jeb continuou, determinado —, é que a própria vida é um teste. Tudo é um teste. Às vezes você só precisa passar por ele, e depois tudo faz mais sentido. Você vai ver. Agora, vá em frente e coma. Garanto que está tudo bem. Eu *garanto*.

Como se ela fosse acreditar em qualquer garantia dele.

— Eu te odeio — ela disse.

Jeb não pareceu surpreso. Talvez um pouco triste.

— Isso também não é problema, querida. Está tudo perfeitamente bem.



— **E**u. Estou. No. Céu — falei, inspirando profundamente.

A doutora Martinez riu.

— Se ficar olhando os cookies, eles não vão dourar — ela me provocou.

Para deixar meu feriado completo na perfeita cidadezinha do interior, nós três tínhamos mesmo feito cookies com gotas de chocolate — a partir do *zero* — depois do jantar.

Comi massa crua o suficiente para me deixar enjoada e depois fiquei embriagada com a fumaça dos cookies que eram assados lentamente. Eu podia ver as gotas de chocolate derreterem pelo vidro do forno.

Lembrete para mim mesma: ensinar Nudge e Angel a fazer cookies com gotas de chocolate.

Se eu um dia visse Angel de novo.

A mãe de Ella tirou a primeira assadeira de cookies do forno e deslizou a segunda para dentro. Eu mal podia esperar que

esfriassem e, pegando um, dei uma mordida, quase queimando a língua.

Murmúrios incoerentes de prazer escaparam dos meus lábios enquanto eu mastigava devagar, saboreando cada pedaço. Ella e a mãe me observaram, sorrisos idênticos iluminando-lhes o rosto.

— Acho que você nunca provou cookies caseiros antes — Ella disse.

— Nunca — balbuciei, engolindo.

Era a melhor coisa que eu já provara em toda a minha vida. Tinha gosto de lar.

— Bem, coma outro — disse a doutora Martinez.

— Tenho que ir embora amanhã — falei para Ella naquela noite, quando estávamos nos preparando para dormir.

— Não! — ela disse, angustiada. — Adoro ter você aqui. Você é como uma prima. Ou como minha irmã.

É engraçado como algo assim pode fazer a gente se sentir pior.

— Há pessoas dependendo de mim... É muito importante.

— Você vai voltar para nos visitar? — Ella perguntou. — *Algum dia?*

Olhei para ela, impotente. Era a primeira vez que eu tinha uma ligação com um humano que não era do bando... Além de Jeb.

Tinha sido muito bom. Fantástico. Além disso, a mãe dela era *muito* incrível. Ela era severa com algumas coisas — não deixe as meias espalhadas por aí —, mas tão tranquila com outras, como chamar a polícia por causa do meu ferimento a bala. Diferente de quaisquer outros pais dos quais eu ouvira falar, ela não fazia pressão para saber detalhes, não dava sermão e acreditava no que

eu dizia. Ela me aceitou de verdade. Do mesmo jeito que aceitava Ella por ser quem era. Era o suficiente para me dar um surto psicótico... Se eu me deixasse pensar demais nisso.

— Provavelmente não — falei, odiando o olhar magoado no rosto de Ella. — Eu apenas... Acho que não poderei. Se um dia puder, virei, mas...

Virei para o outro lado e comecei a escovar os dentes. Jeb sempre dissera para pensarmos com a cabeça, não com o coração. Ele estava certo, como sempre. Assim, coloquei todos os meus sentimentos em uma caixa e a tranquei.



Nudge ainda não conseguia aceitar que Max e os outros estavam mortos. Era impossível... Ela não conseguia lidar com aquilo... Então, forçou-se a ter outros pensamentos.

Nudge achava meio triste o fato de, naquele instante, aquela saliência rasa escavada no meio de um despenhadeiro no deserto na verdade parecer aconchegante e confortável para ela. Deitou-se de costas, os pés erguidos contra a parede, as pernas feridas esticadas, examinando as camadas de cores — creme, marrom, rosa, salmão — na rocha sólida acima dela. O sol lá fora estava quente, mas era fresco ali, e tinha brisa.

Isso serve para mostrar a você, ela pensou. Você acha que precisa de todas as suas coisas, sua caneca favorita, seu melhor cobertor, sabonete, seus *pais*... E depois percebe que tudo de que precisa é estar onde os Apagadores não podem pegá-la.

Ela não conseguia esquecer Ari. Ele era uma criancinha da última vez que o vira. Lembrava-se de como ele parecia irritar Max, sempre a seguindo. Agora ele era um Apagador crescido, o pior de todos. Como aquilo podia ter acontecido em quatro anos apenas?

Meia hora antes, ela e Fang haviam escutado o *chop-chop* distante de um helicóptero. Tinham entrado o máximo possível na

caverna, apertando-se contra a parede fria dos fundos. Depois de vinte minutos de silêncio, Fang decidira que era seguro sair e procurar comida. Nudge esperava que ele voltasse logo.

A casa deles queimara até virar cinzas. Todos os seus amigos, exceto Fang, estavam mortos. Ela e Fang estavam mesmo sozinhos... talvez para sempre.

Fang bateu as asas subindo a lateral do despenhadeiro, pousando quase em silêncio na saliência. Nudge sentiu uma onda quente de alívio.

— Gostaria de um pouco de rato do deserto cru? — ele perguntou, batendo no bolso da jaqueta impermeável.

— Ah, não — Nudge respondeu, horrorizada.

Ele retirou o casaco balançando os ombros e tirou um pouco de poeira da camiseta preta. Colocando algo na boca, mastigou e engoliu com barulho.

— Não dá pra conseguir mais fresco — disse, tentando persuadi-la.

— Eca!

Nudge estremeceu e virou-se para o outro lado. Rato! Voar como gaviões era uma coisa; comer igual a eles *não* ia rolar.

— Certo, então — disse Fang. — Que tal uns kebabs? Você fica com os de legumes.

Virando-se, Nudge viu Fang abrindo um pacote de papel-alumínio. No mesmo instante, o cheiro defumado de carne dos bifes e legumes cozidos encheu as narinas dela.

— *Kebabs!* — ela exclamou, apressando-se para sentar-se ao lado de Fang. — Onde os conseguiu? Você não teve tempo de ir até a cidade. Ah, minha nossa, ainda estão quentes!

— Vamos apenas dizer que as pessoas de um acampamento vão ficar um pouco surpresas — Fang disse, sarcástico, empurrando a carne em uma pilha e as cebolas e os pimentões em outra.

Nudge deu uma mordida em um pimentão grelhado. Estava quente, defumado e macio... Paraíso absoluto.

— *Isso é comida* — ela disse, fechando os olhos.

— Então acho que temos que decidir se vamos continuar procurando Max ou tentar salvar Angel — Fang falou, comendo pedaços de carne.

— Mas os Apagadores disseram que todos os outros estão mortos. Isso não significa Angel e Max também? — Nudge perguntou, sentindo um peso triste acomodar-se nela de novo.

— Não temos como saber — Fang respondeu. — A questão é que, se Max não está aqui, é porque está morta? Como eles poderiam tê-la encontrado? Angel... — Ele fez uma pausa. — Bem, nós *sabíamos* que eles estavam com ela. Isso provavelmente já acabou agora.

Nudge segurou a cabeça com as mãos.

— Não posso pensar nisso.

— Eu sei. Mas o que você está...

Ele parou, apertando os olhos, olhando para longe.

Fazendo sombra nos olhos, Nudge olhou para longe também. Bem distante, ela mal conseguia enxergar duas manchas escuras. Bem, e daí? Apenas mais gaviões.

Sentada, ela se encostou para trás e, devagar, comeu seu último pedaço de cebola. Depois lambeu o papel-alumínio no qual a

comida estivera embrulhada. Fang tinha de pensar em um plano... Isso era tudo.

Porém, Fang continuou olhando para o céu.

Nudge franziu as sobrancelhas. As duas manchas escuras estavam maiores, mais perto. Deviam ser gaviões grandes e poderosos. Talvez fossem águias!

De repente, Fang levantou-se e pescou no bolso seu pequeno espelho de metal. Levantando uma mão, pegou os últimos raios de pôr do sol no espelho, fazendo o reflexo brilhar para fora. Ele o fazia brilhar e depois parava, fazia brilhar e depois parava.

Os gaviões ficaram maiores, mais próximos. Já estavam definitivamente espiralando para baixo na direção deles.

Por favor, não deixe que sejam Apagadores voadores, Nudge pensou com pânico repentino. Ela percebera que eles eram grandes demais, desengonçados demais para serem aves de rapina de verdade. E então seu queixo caiu. Meio minuto depois, Iggy e Gasman pousaram desajeitadamente na saliência, mandando pedras e poeira para todo lado. Nudge simplesmente os encarou, tão feliz que mal conseguia acreditar.

— Vocês não estão *mortos*! — ela disse.

— Não. Vocês também não estão mortos — afirmou Iggy, irritado.
— Que tal apenas “oi”?

— Oi, pessoal — disse Gasman, tirando poeira do cabelo. — Nós não podíamos ficar em casa... Há Apagadores por toda a montanha. Então decidimos vir. Alguém tem algum problema com isso?



Na manhã seguinte, coloquei meu agasalho novo. Tinha testado minha asa. Funcionava, embora estivesse incrivelmente dura e dolorida.

Eu estava aliviada por ir embora, por voltar para o ar. Sabia que Fang e Nudge iriam me matar. Sabia que tinha decepcionado Angel. Mas não havia jeito de eu *não* ter feito o que fizera. Eu não seria a Max. Para dizer a verdade, não ser a Max às vezes era uma ideia atraente.

A doutora Martinez empurrou uma pequena mochila na minha direção.

— É antiga... Eu não uso — ela disse depressa, sabendo que eu queria recusar mais ajuda. — Por favor, leve.

— Bem, já que você disse “por favor” — murmurei, e ela riu.

Ella estava olhando para o chão, os ombros curvados. Tentei não olhar para ela também.

— Se um dia precisar de alguma coisa, qualquer coisa mesmo, por favor, ligue pra gente — disse a mãe de Ella. — Coloquei o número dos meus telefones na mochila.

Fiz que sim com a cabeça, embora soubesse que nunca usaria os números. Eu não fazia ideia do que dizer. Mas tinha de tentar.

— Vocês me ajudaram — eu disse, nada confortável — e nem me conheciam. Teria sido ruim se não tivessem me ajudado.

Que tal essa eloquência, hein? Eu parecia o maldito *Tarzan*.

— Você *me* ajudou — Ella observou. — E nem me conhecia. Você se machucou por minha causa.

Encolhi os ombros daquele jeito encantador que me é peculiar.

— De qualquer maneira... Obrigada. Obrigada por tudo. Agradeço de verdade.

— Por nada — disse a mãe de Ella, sorrindo gentilmente. — Ficamos felizes em ajudar. E boa sorte... com o que quer que aconteça.

Assenti com a cabeça, e — veja isso! — as duas me abraçaram ao mesmo tempo, como um sanduíche de Max. Mais uma vez, senti o horror de lágrimas formando-se em meus olhos e pisquei depressa para contê-las. Mas deixei que ambas me abraçassem e meio que dei uma batidinha no ombro de Ella, que era o máximo que eu conseguia fazer. Não vou mentir para você... Foi muito bom. E muito horrível ao mesmo tempo. Porque o que é pior que saber que você quer uma coisa além de saber que nunca poderá tê-la?

Libertei-me delicadamente e abri a porta. Do lado de fora, o dia estava ensolarado e quente. Dei um meio aceno discreto, esperando que fosse alegre, e segui para o quintal. Eu decidira dar a elas um tipo de presente. Senti que mereciam.

Iriam achar que eu parecia uma pateta? O que nós — o bando — parecíamos para as pessoas de fora? Eu não fazia ideia e não tinha tempo para começar a me importar.

Ajustei o agasalho e a mochila. Virei-me. Ella e a mãe estavam me observando com olhos arregalados e curiosos.

Corri alguns passos e pulei para cima, abrindo as asas, sentindo-as se encherem de ar, estremecendo um pouco conforme meus músculos danificados eram puxados e forçados. Completamente estendidas, minhas asas tinham quatro metros de uma ponta à outra, pontilhadas de marrom com manchas brancas.

Uma batida forte para baixo, *ai*, e depois para cima, *ai*, depois para baixo. O ritmo familiar. O rosto de Ella estava admirado e encantado, as mãos unidas. A doutora Martinez limpava os olhos, o sorriso vacilante.

Um minuto depois, eu estava no alto, olhando para a casinha de Ella lá embaixo, para as duas pequenas figuras que acenavam para mim com vigor. Acenei de volta e inclinei-me, sentindo a alegria familiar de voar, a liberdade, a velocidade. Subi em direção ao horizonte, seguindo para o noroeste, no caminho para encontrar Nudge e Fang, que eu esperava que, por milagre, ainda estivessem onde eu lhes dissera para ficar.

Obrigada, Ella, pensei, recusando-me a ficar triste. *Obrigada a vocês duas, por tudo.*

Angel, estou a caminho, finalmente.



Parte 3

**ESCOLA. O QUE PODERIA SER
MAIS ASSUSTADOR QUE ISSO?**



Após cerca de meia hora, senti que havia tirado a maioria dos nós dos meus músculos com o esforço. Eu sabia que, no dia seguinte, ficaria terrivelmente dolorida, mas eu me sentia bem, e, naquele momento, isso era tudo o que importava. Voei rápido e com força, aproveitando correntes de ar sempre que podia.

Dessa vez, não olhei para baixo. Uma hora mais tarde, estava me aproximando do ponto de encontro, rezando para Nudge e Fang terem esperado por mim. Dois dias haviam-se passado, e eu não os culparia se tivessem desistido de mim, mas não queria pensar na possibilidade de terem decidido resgatar Angel sozinhos.

Quando cheguei perto do local de encontro, comecei a voar em grandes círculos, perdendo altitude devagar enquanto examinava o solo, os despenhadeiros, as sombras. Nada. Voei por toda a extensão de um cânion procurando sinais, mas fui decepcionada de novo. O pânico fez minha garganta apertar. Eu tinha sido tão *idiota*.

Ah, meu Deus, e se eles nunca tivessem chegado até lá? E se...

Uma sombra me cobriu, e eu dei uma olhada para cima, pensando: *helicóptero!* Mas não era... Era apenas um bando disperso de gaviões acima de mim, rodando pelo ar.

Franzi as sobrancelhas e inclinei-me para cima. Vários dos gaviões eram estranhamente grandes e com formas esquisitas. Mas estavam voando bem ao lado dos outros e pareciam parte do bando. Apertei os olhos e prestei atenção, sempre ganhando altitude. Meu coração se encheu... Havia quatro gaviões grandes demais, com certeza. Entretanto, gaviões geralmente não eram tão esquisitos quanto aqueles quatro. E gaviões normalmente não usavam tênis.

Eles tinham esperado por mim, tinham mesmo, e estavam seguros. Alívio e alegria jorraram pelo meu corpo e pela minha alma. Agora iríamos encontrar Angel, e o bando estaria completo de novo.

E, sim, falei mesmo *alma*.



Eles me viram, e sorrisos grandes e bobos iluminaram o rosto de Gasman e Nudge.

Iggy, é claro, não me viu, e Fang não era muito de sorrir. Ele cruzou o olhar com o meu e fez um movimento com a cabeça, na direção de um despenhadeiro. Fazia apenas dois dias que eu não o via, mas ele parecia estar voando com graça e poder novos. Suas asas de quatro metros e trinta centímetros brilhando escuras no sol. À medida que nos aproximamos, Nudge deu um gritinho de felicidade, raspando sua asa na minha.

— Max! Max! Não acredito! *Posso acreditar?*

Fang pousou primeiro, quase desaparecendo no nada. Foi só quando eu estava a cerca de seis metros do despenhadeiro que vi que ele entrara em uma saliência rasa, recortada na parede. Era um lugar excelente para esperar.

Um após o outro, entramos voando e pousamos, apressando-nos até o fundo da caverna para que os outros pudessem chegar depois de nós. Estávamos juntos. Nós cinco estávamos seguros, pelo menos.

— Max! — Nudge gritou, correndo para me abraçar. Seus braços finos me agarraram apertado, e eu a abracei também, esfregando as asas dela no ponto em que se encontravam com as costas, como ela gostava. — A gente estava tão preocupado... Eu não sabia o que tinha acontecido com você, e a gente não sabia o que fazer, e Fang disse que iríamos comer ratos, e...

— Certo, certo. Está tudo bem — eu disse.

Cruzei meu olhar com o de Fang e formei a palavra *ratos* com os lábios. O vislumbre de um sorriso passou pelos lábios dele e depois sumiu. Olhei para os olhos grandes e castanhos de Nudge.

— Só estou muito feliz de te ver a salvo — eu disse a ela. — Virei-me para Gasman e Iggy. — O que *vocês dois* estão fazendo aqui? Por que não ficaram em casa?

— Não pudemos — Gasman começou, sério. — Tinha Apagadores por toda a montanha. Estavam nos caçando. Seríamos ração de cachorro a esta hora.

— Quando eles começaram a caçar vocês? — perguntei, abismada. — Logo depois de partirmos?

— Não — Gasman disse devagar.

Ele lançou um olhar para Iggy, que estava em pé, impassível, tirando poeira que não conseguia ver da calça escura.

— O que foi? — perguntei, a suspeita começando a crescer em mim. — Quando eles começaram a procurar por vocês?

— Foi... foi depois de o Hummer escorregar no óleo e bater? — Gasman perguntou a Iggy, hesitante.

Meus olhos se arregalaram. *O Hummer escorregou no óleo e bateu?*

Iggy coçou o queixo, pensando.

— Ou talvez tenha sido mais... depois da bomba — Gasman disse em voz baixa, olhando para o chão.

— Acho que foi a bomba — Iggy concordou. — Aquilo com certeza pareceu irritar os Apagadores.

— Bomba? — perguntei, incrédula. — *Bomba?* Vocês detonaram uma *bomba*? Isso não mostrou aos Apagadores exatamente onde vocês estavam? Deviam ter ficado escondidos!

— Eles já sabiam onde a gente estava — Gasman explicou. — Tinham visto todos nós... Sabiam que estávamos na área.

— Era apenas questão de tempo — Iggy concordou.

Eu não sabia o que dizer. Pra ser sincera, não tinha pensado, na verdade, na possibilidade de os Apagadores encontrar nossa casa. Abri a boca e fechei-a de novo, perdida. Talvez dali a vinte anos eu aprendesse a lidar com meninos. E talvez não.

— Bem, estou feliz por vocês estarem a salvo — falei sem muito entusiasmo e ouvi Fang tentando conter o riso. Eu o ignorei. — Vocês fizeram bem em vir para cá. Foram espertos. Excelente.

Abracei Gasman e depois Iggy, que era quase treze centímetros mais alto que eu, percebi. Abracei Nudge de novo, e ela se agarrou a mim enquanto eu fazia carinho em seu cabelo.

— Está tudo bem, querida — falei baixinho.

Por fim, ela me soltou e eu estendi os braços para abraçar Fang. Fang não é a pessoa que mais gosta de abraços no mundo; ele se transforma em estátua, e você tem que fazer o melhor que puder. E foi o que fiz. Em seguida, estendi a mão esquerda fechada, e os outros quatro instantaneamente empilharam o punho esquerdo sobre ela. Cada um de nós bateu nas mãos dos outros duas vezes e depois jogamos os braços para cima.

— Pela Angel! — gritei, e a voz deles ecoou a minha.

— Pela Angel! Pela Angel!

Depois, um a um, caímos pela lateral do despenhadeiro, abrimos as asas e seguimos para a odiada e temida Escola.



— **C**erto — eu disse quando já estávamos no alto, voando em ritmo constante. — Que tal alguns relatórios rápidos?

— Tentei encontrar minha mãe — Nudge falou sem aviso.

— O quêêê? — Meus olhos ficaram o mais arregalados que podiam. — Sua *mãe*?

Nudge encolheu os ombros.

— Fiz Fang descer até Tipisco enquanto estávamos esperando por você. Encontramos o endereço certo. Vi uma mulher, e ela era mais ou menos da minha cor, mas eu não tinha certeza. Então os Apagadores, incluindo o babaca do Ari, apareceram, por isso demos porrada e fomos embora.

Levei um minuto para digerir aquilo.

— Então você não falou com ela? Hum, sua mãe?

— Não.

Nudge examinou as unhas com cuidado, mantendo as asas em movimento estável.

— Ela parecia legal?

Eu estava consumida pela curiosidade. Pais eram algo pelo qual todos nós éramos obcecados, sobre o que conversávamos constantemente, pelo que chorávamos... Se é pra falar a verdade.

— Conto pra você depois — Nudge disse de forma brusca, e aí eu soube que tinha sido ruim.

Apertei os olhos para Gazzy e Iggy.

— Sabemos o que vocês andaram fazendo — falei.

Gazzy me lançou seu sorriso doce e constrangido. Aquele menino.

Hora das minhas notícias.

— Acho que tenho um chip rastreador implantado em mim — eu disse diretamente, sentindo o rosto enrubescer. Inclinei as asas e deslizei. — Não tenho certeza, mas ele apareceu em uma radiografia, e era o que parecia.

Queixos caíram. Todos me encararam horrorizados.

— Você fez uma radiografia? — Fang parecia incrédulo.

Assenti.

— Detalhes mais tarde. Se eu tiver esse chip, ele explica todos os Apagadores por toda parte... Mas não por que levaram quatro anos para nos caçar. Não sei se algum de vocês tem também — acrescentei, vendo a pergunta no rosto de Iggy.

Todos ficaram quietos, voando com seus pensamentos e medos. Depois...

— Max? Você acha que ainda tem alguma chance?

Gasman estava se esforçando para ser forte, outro motivo para eu gostar daquele menino.

— Não sei. Espero que sim — falei com sinceridade. A sinceridade sempre é boa, menos quando é melhor mentir. Como para protegê-los. — Sei que nos atrasamos em dois dias. Sinto muitíssimo. Apenas fiz o que achava que tinha que fazer. Mas viemos até aqui... Não tem como voltar. Vamos atrás da Angel, não importa o que aconteça.

Houve alguns momentos de silêncio, como se todos estivéssemos reunindo nossa coragem de novo. Sei que eu estava tentando parecer forte feito uma rocha à medida que voltávamos para o nosso pior pesadelo.

O pior pesadelo *de qualquer um*, acredite.



Acho que não mencionei isso, mas todos nós do bando temos um senso de direção inato. Não sei como funciona. Sempre sabemos para onde estamos indo. Assim, voamos depressa na direção oeste-noroeste por umas boas duas horas. Muitos dos gaviões com os quais Nudge e Fang haviam dividido o despenhadeiro ficaram conosco, voando em uma formação aberta. Nossos novos melhores amigos.

— Aprendemos algumas coisas com os gaviões — Fang disse, vendo-me observá-los. — Alguns movimentos de inclinação, de que maneira eles se comunicam, coisas assim.

— Eles são muito legais — Nudge acrescentou, voando perto de mim. — Eles, tipo, usam as pontas das asas para ajudar a direcioná-los, e nós tentamos, e foi incrível. Uma coisa pequena assim que faz tanta diferença! Tipo, eu praticamente nem sabia que conseguia mexer aquelas penas.

— Pode nos ensinar o que aprendeu? — perguntei.

— Sim, é claro — respondeu Fang.

Comemos nossas últimas barras de granola no ar. Voamos sobre desertos, montanhas, rios, planícies com vegetação rasteira. Eu só

olhava para baixo quando precisava e me forçava a não pensar em Ella nem na sua mãe, de quem eu sentia saudade como de uma mãe de verdade.

Observei os gaviões, imitando seus movimentos, inclinando-me, perseguindo, subindo, mergulhando — fiz tudo o que estavam fazendo, menos comer roedores mortos. Era emocionante estar incluída entre aquelas aves ferozes e maravilhosas. Quando eles se separaram de nós no limite de seu território, fiquei triste de vê-los partir.

Bem quando eu estava começando a me sentir trêmula com a falta de açúcar, nossos pontos de referência ficaram visíveis. Sinalizando para os outros, segui para baixo, mirando um pequeno bosque na parte de trás da base de um morro. Era uma área bem pouco habitada, e eu não via muita atividade, exceto por uma fileira de lojas a cerca de um quilômetro e meio.

Pousamos e olhamos ao redor. Esfreguei meu ombro dolorido.

— Certo, precisamos de comida. E um mapa das ruas não seria nada mal.

— A Escola não vai aparecer em nenhum mapa — Fang disse.

— Eu sei. Mas nós praticamente sabemos onde é... Vai ter um espaço branco no mapa, mesmo assim seria útil achar as ruas para chegar lá — falei.

Quinze minutos de caminhada nos levaram em direção à fileira de lojas. Era um lugar de bom tamanho, com uma loja de produtos do tipo “um e noventa e nove”, um posto de gasolina, um caixa eletrônico solitário, uma lavanderia e um salão de beleza. Sem comida, exceto pela loja do posto.

— Precisa arrumar o cabelo? — Fang perguntou, e bati nele com o cotovelo.

Como se eu já tivesse arrumado o cabelo na vida. Na maior parte do tempo, eu o cortava de qualquer jeito, com a tesoura da cozinha, quando ele ficava muito irritante.

— Bem, e agora? — Gasman perguntou. — Devemos continuar em frente?

— Deixe-me pensar — murmurei, olhando as lojas de cima a baixo. Pedir carona estava fora de questão; acabaríamos mortos em uma vala ou algo do tipo. Eram pelo menos dezesseis quilômetros até a Escola. Podíamos voar essa distância, mas eu não queria me aproximar de lá pelo ar. Assim, teríamos que caminhar, mas levaria um tempo, e já estávamos com fome. — Certo — eu disse, enfim. — Parece que vamos ter que...

Fui interrompida pelo som agudo de um carro parando. Sem falar, recuamos em direção a um grupo de arbustos próximo ao prédio das lojas. Um carro cinza chique, com ornamento prateado no capô, urrou ao lado do pequeno caixa eletrônico.

A janela se abriu, e música alta jorrou para fora. Um homem com cara de malandro inclinou-se para o caixa, o celular na orelha.

— Cale a boca, idiota! — ele estava dizendo. — Se você não tivesse perdido seu cartão, a gente não precisaria de dinheiro! — O homem colocou o braço para fora e empurrou o cartão na máquina. Depressa, digitou a senha e esperou. — É isso que eu recebo por confiar em você com qualquer coisa! — ele berrou ao telefone. — Você não consegue nem vestir a própria roupa de manhã!

— Imbecil — Nudge sussurrou perto de mim.

Fiz que sim com a cabeça.

Como mágica, a máquina cuspiu algumas notas por uma abertura, e o homem as agarrou e começou a contá-las. No instante seguinte, uma grande picape preta entrou guinchando no estacionamento, muito perto do outro carro. Os pneus traseiros

giraram e cuspiram pedras, e podíamos ouvir estalinhos à medida que elas atingiam o carrão chique.

Nós nos afastamos mais, para o bosque. Meu braço ficou todo arrepiado, e minha respiração ficou presa na garganta. Apagadores? O chip que eu tinha. Eu deveria correr fazendo os Apagadores me seguirem e deixarem o bando em paz?

— Ele vai ficar doido — Fang logo previu.

Com as veias praticamente saltando do pescoço, o imbecil inclinou-se para fora da janela e gritou vários palavrões, incluindo um novo, que guardei na cabeça para usar no futuro, se necessário.

O vidro escurecido da picape baixou, e eu inspirei sem fazer barulho.

— O que você disse, cretino? — Ari perguntou com um sorriso assustador.



Engoli com dificuldade, os músculos ficando tensos. Coloquei a mão no ombro de Gazzy.

— Shhh. Shhh.

Os olhos do imbecil do carro cinza ficaram arregalados, e, no segundo seguinte, ele tinha enterrado o pé no acelerador. O carro deu um pulo para a frente.

Ari riu como um maníaco, e a picape preta também saiu cantando pneu, espalhando cascalho. Cinco batidas do coração depois, mal podíamos ouvir o ronco dos dois motores correndo pela estrada.

— Ele passeia bastante — disse Fang com a voz baixa.

— O cabelo do Ari estava *verde*? — perguntei confusa.

— É — Nudge falou, incomumente breve.

Nós cinco nos entreolhamos — bem, Iggy nem tanto — e depois, para o caixa eletrônico. Ele estava apitando baixinho. Olhamos ao redor. Havia pessoas nas lojas, mas a máquina ficava virada para o outro lado. Sem dizer nada, nós nos abaixamos e deslizamos pelo estacionamento. Nenhum de nós havia usado uma máquina

daquelas antes. Por algum motivo estranho, os cientistas malucos da Escola tinham deixado de abrir contas no banco e poupanças para nós.

Felizmente, a máquina foi desenvolvida para ser usada por idiotas.

DESEJA REALIZAR OUTRA TRANSAÇÃO? Ela perguntou em letras laranja.

— Pegue dinheiro — Fang aconselhou sem necessidade.

— Jura? — eu disse, zombando.

— Depressa! — Gasman falou.

DIGITE O VALOR QUE DESEJA RETIRAR.

Hesitei.

— Sessenta dólares?

Isso compraria muita comida, certo?

— Ele era um completo imbecil — disse Fang. — Pegue tudo o que ele tem.

Eu ri.

— Você é *mau*. Gosto disso.

Consegui passar para os extratos da conta, e todos nós começamos a assobiar.

— Isso mesmo, isso mesmo — Nudge cantou, fazendo uma dancinha. — Estamos ri-ricos, vamos comprar um ca-carro, isso, isso.

Você pode não saber, mas os caixas eletrônicos têm um limite de grana que estão dispostos a dar a você de uma vez. Assim, os planos de comprar nosso próprio país ruíram. No entanto, ele estava disposto a me dar duzentos dólares. Depois de digitarmos a senha de novo, por motivo de segurança.

— Ah, não — resmunguei. — Alguém viu?

— Eu *ouvi* — Iggy respondeu devagar.

— Acho que, se colocarmos a senha errada mais de uma vez, a coisa toda desliga e engole o cartão — falou Fang.

— Você consegue? — perguntei a Iggy.

— Hum, vou tentar...

Iggy colocou a mão hesitante sobre o teclado. Seus dedos sensíveis se orientaram pelas teclas.

— Tudo bem, Ig — disse Fang. — Só faça o melhor que puder.

Às vezes, Fang dava um apoio incrível, exceto para mim.

Iggy apertou cinco números, e nós prendemos a respiração.

SENHA INCORRETA. TENTE NOVAMENTE.

— Tente de novo — eu disse, tensa. — Você tem os melhores ouvidos do planeta.

Mais uma vez, a mão pálida de Iggy pairou sobre o teclado. Ele se concentrou e apertou cinco números.

Nada. Meu coração afundou até o estômago. Em seguida, a máquina começou a chiar, e logo uma pilha de notas de vinte foi disparada para fora.

— Isso! — disse Fang, dando um soco no ar. — As aberrações são as melhores!

— Pegue e vamos! — eu disse enquanto Nudge começava a puxar as notas e guardá-las nos bolsos.

Estávamos nos virando para correr quando a máquina apitou de novo.

OBRIGADO PELA PREFERÊNCIA. RETIRE SEU CARTÃO.

— Certo, obrigada você — falei, pegando o cartão.

Depois, corremos de volta para o bosque. Bem, corremos e voamos.



Por alguma razão, não me senti muito mal por pegar o dinheiro daquele cara. Talvez porque ele parecia tão imbecil. Éramos como o carma dele voltando para se vingar.

Não sei. Mas sei que eu jamais teria roubado nem mesmo um vidro de pasta de amendoim de Ella e da mãe. *Nunca. Nada.*

— Que pena que não pudemos pegar mais — Fang falou, contando o dinheiro.

— Vamos voltar para o posto de gasolina e comprar um monte de comida — Nudge incitou.

Fiz que não com a cabeça.

— As pessoas desse lugar podem ter visto a gente. Temos que sair daqui.

Enquanto estávamos escondidos no bosque, uma van vermelha tinha estacionado atrás de uma das lojas. Um homem jovem descarregara algumas coisas dela e depois entrara no estabelecimento. Antes de a porta bater e fechar, nós o vimos bater um cartão. Assim, ele trabalharia por pelo menos algumas horas,

até o primeiro intervalo. E lá estava a van dele, simplesmente parada ali.

Fang e eu nos olhamos.

— Dinheiro de um babaca é uma coisa — falei. — Um carro de um cara comum é outra.

— Apenas pegaríamos emprestado por algumas horas — Fang disse. — Poderíamos deixar um pouco do dinheiro pra ele como aluguel.

— Vamos roubar aquele carro? — Gasman perguntou. — Vamos nessa!

Franzi as sobancelhas.

— Não. Estamos meio que *pensando em pegar emprestado*.

Por um lado, eu realmente não queria virar uma adolescente criminosa. Por outro, cada minuto que passava era um minuto mais perto da hora de Angel se tornar a principal lição de dissecação de um monte de geneticistas fanáticos.

— É como o GTA — Gasman disse para ajudar. — Vi na TV. É famoso entre as crianças.

— Melhor “pegar emprestado” logo — aconselhou Iggy. — Estou ouvindo um helicóptero.

Tomei uma grande decisão. E, sim, eu sei... *Meu* carma virá se vingar de *mim* também.

Nos filmes, as pessoas sempre “pegam emprestado” os carros puxando alguns fios embaixo do painel e ligando-os. Mas o jeito real de funcionar envolve uma chave de fenda e a coisa da partida, debaixo do capô. A ética me impede de fornecer mais informações. Só me faltava essa: uma onda de roubos de carros cometida por leitores dedicados.

Acho que não.

De qualquer maneira, fiz a coisa do motor enquanto Iggy se sentava no banco do motorista, apertando o acelerador. O motor rosnou ganhando vida, bati o capô e pulamos para dentro da van. Meu coração batia umas duzentas vezes por minuto. Então simplesmente fiquei olhando os controles.

— Ai, meu Deus! — disse Fang. — Nenhum de nós nunca dirigiu.

Não era meu estilo deixar de pensar naquele detalhe importante.

— Já vi pessoas dirigirem na TV — eu disse, tentando soar confiante. — Quão difícil pode ser? — Eu sabia da coisa de neutro, estacionar, dirigir, então coloquei o câmbio em *D*. — Certo, pessoal — falei. — Vamos ver no que dá.



Você pode não saber, mas os carros têm um freio de mão à parte, não apenas o pedal. Esse freio costuma não estar imediatamente visível.

Tentar dirigir um carro antes de encontrar e soltar o freio de mão é como tentar arrastar um são-bernardo para a banheira. Mas chega disso.

— Certo, certo, estamos indo bem — falei vinte minutos mais tarde, após finalmente achar e soltar o freio de mão. Senti como se estivesse guiando um elefante fugitivo enorme e desengonçado. Estava suando e prestes a sair do próprio corpo de tanta ansiedade, mas tentei parecer confiante e calma. — Digo, não é tão bom quanto voar, mas dá de dez a zero em andar! — Sorri corajosa para Fang, e o vi me lançar um olhar firme. — O que foi?

— Você pode ir com mais cuidado nas curvas fechadas? — ele disse.

— Estou melhorando — falei. — Só preciso praticar.

— Eu não sabia que uma van podia ficar sobre duas rodas daquele jeito — Nudge disse. — Por *tanto* tempo.

— Não quero vomitar em um carro emprestado — Gasman falou.

Apertei os lábios e me concentrei na estrada. Ingratos!

— Temos que virar para leste daqui a aproximadamente quinhentos metros — murmurei, olhando para fora da janela da van.
— Oitocentos metros depois, estacionei e descansei a cabeça no volante. — Onde diabos está a *estrada*?! — berrei, frustrada. — Não tem nenhuma *estrada* maldita ali!

— Você está seguindo nosso senso de direção — Fang observou.

— E não pode haver estradas em todo lugar que você *achar* que deve ter uma estrada — Iggy acrescentou, sensato.

Eu queria bater nos dois.

Suspirando, voltei para a estrada sem retornos e manobrei em direção à pista oposta.

— Só preciso pegar uma rota menos eficiente — falei.

Eu odiava a sensação do tempo passando, de não saber se Angel ainda estava viva. E, pior, odiava saber que estava chegando cada vez mais perto da Escola, onde tudo de ruim que já acontecera conosco ocorrera. Parecia que eu estava indo rumo à morte certa, e era difícil fazer isso.

— Argh!

Após mais uma virada inesperada que nos levou para longe de onde deveríamos ir, parei de novo e soquei o volante várias vezes. Todos os meus músculos estavam tensos de dirigir e de me preocupar. Eu estava com uma dor de cabeça horrível. Nos últimos tempos, estava tendo muitas dores de cabeça. Nossa, por que será?

— Tudo bem, Max — Gasman disse, ansioso.

— Ela está batendo no volante? — Iggy perguntou.

— Olhe — disse Fang, apontando uma placa. — Tem uma cidade à frente. Vamos até lá comer alguma coisa e encontrar um mapa de verdade. Porque ficar vagando não está dando certo.

Bennett era uma cidade pequena e quase fofa. Sentei-me bem ereta e alta no banco do motorista e franzi as sobrancelhas, tentando parecer mais velha. Havia vários lugares para comer. Entrei devagar em um estacionamento e depois, com muito cuidado, levei a van para os fundos, longe de todo mundo. Desliguei o motor, e Nudge e Gazzy apressaram-se para a porta.

— Estamos vivos! — gritou Gasman.

— *Esperem!* — eu disse a eles. — Olhem, estamos muito perto da Escola. Pode *parecer* o meio do nada, mas na verdade os Apagadores podem estar em qualquer lugar e ser *qualquer um*. Vocês sabem disso. Então, tenham cuidado.

— Precisamos comer — Nudge falou, tentando não choramingar.

Era difícil para ela, que parecia queimar mais calorias que todos, exceto, talvez, por Gasman.

— Eu sei, Nudge — falei com delicadeza. — Vamos comer. Só estou dizendo para terem muito cuidado. Fiquem alertas, estejam prontos para correr, combinado? *Todo mundo que vemos pode ser um Apagador.*

Eles assentiram. Baixei o para-sol para poder me ver no espelho, e alguma coisa pequena e pesada caiu no meu colo.

Congelei, a respiração presa na garganta. *O quê...?*

Devagar e com cuidado, olhei para baixo. Não era uma granada. Era um chaveiro. Uma das chaves era daquela van. Olhei para ela sem reação.

— Bem, isso vai simplificar as coisas — Fang falou.



— **Q**uero que meu quarto tenha exatamente esse cheiro.

Iggy respirou fundo conforme o aroma de hambúrgueres feitos na chapa e batatas fritas quentes exalava à nossa volta.

— Seria uma melhoria — concordei, lendo o quadro com o cardápio.

Meu estômago parecia que estava tentando digerir a si mesmo. Eu estava trêmula de tensão e adrenalina e sentia que ia desmoronar.

O fast-food estava lotado e irritantemente barulhento. Todos nós nos sentíamos nervosos quando estávamos perto de pessoas comuns. Entramos na fila tentando não chamar a atenção. Até onde eu sabia, ninguém ali era um Apagador. No entanto, é claro que os Apagadores pareciam bem normais... até começarem a se transformar e tentar arrancar sua cabeça com uma mordida.

— Eu não como mais carne — Nudge anunciou. Vendo meu olhar de incompreensão, continuou: — Não depois de ver os gaviões comerem coelhos, cobras e outras aves. É simplesmente nojento.

Fang deu um passo à frente e pediu três cheesebúrgueres duplos, um milk-shake de chocolate, um refrigerante com cafeína e açúcar, três batatas fritas, três tortas de maçã.

— Vai alimentar uma multidão? — a mulher atrás do balcão perguntou.

— Sim, senhora — Fang respondeu com doçura.

É, ele e todas as suas múltiplas personalidades, pensei. Virei-me de volta para Nudge.

— Certo — falei procurando no *fundo* do meu ser minha paciência de líder. — Mas você ainda precisa de muita proteína.

Iggy pediu o mesmo que Fang, e eu paguei para ele. Fang esperou-o pegar os lanches e o guiou discretamente até a mesa mais reservada.

— Hum, vejamos — falei, dando um passo à frente. — Você pode me dar dois sanduíches de frango frito, dois cheesebúrgueres duplos, quatro batatas, seis tortas de maçã, dois milk-shakes de baunilha, um de morango e três cheesebúrgueres triplos sem carne?

— Você quer dizer apenas queijo no pão? Sem carne?

— Sim. Seria ótimo.

Olhei para Nudge, que assentiu com a cabeça.

Eu estava prestes a desmaiar de fome, e sentir o cheiro de toda aquela comida estava me matando. Parado ao meu lado, Gasman mudava de um pé para o outro, parecendo ansioso. Pareceu demorar uma eternidade até recebermos nossas três bandejas carregadas, pagarmos a conta e nos juntarmos a Fang e Iggy nos fundos do restaurante.

Outra olhada pelo lugar revelou famílias felizes, crianças soprando embalagens de canudos, mulheres conversando, adolescentes dando um tempo. Sentei-me com cuidado, e Nudge deslizou para o meu lado. Gasman apertou-se ao lado dela.

Sou durona? Sou forte? Sou resistente? Com certeza!

Gemi de um prazer patético quando afundei os dentes no meu sanduíche quente de frango frito? Pode apostar.

Nudge estava despedaçando seus pães com queijo, Fang comia o segundo hambúrguer, Iggy mal conseguia respirar com a boca cheia de comida e Gasman devorava mãos repletas de batatas. Provavelmente, parecíamos órfãos famintos. Ei! Nós éramos órfãos famintos. Durante vários minutos, tudo o que se podia ouvir era o barulho desagradável da mastigação. Tive uma lembrança repentina das refeições divertidas e civilizadas com Ella e a doutora Martinez, nas quais usávamos guardanapos, tínhamos boas maneiras e conversávamos sobre coisas normais.

Ótimo. Agora eu estava engasgando e tendo dificuldade para engolir.

Não tenho certeza de quando aconteceu, mas, aos poucos, tomei consciência de que meus músculos do pescoço estavam ficando tensos. Olhei para Fang, que estava me olhando de esguelha enquanto comia suas batatas fritas. *Eu conhecia aquele olhar.*

Agindo *três* casual, olhei ao redor de novo. As poucas famílias que estavam sentadas por perto tinham ido embora. Naquele momento, parecia que vários *top models* masculinos tinham sentido fome de repente. Eles estavam nos cercando, *mesas cheias deles.*

Todos rapazes bonitos de cabelos grossos, com olhos grandes e belos e voz de anjo.

Ah, cara. Meu estômago despencou como um carrinho de mão cheio de chumbo.



Balancei a cabeça quase imperceptivelmente para Fang e olhei de novo para a saída de emergência atrás dele. Ele piscou para mostrar que havia entendido. Depois, bateu na mão de Iggy.

— Nudge — falei baixinho. — Gazzy. Não levantem o olhar. Em três segundos, pulem por cima de Fang e saiam por aquela porta.

Sem dar sinal de que tinham me escutado, Nudge e Gazzy continuaram mastigando. Nudge deu um gole casual no seu milkshake. Em seguida, em uma explosão, pulou, saltou da mesa e praticamente arrebentou a porta de emergência. Gasman estava quase colado às costas dela.

Eu sentia tanto orgulho deles!

O alarme de incêndio começou a soar, mas eu estava logo atrás deles... E Fang e Iggy me seguiam de perto. Conseguimos chegar até a van antes de os Apagadores saírem pela porta.

Do lado de dentro do carro, enfiei a chave na ignição e liguei o motor. Os Apagadores estavam se apinhando no estacionamento, já começando a se transformar em lobos.

Pisei fundo no acelerador e dei a ré depressa, gritando, quando ouvi o barulho de um Apagador sendo atingido. Depois, empurrei o câmbio para a posição *D* e passamos com um estrondo sobre o meio-fio, bem entre os arbustos que contornavam o estacionamento. Os pneus cantaram à medida que eu entrava descontrolada no trânsito, provocando um furor de buzinas de outros carros.

Cortei à direita por um posto de gasolina na esquina, quase batendo em vários carros. Do outro lado, voltei para o trânsito com um ronco do motor.

— *Max!* — Nudge gritou, mas eu também havia visto o guincho e desviei do caminho dele no último segundo.

Atrás de mim, ouvi o metal triturado quando o guincho raspou em um carro. Depois, fiquei costurando pelo fluxo, desejando saber dirigir melhor, desejando ter roubado outra coisa que não uma van.

— É tão grande! — gritei de frustração enquanto balançávamos de novo sobre duas rodas, só por virar uma esquina.

Certo, virei rápido. Mas ainda assim...

— É uma *van* — Fang disse, como se me culpasse por não ter roubado um carro de corrida.

Saímos correndo da cidade; eu precisava me distanciar daquele movimento. Minha adrenalina estava pulsando, meus braços pareciam cabos presos ao volante. *Tínhamos que abandonar aquela van.*

— Vou parar! — gritei sobre o barulho do motor. — Pulem e voem o mais rápido que puderem!

— Certo! — o bando gritou de volta.

Uma olhada no retrovisor mostrou três carros pretos nos seguindo, quase nos alcançando. Estavam andando muito mais

rápido que nós. Eu precisava ganhar tempo.

Rangendo os dentes, saí da estrada de repente, direto para um milharal. Arrancamos talos secos, encolhendo-nos conforme batiam no para-brisa. Tentei ziguezaguear o melhor que pude, então um pouco de luz à frente me deu a esperança de haver uma estrada.

Não vi nada pelo retrovisor, e o som dos talos de milho esmagados era muito alto para que eu ouvisse outros motores. Eu os despistara? E, sim, havia uma estrada. Excelente!

A van tombou com força na estrada, com solavancos de sacudir os ossos. Assim que os pneus da frente atingiram o asfalto, disparei o motor de novo... Bem quando um sedã apareceu diante de nós.

Bati de frente com ele a quase cem quilômetros por hora.



Lembrete para mim mesma: desativar o módulo de controle dos air bags do próximo carro que roubar.

O problema dos air bags é que, quando você atinge alguma coisa a oitenta ou cem quilômetros por hora, eles inflam com força o bastante para jogá-lo de volta contra o banco, como uma boneca de pano, possivelmente quebrando a sua cara. Que foi o que aquele fez comigo, concluí, tentando estancar o esguicho de sangue do nariz.

— Relatório — falei com a voz fraca.

— Tudo bem aqui — Fang disse ao meu lado.

O pescoço dele estava arranhado até a carne pelo cinto de segurança, que quase o decapitou.

— Tudo bem aqui — Nudge falou do banco de trás, com a voz jovem e assustada.

Virei-me para vê-la. Ela estava pálida, exceto pelo ponto onde a testa estava machucada por ter atingido o banco de Fang. Seus olhos se arregalaram em choque quando viram meu rosto ensanguentado.

— Foi só o nariz — eu a tranquilizei depressa. — Machucados no rosto costumam sangrar muito. Olhe, já está parando.

Mentira.

— Eu me sinto como, como um pudim — Iggy resmungou. — Um pudim com terminações nervosas. Um pudim com muita dor.

— Eu me sinto enjoado — Gasman disse, o rosto branco, os lábios pálidos e sem sangue.

Crash!

Ao nosso redor, janelas quebradas, então pulamos e jogamos os braços sobre o rosto. Vi uma arma martelando o vidro, e mãos peludas com garras afiadas abriram as portas.

Não houve tempo nem de acertar um bom chute; Fang e eu fomos arrastados para fora da van e jogados no chão.

— Fugam! — berrei, e minha respiração chiou quando recebi outro golpe daqueles no nariz.

Olhei para cima a tempo de ver as portas traseiras serem abertas, e Iggy e Gasman dispararem no ar. Uma onda de pura alegria me fez sorrir e, em seguida, engasgar à medida que o sangue fresco corria para dentro da minha boca.

Eu o cuspi enquanto os Apagadores urravam de fúria e começavam a atirar nos meninos. Mas Iggy e Gazzy continuaram a subir no ar.

Isso, isso, isso!

Nudge, chutando e gritando, foi puxada dos fundos da van e jogada perto de mim. Havia lágrimas nos olhos dela, e eu estendi o braço para abraçá-la.

Um Apagador me chutou forte com sua bota italiana costurada a mão. *Ai!*

— Peguei. Tá com você — Ari disparou, e os outros Apagadores riram, quase dançando com animação e alegria monstruosas. — É quase como se vocês não *quisessem* voltar para a Escola — ele continuou, mostrando os dentes amarelos e afiados como navalhas, pingando baba de Apagador sobre mim.

Havia cinco Apagadores e três de nós. Sou estranha e incrivelmente forte para o meu tamanho, mas Ari era cerca de setenta e dois quilos mais pesado que eu e mantinha a bota pressionada com força contra a minha testa. Eu queria uma chance com ele; apenas uma chance letal de espirrar-lhe o cérebro.

Cruzei os olhos com os de Fang, que estavam escuros e sem expressão, e depois com os de Nudge. Tentei abrir um sorriso tranquilizador para ela, mas, como meu rosto era um grande festival de sangue coagulado, não teve o efeito animador que eu esperava. Em seguida, todos nós ouvimos o horrível *vup, vup* de um helicóptero vindo em nossa direção, e os Apagadores começaram a gritar e balançar os braços.

— Que cena tocante — Ari gritou para mim. — Vamos todos para casa. Como nos velhos tempos.



Angel estava viva. Desde que ela estivesse, eu poderia lidar com quase todo o resto.

Eu sabia que ela estava viva porque podia ver sua lamentável gaiola ao lado da minha. Se empurrássemos os dedos entre as barras o máximo possível, ficaríamos a dois centímetros e meio de distância de realmente nos tocarmos.

— Pelo menos te deram um engradado *grande* — ela disse, com a voz baixa e rouca. — O meu é *médio*.

Minha garganta apertou. Ela ainda estar tentando ser corajosa acabou comigo. Senti vergonha por ter demorado tanto para chegar ali, vergonha por deixar os Apagadores nos pegarem, vergonha por ser um fracasso, mesmo como aberração.

— Não é culpa sua — ela disse, lendo meus pensamentos.

Ela estava simplesmente terrível. Seus olhos estavam vazios e manchados com grandes sombras roxas. Um lado inteiro do rosto era um hematoma que ficava amarelo e verde nas bordas. Angel parecia magra e seca, os ossos tão delicados quanto talos. Suas penas estavam moles e sujas.

Do outro lado do corredor, em frente a nós, Nudge e Fang estavam nas próprias gaiolas. Nudge parecia muito trêmula, tentando manter o medo sob controle, mas perdendo a luta. Fang estava sentado com as mãos firmes em volta dos joelhos, sem se mexer. Ele havia sorrido para Angel quando a viu pela primeira vez, mas, no geral, parecia frio, alheio, distante. Estava se refugiando dentro de si mesmo, o único lugar que restava para se refugiar.

— Sinto muito, Max — Angel sussurrou, os olhos perturbados. — É tudo culpa minha.

— Não seja boba — eu disse a ela, com voz de Hortelino Troca-Letras por causa do meu nariz entupido e quebrado. — Poderia ter acontecido com qualquer um de nós. E é culpa *minha* o Fang, a Nudge e eu termos sido pegos.

Por todos os lados, o cheiro de metal frio e antissépticos estava despertando memórias terríveis que eu enterrara fundo muito tempo atrás. Flashes de luz, dor e medo ficavam aparecendo na minha mente, fazendo com que eu me sentisse louca. Meu nariz finalmente parara de sangrar, mas doía. Minha dor de cabeça tinha voltado — com tudo —, e eu estava vendo flashes das imagens mais estranhas. Do que se tratava tudo *aquilo*?

— Max, preciso te contar uma coisa.

Angel começou a chorar.

— Shhh — eu disse para acalmá-la. — Posso esperar. Só descanse. Tente se sentir melhor.

— Não, Max, é muito importante...

Uma porta foi aberta, e passos barulhentos soaram nos pisos de linóleo. Os olhos de Angel demonstravam pânico em seu rostinho machucado. A fúria se acendeu em mim por *qualquer coisa*, *qualquer pessoa* ter podido deixar aquela menininha com tanto medo.

Contraí os músculos, apertando os olhos e fazendo minha expressão mais feroz. Eles se arrependeriam se um dia pensassem em mexer com Angel. Eles se arrependeriam de ter *nascido*.

Minhas mãos se fecharam em punhos. Agachei-me na gaiola, pronta para pular em quem quer que a abrisse para poder arrancar seus pulmões. Eu começaria com Ari, o mais verme dos vermes.

Angel estava encurvada, chorando baixinho, e comecei a enlouquecer por dentro, imaginando que raios tinham feito com ela. Senti-me totalmente repleta de adrenalina, simplesmente *maluca*.

Um par de pernas parou bem em frente à minha gaiola. Eu podia ver as pontas de um jaleco branco de laboratório raspando nos joelhos.

A pessoa curvou-se e olhou para dentro da minha gaiola com expressão gentil e arrependida.

Meu coração quase parou, e eu caí para trás.

— Maximum Ride — disse Jeb Batchelder. — Ah, senti muita saudade de você.



Estou tendo alucinações, pensei, confusa. *Estou tendo uma experiência fora do corpo.*

Todas as outras coisas no meu campo de visão desbotaram. Eu só conseguia ver Jeb sorrindo para mim por entre as barras da minha casinha de cachorro.

Jeb fora a única pessoa parecida com um pai que eu já tivera. Ele nos sequestrara, os seis, quatro anos antes, roubara-nos daquele show de horrores e escondera-nos nas montanhas, na nossa casa. Ele nos ajudara a aprender a voar; nenhum de nós tinha tido espaço suficiente para tentar antes. Ele nos alimentara, vestira e ensinara técnicas de sobrevivência, a lutar, a ler. Ele nos contara piadas e lera histórias e nos deixara jogar videogame. Ele fizera jantar para nós e nos colocara na cama à noite. Sempre que eu sentia medo, ele me lembrava de que estava lá e de que nos protegeria, e eu sempre me sentia melhor.

Dois anos atrás, ele desaparecera.

Sempre *soubemos* que fora morto. *Soubemos* que teria preferido morrer a revelar nossa localização. Que ele morrera tentando nos proteger. Esse tipo de coisa.

Pelos últimos dois anos, todos nós sentimos muita saudade de Jeb, com uma dor horrível, constante, triste, que simplesmente não desaparecia. Você sabe... Como se seu pai ou sua mãe tivessem morrido. Fora muito terrível no começo, quando ele não voltara para casa, e depois, quando tivemos de aceitar que nunca mais voltaria.

Morto ou vivo, ele havia sido meu herói. Todos os dias. Pelos quatro anos anteriores.

Naquele momento, meus olhos estavam me dizendo que ele era um *deles*. Que talvez tivesse sido o tempo todo. Que tudo o que eu já soubera dele ou sentira por ele tivesse sido uma mentira podre e fétida.

As palavras de Angel, seu medo, suas lágrimas, fizeram então um horrível sentido. Ela sabia.

Eu estava morrendo de vontade de olhar para ela, para Fang ou para Nudge, para ver a reação deles. Apenas não daria a Jeb esse gostinho.

Como uma porta fechada com violência, tudo em mim que amara Jeb e confiara nele foi trancado. No lugar, cresceram novos sentimentos tão poderosos e cheios de ódio que me assustaram.

O que não é pouca coisa.

— Sei que você está surpresa — ele disse sorrindo. — Venha. Preciso conversar com você.

Ele soltou o trinco da porta da minha gaiola e a segurou aberta. Em um nanossegundo, eu tinha um plano de ação: não agir. Apenas ouvir e observar. Absorver tudo e não entregar nada.

Certo, em termos de plano, não era a planta da Abadia de Westminster, mas era um começo.

Devagar, saí da minha gaiola. Meus músculos gemeram quando me levantei. Não olhei para ninguém do bando quando passei, mas coloquei a mão direita atrás das costas, dois dedos juntos. Era nosso sinal que significava “esperem”. Jeb nos ensinara aquilo.



Jeb e eu passamos por uma fileira de computadores, fora do campo de visão dos outros. Uma porta na parede mais distante levava para uma sala menor e com menos cara de laboratório, mobiliada com sofás, uma mesa com cadeiras, uma pia, micro-ondas.

— Sente-se, Max, por favor — ele disse, indicando uma cadeira.
— Vou pegar chocolate quente para nós. — Ele disse aquilo casualmente, sabendo que era o meu favorito, como se estivéssemos na cozinha de casa. — Max, preciso dizer... Tenho muito orgulho de você — ele falou, colocando canecas no micro-ondas. — Nem posso acreditar como você se saiu tão bem. Não, eu *posso* acreditar... Sabia que conseguiria. E vê-la tão saudável, tão poderosa, uma líder tão boa, bem, simplesmente me deixa muito orgulhoso.

O micro-ondas apitou e Jeb colocou uma caneca fumegante na mesa, em frente a mim. Estávamos em um laboratório ultrassecreto no meio do vale da Morte, chamado oficialmente “meio do nada” em qualquer mapa, e, ainda assim, ele conseguiu marshmallows, jogando dois na minha caneca.

Olhei para ele sem vacilar, ignorando o chocolate quente, que estava fazendo meu estômago roncar.

Ele fez uma pausa, como se me desse tempo para responder, e sentou-se à mesa em frente a mim. *Era* Jeb. Meu cérebro enfim aceitou a verdade irrefutável. Reconheci a cicatriz fina e cor-de-rosa no queixo dele, a leve curvatura do nariz, a sarda pequenininha na orelha direita. Não era seu gêmeo mau. Era ele. *Ele* era mau.

— Você deve ter muitas perguntas — ele disse. — Nem sei por onde começar. Eu apenas... Apenas sinto muito por isso. Queria poder explicar... Queria ter podido explicar há dois anos, para você pelo menos. Queria poder explicar o que eu daria só pra ver seu sorriso de novo.

Que tal sua cabeça num espeto?

— Mas com o tempo, Max, tudo vai ser revelado, e você vai entender o que está acontecendo. Foi o que falei a Angel. Eu disse a ela que tudo é um teste, mesmo quando você não sabe. Que às vezes você simplesmente tem que fazer aquilo que deve, e sei que vai ficar mais claro depois. Tudo isso foi um teste.

Ele balançou a mão vagamente, como para englobar toda a minha experiência.

Fiquei sentada ali, ciente de que meu agasalho estava com crostas de sangue, de que meu rosto doía, de que eu estava com fome de novo — *quelle surprise* — e de que nunca, nunca tinha tido um desejo maior de matar alguém, nem no verão anterior, quando Iggy retalhara minha calça favorita e a única que não vinha da Goodwill para fazer um detonador grande o suficiente para explodir alguma coisa a quinze metros de distância.

Não falei nada, não tinha expressão no rosto.

Ele olhou para mim e para a porta fechada.

— Max — ele disse com tom de urgência na voz. — Max, daqui a pouco algumas pessoas vão entrar para falar com você. Mas

preciso dizer uma coisa antes.

Que você é o demônio encarnado?

— Algo que não podia contar antes; algo para o qual pensei que teria tempo para prepará-la depois.

Ele olhou ao redor, como para garantir que mais ninguém conseguia escutar. Acho que estava se esquecendo de nossas aulas de vigilância, sobre microfones escondidos, sensores de calor que podem “ver” através das paredes e aparelhos de escuta a longa distância que poderiam captar o espirro de um rato a oitocentos metros.

— O que acontece, Max — ele disse, várias emoções de apertar o coração passando-lhe nos olhos —, é que você é ainda mais especial do que eu já lhe disse. Sabe, você foi criada com um *motivo*. Mantida viva com um propósito, um propósito especial.

Você quer dizer além de ver como cientistas malucos poderiam inserir DNA aviário em um óvulo humano?

Ele inspirou, olhando fundo nos meus olhos. Friamente, dispensei cada lembrança boa que tinha dele, cada risada que compartilhamos, cada momento feliz, cada ideia de que ele era como um pai para mim.

— Max, o motivo, o propósito é: você deve *salvar o mundo*.



Certo, não pude evitar. Meu queixo caiu. Fechei a boca de novo, depressa. Bem, isso com certeza teria peso na minha luta permanente para usar primeiro o banheiro de manhã.

— Não posso dizer muito mais que isso agora — Jeb falou, olhando por cima do ombro de novo. — Mas precisava que você soubesse o tamanho da situação com a qual está lidando, a grandiosidade, a importância. Você é mais que especial, Max. Você foi encomendada. Tem um destino que não pode imaginar.

Talvez eu não possa imaginar porque não sou uma louca completa.

— Max, tudo o que você fez, tudo o que é, tudo o que pode ser, está amarrado ao seu destino. Sua vida vale a vida de milhares. O fato de você estar viva é a coisa mais importante que qualquer um já possa ter feito.

Se ele aguardava uma reação efusiva, esperaria por muito tempo.

Ele deu um suspiro alto, sem tirar os olhos de mim, decepcionado com minha falta de animação ao saber que eu era o Messias.

— Tudo bem — ele disse, com compreensão triste. — Mal posso imaginar o que você deve estar sentindo ou pensando. Tudo bem. Eu só queria contar pessoalmente. Mais tarde, outros virão conversar com você. Depois de ter uma chance de pensar nisso, de perceber o que isso pode significar a você e aos outros. Mas, por enquanto, não diga nada ao restante do bando. É o nosso segredo, Maximum. Logo, o mundo todo vai saber. Mas ainda não.

Eu estava ficando muito boa em não dizer nada.

Ele se levantou e me ajudou a sair da cadeira, uma mão solícita sob meu cotovelo que me causou arrepios.

Caminhamos em silêncio de volta para a fileira de gaiolas, ele soltou o trinco da minha e esperou pacientemente que eu rastejasse para dentro. *Que cavalheiro.*

Trancando-a atrás de mim, ele se inclinou para me lançar um último olhar cheio de significado.

— Lembre-se — sussurrou. — Confie em mim. É tudo o que peço. Apenas confie em mim. Siga sua intuição.

“Bem, quantas vezes eu o ouvira dizer *aquilo?*”, perguntei-me com desdém enquanto ele ia embora. Naquele momento, minha intuição estava me dizendo que eu queria arrancar os pulmões dele com um alicate.

— Você está bem? — Angel perguntou, ansiosa, apertando o rostinho na lateral da sua gaiola.

Fiz que sim com a cabeça e cruzei o olhar com Fang e Nudge do outro lado.

— Estou bem. Todos vocês aguentem firme, combinado?

Nudge e Angel assentiram com a cabeça, e Fang continuou me olhando. Eu não fazia ideia do que ele estava pensando. Estaria se

perguntando se eu era uma traidora? Estaria se perguntando se Jeb conseguira me fazer mudar de lado... Ou se eu estava mancomunada com Jeb desde o início?

Ele descobriria muito em breve.



Horas se passaram. No dicionário, ao lado da palavra *estresse*, há a imagem de uma mutante de tamanho médio, presa em uma casinha para cães, imaginando se seu destino é ser morta ou salvar o mundo.

Tá bom, não é verdade. Mas deveria ter.

Se você conseguir pensar em alguma coisa que destrua mais os nervos, que tenha mais garantia de dar um nó em cada fibra do seu corpo, avise-me.

Eu não podia contar nada aos outros... Nem sussurrando. Se Jeb achava engraçado fingir que portas fechadas e voz baixa protegiam alguém da vigilância, tudo bem. Mas eu era mais esperta. Poderia haver câmeras e microfones escondidos em qualquer lugar, instalados em nossas gaiolas. Assim, eu não podia conversar sobre um plano, tranquilizar alguém, nem mesmo enlouquecer e falar “Ai, meu Deus, Jeb está vivo!”.

Quando Angel sussurrou “Onde estão Gazzy e Iggy?”, apenas encolhi os ombros. Ela fez uma cara triste, e olhei fixamente para ela. *Eles escaparam. Estão bem.*

Ela leu meus pensamentos, assentiu discretamente com a cabeça e, aos poucos, escorregou, exausta, contra a lateral da gaiola.

Depois disso, tudo o que pude fazer foi lançar olhares cheios de significado.

Durante horas.

Minha dor de cabeça voltara, e, quando fechei os olhos, várias imagens dançaram atrás das minhas pálpebras.

Em certo momento, um jaleco-branco entrou e jogou outro “experimento” na gaiola ao lado da minha. Olhei para lá, curiosa, e depois voltei o olhar depressa, o coração doendo. Parecia-se o bastante com uma criança para me deixar enjoada, porém mais com um fungo horrível. Tumores enormes cheios de pelotas cobriam-lhe a maior parte do corpo. Tinha poucos dedos nas mãos e apenas um no pé, preso no fim como uma vagem. Olhos azuis e alheios olharam para mim, piscaram.

Em algum momento da meia hora seguinte, percebi que o “experimento” não estava mais respirando. Morrera bem ao meu lado.

Tomada de horror, olhei para Angel. Ela estava chorando. Ela sabia.

Por fim, muito tempo depois, a porta do laboratório foi aberta. Uma multidão entrou, e ouvi vozes humanas e murmúrios como de Apagadores e risadas. Empurraram um grande carrinho para o nosso corredor.

— Contei apenas quatro — um homem disse com a voz muito formal e preocupada.

— Dois morreram — Ari disse, parecendo triunfante. — Lá no Colorado. Isso foi o que sobrou.

Ele chutou minha gaiola, fazendo as barras chacoalharem.

— Oi, Max. Sentiu minha falta?

— O diretor tem certeza disso? — uma mulher perguntou. — Parece uma pena... Ainda há tanto que podemos aprender com eles.

— Sim — disse um terceiro jaleco-branco. — É simplesmente arriscado demais. Tendo em vista quão pouco a pequena tem colaborado.

Cruzei o olhar com Angel e fiz sinal de positivo para ela, orgulhosa de sua resistência. Ela lançou um sorriso fraco para mim.

Depois, a gaiola dela foi pega desajeitadamente e colocada no carrinho como bagagem. Ela se retraiu quando sua bochecha machucada bateu na lateral, e a fúria tomou conta de mim novamente.

No segundo seguinte, Ari agarrou minha gaiola e me colocou ao lado da dela, deixando-me cair com uma violência que me fez morder o lábio com força. Como se eu precisasse de mais um ferimento na cabeça. Ele sorriu por entre as barras, deixando-me ver seus caninos longos amarelos.

— Forte como um touro — gabou-se.

— Seu pai deve estar muito orgulhoso — falei com desdém, e ele ficou nervoso instantaneamente e socou minha gaiola com tanta força que quase tombei.

— Fácil — murmurou um jaleco-branco, conseguindo uma rosnada assassina de Ari.

Em seguida, mais dois Apagadores colocaram Nudge e Fang ao nosso lado. Com Ari os seguindo, parecendo nervoso, eles nos empurraram por grandes portas duplas. O corredor do lado de fora

era dolorosamente claro e coberto com odores de produtos de limpeza.

Agarrada às barras da minha gaiola, espiei para fora, tentando reconhecer uma porta, um escritório... Qualquer coisa que me dissesse em que departamento da Escola estávamos. Os Apagadores enfiavam os dedos entre as barras tentando nos arranhar, insultando-nos, literalmente chacoalhando nossas gaiolas. Perguntei-me quanta força seria necessária para agarrar o dedo de um deles e quebrá-lo.

Fizemos uma curva fechada para a esquerda e fomos empurrados para portas duplas de vaivém, e depois estávamos do lado de fora. Inalei o ar com avidez, mas até no lado externo da Escola ele era maculado e poluído.

Apertando os olhos, mudei de um lado para outro na gaiola, procurando pontos de referência. Atrás de nós estava o prédio do laboratório. À nossa frente, talvez a aproximadamente noventa metros, havia um prédio de tijolos baixo. Estávamos no pátio atrás da Escola. O pátio para o qual eu costumava olhar, bem tarde da noite, da nossa janela no laboratório. O pátio no qual os Apagadores eram treinados para trazer presas e rasgá-las membro a membro. O que era provavelmente o motivo de eles estarem rindo.



O engraçado em enfrentar a morte iminente é que isso realmente coloca todo o resto na perspectiva certa. Como naquele momento. Minhas escolhas eram me entregar e deixá-los matar todos nós ou lutar com tudo o que tinha.

Escolhi a segunda opção, porque sou assim, engraçada.

No milésimo de segundo que tive para ponderar sobre que forma minha “luta até a morte” teria, uma sombra escondeu o sol.

— Está com os tênis de corrida, porquinho? — Ari perguntou, empurrando os dedos peludos pelas barras da minha gaiola, balançando-os. — Está com vontade de fazer um pouco de exercício? Quer correr? Quer brincar de guerra de comida? Você é a comida!

Abri um sorriso maldoso. Depois, inclinei-me e mordi com força os dedos de Ari. Ele inspirou profundamente e gritou de uma dor terrível. Reuni minhas forças e mordi mais forte, até realmente sentir meus dentes furarem a pele dele, provar seu sangue horroroso. Mas quer saber? Não me importei. Ver Ari ferido valia a pena.

Após o acidente no carro, morder qualquer coisa doía muitíssimo, mas bloqueei a dor e coloquei cada pedacinho de fúria nas minhas

mandíbulas doloridas. Ari estava balançando minha gaiola, batendo nela com a outra mão, e minha cabeça estava sendo jogada de um lado para o outro como uma bola presa a uma raquete.

Porém, eu me segurei, com pensamentos de pit bull.

Os jalecos-brancos estavam gritando comigo agora. Ainda urrando, Ari começou a chutar minha gaiola com selvageria. De repente, afrouxei os dentes e os soltei. Seu chute seguinte bateu na minha gaiola de lado. Rolei algumas vezes.

Aterrissei de cabeça para baixo, bem perto da porta da gaiola de Angel. Como sou mais esperta que a média, levei apenas alguns segundos para abrir o trinco.

— Vá! — mandei. — Vá! Não discuta.

Ela abriu a porta aos poucos e saiu cambaleando bem quando Ari se lançou por cima da minha gaiola em uma raiva assassina. Segurei-me da melhor forma que pude, mas ele atacava o engradado com violência, urrando de dor. A gaiola tombou para o lado na grama, e, por um milésimo de segundo apenas, tive um vislumbre do céu. Estava riscado por nuvens de tempestade escuras e rápidas. Em seguida, fui atingida e virada de cabeça para baixo de novo, o que fez com que me sentisse como roupa na secadora.

Ari estava gritando furioso, xingando-me de nomes horríveis e balançando os dedos ensanguentados de forma que pedacinhos de sangue coagulado me salpicaram pelas barras.

Mas eu estava sorrindo. Meu primeiro sorriso bom havia dias.

Eu sabia o que as nuvens de tempestade eram.

Eram gaviões — liderados por Iggy e Gasman, quem mais? E estavam atacando a Escola para nos salvar.



Pode me chamar de louca, mas tem algo de animador em ver aves de rapina enormes rasgarem a carne de Apagadores.

Quando Ari, ignorando o trinco em sua fúria assassina, conseguiu enfim abrir a gaiola à força, foi atingido pelo mergulho de um gavião com garras afiadas como lâminas e um grande rancor contra lobos. Quando saí, o vi dar um golpe violento na ave, gritando como um grande imbecil enquanto o gavião cortava-lhe a pele da nuca.

— Angel! Saia daqui! — gritei, correndo para ela.

Dois jalecos-brancos a seguiam, mas cheguei primeiro. Bati em um deles com o cotovelo para tirá-lo do caminho, agarrei a cintura de Angel e *joguei-a* para o ar. Depois, consegui abrir o trinco da gaiola de Fang. Os jalecos-brancos caíram em cima de mim, mas um adulto normal contra uma Max nervosa não tem chance. Dei um golpe com as costas da mão no maxilar de um, sentindo os dentes baterem e soltarem. O outro chutei bem embaixo do queixo duplo. A cabeça dele balançou para trás, e ele caiu feito um tijolo.

Fang explodiu para fora da gaiola e agarrou um jaleco-branco, batendo-o contra o carrinho. Ele recuou o punho e deu-lhe um soco, parecendo frio e determinado. Os olhos do jaleco-branco reviraram, e o homem desabou.

Chegar a Nudge não demorou nada. Ela tombou para fora da gaiola enquanto Iggy e Gasman lideravam seu enxame de gaviões para o segundo round.

Perto dali, uma das jalecos-brancos estava tentando ficar em pé. Disparei na direção dela e pulei no ar, minha perna direita já girando em um grande chute circular. Acertei-a no peito, *bam!* Ela afundou ajoelhada, incapaz de respirar, um olhar surpreso no rosto.

— Pense nisso como um risco da profissão, sua bruxa — rosnei e virei-me para verificar o restante do bando.

Fang estava liberando sua hostilidade em Ari, que se agachou defensivo no chão, os braços enrolados em volta da cabeça. Fang o acertou de lado com um chute e socou a lateral da cabeça dele. Para completar, ergueu uma gaiola e derrubou-a sobre o cruel Apagador. Parecia que Ari era quem tinha sido preso na gaiola.

Disparei para o ar, sentindo-me muito animada à medida que gaviões ferozes passavam rapidamente por mim. Contei quatro jalecos-brancos, Ari e três outros Apagadores no chão, dois Apagadores ainda de pé. Um deles puxou uma arma, mas logo teve os músculos do pulso talhados por um bico impiedoso. *Ai! Isso deve ter doído!*

— Fang! — berrei. — Iggy! Gazzy! Vamos! Vamos, vamos, vamos!

Quase relutantes, eles subiram alto. Iggy moveu-se entre os gaviões. Por meio de alguma mensagem não dita, comunicou que nossa batalha estava concluída. Aquelas aves lindas guinaram graciosamente e subiram depressa, fazendo meus ouvidos ressoarem com seus chamados selvagens.

— Um, dois, três, quatro, cinco — contei, reunindo meu próprio bando e instigando-o a ir mais alto.

— Fang! Pegue a Angel!

Angel tinha conseguido ficar no ar todo aquele tempo, mas estava fraquejando e perdendo altitude. Imediatamente, Gasman voou para um lado, Fang para o outro, e eles a seguraram enquanto subiam.

Mais jalecos-brancos e Apagadores jorraram para fora do prédio, mas estávamos muito alto e voando velozmente para que nos pudessem ferir. *Adeus, cretinos, pensei. A Escola está em recesso... Para sempre.*

— Max!

Aquela voz puxou meu olhar para baixo.

Jeb estava ali. Ele devia ter sido pego no ataque dos gaviões, porque seu jaleco branco estava rasgado; o ombro, vermelho de sangue.

— Maximum! — ele gritou de novo.

A expressão no rosto dele não era raiva... Era algo que não reconheci.

— Max! *Por favor!* Isso tudo foi um teste! Você não entende? Você estava *segura* aqui! Isso foi só um *teste*! Você tem que confiar em mim... Sou o único em quem você *pode* confiar. Por favor! Volte... Deixe-me explicar!

Olhei para ele, o homem que salvara minha vida quatro anos antes, me ensinara praticamente tudo o que eu sabia, me consolara quando chorei, torcera por mim quando eu lutava, segurara meu cabelo para trás enquanto eu estava comendo meus cereais, o mais próximo que já tivera de um pai.

— Acho que não — falei, cansada.

Depois, impulsionei-me com força e deixei minhas asas me carregarem para bem longe, até lá em cima, onde minha família estava me esperando.



Duas horas mais tarde, o lago Mead ficou visível, com o topo do despenhadeiro coberto pelos gaviões enormes que tinham nos salvado. Nós seis, juntos de novo, pousamos graciosamente na saliência raspada da encosta.

Angel caiu no chão frio carregado de poeira da caverna. Afundei ao lado dela, fazendo-lhe carinho no cabelo.

— Achei que nunca ia te ver de novo — ela disse, e uma única lágrima desceu-lhe pelo rosto. — Fizeram todo tipo de coisa comigo, Max. Terrível. Terrível. Terrível.

— Eu *nunca* iria desistir de tentar te trazer de volta — falei, sentindo como se meu coração fosse transbordar. — Não tinha jeito de eu deixar que eles ficassem com você. Teriam que me matar primeiro.

— Quase mataram — ela falou, a voz falhando.

Puxei-a para mim e a abracei por muito tempo.

— É assim que deve ser para sempre — Iggy disse. — Todos nós juntos.

Olhei para onde Fang estava se inclinando contra a parede, de frente para o cânion. Ele sentiu meu olhar e se virou. Estendi a mão esquerda fechada em um punho. Quase sorrindo, ele veio e colocou o punho esquerdo sobre o meu. Um a um, os outros se juntaram a nós, e eu desenrosquei a mão direita do cabelo de Angel e bati nas costas das mãos deles.

— Eu estou... tão agradecida — falei.

Nudge olhou para mim com uma leve surpresa. Tá bom, eu não sou a pessoa mais melada do mundo. Digo, amo minha família e tento ser legal com ela, mas não saio por aí dizendo o quanto amo todos eles o tempo todo.

Talvez eu devesse corrigir isso.

— Quero dizer — comecei, sentindo-me muito constrangida —, isso me fez perceber o quanto todos nós precisamos uns dos outros. Eu preciso de *todos* vocês. Amo todos vocês. Mas cinco de nós, ou três de nós, ou dois de nós não são *nós*. Nós somos todos os seis.

Fang examinava seus tênis com muito interesse. Iggy estava batendo os dedos longos e brancos contra a perna, nervoso. Mas meus pequeninos entenderam o que eu estava dizendo.

Nudge jogou os braços em volta do meu pescoço.

— Eu também te amo, Max! Eu amo todos nós!

— É, eu também — disse Gasman. — Não me importo se temos nossa casa, ou uma caverna em um despenhadeiro, ou uma caixa de papelão. Nosso lar é onde quer que estejamos juntos.

Eu o abracei, e ele se aninhou em mim, parecendo feliz.

Mais tarde, todos nós dormimos e acordamos à noite com uma chuva pesada, um milagre no deserto. Arrastamo-nos para a

entrada da caverna e deixamos a chuva se derramar sobre nós, lavando sangue, sujeira e memórias. Até as gotas de chuva que atingiam meu nariz doíam, mas mantive os braços abertos para o céu e me senti limpa, com frio e tremendo.

Estremeci, e Fang esfregou meus ombros depressa. Olhei para ele, seus olhos escuros como o céu do deserto.

— Jeb conhece nossa casa — falei bem baixo.

Fang assentiu.

— Nunca poderemos voltar. Acho que precisamos de uma casa nova.

— Sim — eu disse, pensando.

Fechei os olhos e abri a boca um pouquinho, inalando o ar frio e lavado pela chuva. Abri os olhos.

— Leste — falei, sentindo quão certo era. — Vamos para o leste.



Parte 4

NOVA YORK, NOVA YORK



Céu azul, azul, acima das nuvens. O ar está mais frio, porém o sol está mais quente tão alto assim. O ar está fino e leve como champanhe. Você precisa experimentar um dia.

Eu me sentia feliz. Nos seis estávamos sem casa, sem rumo, fugindo... E poderia ser assim pelo resto da nossa vida, independentemente de quão longa ou breve fosse. Mas...

No dia anterior, havíamos escapado dos cães do inferno na Escola, no fim das contas. Tínhamos tido o prazer de ver nossos amigos gaviões darem uns cortes nos jalecos-brancos e nos Apagadores.

Tínhamos Angel de volta.

Olhei para ela... Ela ainda estava suja. Levaria um tempo para ficar curada depois do que lhe haviam feito. Sempre que pensava nisso, correntes de raiva se apertavam em volta de mim, até eu perceber que não conseguia respirar. Como sentiu que eu olhava para ela, virou-se e sorriu. Um lado inteiro do rosto de Angel era verde e amarelo; um hematoma se curando.

— Meu Deus! — Nudge disse, acelerando um pouco para aproveitar o ar que eu deslocava depressa atrás de mim. — É

simplesmente tão, tão... Sabe?

Ela mergulhou graciosamente, subiu de novo e ficou ao meu lado.

— É, eu sei — falei, sorrindo para ela.

— Digo, o ar, e nós estamos todos juntos tão alto, e sem ninguém atrás de nós, e tomamos café da manhã no restaurante IHOP. — Ela olhou para mim, os olhos castanhos brilhantes e despreocupados. — Digo, meu Deus, simplesmente estamos aqui em cima, e é tão legal, e lá embaixo as crianças estão presas na escola ou, tipo, limpando o quarto. Eu costumava odiar limpar meu quarto!

Quando ela tinha um quarto. Suspirei. *Não pense nisso.*

No segundo seguinte, engasguei. Acho que emití algum tipo de som, e depois uma dor extrema e assustadora explodiu atrás dos meus olhos.

— *Max?* — Nudge gritou.

Eu não conseguia pensar, não conseguia falar, não conseguia fazer nada. Minhas asas se dobraram como papel, e eu comecei a cair como uma pedra de granizo.

Algo estava incrivelmente errado.

Já.



Lágrimas escorreram dos olhos, minhas mãos agarraram a cabeça para evitar que a dor rasgasse e abrisse meu crânio. O único pensamento semicoerente que tive foi *Por favor, deixe que eu bata no chão logo pra essa dor maldita pararpararPARAR!*

Então os braços de Fang, duros e com veias salientes, me pegaram, e senti que subia de novo. Minhas asas estavam espremidas entre nós, mas nada importava além de meu cérebro ter sido substituído por uma estrela explodindo em pura agonia. Eu tinha apenas consciência o bastante para sentir vergonha de me ouvir gemendo lamentavelmente.

A morte teria sido ótima naquele momento.

Não sei por quanto tempo Fang me carregou. Devagar, devagar, a dor foi cedendo. Quase consegui abrir os olhos um pouquinho. Consegui engolir. Com cuidado, estremecendo, soltei a cabeça, meio esperando pedaços enormes de crânio saírem nas minhas mãos.

Pisquei os dois olhos olhando para Fang, seus olhos escuros olhando para mim. Ele ainda estava voando e me carregando.

— Cara, você pesa uma *tonelada*! — ele me disse. — O que tem comido? *Pedras?*

— Por quê? Faltam algumas na sua cabeça? — falei com a voz rouca.

A boca dele quase entortou em um sorriso, e foi quando eu soube quão preocupado estivera.

— Max, você está bem?

O rosto de Nudge estava assustado, fazendo-a parecer muito nova.

— A-hã — consegui dizer.

Só tive um derrame ou algo do tipo.

— Encontre um lugar para pousar — falei para Fang. — Por favor.



Uma hora depois, mais ou menos, achei que tinha me recuperado... *Mas do quê?* Estávamos acampando para passar a noite.

— Ei, cuidado! — falei. — Tirem mais dessas plantinhas... Não queremos que a floresta toda seja queimada.

— Acho que você já voltou a se sentir como antes — Fang murmurou, chutando alguns galhos mortos para longe de onde Iggy estava acendendo uma fogueira.

Lancei um olhar bravo para ele, então ajudei Nudge e Angel a rodear a pilha de gravetos com grandes pedras. Você quer saber por que o cara cego estava brincando com fogo? Porque ele é bom nisso! Tudo o que tem a ver com fogo, incendiar coisas, explodir, coisas com detonadores, pavios, catalisadores... Iggy é o cara. É uma daquelas coisas boas/ruins.

Vinte minutos mais tarde, estávamos explorando os limites do que poderia ser cozido em gravetos sobre um fogo a céu aberto.

— Isso não é tão ruim — Gasman disse, comendo um pedaço enrolado de salsicha tipo bolonhês do seu espeto.

— Não façam com bananas — Nudge alertou, triste, chacoalhando uma papa quente do espeto para alguns arbustos.

— S'mores — falei delicadamente, apertando uma bolacha doce em cima do sanduíche de chocolate e marshmallow que eu equilibrara no joelho. Dei uma mordida, e puro prazer dominou minha boca.

— Isso é bom — disse Gasman, feliz. — É como um acampamento de verão.

— É, Acampamento Chatice — disse Fang. — Para mutantes geniosos.

Cutuquei a perna dele com meu tênis.

— É melhor que isso. É legal.

Fang me lançou um olhar do tipo “se você diz” e virou seu bacon sobre o fogo.

Eu me alonguei com a cabeça contra meu agasalho destruído. Hora de relaxar. Não fazia ideia do que aquela dor tinha sido, mas eu estava bem, então não iria me preocupar com aquilo.

Que mentira. Meus joelhos estavam quase se batendo. Acontece que os “cientistas” da Escola tinham brincado com coisas perigosas, combinando DNA humano e não humano. Basicamente, os genes introduzidos começavam a se desenvolver após um tempo, e os organismos tinham tendência a, bem, se autodestruir. O bando e eu tínhamos visto isso acontecer um milhão de vezes: a combinação de coelho com cachorro tinha dado muito errado. O mesmo ocorrera com a mistura de ovelha com macaca. O experimento rato-gato produzira um rato enorme e hostil, com muito equilíbrio e incapacidade de digerir grãos e carne. Assim, morreu de fome.

Até os Apagadores, por mais bem-sucedidos que fossem, tinham grande desvantagem: tempo de vida. Passavam de embrião a

criancinhas em cinco semanas, e de criancinhas a jovens adultos em cerca de quatro anos. Ruíam e morriam por volta dos seis anos, mais ou menos. Mas estavam sendo melhorados o tempo todo.

E quanto a nós? Por quanto tempo duraríamos? Bem, até onde eu sabia, éramos os seres recombinaados mais velhos que a Escola já produzira.

E poderíamos ficar ruins e expirar a qualquer momento.

E talvez tivesse começado a acontecer comigo naquele dia.

— Max, acorde — disse Angel, batendo no meu joelho.

— Estou acordada.

Levantei-me, e Angel se arrastou para perto e subiu no meu colo. Coloquei os braços em volta dela e mexi nos cachos loiros emaranhados para tirá-los do seu rosto.

— O que foi, Angel?

Seus olhos grandes e azuis olharam sérios para os meus.

— Tenho um segredo. De quando eu estava na Escola. É sobre nós. De onde viemos?



— **O** que você quer dizer, querida? — perguntei baixinho.

Que novo terror é esse?

Angel torceu a bainha da blusa com os dedos, sem olhar para mim. Reprimi todos os pensamentos para Angel não perceber meu medo.

— Ouvi coisas — ela falou, quase sussurrando.

Eu a trouxe para mais perto. Quando os Apagadores a pegaram, senti como se tivessem cortado meu braço. Trazê-la de volta me fizera ficar inteira de novo.

— Coisas que as pessoas disseram ou *pensaram*? — perguntei.

— Coisas que as pessoas pensaram — ela respondeu.

Percebi quanto ela parecia cansada. Talvez a conversa devesse ficar para o dia seguinte.

— Não, quero contar a você — ela disse, obviamente lendo *meus* pensamentos. — Digo, são só coisas que eu meio que ouvi. Não entendi tudo... Faltavam pedaços. E eram de algumas pessoas diferentes.

— Do Jeb? — perguntei, minha garganta apertada.

Os olhos de Angel encontraram os meus.

— Não. Não consegui nada dele. Nada. Era como se estivesse morto. — Angel continuou: — Eles ficaram fazendo testes, sabe, e estavam todos pensando em mim, no bando, tipo imaginando onde vocês estavam e se tentariam me pegar.

— E nós *fomos* — eu disse com orgulho.

— É — ela concordou. — De qualquer forma, descobri que outro lugar tem informações sobre a gente... Tipo de onde viemos.

Meu cérebro acordou de repente.

— O quêêê? — falei. — Tipo quanto tempo de vida temos? Ou de onde pegaram nosso DNA?

Eu queria mesmo saber sobre nosso tempo de vida? Não tinha certeza.

Angel assentiu.

— Bem, fale logo! — Iggy, que devia estar acordado e nos ouvindo, mandou do seu jeito sensível.

Lancei um olhar zangado para ele; o que foi inútil, é claro. E todo mundo acordou.

— Eles têm arquivos sobre a gente — Angel disse. — Tipo os arquivos principais. Estão em Nova York. Em um lugar chamado O Instituto.

— O Instituto? — perguntei. — Na cidade de Nova York ou no norte do estado?

— Não sei — Angel falou. — *Acho* que se chamava O Instituto. O Instituto da Vida ou algo assim.

Fang estava olhando para mim, imóvel e concentrado. Eu sabia que ele já resolvera checar e fiz que sim com a cabeça, discretamente.

— Tem mais — Angel falou.

Sua voz baixa tremeu, e ela apertou o rosto no meu ombro.

— Sabe que sempre conversamos sobre nossos pais, mas não sabíamos de verdade se fomos feitos em tubos de ensaio? — Angel perguntou.

Assenti.

— Vi meu nome nos arquivos antigos do Jeb — Nudge insistiu. — Vi mesmo.

— Eu sei, Nudge — falei. — Escute a Angel um pouco.

— Nudge está certa — Angel soltou. — Tivemos pais... Pais de verdade. Não fomos feitos em tubos de ensaio. Nascemos como bebês de verdade. Nascemos de mães humanas.



Acho que, se um galhinho se partisse naquele instante, todos nós teríamos pulado três metros.

— Você escondeu isso desde ontem? — Iggy parecia ultrajado. — Qual é o seu problema? Só porque é a mais nova não significa que tenha que ser a mais boba.

— Olhem — falei, inspirando o ar —, vamos todos nos acalmar e deixar a Angel falar. — Tirei os cachos dela do rosto. — Você pode contar pra gente tudo o que ouviu?

— Só peguei pedacinhos — ela disse, desconfortável. — Sinto muito, pessoal, eu só me sentia muito enjoada... E tudo isso me deixa muito, muito triste. Não quero chorar de novo. Ai, estou chorando de novo.

— Tudo bem, Angel — Fang disse com voz baixa. — Nós entendemos. Você está segura agora, aqui com a gente.

Nudge parecia prestes a explodir, então lancei-lhe um olhar que dizia *Tudo bem, só aguente firme*. Gasman aproximou-se devagar de mim e segurou meu passante do cinto em busca de consolo. Coloquei um braço em volta dele e segurei Angel com o outro.

— Parece que — Angel começou devagar — a gente veio de lugares diferentes, de hospitais diferentes. Mas eles nos pegaram depois de nascermos. *Não somos* bebês de proveta.

— Como eles nos pegaram? — Fang perguntou. — E como introduziram os genes de aves em nós?

— Não entendi bem — Angel disse. — Parece que... Que eles colocaram os genes em nós *antes* de nascermos. — Ela esfregou a testa. — Com um exame? Uma amino... amo...

— Amniocentese? — questionei, uma indignação fria descendo pela coluna.

— É — Angel concordou. — É isso. E, de alguma forma, colocaram os genes de aves na gente com isso.

— Tudo bem, continue — falei.

Eu poderia explicar a eles depois.

— E assim nascemos, e os médicos nos deram para a Escola — Angel prosseguiu. — Eu ouvi... Ouvi que disseram à mãe e ao pai da Nudge que ela tinha morrido. Mas ela não tinha.

Nudge fez um barulho ao engolir, os grandes olhos castanhos cheios de lágrimas.

— Eu *tive* uma mãe e um pai — ela sussurrou. — Eu *tive*!

— E a mãe do Iggy...

Vi Iggy ficar tenso, sua audição aguçada concentrada na voz baixa de Angel.

— Morreu — Angel disse e respirou tremendo. — Faleceu quando ele nasceu.

O olhar de mágoa e espanto no rosto expressivo de Iggy foi horrível de ver. Eu não sabia o que fazer, o que dizer. Só queria tirar a dor de todo mundo.

— E quanto a nós? — Gasman perguntou. — Como conseguiram pegar nós dois com dois anos de diferença?

Angel limpou os olhos.

— Nossos pais nos deram à Escola *por conta própria* — ela disse e começou a chorar de novo, os ombros finos balançando.

O queixo de Gasman caiu, os olhos tão redondos quanto rodas.

— O quê?

— Eles *queriam* ajudar a Escola — Angel disse, arfando as palavras em meio aos soluços. — Eles *deixaram* colocar genes de aves em nós. E nos deram em troca de dinheiro.

Meu coração estava se partindo. Gasman esforçou-se muito para ser forte, mas era apenas uma criança. Ele se apoiou em mim, enterrando o rosto na minha blusa, e explodiu em lágrimas.

— Você ouviu alguma coisa sobre mim? Ou a Max? — Fang estava despedaçando a casca de um galho. O tom era casual, mas os ombros estavam tensos, o rosto rígido.

— Sua mãe achou que você morreu, como a Nudge — Angel disse. — Ela era adolescente. Não sabem quem era seu pai. Mas disseram à sua mãe que você morreu.

O galho que Fang estava segurando se partiu em dois, os nós dos dedos brancos na escuridão. Vi dor em seus olhos escuros. Dor e tristeza, e o reflexo da nossa fogueira.

Limpei a garganta.

— E quanto a mim?

Sempre sonhara ter uma mãe. Até mesmo — e é incrivelmente vergonhoso que eu nunca vá admitir que disse isso — esperando que ela aparecesse e fosse maravilhosa e *se casasse com Jeb*. E cuidasse de todos nós. Patético, não é?

Angel piscou os dois olhos para mim.

— Não ouvi nada sobre você, Max. Nada. Sinto muito mesmo.



— **N**ão acredito — Gasman disse pela *trigésima* vez. — Eles deram a gente. Devem ser doentes. Babacas doentes. *Fico* feliz de não os ter conhecido.

— Sinto muito, Gazzy — falei pela trigésima vez, cavando *fundo* em busca do último fio de paciência. Eu estava muito, muito triste por ele, mas atingira meu limite cerca de treze vezes antes.

De qualquer modo, baguncei o cabelo fino e claro dele e abracei seus ombros. O rosto dele estava sujo e riscado por lágrimas. Queria que pudéssemos simplesmente voltar para nossa casa na montanha. Os Apagadores sabiam onde ficava, tinham se espalhado por todo o lugar. Jamais poderíamos voltar. Mas, naquele momento, eu desejava que pudéssemos apenas colocar Gazzy debaixo de um chuveiro quente e botá-lo na cama.

Aqueles dias tinham acabado, meu bem.

— Angel? Está tarde, querida. Por que não tenta dormir um pouco? Na verdade, dormir cedo seria bom para todos nós.

— Vou dormir também — Nudge falou, a voz ainda grossa por ter chorado. — Só quero que esse dia acabe.

Pisquei. Aquela era a frase mais curta que já a ouvira pronunciar.

Nós seis nos reunimos. Estendi o punho esquerdo, e Fang colocou o dele por cima, e todos os outros também. Quando tínhamos uma pilha, batemos na parte de trás dos punhos uns dos outros com a mão direita.

Sempre fazemos isso, onde quer que estejamos. Hábito.

Angel enrolou-se no seu lugar, e eu a cobri com meu agasalho. Gasman deitou-se perto dela, e Nudge acomodou-se também. Eu me ajoelhei ao lado dela e apertei-lhe a gola ao redor do pescoço.

Quase sempre vou dormir por último... Como se eu tivesse que garantir que todos os outros estivessem deitados. Comecei a jogar terra na fogueira, e Fang foi me ajudar.

— Então talvez você tenha nascido de um ovo, no fim das contas — Fang disse.

Nós seis sempre provocamos uns aos outros dizendo que fomos chocados em ovos.

Dei uma risada seca.

— É. Talvez. Talvez tenham me encontrado em uma plantação de repolho.

— De certa forma, você tem sorte — ele disse baixinho. — Não saber é melhor. — Odeio o modo como ele consegue ler minha mente, já que nem tem a habilidade de ler pensamentos. — Isso deixa todas as possibilidades abertas — ele continuou. — Sua história pode ser pior, mas também pode ser muito melhor.

Ele se sentou sobre os pés, observando o fogo, e depois estendeu um pouco as asas para aquecê-las.

— Uma adolescente, nossa! — disse com desgosto. — Provavelmente era uma viciada em crack ou algo assim.

Ele nunca teria dito isso se os outros estivessem acordados. Em algumas coisas, um confiava apenas que o outro fosse entender.

— Talvez não — falei, cobrindo o fogo com cinzas. — Talvez ela fosse uma menina legal que só cometeu um erro. Pelo menos ela queria esperar mesmo os nove meses e ter você. Talvez tivesse ficado com você ou deixado uma família muito boa te adotar.

Fang bufou com descrença.

— De um lado, temos uma família boa e mítica que quer me adotar. Do outro, temos uma gangue de cientistas insanos desesperados para fazer experimentos genéticos em crianças inocentes. Adivinhe qual opção me deram?

Cansado, ele se deitou perto de Gazzy e fechou os olhos, um braço sobre a testa.

— Sinto muito, Fang — falei sem emitir nenhum som.

Eu me deitei, estendendo o pé para tocar Nudge, colocando um braço em volta de Angel. Estava muito preocupada para pensar no meu ataque cerebral mais cedo. Muito cansada para imaginar como encontraríamos o Instituto em Nova York. Muito cansada para me importar em salvar o mundo.



— **Ei!** — falei em voz alta. — Vamos lá! De pé!

Você vai ficar aliviado em saber que minha breve descida para o exausto desinteresse já estava totalmente acabada quando o sol fritou minhas pálpebras na manhã seguinte.

Levantei-me, acendi a fogueira de novo — porque esse é o tipo de líder altruísta e maravilhoso que eu sou — e comecei a chutar amorosamente o bando para que acordasse.

Houve muitos murmúrios e gemidos, que ignorei; em vez disso, equilibrei uma frigideira de pipoca sobre um galho no fogo. Pipoca no café da manhã! Por que não? É um *grão*. É como, como *aveia moída*, mas com a autoestima elevada.

Além disso, ninguém consegue dormir com o som de metralhadora da pipoca estourando. Logo, o restante do bando estava se reunindo de cara fechada em volta do fogo, esfregando os olhos de sono.

— Estamos indo para a Big Apple, pessoal. A cidade que nunca dorme. Acho que estamos, talvez, a seis, sete horas de distância.

Vinte minutos mais tarde, estávamos decolando, um a um. Fui a última após Angel, corri cerca de seis metros e pulei para o ar, batendo as asas com força. Eu estava a talvez três metros do chão quando aconteceu de novo. Alguma força invisível empurrou um prego de ferrovia pelo meu crânio.

Gritei, caindo, e bati no chão com violência o bastante para perder o fôlego. Enrolei-me em uma bola frágil de dor, segurando a cabeça, sentindo lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas, tentando não berrar.

— Max?

Os dedos gentis de Fang tocaram meu ombro.

— É como antes?

Eu não conseguia nem fazer que sim. Estava usando todas as minhas forças para impedir que a cabeça se abrisse e o cérebro espirrasse nos meus amigos. Um som agudo e penetrante chegou aos meus ouvidos. *Fui eu.*

Por trás dos meus olhos, uma explosão de vermelho e laranja inundou meu cérebro, como se fogos de artifício estivessem explodindo dentro dele. Em seguida, foi como se alguém tivesse forrado minhas retinas diretamente com uma tela de cinema: imagens rápidas como raios passaram por mim tão depressa que fiquei enjoada. Eu mal conseguia distingui-las: *prédios borrados, paisagens indistintas, rostos de pessoas irreconhecíveis, comida, manchetes de jornal, coisas antigas em preto e branco, coisas psicodélicas, formas espiraladas...*

Não sei por quanto tempo durou... Anos? Aos poucos, aos poucos, percebi que conseguia me mexer e, assim que pude, arrastei-me até alguns arbustos e vomitei todas as entranhas. Depois, deitei-me arfando, sentindo-me como morta. Demorou um tempo até eu conseguir abrir os olhos e ver céu azul, nuvens brancas fofas... e cinco rostos preocupados.

— Max, o que tem de *errado* com você? — Angel falou, soando tão assustada quanto parecia.

— Você acha que devia ir a um médico? — Fang perguntou sem demonstrar emoção, mas seus olhos estavam muito penetrantes.

— Ah, sim, *essa* é uma boa ideia — falei, fraca. — Precisamos deixar *mais* autoridades saberem sobre nós.

— Olhe — Fang começou, mais eu o cortei.

— Estou bem agora — falei, mentindo de dentes cerrados. — Talvez seja uma virose, ou algo assim.

É, o tipo de virose que causa *câncer no cérebro*. O tipo de virose que você pega quando toda a sua constituição genética está prestes a desmoronar. A virose que você pega antes de morrer.

— Vamos para Nova York e ponto-final — eu disse.



Após me lançar um olhar longo e calmo, Fang encolheu os ombros e fez sinal para Gasman decolar. Relutante, ele o fez, e os outros o seguiram.

— Depois de você — Fang falou, sacudindo o polegar para o céu.

Cerrando os dentes, eu me levantei e corri trêmula, abrindo as asas e pulando no ar de novo, meio preparada para outra explosão de dor. Mas ficou tudo bem. Eu ainda sentia que poderia vomitar e pensei quão horrível isso seria no ar.

— Você está bem? — Nudge perguntou quando já estávamos voando.

Concordei.

— Estive pensando na minha mãe e no meu pai — ela falou. Suas asas caramelo batiam em uníssono com as minhas, e quase atingíamos uma a outra ao batê-las para baixo. — Aposto que... Se eles pensam que morri há onze anos, então aposto que ficariam muito felizes em me ver de novo, certo? Digo, se todo esse tempo desejaram que eu tivesse ido para casa com eles e crescido... Eles ficariam muito felizes em me ver, não ficariam? — Eu não disse nada. — A menos que... — Ela franziu as sobrancelhas. — Digo...

Acho que não sou o que estavam esperando, né? Não é minha culpa nem nada, mas, quero dizer, eu tenho *asas*. — *É*, pensei. — Eles podem não me querer se eu tiver asas e for tão estranha e tal — Nudge disse, a voz baixando. — Talvez eles só queiram uma filha normal e, se eu for esquisita, não iriam me querer de volta de qualquer forma. O que você acha, Max?

— Não sei, Nudge — respondi. — Parece que, se eles são seus pais, deveriam te amar independentemente de qualquer coisa, mesmo se você for diferente.

Pensei em como Ella havia me aceitado bem do jeito que eu era: asas, esquisitice e tudo. E a doutora Martinez sempre seria minha imagem perfeita de mãe. Ela me aceitara também. E eu estava inspirando profundamente, tentando não chorar. Porque não tinha vivido emoções *suficientes* naquela manhã.

Murmurei um palavrão para mim mesma. Após ter ouvido Angel falar palavrões como um marinheiro quando bateu o dedo do pé, minha nova resolução era prestar atenção ao que dizia. Tudo de que eu precisava era de uma mutante de seis anos com a boca suja.

Pensei em quando Ella, sua mãe e eu tínhamos feito cookies com gotas de chocolate. Do nada. Partindo de, tipo, um saco de farinha e ovos de verdade. Não comprados em loja, nem mesmo a massa era pronta. O aroma que tinham quando estavam no forno era in-crí-vel. Tinham cheiro de... lar. Como um lar de verdade devia cheirar.

Aqueles tinham sido os melhores cookies que eu já comera.



— **Ai**, meu Deus — murmurei, olhando as luzes abaixo de nós.

A maioria da cidade de Nova York fica na parte final de uma ilha longa e fina: Manhattan, na verdade. Dava para ver exatamente onde começava e onde terminava, porque, de repente, a paisagem escura queimava em luzes. Um fluxo contínuo de pérolas de faróis movia-se devagar pelas artérias da cidade. Parecia que cada janela de cada prédio tinha uma luz flamejando.

— São *muitas* pessoas — Fang disse, vindo ao meu lado.

Eu sabia o que ele estava pensando: todos nós tendemos a ficar um pouco claustrofóbicos, um pouco paranoicos quando estamos perto de muitas pessoas. Não só Jeb sempre nos alertava sobre interagir com qualquer pessoa por qualquer motivo como sempre havia a possibilidade de um daqueles desconhecidos poder se transformar de repente em um Apagador.

— Ai, minha nossa! Ai, minha nossa! — Nudge dizia animada. — Quero ir pra lá! Quero andar na Quinta Avenida! Quero ir aos museus! — Ela se virou para mim, o rosto iluminado de expectativa. — Sobrou algum dinheiro? Podemos comer alguma coisa? Podemos, tipo, fazer compras?

— Temos um pouco de dinheiro — falei a ela. — Podemos comer alguma coisa. Mas lembrem-se de que estamos aqui para encontrar O Instituto.

Nudge assentiu, mas percebi que metade das minhas palavras tinha entrado por uma orelha e saído direto pela outra.

— O que é esse som? — Iggy perguntou, concentrando-se. — É música. Tem música abaixo da gente? Como podemos escutar aqui no alto?

O Central Park era um retângulo grande e relativamente escuro abaixo de nós. Em uma ponta, numa clareira, eu conseguia ver uma multidão de gente. Grandes holofotes brilhavam sobre as pessoas.

— Acho que deve ser um show — falei a Iggy. — No parque. Um show ao ar livre.

— Ah, que legal! — Nudge disse. — Podemos ir? Por favor, Max, por favor? Um show de verdade!

Se é possível alguém pular para cima e para baixo de animação enquanto voa, Nudge o estava fazendo.

O parque estava bem escuro. Havia centenas de milhares de pessoas lá embaixo. Até os Apagadores teriam dificuldade de nos encontrar naquela multidão.

Tomei uma decisão de líder.

— Sim. Tentem descer bem atrás do feixe do holofote para não sermos vistos.

Pousamos em silêncio em meio a um grupo de carvalhos de troncos grossos. Paramos um momento para sacudir as pernas, dobrar as asas e cobri-las com as jaquetas impermeáveis. Após uma contagem rápida, liderei o caminho até a multidão, tentando parecer casual, tipo *voar? Eu? Nããão!*

A música estava inacreditavelmente alta: alto-falantes mais altos que Iggy estavam empilhados uns sobre os outros, de três em três. Para mim, era como se o próprio chão estivesse vibrando.

— Que show é este? — Iggy perguntou, gritando na minha orelha.

Espiei por cima de dezenas de milhares de cabeças para ver o palco elevado. Graças à minha visão de ave de rapina, não tive problemas para identificar os músicos. E um banner que dizia Natalie e Trent Taylor.

— São os gêmeos Taylor — relatei, e a maioria do bando gritou e assobiou.

Eles adoravam os gêmeos Taylor.

Angel ficou perto de mim, a mãozinha na minha, enquanto ficamos no meio da multidão. Estávamos na extremidade o suficiente para evitar o efeito sardinha das pessoas mais próximas ao palco. Acho que teríamos enlouquecido se estivéssemos tão cercados, tão incapazes de nos mexer. Iggy colocou Gasman nos ombros e lhe deu um isqueiro para acender, como milhares de outras pessoas faziam. Gasman balançou no ritmo da música, segurando o isqueiro alto. Quando olhou para baixo, para mim, seu rosto estava tão cheio de felicidade que quase comecei a chorar. Quantas vezes eu o vira daquele jeito? Tipo duas? Em oito anos?

Ouvimos Natalie e Trent até o show acabar. Assim que o rio de pessoas começou a passar jorrando por nós, nos fundimos com as sombras das árvores. Os galhos estavam grossos e receptivos. Voamos para eles, acomodando-nos com conforto.

— Foi incrível! — Nudge disse, feliz. — Não acredito em quantas pessoas há, todas amontoadas no mesmo lugar. Quero dizer, ouçam... *Nunca tem silêncio*. Posso ouvir pessoas e trânsito, e sirenes, e cachorros latindo. Digo, era sempre tão quieto em casa.

— Quietos demais — disse Gasman.

— Bem, eu odeio — Iggy disse decidido. — Quando fica silencioso, consigo saber onde diabos as coisas e as pessoas estão, onde os ecos estão reverberando. Aqui, estou apenas cercado por uma parede grossa e sufocante de sons. Quero sair daqui.

— Ah, Iggy, não! — Nudge gritou. — Este lugar é tão legal! Você vai se acostumar.

— Estamos aqui para descobrir o que pudermos sobre o Instituto — lembrei aos dois. — Sinto muito, Iggy, mas talvez você logo se acostume um pouco mais. E, Nudge, essa não é uma viagem de passeio. Nosso objetivo é achar o Instituto.

— Como vamos fazer isso? — Angel perguntou.

— *Eu tenho um plano* — falei com firmeza.

Meu Deus, eu tinha mesmo que manter todas aquelas mentiras sob controle.



Basicamente, se você colocasse uma cerca em volta da cidade de Nova York, teria o maior circo não itinerante do mundo.

Quando acordamos ao nascer do sol da manhã seguinte, já havia pessoas correndo, andando de bicicleta e até andando a cavalo pelos quilômetros e quilômetros de trilhas do Central Park. Deslizamos para fora das árvores e vagamos casualmente pelos caminhos.

Uma hora depois, skatistas velozes estavam passando depressa, artistas de rua, arrumando seus acessórios, os caminhos, quase lotados de pessoas passeando com cachorros e mães empurrando carrinhos de bebê que se sacudiam.

— Aquela mulher tem seis poodles brancos! — Nudge sibilou por trás da mão. — Quem precisa de seis poodles brancos?

— Talvez ela os venda para crianças com olhos grandes e arregalados — sugeri.

— Alguma coisa está com um cheiro maravilhoso — Iggy falou, girando a cabeça para detectar a fonte. — O que é? Está ali.

Ele apontou para a minha esquerda.

— Tem um cara vendendo comida — respondi. — Diz amendoins torrados com mel.

— Tô nessa! — disse Iggy. — Pode me dar um pouco de dinheiro?

Iggy, Angel e eu fomos comprar seis saquinhos de amendoins torrados com mel (eles tinham mesmo o aroma do paraíso), e Fang, Nudge e Gasman foram ver uma palhaça que vendia balões.

Estávamos andando para nos juntar a eles quando algo na palhaça me chamou a atenção. Ela estava observando um cara bem-vestido e de cabelos escuros andando por um caminho. O olhar deles se cruzou.

Um frio desceu pelas minhas costas. Simples assim, minha alegria do dia acabou. Fui levada para o medo, a raiva e um sentimento de autopreservação intenso.

— Iggy, atenção — sussurrei. — Pegue os outros.

Ao meu lado, Angel estava bem encolhida, a mão agarrando a minha com força. Andamos depressa até os outros. Fang, fazendo uma varredura automática da área, viu minha expressão de urgência. No momento seguinte, ele havia firmado uma mão nos ombros de Nudge e Gasman e os virado para se afastarem depressa.

Nós nos encontramos no caminho e aceleramos o passo. Uma olhada para trás mostrou-me que o cara de cabelo escuro estava nos seguindo. Ele vinha acompanhado de uma mulher que parecia tão concentrada e poderosa quanto ele.

Uma onda de palavrões heroicamente contidos passou por minha cabeça. Passei os olhos pelo cenário à procura de rotas de fuga, um lugar de onde poderíamos levantar voo, um lugar para nos agacharmos e nos escondermos.

Eles estavam nos alcançando.

— Corram! — falei.

Nós seis corremos mais rápido que a maioria dos homens adultos, mas os Apagadores também haviam sido geneticamente melhorados. Se não conseguíssemos encontrar uma saída, estaríamos acabados.

Agora havia três deles; outro homem parecido com um modelo tinha se juntado a eles. Eles haviam começado um trote tranquilo. E estavam diminuindo o espaço entre nós.

Caminhos se juntavam a outros caminhos, às vezes se estreitando, às vezes ficando mais largos. De novo e de novo, quase batemos com ciclistas e skatistas indo rápido demais para desviar.

— Quatro deles — Fang disse. — Correndo, pessoal!

Aumentamos a velocidade. Havia, talvez, dezoito metros de distância entre nós. Sorrisos famintos desfiguraram o rosto bonito deles.

— Seis deles! — falei.

— Eles são muito rápidos — Fang me informou sem necessidade.
— Talvez a gente devesse voar.

Mordi o lábio, mantendo um aperto forte na mão de Angel. *O que fazer, o que fazer. Eles estavam mais perto, e ainda mais perto...*

— Oito deles! — disse Fang.



— **E**squerda! — Iggy disse, e sem perguntas todos nós fomos para a esquerda.

Como ele sabia que estava lá, eu não fazia ideia.

Nosso caminho se abriu de repente para uma praça mais ampla cercada de vendedores de todos os tipos de coisas. Alguns prédios de tijolos estavam à esquerda, e uma multidão de crianças passava por um portão de metal.

Tive o vislumbre de uma placa: Zoológico do Central Park.

— Misturando! — sussurrei, e nos fundimos facilmente à horda de crianças de colégio.

Fang, Iggy, Nudge e eu nos agachamos para ficar mais baixos, e todos nós serpenteamos pelo meio do grupo, sendo cercados, assim, por outras crianças. Nenhuma delas parecia achar estranho estarmos lá... Devia haver mais de duzentas delas sendo guiadas para atravessar o portão.

Contive o impulso de fazer “muuuu” e olhei por cima do ombro de uma garota. Os Apagadores tinham se espalhado e estavam nos

procurando, parecendo frustrados. Um dos vermes tentou passar pelo policial no portão do zoológico, mas este bloqueou o caminho.

— Dia só para escolas — eu o ouvi dizer. — Nenhum adulto sem autorização. Ah, você é acompanhante? É? Me mostre o seu ingresso.

Com um rosnado baixo, o Apagador recuou e se juntou aos companheiros. Sorri: parado por um policial de Nova York. Muito bom, meninos de azul!

Chegamos ao portão de entrada: *o momento da verdade*.

Fizeram sinal para entrarmos!

— Andem, andem, andem — a pessoa no portão murmurou, fazendo um aceno para passarmos sem olhar para nós.

No zoológico, saímos desajeitados para um dos lados, então paramos por um momento e nos cumprimentamos batendo nas mãos uns dos outros.

— Isso! — Gasman disse. — Dia apenas para escolas! Isso. Eu amo este lugar!

— O zoológico! — Nudge disse, praticamente tremendo de animação. — Sempre quis ver um zoológico! Li sobre eles... Vi na TV. Isso é tão legal! Obrigada, Max.

Eu não tinha tido nada a ver com aquilo, mas sorri e assenti: Max magnânima.

— Venham, vamos entrar mais — disse Iggy, parecendo nervoso. — Abrir alguma distância entre nós e eles. Nossa, aquilo era um leão? Por favor, digam pra mim o que está atrás das grades.

— É um *zoológico*, Iggy — Nudge disse, pegando os braços dele e guiando-o. — *Tudo* está atrás das grades.

Como costumávamos estar.



— **A**h, cara, olha o urso-polar!

Gasman apertou o rosto contra o vidro do cercado, observando enquanto um urso branco enorme nadava graciosamente em sua grande piscina. O animal tinha um barril de cerveja vazio de aço para brincar, o qual ele batia na água.

Vou ser bem direta: nunca tínhamos visto nenhum daqueles animais antes — não na vida real. Não crescemos indo a excursões, tendo passeios dominicais com os pais. Aquilo era completamente diferente, um mundo exótico, onde crianças se aglomeravam com liberdade por um zoológico, os animais estavam em habitats, não passando por enxertos de DNA, e estávamos passeando com a garotada, não presos a monitores de eletroencefalografia e medidores de pressão.

Era louco.

Igual àquele urso. Dois ursos, na verdade. Um urso grande e principal e um urso menor de apoio. Eles tinham um espaço bem grande, com pedras enormes e uma piscina gigantesca, brinquedos para brincar.

— Cara! — disse Gazzy, desejoso. — Eu adoraria ter uma piscina.

Ou, ei! Que tal uma casa? Segurança? Muita comida?

Coisas tão impossíveis quanto uma piscina. Estendi a mão e esfreguei o ombro de Gazzy.

— Seria muito legal — concordei.

Todos aqueles animais, mesmo estando presos em espaços cercados, provavelmente superentediados, possivelmente solitários, ainda estavam muito melhor que nós na Escola. Senti-me brava e irritada, nervosa, ainda perdendo a onda de adrenalina após ser caçada pelos Apagadores. Ver todos aqueles animais me fez lembrar muito de quando, mais nova, eu morava em uma gaiola tão pequena na qual não conseguia ficar em pé.

O que me lembrou: de que estávamos ali para achar o Instituto, o que quer que aquilo fosse. Em pouco tempo, poderíamos saber quem éramos, de onde viemos, como nossa vida toda havia acontecido.

Esfreguei a mão por cima da boca, realmente começando a me sentir preocupada e com um pouco de dor de cabeça. Mas Nudge, Gasman, Angel e Iggy estavam se divertindo muito. Nudge estava descrevendo tudo a Iggy, e ambos riam e corriam. Como crianças normais. Quero dizer, exceto pelas asas retratáveis e tal.

— Este lugar me dá arrepios — Fang disse.

— Você também? Estou enlouquecendo — admiti. — É a cidade do flashback. E estou com... — comecei a dizer “dor de cabeça”, mas decidi que não queria reclamar ou ouvir Fang me dizer para ir ao médico de novo — um desejo louco de libertar todos esses animais.

— Libertar para fazerem o quê? — Fang perguntou, seco.

— Só para *saírem*, escaparem — falei.

— No meio de Manhattan? — Fang observou. — Livres sem proteção, sem ninguém para lhes dar comida, sem ideia de como se cuidar? Eles estão melhor aqui. A menos que você queira voar para a Groenlândia com um urso-polar nas costas.

A lógica é tão incrivelmente irritante às vezes. Lancei um olhar bravo para Fang e fui reunir todos.

— Podemos ir embora? — perguntei a eles tentando não choramingar. Nada adequado a uma líder. — Apenas... quero sair daqui.

— Você parece meio verde — Gasman disse com interesse.

Eu *estava* começando a me sentir enjoada.

— É. Podemos ir antes que eu vomite na frente de todas essas crianças impressionáveis?

— Aqui — Fang disse, fazendo um gesto para uma enorme fenda entre duas grandes rochas manufaturadas. Ela levava para um caminho que devia ser para os funcionários do zoológico; estava vazio e cercado de cordas.

Consegui sair dali sem desabar, gritar ou vomitar. Que boa mudança.



— **S**abem do que gosto em Nova York? — Gasman disse, mastigando ruidosamente seu cachorro-quente. — Está cheia de nova-iorquinos que são mais bizarros que nós.

— Então nos misturamos? — Iggy perguntou.

Olhei para ele, que lambia um sorvete de casquinha que era como uma miniatura dele mesmo: alto, magro e de baunilha. Ele já tinha um metro e oitenta e dois... Nada mal para um menino de quatorze anos. Com sua altura, sua pele pálida e seu cabelo loiro claro avermelhado, sempre achei que ele era o mais visível de nós. Porém, naquela ampla avenida, estávamos cercados por modelos maravilhosos, roqueiros punk, góticos e fãs do couro, engravatados, estudantes, pessoas de todos os países... E, bem, é, seis crianças com jaquetas impermeáveis grandes, roupas batidas e higiene questionável não se destacavam de verdade.

— Mais ou menos — falei. — É claro que isso não vai ajudar com os Apagadores.

Automaticamente, fiz uma varredura no perímetro, trezentos e sessenta graus, para notar sinais de problemas.

— Falando nisso — Fang disse —, parece que estamos lidando com a versão 6.0.

— Eu estava pensando a mesma coisa — contei. — A safra deste ano parece mais humana. E há mulheres. O que é uma decepção.

Mesmo enquanto eu falava, estava examinando todos os rostos pelos quais passávamos, procurando sinais de elegância selvagem, uma luz cruel nos olhos, o entalhe duro da boca.

— É. Todos nós sabemos como as mulheres são sedentas por sangue. Lutas sujas e coisas do tipo — Fang disse.

Revirei os olhos. Que comediante!

— Posso comer um burrito? — Nudge perguntou conforme nos aproximamos de outro vendedor de rua.

Ela ficou de frente para mim, pulando para trás na calçada.

— O que é *nish*? Posso comer um burrito, né?

— *Knish* — eu a corriji. — É como um quadrado de purê de batata.

Eu estava passando os olhos por todos os prédios... Procurando o quê, não sabia. Uma grande placa que dizia O Instituto?

— O que é chucrute? — Angel perguntou.

— Você não vai querer — respondi. — Confie em mim.

Cada um de nós pegou um burrito, quente e embrulhado em papel-alumínio.

— Gosto de poder comprar comida enquanto andamos — Nudge disse, feliz. — Se você anda alguns quarteirões, tem alguém vendendo comida. E lojas de comidas sofisticadas! Adoro essas lojas! Estão por toda parte! Pra todo lugar que você vai, tem tudo de

que precisa: comida normal, comida chique, bancos, estações de metrô, ônibus, lojas legais, barracas de frutas bem na rua. Este é o melhor lugar, estou dizendo. Talvez a gente devesse sempre morar aqui.

— Com certeza seria conveniente para os Apagadores — falei. — Eles não teriam que nos rastrear no meio do nada.

Nudge franziu as sobrancelhas, e Angel pegou minha mão.

— Mas você está certa, Nudge — eu disse, sentindo-me mal por estragar a alegria dela. — Sei o que quer dizer.

Porém, estava custando dinheiro, e nós estávamos ficando sem. *E tínhamos uma missão.*

De súbito, parei como se tivesse sido atingida.

Fang examinou meu rosto.

— Aquela dor? — perguntou em voz baixa, olhando em volta como se estivesse planejando me levar a algum lugar se eu de repente caísse.

Fiz que não com a cabeça e respirei fundo.

— *Cookies!*

Ele olhou para mim sem reação.

Virei em um círculo para ver de onde o aroma vinha. Dã. Bem diante de nós havia uma pequena loja vermelha. O cheiro dos cookies saindo do forno flutuou até a rua. Tinha o cheiro da casa de Ella, de segurança, de lar.

— Preciso comer cookies — anunciei e entrei na loja, Angel andando rápido ao meu lado.

Eles eram fabulosos.

Mas não tão bons quanto os caseiros.



— **E**ntão, qual é o seu grande plano para encontrar o Instituto?
— Iggy perguntou.

— Estou cansada de andar — Nudge disse. — Podemos sentar por um minuto?

Sem esperar resposta, ela afundou em uns degraus de pedra largos em frente a um prédio. Apoiou a cabeça nas mãos e fechou os olhos.

— Hã...

Apenas andar por aí até vermos o Instituto não parecia uma boa resposta. Porém, Iggy tinha acertado em cheio: eu não sabia como encontrar o Instituto. Eu não sabia como ele era nem mesmo se ficava na cidade de Nova York.

Gasman e Angel sentaram-se ao lado de Nudge. Mais uma vez, percebi o quanto eles eram crianças incrivelmente fofas... para mutantes.

— Que tal uma lista telefônica? — Fang sugeriu. — De vez em quando vejo uma.

— É, essa é uma possibilidade — falei, frustrada por não pensar em nada melhor.

Precisávamos de um sistema de informação de algum tipo... Como um computador que pudéssemos hackear. Um grande leão de mármore chamou minha atenção; aquele prédio tinha dois deles. Muito extravagante.

Pisquei e vi quatro leões, como imagens sobrepostas umas às outras. Eles tremularam diante dos meus olhos, e sacudi um pouco a cabeça. Um grande peso se acomodou em meu peito... Meu cérebro estava funcionando mal de novo.

— Então, o que vamos fazer? — Iggy perguntou.

É, líder, lidere.

Para ganhar tempo, preocupada que minha cabeça pudesse explodir a qualquer momento, olhei para cima na direção do prédio em frente a nós. Tinha um nome. Chamava-se Biblioteca Pública de Humanidades e Ciências Sociais de Nova York. Alô! Uma *biblioteca*.

Sacudi a cabeça para o prédio.

— Vamos começar por aqui — falei, alegre, e bati as mãos duas vezes para os pequenos se levantarem. — Acho que eles devem ter computadores, bancos de dados...

Deixei minha voz morrer e comecei a subir os degraus decidida. Nudge, Gazzy e Angel me seguiram.

— Como ela faz isso? — ouvi Fang perguntar a Iggy.



Do lado de dentro, a biblioteca era incrível. Nenhum de nós já tinha entrado em uma antes, e estávamos boquiabertos como os caipiras que éramos.

— Posso ajudar?

Um homem jovem estava atrás de um balcão de madeira polido. Tinha um olhar de leve desaprovação, mas não como se quisesse arrancar nossos pulmões, então achei que ele não era um Apagador.

— Sim. — Dei um passo à frente, parecendo tão séria e profissional quanto uma mutante de quatorze anos que nunca fora a uma biblioteca. — Eu estava esperando encontrar informações sobre um certo instituto que eu *acho* que fica em Nova York. — Sorri para ele, tentando ser afetuosa, e ele piscou. — Infelizmente, não sei o nome completo nem em que lugar de Nova York ele fica. Tem um computador que eu possa usar para pesquisar? Ou algum tipo de banco de dados?

Ele olhou para todos nós. Angel veio para perto de mim e segurou minha mão. Com o olhar, lançou um sorriso bem angelical para o rapaz.

— Quarto andar — o rapaz disse após uma pausa. — Há computadores em uma sala fora da sala principal de leitura. São gratuitos, mas você precisa se registrar.

— Muito obrigada — falei, sorrindo de novo.

Em seguida, fomos depressa para os elevadores.

Gasman apertou o número quatro.

— Bem, você é charmosa, não? — Fang murmurou, sem olhar para mim.

— O quê? — perguntei assustada, mas ele não disse nada.

Subimos, odiando estar em um lugar pequeno e fechado. O suor estava aparecendo na minha testa quando as portas se abriram no quarto andar, e pulamos para fora como se o elevador tivesse sido pressurizado.

Imediatamente, encontramos um conjunto de computadores com instruções de como navegar na internet. Tudo de que precisávamos era nos inscrever no balcão. Assinei “Ella Martinez” com um floreio, e o atendente sorriu pra mim.

Essa foi a última coisa divertida que aconteceu pela hora e meia seguinte. Fang e eu pesquisamos de todas as maneiras possíveis e imagináveis e encontramos um milhão de institutos de um tipo ou de outro, em Manhattan e por todo o estado de Nova York, mas nenhum deles parecia promissor. Meu favorito? O Instituto para Atingir o Potencial Interno do seu Bicho de Estimação. Quem puder explicar isso pra mim, fique à vontade.

Angel estava deitada sob a escrivaninha aos nossos pés, murmurando para si mesma. Nudge e Gasman brincavam de força com um pedaço de papel de rascunho. Às vezes a brincadeira ficava violenta, uma vez que nenhum deles saberia soletrar nem se a vida deles dependesse disso.

Iggy estava sentado imóvel em uma cadeira, e eu sabia que ele ouvia cada sussurro, cada cadeira arrastada, cada farfalhar de tecido na sala, criando um mapa invisível do que estava acontecendo ao redor.

Digitei outro comando de busca e observei desanimada à medida que a tela do computador embaçava e parava de funcionar. Uma fileira de palavras laranja, *falha, falha, falha* rolou pela tela, até ela enfim ficar preta, piscar e apagar.

— De qualquer forma, está quase na hora de fechar — Fang disse.

— Podemos dormir aqui? — Iggy perguntou baixinho. — É tão silencioso. Gosto daqui.

— Hã, acho que não — falei, olhando ao redor.

Eu não havia percebido que a maioria das pessoas fora embora... Éramos os únicos na sala. Exceto por uma guarda de uniforme que acabara de nos ver. Ela começou a andar em nossa direção, e algo nela, seu ritmo muito controlado, fez meus alarmes internos dispararem.

— Vamos nos separar — murmurei, puxando Iggy da cadeira.

Deslizamos para fora de lá, encontramos as escadas e descemos correndo o mais depressa que podíamos. Eu estava esperando Apagadores a qualquer momento. Mas saímos de repente para a luz fraca do fim da tarde e descemos correndo os degraus de pedra sem ninguém nos seguir.



— **P**odemos pegar o metrô de volta para o parque? — Nudge perguntou, cansada.

Estava tarde. Decidimos dormir no Central Park de novo. Ele era enorme, escuro e cheio de árvores.

— São só uns dezoito quarteirões para andar — eu disse. — Mas Angel estava começando a murchar também... Estava muito longe de ter-se recuperado cem por cento. — Vamos ver quanto custaria.

Após descer cinco degraus da entrada do metrô, eu já estava tensa. Nudge, Angel e Gasman estavam cansados demais para odiar estar em um espaço fechado, mas Fang, Iggy e eu estávamos nervosos.

A passagem custava dois dólares por pessoa, exceto para crianças com menos de um metro e doze, que entravam de graça. Olhei para Angel. Embora ela tivesse apenas seis anos, já tinha um metro e vinte e dois. Então seriam doze dólares.

Contudo, o guichê estava vazio. Assim, teríamos que usar a máquina de passagens. Quer dizer, isso se fôssemos nos importar com algo tão pequeno quanto pular a catraca sem ninguém estar olhando.

Após entrarmos, dez minutos se passaram sem nenhum trem. Dez loongos minutos em que me senti a ponto de começar a gritar e subir pelas paredes. Se tivéssemos sido seguidos, se Apagadores chegassem...

Vi Iggy virar a cabeça, ouvindo algo vindo do túnel escuro.

— O que foi? — perguntei.

— Pessoas — ele respondeu. — Lá dentro.

— Funcionários?

— Acho que não.

Espiei a escuridão. Prestando atenção, conseguia ouvir vozes também. E bem para a frente, nos trilhos, vi o que parecia o bruxulear de uma fogueira; o brilho refletido da virada da curva no túnel.

Tomei uma decisão rápida, o que sempre fazia o bando se sentir muito seguro e confortável.

— Vamos — falei e pulei da plataforma para os trilhos que levavam rumo à escuridão.



— **O** que aquilo significa? — Gasman perguntou, apontando para uma placa de metal que dizia “Fique longe do terceiro trilho!”.

— Significa que o terceiro trilho tem sete mil volts de corrente direta correndo por ele — Fang disse. — Toque nele e você será pipoca humana.

— Certo — falei. — Boa dica. Fiquem todos longe do terceiro trilho.

Lancei um olhar para Fang que dizia “Obrigada pela bela imagem”. Ele quase sorriu pra mim.

Iggy sentiu o trem primeiro.

— Saiam todos dos trilhos — falou, ficando parado até eu pegar seu braço.

Todos nós fomos para uma parede suja e nojenta e nos apertamos contra ela o máximo possível.

Trinta segundos depois, um trem passou tão depressa que o vento nos fez balançar na sua direção. Mantive o joelho apertado contra Angel para que ela não fosse puxada.

— Bem, isso foi muito estressante — falei enquanto nos descolávamos devagar e com cuidado da parede.

— Quem está aí?

A voz era irritada, agressiva e rouca, como se seu dono tivesse passado os últimos cinquenta anos fumando cigarros. Talvez tivesse.

Seguimos adiante prestando atenção, as asas começando a se abrir um pouco caso precisássemos ir para o ar de repente.

— Ninguém — falei, convincente, quando viramos uma curva no túnel.

— Uau — Gasman arfou.

Diante de nós havia uma cidade. Uma cidade pequena e em péssimas condições no subsolo de Manhattan. Grupos de pessoas formavam aglomerações em uma grande caverna de concreto. O teto ficava três andares acima de nós e pingava água e estalactites de tinta.

Vários rostos sujos olharam na nossa direção, e alguém disse:

— Não são policiais. *Crianças*.

Eles se desviraram desinteressados, exceto uma mulher que parecia estar usando umas cinco camadas de roupas.

— Vocês têm comida? — ela latiu.

Sem fazer barulho, Nudge tirou do bolso um *knish* enrolado em um guardanapo e o entregou. A mulher o cheirou, olhou para ele, virou-se de costas para nós e começou a comer.

Aqui e ali, a caverna era pontilhada de barris de óleo de cento e noventa litros, nos quais as pessoas haviam feito fogueiras. Era uma

noite quente de primavera, mas as fogueiras forneciam a única fonte de luz e ajudavam a evitar o frio úmido que subia pelas minhas pernas.

Era um mundo completamente novo, feito de pessoas sem teto, que não se adequavam a lugar nenhum, fugitivos... Vimos um punhado de crianças que pareciam ter mais ou menos a nossa idade.

Percebi que minha cabeça estava doendo. Estava piorando durante a noite toda, e, naquele momento, eu só queria dormir.

— Ali — disse a mulher do *knish*, apontando.

Olhamos e vimos uma pequena saliência de concreto construída na parede. Tinha centenas de metros de comprimento, e as pessoas estavam dormindo lá, sentadas lá, marcando seu território com cobertores velhos ou caixas de papelão. A mulher apontara uma seção de nove metros de comprimento que parecia desocupada.

Olhei para Fang, e ele encolheu os ombros. Não era tão legal quanto o parque, mas era quente, seco e parecia um pouco seguro. Subimos desajeitados na saliência, eu ajudando Angel. Virados de costas para todos, empilhamos nossos punhos e batemos as mãos duas vezes. Quase instantaneamente, Nudge deitou-se usando as mãos como travesseiro. Fang e eu nos sentamos contra a parede. Baixei a cabeça e comecei a esfregar as têmporas.

— Você está bem? — Fang perguntou.

— É — murmurei. — Vou estar melhor amanhã.

— Durma — disse Fang. — Vou ficar com o primeiro turno.

Lancei-lhe um sorriso grato, e logo estava apagada, apagada, apagada... Sem fazer ideia de como saberíamos quando amanhecesse.



A explosão veio de novo enquanto eu dormia.

Em um momento, eu estava perdida em um sonho no qual passeava preguiçosa por um campo de flores amarelas, como um comercial de xampu idiota, e no momento seguinte tinha me sentado e dobrado ao meio, segurando a cabeça e me sentindo assim: a morte finalmente viera me pegar e não aceitaria um não como resposta.

Minha respiração eram assobios presos. Fragmentos de dor rasgavam meu cérebro, e eu me ouvi choramingar. *Por favor, permita que seja rápido*, implorei a Deus. Por favor, apenas acabe com isso, acabe com isso, acabe com isso agora. Por favor, por favor, por favor.

— Max? — a voz baixa de Fang, bem no meu ouvido, infiltrou-se pelas ondas de agonia.

Eu não conseguia responder. Meu rosto estava lavado de lágrimas. Se estivesse de pé em um despenhadeiro, nada teria me impedido de me jogar. Com as asas *fechadas*.

No cérebro, imagens apareciam de maneira incompreensível, deixando-me enjoada, atacando meus sentidos com figuras,

palavras, sons. Uma voz falando bobagem. *Talvez fosse minha.*

Como se fosse de uma grande distância, senti a mão de Fang no meu ombro, mas era como assistir a um filme: parecia completamente sem relação com o que eu estava passando. Meus dentes estavam travados com tanta força que o maxilar doía, então senti gosto de sangue. Tinha mordido meu próprio lábio.

Quando eu veria o túnel proverbial de luz branca de que eu ouvira falar? Com pessoas esperando por mim do outro lado, sorrindo e estendendo-me as mãos? As crianças com asas não vão para o céu?

Em seguida, uma voz irritada foi filtrada pela dor:

— *Quem está aprontando com o meu Mac?*



Como nas outras vezes, a dor diminuiu devagar, e aos poucos quase chorei de frustração: se estava acabando, eu não estava morta. Se não estava morta, poderia passar por aquela dor de novo.

Imagens passaram por trás dos meus olhos, mas estavam desfocadas e indecifráveis. Se eu estivesse sozinha, teria começado a gritar alto. Em vez disso, tinha de tentar desesperadamente manter a calma, tentar não acordar os mais novos (se já não estivessem acordados), tentar não denunciar nossa posição.

— Quem é você? — a voz irritada apareceu novamente. — O que está fazendo? Você estragou meu sistema todo, imbecil inútil!

Em geral, eu já estaria de pé, empurrando Angel e os outros para trás de mim, mostrando os dentes irada. No entanto, naquela noite, eu estava dobrada em uma bola, humilhada e choramingando, segurando a cabeça, os olhos fechados e apertados, tentando não soluçar como uma completa fracote.

— Do que você está falando? — Fang perguntou, um tom de dureza na voz.

— Meu sistema pifou. Rastreei a interferência e está vindo de você. Então estou falando pra você parar... Ou então...

Respirei fundo, trêmula, totalmente mortificada por um estranho estar me vendo daquela forma.

— E qual é o problema *dela*? Está drogada?

— Ela está bem — Fang disparou. — Não sabemos nada sobre o seu computador. Se seu cérebro não tiver pifado, você vai sair daqui.

Ninguém parece mais frio e mau que Fang quando ele quer.

O outro cara disse sem rodeios:

— Não vou a lugar nenhum até você parar de aprontar com o meu Mac. Por que não leva a sua namorada a um hospital?

Namorada? Ah, meu Deus, eu seria punida por isso mais tarde!

Foi o suficiente para me fazer levantar apoiada em um braço e colocar-me sentada.

— Quem diabos é você? — rosnei, o efeito totalmente arruinado pelo som fraco e choroso da minha voz.

Piscando depressa, achando até a luz fraca do túnel dolorosa, esforcei-me para focar o intruso.

Vi a imagem enevoada de alguém mais ou menos da minha idade; uma criança maltrapilha usando um uniforme militar velho. Tinha um PowerBook sujo preso a alças ao redor dos ombros como um xilofone ou algo do tipo.

— Não é da sua conta! — ele mandou de volta. — Só parem de estragar minha placa-mãe.

Eu ainda estava fria, molhada e enjoada; ainda tinha uma dor de cabeça terrível e me sentia trêmula, mas achei que conseguiria elaborar uma frase inteira.

— Do que você está falando?

— Disso!

O menino virou o Mac na nossa direção, e, quando vi a tela, tive mesmo que reprimir um grito.

Era um desencontro de imagens rápidas, desenhos, mapas, linhas de código, partes de filmes silenciosos com pessoas falando. Eram exatamente as coisas que tinham inundado meu cérebro durante meu ataque.



Parte 5

**A VOZ – FAÇA COM QUE
SEJA A MINHA VOZ**



Meus olhos foram depressa para o rosto imundo do garoto.

— Quem é você? — exigi saber de novo, a voz ainda tremendo.

— Sou o cara que vai chutar seu traseiro se não parar de estragar meu sistema — o menino disse, bravo.

No momento seguinte, a tela do computador ficou limpa por completo, do mesmo verde apagado do uniforme dele. Depois, grandes palavras vermelhas rolaram para baixo: *Olá, Max.*

A cabeça de Fang virou como um chicote para me olhar, e eu foquei os olhos grandes e escuros dele, desamparada. Em seguida, como se estivessem conectadas, nossas cabeças se viraram para olhar o computador novamente. Na tela, estava escrito *Bem-vinda a Nova York.*

Na minha cabeça, uma voz disse: *Eu sabia que você viria. Tenho grandes planos pra você.*

— Você ouviu isso? — sussurrei. — Você *ouviu* isso?

— Ouvi o quê? — Fang perguntou.

— Aquela voz? — falei.

Minha cabeça doía, mas a dor estava mais fraca e parecia que eu poderia conseguir não vomitar. Esfreguei as têmporas mais uma vez, o olhar fixo no menino do Mac.

— Qual é a parada? — ele perguntou, parecendo bem menos hostil e muito mais perturbado. — Quem é Max? Como você está fazendo isso?

— Não estamos fazendo nada — Fang disse.

Uma nova dor atacou meu cérebro, e de novo a tela do computador começou a passar imagens desconexas, coisas sem sentido, planos, desenhos, tudo caótico e confuso.

Espiando a tela, estremecendo e ainda esfregando as têmporas, vi as cinco palavras: *Instituto para uma Vida Superior*.

Olhei para Fang, e ele acenou o mais discreto possível com a cabeça: também vira.

Depois, a tela ficou vazia de novo.



O menino começou a digitar comandos rapidamente, murmurando:

— Vou rastrear isso...

Fang e eu observamos, mas alguns minutos mais tarde o *geek* parou, sacudindo o computador, frustrado. Ele olhou para nós com os olhos apertados, absorvendo tudo: o sangue secando em meu queixo, as outras crianças dormindo perto de nós.

— Não sei como você está fazendo isso — ele disse, parecendo resignado e irritado. — Onde está o seu equipamento?

— Não temos nenhum equipamento — Fang falou. — Assustador, não é?

— Vocês estão fugindo? Estão encrencados?

Jeb incorporara em nós que jamais deveríamos confiar em ninguém. (Agora sabíamos que isso o incluía.) O *geek* estava começando a me deixar extremamente nervosa.

— Por que você pensaria isso? — Fang perguntou com calma.

O menino revirou os olhos.

— Deixe-me ver. Talvez porque vocês são um bando de *crianças* dormindo em um *túnel do metrô*. É meio que uma dica, sabe?

Certo, ele tinha razão.

— E quanto a você? — questionei. — Você é uma criança dormindo em um túnel do metrô. Não tem escola?

O menino tossiu e riu.

— O MIT me expulsou.

O MIT era uma universidade para gênios... Eu ouvira falar dele. Aquele menino não tinha idade suficiente.

— A-hã — fiz-me parecer incrivelmente entediada.

— Não, é sério — ele disse, quase encabulado. — Fui aceito mais cedo. Ia me formar em tecnologia da computação. Mas perdi o controle, e eles me mandaram passear.

— O que quer dizer com perder o controle? — perguntou Fang.

Ele encolheu os ombros.

— Não quis tomar meu Amplictil. Eles disseram: “sem o remédio, sem aula”.

Certo, eu tinha convivido com cientistas malucos o suficiente para entender algumas coisas. Como o fato de o Amplictil ser o que dão para esquizofrênicos.

— Então você não gostava do Amplictil — falei.

— Não. — O rosto dele ficou sério. — Ou do Haldol, ou do Melleril, ou do Zyprexa. Todos são uma droga. As pessoas só querem que eu fique quieto, faça o que me dizem e não cause problemas.

Era estranho... Ele me lembrava um pouco de nós: tinha escolhido viver uma vida dura e suja sendo livre em vez de uma vida cuidada na qual era prisioneiro.

É claro que nós não éramos esquizofrênicos. Pensando bem, eu tinha uma voz falando na minha cabeça. Melhor não julgar muito rápido.

— Então, qual é a do seu computador, cara? — Fang perguntou.

O menino encolheu os ombros de novo.

— É o meu ganha-pão. Posso hackear qualquer coisa. Às vezes as pessoas me pagam. Faço trabalhos quando preciso de dinheiro. — De repente, a boca dele se fechou depressa. — Por quê? *Quem quer saber?*

— Se acalma, cara — Fang disse, franzindo as sobrancelhas. — Só estamos batendo um papo.

Entretanto, o menino tinha começado a recuar, parecendo bravo.

— Quem mandou vocês? — perguntou, a voz se elevando. — Quem são vocês? Me deixem em paz! Fiquem longe!

Fang ergueu as mãos num gesto de “acalme-se”, mas o menino tinha se virado e corrido. Cerca de quinze segundos depois, não conseguíamos mais ouvir os tênis dele no chão.

— É sempre um alívio conhecer alguém mais louco que nós — falei. — Parecemos tão normais depois.

— Nós? — Fang disse.

— O que foi? — Iggy perguntou, sonolento, empurrando o corpo para se levantar.

Suspirei, mas forcei-me a contar a Iggy sobre o computador do menino, a Voz na minha cabeça, as imagens que passaram por mim durante um dos meus ataques. Tentei parecer casual, para que ele não soubesse que eu estava apavorada.

— Talvez eu esteja enlouquecendo — falei com leveza. — Porém, isso vai me levar à glória. Como Joana d’Arc.

— Mas controlar o computador de outras pessoas? — Iggy questionou, cético.

— Não sei como — falei. — Contudo, já que não tenho ideia de quem ou o quê poderia estar causando isso, acho que não posso descartar nada.

— Hum. Achamos que está ligado à Escola ou ao Instituto? — Fang perguntou.

— Bem, ou isso, ou nasci assim — falei com sarcasmo. — No caso da chance improvável de eu *não ter nascido* assim, vamos tentar mesmo, mesmo, achar o Instituto amanhã. Pelo menos agora sabemos qual nome procurar.

O Instituto para uma Vida Superior.

Esse nome pega fácil, hein?



Você já acordou umas cem vezes mais exausto que quando foi dormir?

Pela manhã — pelo menos presumi que era manhã, já que todos estávamos acordando —, senti-me como uma das doze princesas que dançaram a noite toda, fizeram buracos nos sapatos e tiveram de dormir no dia seguinte para se recuperar. Exceto pelo fato de, ah, é: a) não sou princesa; b) dormir em um túnel de metrô e ter outro ataque cerebral não é muito como dançar a noite toda; e c) meus coturnos ainda estavam bons. Tirando isso, era *exatamente* a mesma coisa.

— Amanheceu? — Angel perguntou, bocejando.

— Estou com fome — foram, como se pode prever, as primeiras palavras de Nudge.

— Certo, vamos conseguir comida pra você — falei, cansada. — Em seguida, iremos encontrar o Instituto.

Fang, Iggy e eu tínhamos concordado em não contar aos mais novos sobre o hacker ou sobre meu ataque cerebral mais recente. Por que preocupá-los?

Levamos alguns minutos para encontrar o caminho pelos túneis do metrô, subir de volta para a luz e o ar. Você sabe que não estava respirando algo muito bom quando as ruas de Nova York têm um cheiro bem fresco e limpo.

— Está tão claro — Gasman disse, protegendo os olhos. Depois:
— São amendoins torrados com mel?

Era impossível resistir ao aroma. Poderia ser um Apagador vendendo amendoins, e provavelmente ainda iríamos até ele. Foquei os olhos no vendedor. Não. Não era um Apagador.

Compramos alguns amendoins e descemos a Décima Quarta rua mastigando, enquanto tentávamos pensar em um jeito sensato de vasculhar a cidade. Primeiro, uma lista telefônica. Vimos uma cabine telefônica adiante, mas tinha apenas uma corrente no lugar onde a lista estivera. Uma loja nos deixaria usar a dela? *Ei! Informações!* Vasculhei o bolso, tirei alguns trocados e peguei o telefone. Disquei 102.

— Na cidade de Nova York, Instituto para uma Vida Superior — disse quando o atendimento eletrônico falou.

— Sentimos muito. Não há informações para esse nome. Verifique e tente novamente.

A frustração era minha companhia constante. Eu queria gritar.

— Que di-a-bos devemos fazer *agora*? — perguntei a Fang.

Ele olhou para mim, e percebi que estava ponderando sobre o problema. Ele estendeu um pequeno saco de papel.

— Amendoins?

Continuamos andando e comendo, olhando sempre admirados as vitrines das lojas. Tudo o que era possível comprar no mundo estava

à venda na Rua 14 de Nova York. É claro que não podíamos pagar por nada daquilo. Ainda assim, era incrível.

— Sorria, você está *sendo filmado!* — disse Fang, apontando para uma vitrine.

Em uma loja de aparelhos eletrônicos, uma câmera de circuito fechado estava mostrando em várias telas de TV as pessoas que passavam. Automaticamente, baixamos a cabeça e viramos o rosto para o outro lado, paranoicos por instinto com o fato de alguém ter nossas imagens.

De repente, estremeci conforme uma dor aguda atingia minha têmpora. Ao mesmo tempo, palavras passando pelas telas de TV chamaram minha atenção. Fiquei olhando, incrédula, à medida que *Bom dia, Max* enchia cada tela.

— Putz! — Fang arfou, parando repentinamente.

Iggy trombou nele dizendo:

— O quê? O que foi?

— É você? — Gasman me perguntou. — Como eles te conhecem?

Jogar é aprender, Max, disse a voz na minha cabeça. Era a mesma da noite anterior, e percebi que não sabia dizer se era de adulto ou criança, homem ou mulher, amigo ou inimigo. Ótimo.

Jogos testam sua habilidade. A diversão é crucial para o desenvolvimento humano. Vá se divertir, Max.

Parei, alheia às várias pessoas que passavam por nós na rua.

— Não quero me divertir! Quero respostas! — soltei sem querer... A menina louca respondendo à sua pequena Voz.

Entre no ônibus da avenida Madison, disse a Voz. Desça quando parecer divertido.



Não sei quanto ao *restante* de vocês que ouvem vozes, mas algo na voz que eu ouvia me fez sentir completamente compelida a segui-la.

Pisquei e percebi o bando me olhando com seriedade, vendo-me afundar na insanidade total bem diante dos olhos deles.

— Max, você está bem? — Nudge perguntou.

Assenti.

— Acho que deveríamos entrar no ônibus da avenida Madison — eu disse, olhando para uma placa de rua.

Fang olhou pra mim, pensativo.

— Por quê?

Virei-me um pouco para que os outros não pudessem me ver e formei com os lábios as palavras “a Voz”.

Ele assentiu.

— Max — Fang sussurrou, quase inaudível —, e se tudo isso for uma armadilha?

— Não sei! — respondi. — Mas talvez a gente deva fazer o que ela diz por um tempo... pra ver.

— O que ela diz? — Gasman quis saber.

Eu havia começado a andar na direção da esquina. Ouvi Fang dizer:

— A Max tem ouvido uma voz dentro dela. A gente não sabe o que é.

Já era a decisão de não preocupar os outros.

— Tipo a consciência dela? — Nudge perguntou. — As TVs têm alguma coisa a ver com isso?

— Não sabemos — Fang disse. — Agora ela quer que a gente entre no ônibus da avenida Madison, aparentemente.

A parada de ônibus ficava a quatorze quarteirões de distância. Entramos e pagamos nossas passagens na máquina. O motorista nos acenou dizendo “passem, passem, passem” com a voz entediada.

Eu esperava que a Voz não quisesse que eu continuasse gastando dinheiro... Estávamos com uma quantia perigosamente baixa.

Para pessoas que ficam nervosas em espaços pequenos e confinados, ou cercadas por outras pessoas, andar de ônibus é basicamente um pesadelo na vida real. Ele estava tão cheio que tivemos que ficar em pé no corredor, com pessoas espremidas contra nós. Pensei que sempre poderíamos chutar uma janela e pular, mas a coisa toda acabou com os poucos nervos que me restavam. Minha cabeça estava girando o tempo todo, procurando Apagadores transformando-se de repente no meio dos outros passageiros.

Bem, Voz?, pensei. E agora?

Tenho certeza de que você vai ficar surpreso com isso, mas a Voz não respondeu.

Ao meu lado, Angel segurava minha mão com confiança, observando a cidade passar pelas janelas do ônibus. Era responsabilidade minha. Eu tinha que manter todos a salvo. Tinha que encontrar o Instituto. Se meus ataques cerebrais me matassem, Fang assumiria. Mas até lá eu era a número um. Não podia decepcionar o bando. *Você ouviu isso, Voz? Se você for me fazer decepcionar todo mundo, vai se arrepender de um dia... ter entrado no meu cérebro.*

Ah, meu Deus, eu era louquíssima!

— Certo, pessoal — o motorista do ônibus disse no sistema de áudio. — Rua 58! É aqui que a diversão está!

Assustada, olhei para Fang e comecei a empurrar todo mundo para sair pela porta dos fundos. Saímos para a luz do sol. O ônibus partiu fazendo barulho, deixando-nos engasgando com o escapamento. Estávamos no fim do Central Park.

— O que... — comecei a dizer e, em seguida, meus olhos se arregalaram quando vi um prédio com fachada de vidro do outro lado da rua. Atrás do vidro estava um urso de pelúcia enorme, um soldado de madeira gigante e uma bailarina de quatro metros e meio sobre uma sapatilha de ponta.

A placa dizia AFO Schmidt.

A loja de brinquedos mais incrível do mundo.

Bem, OK.



Nós, crianças-aves pobres, sem privilégios e patéticas, nunca tínhamos ido a uma loja de brinquedos.

E a AFO Schmidt é onde as crianças acham que morreram e foram para o céu. Logo na porta da frente havia um enorme relógio de dois andares coberto de coisas se mexendo. Tocava uma música alta, e imaginei que aquilo fosse para manter a ralé afastada.

Eu não fazia ideia do porquê de estarmos ali. Parecia demais esperar que, de alguma forma, aquela diversão estivesse nos deixando mais perto de achar o Instituto, mas tomei a decisão de ver aonde nos levava.

Uma girafa de pelúcia em tamanho real cercada de outros animais de pelúcia igualmente em tamanho real guiava o caminho para toda a área de bichos de pelúcia, que era quase maior que nossa antiga casa.

Olhei para Gazzy e Angel e os vi encarando, de olhos arregalados e boquiabertos, brinquedos fabulosos demais até para compreender.

— Iggy — Gasman disse —, tem uma *sala inteira* de Lego!

— Vá com eles — falei para Fang. — E vamos ficar de olho um no outro, certo?

Ele assentiu e seguiu os meninos até a sala do Lego, enquanto segui Angel e Nudge, que pegavam um bicho de pelúcia após outro.

— Ai, minha nossa! — Nudge estava dizendo, segurando um pequeno tigre de pelúcia. — Ah, Max, ele não é a coisa mais fofa? O nome dele é Samson.

Concordei, como devia, que ele era, de fato, a coisa mais fofa e continuei olhando ao redor à procura de um Apagador ou de algum tipo de dica para o qual minha Voz pudesse me apontar.

— Max?

Angel puxou minha manga. Virei-me, e ela levantou uma ursinha de pelúcia. Estava vestida de anjo, com um vestido branco e asinhas. Uma pequena auréola de fio dourado flutuava acima da cabeça dela.

Os olhos de Angel imploravam para mim. Verifiquei a etiqueta de preço. O prazer de ter aquela ursinha de pelúcia poderia ser dela por apenas quarenta e cinco dólares.

— Sinto muito mesmo, Angel — eu disse, curvando-me até a altura dos olhos dela. — Esse brinquedo custa quarenta e cinco dólares. Estamos quase sem dinheiro... Não tenho nem perto disso. Sinto muito mesmo. Queria poder comprá-la pra você. Sei que é um anjo, assim como você.

Passei a mão no cabelo dela e lhe devolvi a ursa.

— Mas eu quero! — Angel disparou para mim, o que era completamente incomum para ela.

— Eu disse não. É isso, menina.

Andei alguns metros adiante, ainda no campo de visão das meninas, para olhar uma exposição “mística”. Havia uma bola mágica que, quando chacoalhada, soltava uma resposta que flutuava até a superfície de uma janelinha. Eu a chacoalhei. “Muito provável” foi a previsão. Infelizmente, eu tinha me esquecido de fazer uma pergunta.

Havia um jogo chamado cabala, um jogo cigano de adivinhação do futuro e um dos velhos favoritos: uma tábua Ouija. Soltei um suspiro, as mãos nos bolsos, e olhei ao redor da loja. Talvez devêssemos dormir ali naquela noite.

De esquelha, detectei um movimento sutil, e minha visão de ave de rapina prendeu-se nele. Era o pequeno ponteiro Ouija, a coisa que os “espíritos” deveriam guiar pela tábua apontando para certas letras, mas todos sabem que, na verdade, são as crianças que o mexem.

Aquele estava se mexendo sem nada o tocar.

Olhei em volta: não havia ninguém por perto. Angel estava a quase seis metros de distância, sem olhar para a tábua, ainda segurando a ursinha anjo. Balancei a mão sobre o ponteiro; não havia fios. Tinha tocado o *S* e, depois, o *A*. Levantei a tábua e segurei-a no alto, para o caso de estar sendo movida por um ímã por baixo. O ponteiro alcançou o *L* e o *V* e seguiu na direção do *E*.

Salve.

Apoiei a tábua de novo, como se estivesse superquente.

O pequeno triângulo preto parou no *O*.

O.

Em seguida, deslizou bem devagar na direção do *M*, e franzi as sobrancelhas. Ele subiu e foi para o *U*, e apertei os dentes. Quando

chegou ao *N*, eu estava prestes a jogar a tábua para o outro lado da loja. Impotente, eu o vi terminar. O *D*. O *O*. O *M*, o *A*, o *X*.

Salve o mundo, Max.



— **F**ang!

Ele girou, viu meu rosto e instantaneamente bateu nas mãos de Iggy e de Gasman. Os três se juntaram a mim e a Nudge debaixo do enorme relógio.

— Vamos sair daqui — murmurei. — Uma tábua Ouija acabou de me pedir para salvar o mundo.

— Nossa, você é, tipo, famosa — disse Gasman, claramente sem perceber a ameaça agourenta que eu era.

— Cadê a Angel? — Fang perguntou.

Estendi a mão para pegá-la e agarrei o ar. Minha cabeça chicoteou de um lado para o outro e eu corri para a seção de bichos de pelúcia. O pânico já estava inundando meus sentidos... Mal fazia uma semana que ela fora sequestrada...

Escorreguei até parar ao lado de um chimpanzé de tamanho real pendurado em uma vitrine. Diante de mim, Angel estava conversando com uma mulher mais velha. Eu nunca vira um Apagador tão velho, por isso meu coração desacelerou alguns níveis.

Angel parecia triste e levantou a ursinha anjo para mostrar à mulher.

— O que ela está... — Fang começou.

A mulher hesitou e disse algo que não consegui ouvir. O rosto de Angel se iluminou, e ela fez que sim com a cabeça vigorosamente.

— Alguém está comprando alguma coisa para a Angel — Iggy disse com a voz baixa.

Angel *sabia* que nós a observávamos, mas ela estava se recusando a cruzar o olhar com o nosso. Nós cinco seguimos as duas até o caixa e vimos, incrédulos, quando a mulher, parecendo um pouco confusa, pegou a carteira e pagou pela ursa. Angel estava praticamente pulando, agarrando a ursa contra o peito, e eu a ouvi dizer “obrigada” umas mil vezes. Depois, ainda parecendo um pouco confusa, a mulher sorriu, assentiu com a cabeça e saiu da loja.

Nós cercamos o membro mais novo da nossa família.

— O que foi aquilo? — perguntei. — Por que aquela mulher comprou essa ursa para você? Essa coisa custa *quarenta e cinco* dólares!

— O que você disse a ela? — Iggy quis saber. — Ninguém compra coisas para *nós*.

— Nada — Angel respondeu, segurando a ursa apertado. — Só perguntei se aquela mulher compraria esta ursa pra mim, porque eu queria muito, muito, e não tinha dinheiro suficiente.

Comecei a levar todo mundo para a saída antes que Angel pedisse a alguém que lhe comprasse a girafa em tamanho real. Do lado de fora, o sol brilhava acima de nós, e era hora do almoço. Hora de nos colocar de volta no caminho.

— Então você simplesmente pediu a uma estranha que lhe comprasse um brinquedo caro? — perguntei a Angel.

Angel assentiu, alisando o pelo da urso em volta das orelhas.

— É. Eu só pedi que ela comprasse pra mim. Sabe, *com a minha mente*.



Fang e eu trocamos um olhar. Aquilo era um pouco assustador. Na realidade, muito assustador.

— Hum, o que você quer dizer exatamente? — perguntei a Angel.

Certo, então ela consegue captar a maioria dos pensamentos e sentimentos das pessoas. Mas aquela era a primeira vez que eu ouvia falar de ela *enviar* um pensamento.

— Só pedi a ela na minha mente — Angel disse sem prestar atenção, endireitando as asinhas brancas da ursa. — Ela disse que tudo bem. E comprou pra mim. Vou chamar a ursa de Celeste.

— Angel, você está dizendo que influenciou aquela mulher a comprar este brinquedo para você? — perguntei com cuidado.

— Celeste — Angel falou. — O que é *influenciou*?

— Ter efeito sobre alguma coisa ou alguém — respondi. — Parece que você meio que *fez* aquela mulher comprar a ursa...

— Celeste.

— *Celeste*, ela querendo ou não. Entende o que estou dizendo?

Angel franziu as sobrancelhas e encolheu os ombros, parecendo desconfortável. Depois, sua testa se suavizou.

— Bem, eu queria *muito* a Celeste. Mais que qualquer coisa no mundo inteirinho.

Como se isso consertasse tudo.

Abri a boca para explicar a lição de vida que gritava para ser aprendida ali, mas Fang me olhou nos olhos. Sua expressão dizia “Não fale mais”, aí calei a boca e concordei, querendo saber mais tarde o que ele achava daquilo.

Então, de volta à nossa missão. Eu queria ter ao menos uma droga de pista de como achar o Instituto.

Paramos e compramos falafel para almoçar, de olho no perigo enquanto andávamos e comíamos. Angel enfiou a ursa — Celeste — na cintura da calça para ter as mãos livres.

Angel tem apenas seis anos, e Deus sabe que sua criação não foi exatamente normal. Ainda assim, eu achava que ela tinha maturidade o bastante para saber a diferença entre certo e errado. Eu achava que ela sabia que *influenciar* aquela mulher a comprar a Celeste era errado. Mas ela o fizera de qualquer forma.

O que achei perturbador.

Estremeci e agarrei as têmporas tão logo a Voz sedosa disse: É só um brinquedo, Max. As crianças merecem brinquedos. Não acha que você merecia *um brinquedo também*?

— Estou muito velha para brinquedos — murmurei brava, e Fang olhou pra mim, surpreso.

— Você queria um brinquedo? — Gasman perguntou, confuso.

Fiz que não com a cabeça. Não prestem atenção em mim, pessoal. Só estou falando com minha Vozinha de novo. Mas pelo

menos minha cabeça não doía tanto daquela vez, nem de longe.

Sinto muito por doer às vezes, Max. Não quero machucá-la. Quero ajudar.

Apertei os lábios para não responder. Quando queria informações, ela permanecia em silêncio; se não desejasse ouvi-la, ela ficava conversadeira.

Era quase tão irritante quanto Fang.



Eu estava começando a enlouquecer de verdade. Em todo lugar aonde íamos, algo do Outro Lado me alcançava. Se não era uma voz na minha cabeça, era uma tela de TV em uma vitrine. Era um hacker num túnel de metrô, o conteúdo do meu cérebro exibido no computador dele. Motoristas de ônibus nos dizendo onde estava a diversão. Os Apagadores. O que isso quer dizer? Você não é paranoico se alguém estiver mesmo o perseguindo?

— Estamos cercados — murmurei, encarando as pontas das minhas botas à medida que andávamos. Senti Fang dar uma volta de trezentos e sessenta graus ao meu lado. — Estamos perdendo tempo — eu disse enfim, frustrada. — Precisamos encontrar o Instituto. Descobrir nossa história e nosso destino. Não precisamos ir a lojas de brinquedos. Temos que levar isso a sério.

Tudo a seu tempo, Max.

Fang começou a me responder, mas levantei um dedo... Um segundo.

Você precisa aprender a relaxar. O relaxamento facilita o aprendizado e a comunicação. Estudos mostram isso. Mas você não está relaxando.

— É claro que não estou relaxando — sibilei em voz baixa. — Precisamos encontrar o Instituto. Estamos ficando sem dinheiro! Estamos em perigo constante!

Os outros tinham parado e me olhavam alarmados. Fang provavelmente estava pronto para me arrastar para um manicômio.

Eu estava perdendo a cabeça por completo, certo? Alguma coisa havia danificado meu cérebro; eu tinha tido um derrame ou algo assim e estava ouvindo vozes. Isso me fazia diferente do resto do bando. Muito diferente. Senti-me sozinha.

Só uma voz, Max. Não vozes. Acalme-se.

— Qual é o problema, Max? — perguntou Gasman.

Respirei fundo e tentei me controlar.

— Sinto que estou prestes a explodir — falei com sinceridade. — Três dias atrás, Angel disse que tinha escutado que havia mais informações sobre nós no Instituto, em Nova York. *Mais informações.* Pode ser o que sempre quisemos saber.

— Porque podemos descobrir coisas sobre nossos pais? — Iggy perguntou.

— Sim — respondi. — Mas agora estamos aqui, e coisas muito estranhas estão acontecendo, e eu não tenho certeza...

Sem aviso, os cabelos da minha nuca se levantaram.

— *Olá, crianças!*

Diretamente em frente a nós, dois Apagadores saíram pulando pela entrada de um prédio.

Angel gritou, e eu agarrei o braço dela por instinto, puxando-a para trás com força. Em um milésimo de segundo eu tinha me virado, e estávamos correndo pela calçada a toda a velocidade.

Fang e Iggy estavam atrás de nós, Nudge e Gasman de cada lado. As calçadas estavam cheias de pessoas, e era como uma corrida de obstáculos.

— *Atravessem!* — gritei e corri para a rua.

Nós seis passamos depressa entre dois táxis em movimento, cujos motoristas buzinaaram bravos. Atrás de nós, ouvi um *tunc!* alto e um grito assustado e meio engasgado.

— Um mensageiro de bicicleta derrubou um Apagador! — Fang gritou.

Você consegue rir enquanto corre para salvar sua vida e proteger uma criança de seis anos? Eu consigo.

Porém, dois segundos depois, uma mão pesada com garras agarrou meu cabelo, puxando-me para trás, tirando-me do chão. A mão de Angel foi arrancada da minha, e ela gritou até a morte. Você acha que entende essas palavras — até a morte? Acredite em mim; você não entende.



Sem parar, o poderoso Apagador lançou-me para cima do ombro. Isso é que é ser carne morta.

Senti seu cheiro desagradável de animal, vi seus olhos vermelho-sangue. Ele estava rindo, feliz por ter me pegado, e seus caninos longos e amarelos pareciam grandes demais para a boca. Angel ainda estava gritando.

Até a morte!

Chutei e berrei e bati e soquei e arranhei, mas o Apagador só ria e começou a correr pela calçada enquanto as pessoas olhavam.

— É um filme? — ouvi alguém perguntar.

Nããão... Isto é original demais para Hollywood. Eles fazem continuações.

Ao levantar a cabeça, vi Fang, sombrio e determinado, avançando depressa em nossa direção. Ele estava acompanhando o ritmo, mas não nos alcançava. Se um carro estivesse à nossa espera, eu já era. Lutei o máximo que pude, golpeando o Apagador, socando-o e arranhando-o, e era de enfurecer o pouco efeito que eu tinha sobre a fera. Eles foram criados para não ter receptores de dor?

— *Fang!* — gritei, vendo-o ainda mais longe que antes.

Estávamos indo mais rápido que ele. Ainda pude ouvir, sem muita força, o gritinho agudo de Angel. Todos os palavrões que eu conhecia saíram jorrando da minha boca, pontuados com socos, golpes e chutes. O Apagador nem sequer diminuiu a velocidade.

No instante seguinte, estávamos caindo, de repente e sem aviso, como se alguém tivesse cortado as pernas do Apagador. Ele atingiu o chão com tudo, eu bati a cabeça na calçada com tanta força que vi fogos de artifício. Minhas pernas ficaram presas, e comecei a chutar freneticamente, arrastando-me de debaixo dele.

Ele não se mexeu. *Ele havia se caído? Como?*

Escorreguei de costas até uma lata de lixo, levantei depressa, me apoiando nos joelhos e nas mãos, e encarei o Apagador. Ele estava completamente imóvel, os olhos abertos e sem vida. Sangue pingava da boca dele, que tinha se metamorfoseado até a metade de um focinho de lobo. Algumas pessoas curiosas tinham parado para nos observar, mas a maioria continuava andando, falando ao celular. A vida normal na cidade de Nova York.

Fang urrou, puxou-me com força para ficar em pé e começou a me arrastar para longe.

— Espere! — falei. — Fang... Acho que ele está morto.

Fang olhou de mim para o Apagador e cutucou com a bota a forma imóvel dele. O Apagador não se mexeu, não piscou. Ainda segurando minha mão, Fang ajoelhou-se e colocou os dedos contra o pulso do Apagador, cauteloso e alerta para o caso de haver movimento.

— Você está certa — ele disse, ficando em pé. — Está morto. O que você *fez* com ele?

— Nada. Eu estava batendo nele, mas não fiz nada. Depois ele caiu como uma tonelada de tijolos.

A multidão aumentou e se aproximou um pouco mais conforme o restante do bando vinha correndo. Angel pulou nos meus braços e explodiu em lágrimas. Eu a abracei com força e a acalmei dizendo que estava tudo bem e que eu estava a salvo.

Fang baixou a gola do Apagador só por um segundo. Nós dois vimos a tatuagem na nuca: 11-00-07.

Nesse instante, uma viatura de polícia parou, as luzes piscando, a sirene aos berros.

— Drogado louco! — Fang disse bem alto.

Começamos a nos misturar ao cenário, virando na primeira esquina que alcançamos. Coloquei Angel no chão, e ela andou depressa ao meu lado, acompanhando meu passo, fungando. Segurei a mão dela com força e lhe lancei um sorriso tranquilizador, mas na realidade eu estava tremendo por dentro. Tinha sido por tão pouco, minha nossa!

Nós *precisávamos* encontrar o Instituto e nos mandar dali... De volta ao deserto. Em algum lugar onde eles nunca pudessem nos encontrar. Porém, estava tarde. Estávamos quase no parque, onde planejávamos dormir. Na rua ao nosso lado, carros e táxis passavam alheios ao grande drama que acabara de acontecer.

— Então ele tinha cinco anos de idade — Fang falou em voz baixa.

Fiz que sim com a cabeça.

— Feito em novembro de 2000, número sete de um lote. Eles não estão durando muito, não é? Quanto tempo mais *nós* vamos durar? Todos nós? Algum de nós?

Respirei fundo e olhei ao redor. Minha atenção foi levada a um táxi com uma daquelas placas com luzes piscantes no topo que anunciam restaurantes, ou uma companhia aérea, ou o lançamento de um produto. Aquele tinha palavras correndo pela superfície: “Toda jornada começa com um passo”.

Era como um táxi biscoito da sorte. Toda jornada, um passo. Um passo. Pisquei.

Parei onde estava e olhei para baixo, para onde meus pés estavam dando um passo por vez naquela jornada longa e bizarra. Em seguida, notei uma árvore mais baixa que o normal e afundada, colocada dentro de um buraco na calçada. Uma grade de metal protegia suas raízes de serem pisadas. Quase impossível ver entre as barras da grade, havia um cartão de plástico. Peguei-o, esperando não ver um detonador aceso preso a ele.

Era um cartão de banco, daqueles que se usam em caixa eletrônico. *Tinha meu nome: Maximum Ride.* Puxei a manga de Fang e, sem dizer nada, mostrei o cartão a ele. Seus olhos se arregalaram um pouquinho, então eu sabia que ele estava pasmo.

E, *voilà*, minha velha amiguinha, a Voz, apareceu nesse instante: *Você pode usar se conseguir descobrir a senha.*

Levantei o olhar, mas o táxi místico já se fora havia muito tempo.

— Posso usar se conseguir descobrir a senha — falei para Fang.

Ele assentiu.

— Certo.

Engolindo em seco, enfiei o cartão no bolso.

— Vamos só chegar ao parque — eu disse. — O gostoso e seguro Central Park.



— **C**omo a Voz pode saber onde estou e o que posso ver? — sussurrei para Fang.

Nós seis tínhamos nos acomodado nos galhos amplos e convidativos de um enorme carvalho no Central Park. Quase doze metros no ar, podíamos falar baixinho sem ninguém nos ouvir.

A menos que a árvore estivesse grampeada.

Acredite em mim, eu tinha perdido minha habilidade de ser surpreendida por coisas assim.

— Ela está dentro de você — Fang respondeu, recostando-se no tronco da árvore. — Está onde quer que você esteja. Se estiver conectado a qualquer um dos seus sentidos, sabe onde você está e o que está fazendo.

Ah, não, pensei, meu humor desabando. Eu não havia pensado nisso. Significava que nada do que eu fizesse seria mais privado?

— Até mesmo no banheiro?

Os olhos de Gasman se arregalaram com surpresa e diversão. Nudge conteve um sorriso quando me virei para Gazzy com os

olhos apertados. Angel estava alisando o vestido de Celeste e arrumando o pelo da ursa.

Peguei o cartão do banco e o examinei. Ainda tinha aquele que roubamos do babaca na Califórnia e comparei-os. O novo parecia tão legítimo quanto o antigo. Enfiei o antigo em uma fissura profunda na casca da árvore... Não poderia usá-lo de novo de qualquer forma.

— Então a gente precisa descobrir a senha — murmurei, virando o cartão novo várias vezes na mão.

Ótimo. Deveria levar só uns mil anos mais ou menos.

Eu estava mais que cansada. Também tinha um galo impressionante na cabeça por tê-la estourado na calçada. Porque, sabe, eu já não tinha problemas suficientes na cabeça nos últimos tempos.

Sem falar, estendi o punho esquerdo. Fang colocou o dele por cima, depois Iggy, depois Nudge. Gazzy inclinou-se bastante do seu galho e conseguiu tocá-lo um pouco. Angel inclinou-se para baixo e colocou o punho sobre o de Gazzy e, em seguida, a pata de Celeste em cima da sua mão. Ouvi Gazzy suspirar. Ou fazer *alguma coisa*. Todos batemos as mãos e nos aconchegamos nos galhos largos. Angel estava bem acima de mim, o pezinho pendurado para tocar meu joelho. Eu a vi prender Celeste com firmeza contra a árvore.

O ar da noite me varreu. Meu último pensamento foi o de que eu era grata por estarmos juntos e seguros pelo menos por mais uma noite.



— **É** contra a lei subir nas árvores do Central Park — ressoava uma voz fina, mas muito alta.

Meus olhos se abriram de repente e, ao mesmo tempo, vi os olhos escuros de Fang. Olhamos para baixo.

Um carro de polícia estava estacionado lá embaixo, as luzes piscando. Como se em Nova York não houvesse crimes mais importantes nos quais trabalhar que algumas crianças dormindo em uma árvore.

— Como eles sabiam que a gente estava aqui em cima? — Gasman murmurou. — Quem olha para o topo de uma árvore?

Uma policial de uniforme estava falando conosco pelo alto-falante.

— É contra a lei subir nas árvores do Central Park — ela repetiu. — Por favor, desçam já.

Rosnei. Teríamos que descer sacudindo o corpo desajeitado em vez de apenas pular e pousar como os mutantes fantásticos e maravilhosos que éramos.

— Certo, pessoal — falei. — Desçam. Tentem parecer *normais*. Quando estivermos no chão, vamos correr. Se nos separarmos, nos reencontramos, tipo, na Rua 54 com a Quinta Avenida. *Compreendem?*

Eles assentiram. Fang desceu primeiro, e Iggy o seguiu, sentindo o caminho com cuidado. Cara, para adolescentes grandes, eles eram escaladores tão incríveis quanto esquilos.

Angel foi em seguida, depois Nudge, Gazzy, e eu desci por último.

— Há placas colocadas por toda a parte dizendo que é proibido subir em árvores — um tira começou, pomposo.

Começamos a recuar devagar, tentando parecer que não estávamos nos mexendo de verdade.

— Vocês fugiram? — perguntou a policial. — Vamos levá-los para algum lugar. Vocês podem fazer ligações, chamar seus pais.

Hã, policial, há um probleminha com isso...

Outra viatura estacionou, e mais dois policiais saíram. Depois, um walkie-talkie apitou, e o primeiro policial o pegou para responder.

— Agora! — sussurrei, e nós seis nos espalhamos, correndo o mais rápido que podíamos.

— Celeste! — ouvi Angel gritar e girei o corpo para vê-la se virar para pegar sua ursinha.

Dois policiais estavam correndo na direção dela.

— *Não!* — berrei, agarrando a mão dela e puxando-a para mim.

Ela quase brigou comigo, fincando os pés no chão e tentando desdobrar meus dedos do pulso dela. Eu a peguei nos braços e fui embora, jogando-a para Fang quando cheguei a ele. Com uma olhada rápida para trás, vi que a policial tinha pegado a urso e

estava nos olhando. Atrás dela, os outros policiais estavam pulando para dentro das viaturas. Assim que corri para virar uma esquina, vi um tira alto deslizar para dentro do seu carro. Pisquei com força duas vezes, e meu coração pareceu congelar. *Era Jeb. Ou não?* Sacudi a cabeça e saí correndo, alcançando os outros.

— Celeste! — Angel gritou, estendendo a mão para trás por cima do ombro de Fang. — Celeste!

Ela parecia estar com o coração partido, e fiquei arrasada de tê-la feito deixar o brinquedo para trás. Porém, se eu tinha que escolher entre Angel e Celeste, seria Angel todas as vezes. Mesmo que ela me odiasse por isso.

— Consigo outra pra você! — prometi num impulso, as pernas latejando conforme eu acompanhava Fang.

— Não quero outra! — ela lamentou, colocando os braços em volta do pescoço de Fang e começando a chorar.

— Despistamos os policiais? — Gasman falou por cima do ombro.

Olhei para trás. Dois carros de polícia com luzes e sirenes costuravam o tráfego pesado na nossa direção.

— Não!

Baixei a cabeça e corri mais rápido.

Às vezes, parecia que nunca estaríamos livres, seguros. Nunca, nunca, enquanto vivêssemos. O que poderia não ser por muito mais tempo, de qualquer maneira.



Seguimos para o sul e para o leste saindo do parque, esperando nos perder na multidão sempre presente que tomava conta das ruas.

Fang colocou Angel no chão, e ela correu, obediente, o rostinho pálido e marcado por lágrimas. Eu me senti muito, muito mal por causa da Celeste. Iggy correu ao meu lado, a mão estendida só para raspar levemente em mim. Ele era tão bom em acompanhar, em nos seguir, que era fácil se esquecer às vezes de que ele era cego. Passamos a Rua 54... A polícia estava bem atrás de nós.

— Em uma loja? — Fang perguntou, parando ao meu lado. — E saímos pelos fundos?

Pensei. Seria bom se pudéssemos decolar, ir para o ar... Deixar o chão e o barulho e a multidão e os policiais para trás, ficar no céu azul, azul, livres... Minhas asas coçavam com a ânsia de se abrir, desenrolar-se até seu tamanho total, pegar o sol e o vento.

— É, talvez — disparei de volta. — Vamos virar para leste na 51.

Viramos. Depois, pisamos forte na calçada. Correndo. Quase ri quando percebi que estava em uma rua de mão única indo na contramão: as viaturas teriam de fazer um desvio.

Seria bom se pudéssemos encontrar um paraíso seguro antes de elas nos alcançarem...

— O que é *aquilo*? — Nudge falou, apontando.

Escorreguei até parar, do jeito que se faz em desenhos animados. Em frente a nós havia um enorme prédio cinza. Ele subia para o céu, todo pontudo e rendado no topo, não como um arranha-céu. Mais como se cristais de pedra cinza tivessem crescido na direção do céu, esticando-se e afinando à medida que subiam. Havia três portas em arco, sendo a do meio a maior.

— É um museu? — Gazzy perguntou.

Passei os olhos à procura de uma placa.

— Não — falei. — É a catedral de São Patrick. É uma igreja.

— Uma igreja! — Nudge parecia animada. — Nunca estive em uma. Podemos entrar?

Eu estava prestes a lembrá-la de que estávamos correndo para salvar nossa vida, não brincando de turistas, mas Fang disse em voz baixa:

— Santuário.

E eu me lembrei de que, no passado, as igrejas costumavam ser paraísos seguros para as pessoas; os policiais não podiam entrar. Tipo centenas de anos atrás. Provavelmente não era mais o caso. Mas ela era imensa e estava repleta de turistas, e era um lugar tão bom para tentar se perder quanto qualquer outro.



Um fluxo regular de pessoas entrava pelas enormes portas duplas do meio. Nós nos juntamos a elas e tentamos nos misturar. Ao passarmos pela porta, o ar estava mais frio e aromatizado com algo que cheirava a antigo e a igreja, e apenas... *religioso*, de alguma forma.

Do lado de dentro, as pessoas se separaram. Um grupo estava se reunindo para um passeio monitorado, e outras pessoas apenas ficavam vagando, lendo placas, pegando panfletos. O lugar estava incrivelmente silencioso, considerando que era um prédio do tamanho de um campo de futebol, com centenas de turistas. Em direção ao altar, havia pessoas sentadas ou ajoelhadas em bancos, a cabeça baixa.

— Vamos — falei com suavidade. — Lá em cima.

Nós seis andamos em silêncio pelo piso frio de placas de mármore na direção do gigantesco altar branco na frente da igreja. A boca de Nudge estava bem aberta, a cabeça virou para trás enquanto ela encarava a luz do sol filtrada por todas as janelas de vitrais. Acima de nós, o teto tinha três andares de altura e era todo arqueado e entalhado como o de um palácio.

— Este lugar é incrível! — arfou Gasman, e eu assenti.

Era gostoso ali, seguro, embora os Apagadores ou policiais pudessem simplesmente entrar pela porta como todo mundo. Mas era enorme lá dentro, e lotado, e mesmo assim a visibilidade era boa. Não era um lugar nada ruim. *Um bom lugar.*

— O que aquelas pessoas estão fazendo? — Angel sussurrou.

— Acho que estão rezando — sussurrei de volta.

— Vamos rezar também — Angel disse.

— Oi?

No entanto, ela já havia ido na direção de um banco vazio. Foi até o meio, estendeu a mão para baixo e puxou a coisinha de ajoelhar. Eu a vi examinar as outras pessoas para saber o jeito certo e ajoelhar e baixar a cabeça sobre as mãos juntas.

Aposto que ela estava rezando pela Celeste.

Entramos em fila no banco atrás dela, ajoelhando desajeitados e envergonhados. Iggy passou a mão por Gazzy, leve como uma pena, e imitou a posição dela.

— Pelo que estamos rezando? — ele perguntou em voz baixa.

— Hum... Por qualquer coisa que você quiser — chutei.

— Estamos rezando para Deus, certo? — Nudge verificou para ter certeza.

— Acho que essa é a ideia geral — falei, sem saber muito bem.

Ainda assim, uma sensação estranha me tomou, tipo, se você um dia fosse pedir qualquer coisa, aquele seria o lugar para fazê-lo. Com o teto alto, curvo e amplo, todo o mármore e a glória e a religião e a paixão nos cercando, parecia que aquele era um lugar onde seis crianças sem-teto poderiam ser ouvidas.

— Querido Deus — disse Nudge bem baixinho —, quero pais de verdade. Mas quero que eles me queiram também. Eu já os amo. Por favor, veja o que pode fazer. Muito obrigada. Com amor, Nudge.

Certo, então não vou dizer os prós e contras disso, nem nada.

— Por favor, traga a Celeste de volta pra mim — Angel sussurrou, os olhos fechados bem apertados. — E me ajude a crescer para ser igual à Max. E mantenha todos em segurança. E faça alguma coisa ruim com os caras ruins. Eles não deviam conseguir nos machucar mais.

Amém, pensei.

Com surpresa, vi que os olhos de Fang estavam fechados. Mas os lábios não se moviam, e eu não conseguia ouvir nada. Talvez ele estivesse apenas descansando.

— Quero conseguir ver coisas — Iggy disse. — Como eu costumava ver quando era pequeno. E quero poder dar uma boa surra no Jeb. Obrigado.

— Deus, quero ser grande e forte — Gasman sussurrou, e senti minha garganta apertar olhando seu cabelo claro, fino e rebelde, os olhos fechados para se concentrar. Ele tinha só oito anos, mas quem sabia quando era sua data de validade? — Pra eu poder ajudar a Max e outras pessoas também.

Engoli com dificuldade, piscando depressa para manter as lágrimas longe. Respirei pesadamente e soltei o fôlego, depois dei uma volta clandestina de trezentos e sessenta graus. A catedral toda estava calma, em paz, sem Apagadores.

Fora Jeb quem eu vira com os policiais? Os policiais eram mesmo policiais ou eram trogloditas da Escola... Ou do Instituto? Que droga a Angel ter deixado a Celeste cair! Nossa, a menina finalmente

consegue ter uma coisa com a qual se importa e o destino a arranca das mãos dela!

— Por favor, ajude a Angel com a Celeste — eu me vi murmurar e percebi que fechara os olhos. Eu não fazia ideia de com quem estava falando; nunca pensara de verdade se acreditava em Deus. Deus teria deixado os jalecos-brancos da Escola fazer o que tinham feito conosco? Como funcionava exatamente? Contudo, eu já estava no ritmo, então segui em frente. — E me ajude a ser uma líder melhor, uma pessoa melhor — falei, mexendo os lábios sem som. — Faça com que eu seja mais corajosa, mais forte, mais esperta. Me ajude a cuidar do bando, a encontrar algumas respostas. Hã, obrigada — limpei a garganta.

Não sei por quanto tempo ficamos ali... Até meus joelhos começarem a adormecer. Era como se uma linda paz tivesse nos coberto, da maneira como uma brisa suave alisaria nossas penas.

Gostávamos daquela casa. Não queríamos sair.



Pensei seriamente em ficarmos na catedral, escondidos, dormindo ali. Havia galerias do coro bem no alto, e o lugar era enorme. Talvez pudéssemos. Virei-me para Fang.

— Será que a gente devia...

Estremeci quando uma dor aguda explodiu na minha cabeça. A dor não era tão forte quanto antes, mas fechei os olhos e não consegui falar por um minuto.

As imagens vieram, deslizando pelo meu cérebro como um filme. Havia desenhos arquitetônicos, plantas, o que pareciam linhas de metrô. Duplas hélices de DNA torciam-se e espiralavam pela minha tela e eram sobrepostas por recortes desbotados e ilegíveis de jornais, pedaços de músicas em *staccato*, cartões-postais coloridos de Nova York. A imagem de um prédio permaneceu por alguns segundos, um prédio alto e esverdeado. Vi o endereço: Rua 31. Depois, uma fila de números passou flutuando por mim. Cara, ah, cara, ah, cara... O que significava?

Tomei fôlego algumas vezes, sentindo a dor diminuir. Meus olhos se abriram na luz fraca da catedral. Cinco rostos muito preocupados estavam me observando.

— Você consegue andar? — Fang perguntou, sucinto.

Fiz que sim com a cabeça.

Saímos pelas portas altas atrás de um grupo de turistas japoneses. Estava claro demais do lado de fora, e protegi os olhos, sentindo dor de cabeça e um pouco de enjoo.

Tão logo estávamos longe da multidão, parei.

— Vi a Rua 31 — falei. — E vários números.

— O que significa... — Iggy me induziu.

— Não sei — admiti. — Talvez o Instituto fique na Rua 31?

— Isso seria bom — disse Fang. — Leste ou oeste?

— Não sei.

— Viu mais alguma coisa? — ele perguntou, paciente.

— Bem, um monte de números — repeti. — E um prédio alto e meio esverdeado.

— A gente deve andar toda a Rua 31 — disse Nudge. — Ela toda, procurando esse prédio. Certo? Digo, se foi esse o prédio que você viu, talvez tenha sido por um bom motivo. Ou você viu vários prédios, ou uma cidade inteira, ou o quê?

— Só aquele prédio — falei.

Os olhos castanhos de Nudge se arregalaram. Angel parecia séria. Todos sentimos a mesma coisa: preocupados com uma expectativa apreensiva e também tomados de medo. Por um lado, o Instituto poderia muito bem guardar a chave de tudo: a resposta para cada questão que já tínhamos tido sobre nós mesmos, nosso passado, nossos pais. Poderíamos até descobrir algo sobre o misterioso diretor que os jalecos-brancos haviam mencionado. Em

contrapartida, parecia que estávamos indo por vontade própria para a Escola e tocando a campainha. Como se estivéssemos nos entregando para o mal. E ambos os sentimentos estavam nos dividindo.

Você nunca saberá até saber, minha Voz interrompeu.



— **E**ntão, temos dinheiro? Espero que sim! — Gasman perguntou quando passamos por um vendedor de salsicha polonesa.

— Talvez — respondi, pegando o cartão do banco. — O que você acha? — perguntei a Fang. — Devemos tentar?

— Bem, precisamos do dinheiro, com certeza — ele disse. — Mas pode ser uma armadilha, uma maneira de rastrear onde estamos e o que estamos fazendo.

— É.

Franzi as sobrancelhas.

Tudo bem, Max. Pode usar, disse minha Voz. Depois de descobrir a senha.

Obrigada, Voz, pensei sem ser gentil. Alguma esperança de você simplesmente me dizer a maldita senha? É claro que não. Deus não permite que qualquer coisa venha fácil pra nós.

Precisávamos de dinheiro. Poderíamos tentar pedir esmola, mas provavelmente chamariam a polícia num piscar de olhos. Fugitivos e

tudo mais. Conseguir emprego também estava fora de questão. Roubar? Era o último recurso. Não havíamos chegado a esse ponto, ainda.

Aquele cartão funcionaria em vários bancos. Respirei fundo e virei-me de repente na direção de um caixa eletrônico. Passei o cartão e apertei “maxride”.

Nada.

Depois, tentei nossa idade: 14, 11, 8, 6.

Errado.

Tentei digitar “senha”.

Errado. A máquina travou e me disse para ligar para o atendimento ao cliente.

Continuamos andando. De certa forma, era como se estivéssemos nos atrasando de propósito para nos dar tempo de ganhar coragem para chegar ao Instituto. Ou, pelo menos, era o que a minha doutora interna pensava.

— E que tal, tipo, as iniciais do nosso nome? — Gasman sugeriu.

— Talvez alguma coisa como “medãodinheiro” — Nudge disse.

Sorri para ela.

— Tem que ser mais curto que isso.

Ao meu lado, Angel andava de cabeça baixa, os pés se arrastando. Se eu tivesse dinheiro, compraria outra Celeste pra ela.

No quarteirão seguinte, em um caixa eletrônico diferente, tentei as iniciais do nosso nome: “MFINGA”. Não.

Tentei “Escola” e “Maximum”.

Ele me disse para ligar para o atendimento ao cliente.

Mais à frente, digitei “Fang”, “Iggy” e “Gasman”.

No quarteirão seguinte, tentei “Nudge” e “Angel” e depois, só de brincadeira, tentei a data daquele dia.

Queriam mesmo que eu ligasse para o atendimento ao cliente.

Sei o que você está pensando: tentei nossa data de aniversário ou o número de nossos documentos?

Não. Nenhum de nós sabia sua data de nascimento de verdade, embora tivéssemos escolhido um dia de que gostávamos e o chamado de nosso aniversário. E os malucos da Escola tinham misteriosamente negligenciado o registro de qualquer um de nós na Previdência Social. Assim, nenhum de nós poderia se aposentar tão cedo.

Parei em frente ao caixa eletrônico seguinte, mas fiz que não com a cabeça, frustrada.

— Não sei o que fazer — admiti, e aquela talvez tenha sido a segunda vez que tais palavras já haviam saído dos meus lábios.

Angel olhou para cima, cansada, os olhos azuis tristes.

— Por que você não tenta “mãe”? — ela perguntou e começou a traçar uma rachadura na calçada com a ponta do tênis.

— Por que você acha isso? — perguntei, surpresa.

Ela encolheu os ombros, o braço se mexendo para apertar Celeste e caindo vazio ao lado do corpo.

Fang e eu trocamos olhares. Passei o cartão do banco devagar e apertei os números que correspondem a “mãe”.

QUE TIPO DE TRANSAÇÃO VOCÊ DESEJA REALIZAR?, a tela perguntou.

Sem conseguir falar, retirei duzentos dólares e guardei-os no bolso interno com zíper.

— Como você sabia disso? — Fang perguntou a Angel.

Seu tom estava neutro, mas a tensão aparecia em seus passos.

Angel encolheu os ombrinhos de novo, que depois se curvaram. Até seus cachos pareciam sem graça e tristes.

— Só me veio a ideia — ela disse.

— Com uma voz? — questionei, imaginando se a *minha* Voz estava pulando por aí.

Ela fez que não com a cabeça.

— A palavra simplesmente estava na minha cabeça. Não sei por quê.

Mais uma vez, Fang e eu nos olhamos, mas não falamos nada. Não sei o que se passava na cabeça dele, mas eu estava pensando de novo em Angel ter ficado na Escola por alguns dias antes de nós a resgatarmos. Quem sabe o que aconteceu lá? Que tipo de experiência sórdida e nojenta? Talvez tivessem implantado um chip nela também.

Ou pior.



Mais alguns quarteirões e viramos à esquerda, andando na direção do East River. Dentro de mim a tensão aumentava. Meu fôlego saía em sopros curtos. Cada passo estava nos levando mais perto do que poderia ser o Instituto: o lugar onde os segredos de nossa vida poderiam ser revelados; todas as nossas perguntas, respondidas.

E essa é a questão: eu nem tinha certeza de que queria minhas perguntas respondidas. E se a minha mãe tivesse me entregado de propósito, como a de Gasman e de Angel? E se meus pais fossem pessoas horríveis? Ou e se fossem pessoas maravilhosas, fabulosas, que não queriam uma filha mutante monstra com asas de quatro metros? Digo, não saber quase parecia mais fácil.

Porém, continuamos andando, examinando cada prédio. De novo e de novo, os outros olhavam para mim e só me viam fazendo não com a cabeça. Andamos por vários quarteirões *looongos*, e a cada passo eu estava ficando mais e mais tensa, assim como todos.

— Eu me pergunto com o que se parece o Instituto — Nudge disse, nervosa. — Acho que é parecido com a Escola. Vamos ter que invadir? De que maneira eles escondem os Apagadores de todas as pessoas normais? Que tipo de arquivo sobre a gente vocês acham que eles têm? O nome de verdade dos pais, vocês acham?

— Pelo amor de Deus, Nudge, meus ouvidos estão sangrando! — Iggy disse com seu tato de sempre.

O rosto doce de Nudge se fechou, e eu coloquei meu braço ao redor do ombro dela por um instante.

— Sei que você está preocupada — falei baixinho. — Também estou.

Ela sorriu para mim, e depois vi: Rua 31, 433, Leste.

Era o prédio do desenho na minha cabeça.

E, se você acha que *essa* é uma frase estranha, talvez deva relê-la.

O prédio era alto, talvez com quarenta e cinco andares, e tinha uma fachada esverdeada, com um visual meio antiquado.

— É esse? — Iggy perguntou.

— Sim — falei. — Estamos prontos?

— Sim, capitã! — Iggy respondeu com firmeza e fez uma saudação.

Queria muito que ele pudesse me ver revirando os olhos por causa dele.

Marchamos degraus acima e empurramos portas giratórias. Do lado de dentro, o lobby era todo de madeira encerada, placas de bronze e grandes plantas tropicais. O chão era de placas lisas de granito.

— Aqui — Fang disse em voz baixa, apontando para um grande quadro atrás de um vidro. Ele listava todos os escritórios e empresas do prédio, os andares e números de salas. Não havia um Instituto para uma Vida Superior. Não havia instituto de nenhum tipo.

Porque desse jeito teria sido muito fácil, certo?

Esfreguei a testa, contendo palavras amargas de decepção. Por dentro, sentia vontade de chorar e gritar e pisar duro e entrar em um banho quente e chorar mais um pouco. Em vez disso, respirei fundo e tentei pensar. Olhei ao redor. Nenhuma outra lista de escritórios em nenhum lugar.

No balcão da recepção, uma mulher estava sentada atrás de um laptop. Um segurança estava em um balcão do outro lado do lobby.

— Com licença — falei com educação. — Há outras empresas neste prédio que não estão no quadro?

— Não.

A recepcionista nos examinou e voltou a digitar algo incrivelmente urgente... Tipo seu currículo para outro emprego. Nós nos viramos no mesmo instante em que a recepcionista emitiu um som de surpresa. Olhando para trás, vi que a tela do computador dela tinha ficado branca. A boca do meu estômago começou a doer.

Há um pote de ouro no fim de cada arco-íris encheu a tela do laptop em grandes letras vermelhas. A mensagem se quebrou em letras pequenas que rolaram pela tela de novo e de novo, enchendo-a.

Pote de ouro no fim de cada arco-íris... Certo, havia leprechauns trabalhando ali? Judy Garland ia começar a cantar de repente? Por que eu não podia tão somente conseguir uma informação direta? Porque aquilo era um enigma, um teste. Literalmente rangi os dentes. No fim de cada... Hum.

— Este prédio tem subsolo? — perguntei.

A recepcionista franziu o cenho pra mim e nos examinou de novo com expressão mais severa.

— Quem são vocês? — ela perguntou. — O que querem?

Ela levantou o queixo e cruzou o olhar com o segurança. *Seriam eles Apagadores?* Com certeza *poderiam* ser. Aquele prédio todo poderia estar cheio de homens-lobo desprezíveis.

— Deixa pra lá — murmurei, empurrando os outros na direção das portas giratórias.

O segurança já estava atrás de nós, e assim que todos passaram empurrei uma caneta esferográfica no painel da porta. O guarda ficou preso e começou a jogar o peso contra o vidro.

Na rua, saímos em disparada.



Meus pulmões estavam queimando. Conhece essa sensação? Cerca de seis quarteirões depois, diminuímos o ritmo para uma caminhada. Ninguém parecia estar nos seguindo, nenhuma viatura tinha emergido do tráfego, sem sinal de Apagadores. Minha cabeça estava latejando e doía enlouquecidamente. Senti que precisava de um tempo.

Sem aviso, Gasman virou e socou uma caixa de correio.

— Isso é uma droga! — gritou. — Nunca nada dá certo! Somos perturbados em todos os lugares! A cabeça da Max é estourada, a Angel perde a Celeste, estamos todos com fome... Odeio isso! Odeio tudo!

Abismada, fechei a boca e fui até ele. Quando o toquei no ombro, ele empurrou minha mão. Os outros nos cercaram; era tão incomum Gazy desmoronar assim. Ele sempre era minha pequena rocha.

Merda.

O bando estava me observando, esperando que eu pedisse que Gasman deixasse aquilo, que se acalmasse.

Dando um passo à frente, prendi os braços em volta de Gazzy, envolvendo-o. Apoiei a cabeça contra a dele e apenas o abracei. Alisei seu cabelo claro e senti suas costas estreitas chacoalharem.

— Sinto muito, Gazzy — murmurei. — Você está certo. Sei que é difícil às vezes. Olhe, o que faria você se sentir melhor agora?

Juro, se ele tivesse dito *nos hospedarmos no Ritz*, eu o teria feito.

Ele fungou e se endireitou um pouco, limpando o rosto na manga suja. Resolvi comprar roupas novas para todos nós imediatamente. Porque eu era a Senhorita Cartão do Banco.

— Mesmo? — ele disse, com a voz de menino muito pequeno e jovem.

— Mesmo.

— Bem, eu só quero... Eu só quero, tipo, sentar em algum lugar e comer muita comida. Não só pegar comida enquanto a gente anda. Eu quero *sentar e descansar e comer*.

Olhei séria bem nos olhos dele.

— Acho que isso pode ser providenciado.



Acabamos de volta às proximidades do Central Park procurando um lugar para comer. Uma lanchonete na Rua 57 parecia boa, mas havia espera de meia hora. Depois, saindo da rua e entrando no parque, vimos um restaurante. Milhões de luzinhas azuis pequeninas cobriam os carvalhos que o cercavam. A placa dizia Estacionamento para o Garden Tavern por aqui. Enfiado em meio às árvores estava um prédio enorme com toneladas de janelas de vidro com vista para o parque.

Gazzy disse animado:

— Esse parece ótimo!

Também era o último lugar no mundo aonde eu queria que fôssemos. Muito grande, muito extravagante, muito caro e, sem dúvida, cheio de adultos descolados. Não iríamos nos misturar. Não seríamos imperceptíveis. E, ainda assim, Gasman queria comer ali. E eu havia prometido a ele quase tudo o que quisesse.

— Hum, certo — falei, já sentindo medo e ansiedade vazar dos meus poros.

Fang abriu uma porta de vidro pesada, e entramos.

— Uau! — Nudge disse, os olhos arregalados.

Da recepção, podíamos ver três salões diferentes. Havia o Salão Prisma, que gotejava cristais, basicamente: lustres, candelabros, janelas multifacetadas. A porta número dois levava para o Salão do Jardim, que parecia uma floresta úmida suntuosa e sem aparar, mas com mesas, cadeiras e garçons. O terceiro era o Salão do Castelo, para aqueles que precisam se sentir parte da realeza enquanto comem. Todos tinham tetos muito altos com vigas. O Salão do Castelo tinha uma lareira aberta grande o bastante para assar um boi.

Fiquei feliz em ver que não éramos as únicas crianças... Embora *fôssemos* as únicas sem um adulto.

— Posso ajudar? — Uma mulher alta e loira parecendo modelo deu uma espiada em nós e, em seguida, olhou para ver com quem estávamos. — Estão esperando seus pais?

— Não — falei. — Somos apenas nós — sorri. — Pode nos dar uma mesa pra seis, por favor? Vou pagar pra todo mundo com o dinheiro que ganhei de presente de aniversário.

Outra mentira, outro sorriso.

— Hum, tudo bem — disse a recepcionista.

Ela nos levou a uma mesa no Salão do Castelo, lá no fundo, perto da cozinha. Como seria uma rota de fuga útil, se necessário, não reclamei.

Ela nos passou cardápios grandes e muito chiques enquanto ocupávamos nossos assentos desajeitados.

— Jason vai ser o garçom de vocês esta noite.

Com um último olhar incerto, ela nos deixou.

— Max, que maravilha! — Nudge disse, animada, agarrando seu menu imenso. — Este é o lugar mais bacana onde a gente já comeu!

Como tínhamos mergulhado em lixeiras à procura de almoço em várias ocasiões, aquilo era dizer pouco.

Fang, Iggy e eu nos sentíamos péssimos. Nudge, Gazzy e Angel estavam em êxtase.

Na verdade, o Salão do Castelo teria sido bom se eu não detestasse multidões, chamar a atenção, adultos, sentir-me paranoica e gastar dinheiro.

Vamos passar para o cardápio. Fiquei aliviada em ver que tinham pratos para crianças.

— Estão esperando seus pais?

Um garçom baixo e forte com o cabelo ruivo alisado pra trás — Jason — estava em pé ao lado de Iggy.

— Não, somos apenas nós — falei.

Ele franziu um pouco o cenho e nos examinou rapidamente.

— Ah. Estão prontos para pedir?

— Alguém já sabe o que quer? — perguntei.

Gasman levantou o olhar.

— Quantos pedaços de frango vêm no prato?

Jason parecia quase infeliz.

— Acredito que sejam quatro.

— Então é melhor eu pedir dois — disse Gasman. — E esse coquetel de frutas. E dois copos de leite.

— Dois pedidos para você? — Jason esclareceu.

Gasman fez que sim com a cabeça.

— Com batatas fritas. Pra começar.

— Quero um sundae com calda de chocolate quente — disse Angel.

— Comida de verdade primeiro — falei. — Você precisa de combustível.

— Certo — Angel disse, concordando, depois piscou e olhou para Jason. — Não somos criancinhas mimadas — ela disse. — Só estamos com fome.

Jason ficou surpreso; em seguida, seu rosto corou e ele mudou o peso de um pé para o outro.

— Quero essa coisa de costela *prime* — Angel disse, olhando o lado adulto do cardápio. — E tudo o que vem com ela. E um refrigerante. E uma limonada.

— A costela *prime* tem *quase meio quilo* de carne — nosso garçom disse.

— A-hã — Angel disse, imaginando o que ele queria dizer com aquilo.

— Ela aguenta — afirmei. — Ela come muito. Nudge? O que você quer?

— Esta lasanha primavera — Nudge decidiu. — Talvez eu precise de duas. Vem com salada, certo? E pão? Um pouco de leite. Certo?

Ela olhou pra mim, e eu assenti.

Jason simplesmente ficou parado... Achou que estávamos tirando sarro da cara dele.

— Duas lasanhas?

— É melhor você começar a anotar essas coisas — sugeri.

Esperei até ele ter anotado o pedido deles e depois disse:

— Vou começar com um coquetel de camarão. Em seguida, lombo de porco assado coberto com xarope de bordo com repolho e batatas, e tudo mais. A salada da casa com molho de queijo azul. E uma limonada e um chá gelado.

Jason anotou tudo como se estivesse suportando uma hora de alguém lhe cutucando os olhos.

— Bisque de lagosta — Fang disse. — Depois a costela *prime*. Uma garrafa grande de água.

— Espaguete com almôndegas — Iggy disse.

— Isso está no nosso cardápio infantil — nosso garçom falou, parecendo tenso. — Para clientes de até doze anos.

Iggy parecia bravo.

— Que tal o carré de cordeiro? — falei depressa. — Vem com batatas, espinafre e molho de alecrim.

— Certo, tudo bem — Iggy disse, irritado. — Mais dois copos de leite e um pouco de pão.

Jason baixou o bloco de anotações e olhou para nós.

— É bastante comida para vocês — falou. — Talvez tenham pedido demais.

— Entendo sua preocupação — falei, minha tensão começando a me descontrolar. — Mas está tudo bem. Só traga todos os pedidos, por favor.

— Vocês vão ter que pagar por tudo isso, comendo ou não.

— É, *geralmente* é assim que um restaurante funciona — eu disse, devagar, com paciência exagerada.

— Vai ficar bem caro — ele persistiu, imprudente.

— Eu *entendi* — afirmei, tentando manter a calma sem sucesso — Eu *entendo* o conceito. Comida custa *dinheiro*. *Muita* comida custa *muito* dinheiro. Só traga o que a gente pediu, por favor.

Jason me olhou, controlado, e saiu a passos largos em direção à cozinha.

— Adoro este lugar — disse Fang, sem expressão.

— Nós pedimos muito? — Angel perguntou.

— Não — falei. — Está tudo bem. Acho que eles não estão acostumados com pessoas que comem bem.

Uma assistente nos trouxe duas cestas de pão e dispôs pratinhos de azeite. Ela parecia descrente.

Meus dedos se enrolaram formando garras na toalha de mesa branca. E tudo meio que desmoronou daí para a frente.



— **B**oa noite.

Um homem de terno e gravata havia se materializado ao lado do meu cotovelo. Jason estava com ele.

— Olá — falei, cautelosa.

— Sou o gerente. Posso ajudar em alguma coisa? — ele perguntou.

Era uma pergunta-pegadinha?

— Bem, acho que não — respondi. — A menos que a cozinha não tenha alguma coisa que pedimos.

— Sim, bem — disse o gerente. — Vocês parecem ter pedido uma quantidade incomum de comida. Não gostaríamos de desperdiçar alimento ou trazer uma conta chocante porque vocês têm o olho maior que a barriga.

Ele deu uma risadinha artificial.

— Bem, é muito gentil da sua parte — falei, chegando perto do meu limite. — Mas estamos com muita fome. Parece que deveríamos simplesmente pedir e receber o que pedimos, sabe?

A situação não se desenrolou tão bem quanto você está pensando.

O gerente assumiu uma expressão de paciência forçada.

— Talvez vocês ficassem mais felizes em algum outro restaurante — ele disse. — A Broadway é aqui perto.

Eu não conseguia acreditar naquilo.

— Ah, jura? — disparei, finalmente perdendo a calma. — Mas estamos *neste* e estamos *com fome*. Eu tenho dinheiro, trouxemos nosso apetite conosco; vão nos dar o que pedimos ou não?

O gerente parecia ter acabado de chupar um limão.

— Eu creio que não — ele disse, sinalizando para um cara forte e pesado parado perto das portas.

Ótimo, simplesmente ótimo. Esfreguei a testa.

— Isso é ridículo! — Iggy disse, bravo. — Vamos embora. Gasser, vamos a algum lugar que não seja administrado por nazistas, certo?

— Certo — disse Gasman, incerto.

Angel olhou para o gerente.

— Jason acha que você fala muita bobagem e tem cheiro de mulherzinha — ela disse. — E o que é *mauricinho*?

Jason abafou um som engasgado e enrubesceu. O gerente virou-se para encará-lo.

— Certo — falei, levantando-me e jogando o guardanapo no chão. — Estamos indo. A comida provavelmente é péssima aqui, de qualquer forma.

Foi quando os tiras apareceram.

Quem chamou os tiras?

Eles eram tiras de verdade?

Eu não estava planejando ficar e perguntar.



Lembra-se de que a cozinha ofereceria uma rota de fuga útil? Teria funcionado muito bem se os tiras não tivessem se dividido, dois vindo pela frente, outros dois vindo pela — você acertou! — cozinha.

Por toda a nossa volta, pessoas estavam observando de queixo caído. Aquilo provavelmente era a coisa mais emocionante que acontecera com elas a semana toda.

— Para o ar e para longe! — Fang disse, e eu assenti, relutante.

Nudge e Iggy pareciam surpresos; Gazzy sorriu, e Angel tinha aquela expressão determinada no rosto.

— Certo, crianças — disse uma policial, costurando entre as mesas. — Vocês precisam vir conosco. Vamos ligar para os pais de vocês na delegacia.

Jason me lançou um sorriso de superioridade, e de repente fiquei furiosa. Quão difícil seria para alguém pegar leve conosco ao menos uma vez? Sem parar para pensar, agarrei o pratinho de azeite e virei na cabeça dele. Sua boca abriu em um O à medida que o óleo verde-claro escorria-lhe pelo rosto.

Se isso o surpreendeu, o que aconteceu em seguida iria enlouquecê-lo.

Mexendo-me depressa, como só uma criança-ave mutante pode fazer, pulei em uma cadeira, subi em nossa mesa e joguei-me no ar, abrindo rapidamente as asas e empurrando os pés com força. Caí de forma assustadora na direção do piso — não pude correr para decolar, o que é sempre melhor —, mas subi de novo com a batida de asas seguinte e fui em direção ao alto teto de vigas.

Angel juntou-se a mim e, instantes mais tarde, Iggy, Gasman, Nudge e Fang.

Olhando para baixo, não pude deixar de rir da cara de todo mundo. “Abismados” não dá conta. Eles estavam estupefatos, chocados, completamente desorientados.

— Imbecil! — Gasman gritou e arremessou pedaços de pão no gerente.

Fang estava circulando o teto, procurando uma saída. Vi que os tiras tinham começado a se recuperar e estavam se espalhando.

Não vou mentir pra você: foi hilário. Sim, estávamos encrencados; sim, aquilo era um desastre, e assim por diante e tal, mas tenho que dizer que ver todos aqueles rostos virados para cima, suas expressões, era mais ou menos a mesma coisa que acontecera conosco desde que chegamos a Nova York.

— Aqui em cima! — Fang berrou e apontou para uma das claraboias de vitrais.

— Vamos, pessoal! — gritei, assim que percebi que flashes de câmeras estavam sendo disparados... Má notícia, mesmo. — *Vamos!*

Fang baixou a cabeça, cobriu-a com os braços e voou direto através das janelas. Elas explodiram com um estrondo das cores do

arco-íris, e pedaços de vidro salpicaram o chão.

Iggy estava bem atrás de Nudge, os dedos raspando o tornozelo dela, e eles passaram em seguida, recolhendo as asas no último segundo para conseguir passar.

— Angel, vá! — mandei, e ela atravessou depressa, as asinhas brancas parecendo iguais às de Celeste.

— Gasser! Vamos indo!

Eu o vi mergulhar uma última vez para pegar a sobremesa abandonada de alguém. Enfiando uma bomba de chocolate inteira na boca, ele assentiu com a cabeça e se lançou através da janela. Fui por último e, em segundos, estava ao ar livre, estendendo as asas, enchendo os pulmões. Eu sabia que tínhamos cometido um erro crucial e devastador, e que deveríamos pagar por ele.

Mas quer saber? Quase valeu a pena.

A *expressão* naqueles rostos todos...



— **P**ara as árvores — falei para Fang, e ele concordou, fazendo um grande círculo para seguir para o norte.

Era um início de noite nublado, mas não estávamos alto o bastante para sairmos de vista. Eu esperava que ninguém estivesse olhando para cima. Até parece.

Descemos em um bordo alto, a respiração pesada.

— Correu tudo bem — disse Fang, tirando vidro dos ombros.

— Foi culpa minha — disse Gasman. — Ele tinha chocolate no rosto. — Fui eu que quis ir lá.

— Foi culpa deles, Gazzy — falei. — Aposto que aqueles nem eram tiras de verdade. Tinham ar de *eau* de Escola.

— Você não pensou antes de derrubar o azeite no garçom, pensou? — Fang perguntou.

Olhei feio pra ele.

— Ainda estou... — Nudge começou e deixou a voz morrer.

Acho que ela estava prestes a dizer “com fome”, mas percebeu que não era um bom momento.

No entanto, ainda *estávamos* com fome. *Precisávamos* conseguir comida. Tão logo minha adrenalina baixasse, procuraria uma mercearia ou algo do tipo.

— As pessoas estavam tirando fotos — Iggy disse.

— É — concordei, deprimida. — Em termos de desastre completo, esse leva o primeiro lugar.

— *E está piorando* — disse uma voz suave.

Pulei uns trinta centímetros no ar, agarrei meu galho e olhei para baixo.

Nossa árvore estava cercada de Apagadores.

Sem querer, lancei um olhar aflito para Iggy: em geral, ele era nosso sistema de alerta antecipado. Se ele não ouvisse aqueles caras chegarem, então haviam se materializado do nada.

Um Apagador deu um passo à frente, e preendi a respiração. *Era Ari.*

— Você continua aparecendo como uma moedinha do azar — falei.

— Eu estava prestes a dizer o mesmo sobre você — ele respondeu, com um sorriso selvagem.

— Eu me lembro de quando você tinha três anos — segui em tom de conversa. — Você era tão fofo... Antes de ficar enorme e com jeito de lobo.

— Como se você prestasse alguma atenção em mim — ele falou, e eu fiquei surpresa ao ouvir uma amargura sincera em sua voz. — Eu também estava preso naquele lugar, mas você me excluiu.

Meu queixo caiu.

— Mas você era normal — disparei. — E filho do Jeb.

— É, filho do Jeb — ele rosnou. — Como se ele soubesse que estou vivo. O que vocês acham que aconteceu comigo enquanto brincavam de casinha com *meu* pai? Vocês acharam que eu simplesmente desapareci?

— Certo, aí está *um* nó desfeito — Fang murmurou baixinho.

— Ari, eu tinha dez anos — falei devagar. — Toda essa história antiga é o motivo de você estar nos perseguindo agora? A razão de estar tentando nos *matar*?

— É claro que não! — Ari cuspiu no chão. — Estou perseguindo vocês porque é o meu trabalho. A história antiga está me ajudando a me divertir com isso.

Ele abriu um sorriso malicioso.

Mostrei para Ari o dedo do meio, querendo cortar as asinhas dele. (Entendeu? Eu *cortar* as... Esquece.)

Ele estava se metamorfoseando, e, quando sorriu, seu focinho pareceu dividir-se ao meio, como o de um cachorro. De trás das costas ele puxou uma coisa pequena, com pelo marrom e duas asas...

— Celeste! — Angel gritou e começou a descer da árvore.

— *Angel*, não! — berrei, e Fang gritou:

— *Fique onde está!*

Mas meu bebê pulou, pousando com leveza no chão a alguns metros de Ari.

Os outros Apagadores avançaram, mas Ari levantou a mão depressa para contê-los. Eles pararam, formando uma massa compacta, os olhos frios de lobo presos em Angel.

Ari sacudiu Celeste de brincadeira, e Angel deu um passo à frente.

Desci, a adrenalina jorrando nas veias. Mais uma vez o time de Apagadores avançou, e, de novo, Ari os conteve.

— Toque nela e você morre — prometi, as mãos enroladas em punhos.

Ari deu um sorriso malicioso, o cabelo escuro e encaracolado. Ele sacudiu Celeste de novo, e Angel tremeu ao meu lado.

— Dá o urso pra mim — Angel disse, em voz baixa e intensa.

Ari riu.

Angel deu meio passo à frente, mas agarrei sua gola.

— Dá. O. Urso. Pra. Mim. — A voz de Angel estava estranha; não parecia ela, e ela estava olhando fixamente nos olhos de Ari.

O sorriso dele diminuiu, e uma expressão de confusão atravessou-lhe o rosto. Eu me lembrei de que Angel influenciara aquela mulher a lhe comprar Celeste.

— Você está... — Ari começou e pareceu engasgar um pouco, tossindo, colocando a mão na garganta. — Você está...

— Largue o urso *agora* — Angel disse, dura como concreto.

Aparentemente contra a vontade, a mão poderosa de garras de Ari afrouxou-se, e Celeste caiu no chão. Quase mais rápido que meus olhos conseguiam acompanhar, Angel pegou Celeste e pulou de volta na árvore.

Pisquei e me perguntei se parecia tão surpresa quanto Ari.

Os outros Apagadores pularam e reagiram, como se tivessem levado alguns segundos para perceber que Angel se fora. O braço de Ari se abriu de repente, e um Apagador bateu nele.

— Vocês têm ordens! — ele latiu para a equipe. — Nunca questionem as ordens!

Ele se virou para me olhar, pensativo.

— Você não pode questioná-las— ele disse em tom normal, falando direto comigo. — Mesmo se parecerem idiotas. Mesmo se você preferir simplesmente dilacerar o bando.

Um Apagador emituiu um som ansioso e faminto, e eu me contive ao máximo para não estremecer.

Ari inclinou-se mais para perto de mim, como se absorvesse meu cheiro como uma presa.

— Seu dia está chegando, menina-ave — ele sussurrou. — Vou acabar com você pessoalmente.

— Não afie os caninos ainda, menino-cachorro.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas tombou a cabeça e apertou um dedo contra a orelha como se ouvisse alguma coisa.

— O diretor quer nos ver — ele latiu para a equipe. — Agora!

Após um último olhar demorado sobre mim, ele se virou e seguiu os outros Apagadores. Todos se mesclaram às sombras do crepúsculo como fumaça.



No alto da árvore, Angel segurava Celeste bem apertado, murmurando suavemente para ela.

— Ouvi eles falarem do diretor da Escola — Nudge disse. — Quem é ele?

Encolhi os ombros.

— Alguém importante e muito ruim.

Uma das muitas pessoas que estavam atrás de nós. Perguntei-me se era Jeb, nosso pai de mentira. Nosso salvador e nosso traidor.

— Você está bem? — Iggy perguntou.

Vi o aperto tenso dele no galho e encostei levemente nele com minha bota.

— Tranquila — respondi. — Mas quero sair daqui agora.

No fim, nós nos acomodamos no último andar de um prédio de apartamentos de noventa andares que estava sendo construído no Upper East Side. Os primeiros setenta andares, mais ou menos, já estavam com janelas, mas ali em cima era apenas uma concha

vazia com pilhas de drywall e isolamento. Enormes buracos abertos nos davam uma bela vista do East River e do Central Park.

Nudge e eu fomos a uma mercearia local e carregamos três sacolas pesadas de compras para os outros. Ventava muito lá no nosso ninho, mas era privado e seguro. Vimos o anoitecer completo e comemos. Minha cabeça doía, mas não muito.

— Estou cansada — Angel disse. — Quero deitar.

— É, vamos tentar dormir um pouco — falei. — Foi um dia longo e relativamente nojento.

Estendi o punho esquerdo e empilhamos as mãos. Bater nossas mãos parecia tão familiar, tão reconfortante — isso nos unia.

Gasman e eu afastamos entulhos da construção, e Iggy e Fang mexeram em pilhas de drywall para fazer bloqueios contra o vento. No final, tínhamos um espaço confortável, e o bando pegou no sono minutos depois.

Exceto eu.

De que modo os Apagadores estão nos rastreando com tanta facilidade? Lancei um olhar duro para meu pulso esquerdo, como se encará-lo fosse fazer meu chip flutuar até a superfície da pele. Eu mesma poderia ser um sinalizador sem saber, sem poder fazer nada a respeito a não ser abandonar o bando e seguir sozinha. Os Apagadores estavam nos rastreando, mas não nos matando. Por que Ari os parara naquele dia?

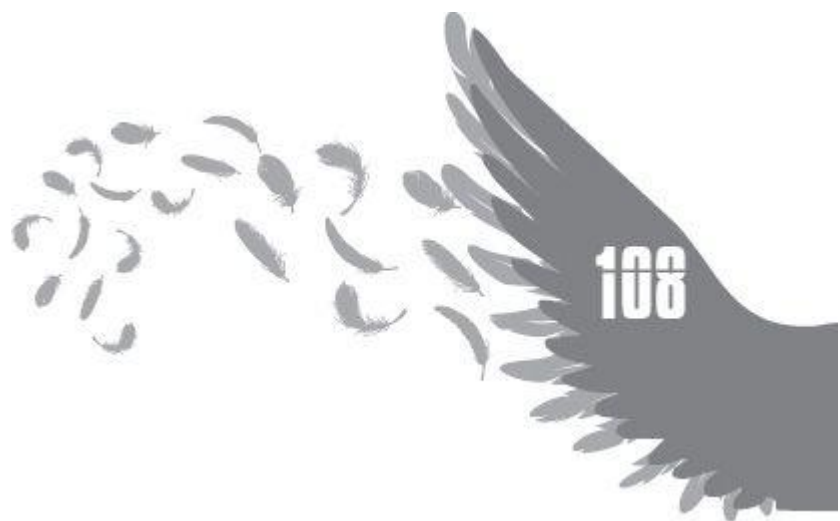
E que diabos estava acontecendo com Angel? Seus poderes telepáticos pareciam estar aumentando. Resmunguei para mim mesma, imaginando uma Angel voluntariosa exigindo presentes de aniversário; comer besteira antes do jantar; roupas idiotas da moda.

Não se preocupe à toa, Max, disse minha Voz.

Faz tempo que não a ouço, pensei.

A preocupação não é produtiva. Você não pode controlar o que acontece com a Angel. Você pode salvar o mundo, mas a única coisa que pode controlar é você. Durma, Max. Está na hora de aprender.

“Aprender o quê?”, comecei a perguntar, mas então, como se alguém tivesse apertado um interruptor, afundei na inconsciência.



Quando pisquei para acordar no dia seguinte, fui recebida com jornais e café da manhã na cama.

— O quê? — balbuciei.

— Trouxemos o café da manhã — Fang disse, dando uma mordida em um bolinho. — Você estava desmaiada.

Quando dei a primeira mordida, percebi a tensão ao redor.

— O que mais?

Fang virou a cabeça na direção dos jornais.

— Achei que vocês tivessem comprado por causa dos quadrinhos — falei, puxando a pilha mais para perto.

Até então, nossa principal estratégia de sobrevivência tinha sido ficarmos imperceptíveis, esconder-nos o máximo possível. Acho que ter nossa foto estampada na primeira página do *New York Post* sob uma manchete enorme e gritante “Milagre ou ilusão? Super-humanos ou aberrações genéticas?” mandava aquela estratégia por água abaixo.

Fang comprara quatro jornais, e fotos embaçadas de nós arremetendo felizes na Garden Tavern estavam em todas as primeiras páginas.

— Vi os jornais quando saímos — Fang explicou, tragando seu suco. — Acho melhor sermos discretos por um tempo.

— É, obrigada, Tonto — falei, irritada.

Digo, iria matá-lo dizer frases completas? Olhei o *New York Times*. Sob uma foto borrada, a legenda dizia: “Ninguém assumiu a autoria do que pode ser a pegadinha mais incomum do ano...”.

Por fim, suspirei e peguei meu bolinho de novo.

— O fato é que nem brilhar no escuro seria pior que isso para não chamar a atenção. Então parece que nada de Instituto, pelo menos por um tempo.

Eu me sentia tão frustrada que poderia ter gritado.

— Talvez pudéssemos usar disfarces — Gasman sugeriu.

— Tipo óculos e narizes engraçados — Angel concordou.

Sorri para eles.

— Vocês acham?



Naquela tarde, tivemos que arriscar sair para conseguir comida de novo. Seis pares de óculos com narizes engraçados não tinham se materializado, então fomos sem disfarce.

Na delicatessen mais próxima, providenciamos um estoque de sanduíches, bebidas, salgadinhos, biscoitos, qualquer coisa que pudéssemos carregar e comer ao mesmo tempo.

— Acho que devemos sair da cidade tão logo escureça — falei para Fang.

Ele assentiu.

— Para onde?

— Não muito longe — respondi. — Ainda não desisti de chegar ao Instituto, por assim dizer. Talvez um pouco para o norte do estado? Ou algum lugar perto do mar?

— *Vocês!* — Recuei e derrubei o refrigerante quando um rapaz com cabelo moicano pulou na nossa frente. Nudge deu um encontrão nas minhas costas e Fang ficou imóvel. — Vocês são perfeitos! — ele disse, animado.

Que legal *alguém* pensar assim. Mas quem era aquele louco por asas?

— Perfeitos para quê? — Fang perguntou, com calma mortal.

O cara balançou um braço magro e tatuado para a frente de uma loja. A placa dizia: U 'Do: os estilos de ontem nos dias de hoje.

— Estamos fazendo um festival de transformações! — o cara explicou, parecendo que tínhamos acabado de ganhar um milhão de dólares. — Vocês podem fazer transformações totais de *graça*... Desde que o estilista tenha liberdade total.

— Tipo o quê? — Nudge perguntou, interessada.

— Maquiagem, cabelo, tudo! — o cara prometeu, em êxtase. — Exceto tatuagens. Precisaríamos da autorização dos seus pais.

— Então já era — falei baixinho.

— Quero fazer! — Nudge disse. — Parece muito divertido! Podemos fazer, Max? Quero uma transformação!

— Hum...

Vi algumas adolescentes saírem da U 'Do. O visual delas era ousadíssimo. Aposto que os amigos delas não as teriam reconhecido.

Hello!

— Eu topo — falei depressa enquanto os olhos de Fang se arregalavam numa fração de segundo. Lancei-lhe um olhar cheio de significado. — Adoraríamos ser *transformados*. Faça a gente ficar completamente diferente.



Parte 6

**QUEM É SEU PAPAI,
QUEM É SUA MAMÃE?**



— Isso é tão legal! — disse Nudge em tom de aprovação quando virei para deixá-la ver a parte de trás da minha jaqueta jeans nova.

É claro que eu teria que fazer grandes cortes nela para deixar minhas asas saírem, mas, fora isso, era ótima!

Olhei para Nudge e sorri. Ela estava tão *diferente*. Eu ainda me assustava sempre que a via. Seu cabelo castanho-escuro supercacheado tinha sido perfeitamente alisado com secador e cortado em camadas. Depois, tinham-no riscado com luzes loiras. A diferença era incrível — ela passara de uma adolescente zoadá a uma modelo um pouquinho baixa em uma hora. Eu nunca reparara que ela tinha potencial para ser maravilhosa quando crescesse. Se ela crescesse.

— Vejam isto! — Gasman tinha se arrumado com camuflagem até os tênis.

— Está bom pra mim — falei, fazendo sinal de positivo para ele.

Naquele brechó parecido com um celeiro, estávamos no processo de completar nossa transformação física total. Um pouco do cabelo loiro-claro de Gazzy tinha sido descolorido até o branco. Tinham-no

espetado com gel e colorido apenas as pontas de azul. As laterais estavam bem curtas.

— Eu ainda queria que você me deixasse raspar “Dane-se” atrás da cabeça — ele reclamou.

— Não — falei, endireitando-lhe a gola.

— Iggy furou a orelha.

— O quê?! — eu disse.

— Todo mundo faz isso! — ele disse, numa imitação perfeita do estilista.

— Nã-nã-ni-na-não.

Ele fez um som exasperado e foi para o lado de Fang, cujo cabelo fora cortado curto também, exceto por uma franja longa que caía em frente aos olhos. Ela ganhara luzes com vários tons manchados de dourado e estava exatamente como a plumagem de um gavião. *Quelle* coincidência. Naquela loja, ele trocara as roupas pretas básicas por um visual um pouquinho diferente: preto e básico.

— Gostei disso — disse Angel, segurando alguma coisa fru-fru.

Eu já a vestira com uma calça cargo nova e uma camiseta, e ela escolhera uma jaqueta de lã azul fofinha.

— Hum — falei, olhando para o que ela segurava.

— É tão bonito, Max — ela tentou me convencer. — Por favor? — Perguntei-me se eu conseguiria saber se ela estava colocando pensamentos na minha cabeça. Seus olhos arregalados pareciam inocentes. — E a Celeste gosta muito também — ela acrescentou.

— O que acontece, Angel — falei —, é que não sei quão *práticos* os tutus são... Considerando quanto tempo gastamos fugindo e tudo mais.

Ela olhou para o tutu e franziu as sobrancelhas.

— Acho que não.

— Estamos prontos? — Iggy perguntou, com um toque de impaciência. — Não que eu não ame fazer compras.

— Parece que você enfiou o dedo na tomada — Gasman disse.

O cabelo loiro-avermelhado de Iggy estava espetado como o de Gazzy e pintado de preto nas pontas.

— Mesmo? — Iggy perguntou. — Legal!

Ele colocara o brinco antes que eu pudesse perceber: a argola fina e dourada foi a única coisa pela qual tive que pagar.

Saímos da loja para o fim de tarde. Senti-me livre e feliz, embora o Instituto estivesse em *stand by* no momento. Aposto que nem Jeb nos reconheceria.

Minha estilista pegara minha longa trança e simplesmente a cortara. Meu cabelo estava flutuando em camadas levíssimas. Não tinha mais cabelo entrando nos olhos quando eu voava. Eu não precisava cuspir tufo da boca no meio de uma fuga.

Não fosse o bastante, ela ainda fizera mechas grossas rosa-choque e, apesar do meu protesto, fora longe demais com a maquiagem. Então, eu parecia totalmente diferente e com aproximadamente vinte anos. Ter um metro e setenta e dois de altura ajudava.

— Tem um pequeno parque aqui — disse Fang, apontando.

Concordei. Seria mais escuro que a rua e teríamos espaço suficiente para decolar. Cinco minutos depois, estávamos subindo acima da cidade, deixando as luzes, o barulho e a energia para trás.

Era fabuloso abrir as asas, batê-las com força, sentindo-me muito mais rápida e graciosa e mais fresca que no chão.

Só por diversão, voei em arcos enormes e inclinados, respirando fundo, aproveitando a sensação do meu novo cabelo sem peso. A estilista o chamara de “varrido pelo vento”.

Ah, se ela soubesse.



Tão alto assim, eu podia ver claramente o contorno de Manhattan. Bem acima cruzando o East River estava Long Island, que era muito, muito maior que a cidade de Nova York. Voamos sobre sua costa conforme o sol se punha, quase sem conseguir ver as cristas encaracoladas das ondas brancas que quebravam pela praia.

Após uma hora e meia, vimos um trecho extenso de praia escura com poucas luzes, o que significava poucas pessoas. Fang assentiu para mim, e miramos para baixo, aproveitando a sensação boa de perder altitude. As montanhas-russas nem chegavam a nossos pés.

— Parece bom — Fang disse, verificando a praia após pousarmos na areia macia.

Não era muito moderna, sem estacionamentos anexos. Pedras arredondadas enormes selavam as duas pontas, então parecia ainda mais segura. Além disso, outras pedras grandes juntavam-se em uma formação que criava certo abrigo, talvez vinte e sete metros longe da água.

— Lar, doce lar — falei, irônica, tirando minha mochila.

Procurei comida lá dentro, passei o que tínhamos e afundei em um grande pedaço de madeira trazido pelo oceano. Vinte minutos depois, empilhamos os punhos e, em seguida, nos enrolamos na areia, embaixo da formação de pedras.

Estremeci um pouquinho quando a Voz flutuou para dentro da minha cabeça. *Hora de aprender*, ela disse.

Então fui puxada para a inconsciência como se estivesse sendo arrastada sob uma onda. Bem baixinho, consegui ouvir partes de idiomas estrangeiros que eu não entendia, e a Voz disse: *Isso você precisa saber, Max. Você precisa saber.*



O oceano. Outra experiência nova e incrível. Tínhamos crescido em gaiolas de laboratório até quatro anos antes, quando Jeb nos roubara. Depois, tínhamos ficado escondidos, evitando novas experiências a todo custo. Agora, estávamos fazendo uma coisa diferente a cada dia. Era uma viagem.

— Um caranguejo! — Gasman gritou, apontando para a rebentação a seus pés.

Angel correu para ver, segurando Celeste de modo que suas patas traseiras quase nem tocassem a água.

— Cookies? — Iggy perguntou, estendendo um saco.

— Não se incomode — falei.

Naquela manhã, eu suavizara minha aparência um pouco, e Nudge e eu tínhamos ido até a cidade mais próxima. Preparamos um estoque de suprimentos em uma lojinha familiar que vendia cookies caseiros.

Minha missão, e eu escolhi aceitá-la, era encontrar cookies com gotas de chocolate tão bons quanto aqueles que eu fizera com Ella e a mãe dela. Assim, eu trouxera algumas dúzias.

Dei uma mordida e mastiguei.

— Hum — falei, tentando não cuspir as migalhas. — Claras notas de baunilha, pedaços de chocolate muito doces, um sabor reconhecível de açúcar mascavo.

Um cookie apreciável, não espetacular. Ainda assim, um cookie de bom coração, não pretensioso.

Virei-me para Fang.

— O que você diz?

— É bom.

Algumas pessoas simplesmente não sabem apreciar um cookie.

— De zero a dez, dou nota sete — insisti, como deveria. — Embora recém-saídos do forno, falta alguma coisa. Minha missão vai continuar.

Iggy riu e procurou uma maçã na sacola.

Nudge veio correndo, as roupas molhadas abaixo dos joelhos.

— Este lugar é tão legal! — falou. — Adoro o mar! Quando crescer, quero ser uma cientista que estuda o oceano. Eu iria para o mar e faria mergulhos, e encontraria coisas novas, e a *National Geographic* iria me contratar.

É claro, Nudge. Provavelmente acontecerá mais ou menos quando eu virar presidente.

Nudge correu de volta para a água, e Iggy levantou-se e andou devagar atrás dela.

— Eles estão felizes aqui — Fang disse, olhando para eles.

Fiz que sim com a cabeça.

— Como não gostar? Ar fresco, paz e silêncio, o mar. É uma pena não podermos ficar aqui.

Fang ficou quieto por um instante.

— E se ficássemos seguros aqui? — perguntou. — Tipo, se soubéssemos que ninguém viria nos incomodar. Você iria querer ficar?

Eu estava surpresa.

— Temos que encontrar o Instituto — falei. — E, se descobrirmos alguma coisa, os outros vão querer encontrar os pais. E depois vamos encontrar Jeb e enfrentá-lo? E quem é o Diretor? Por que eles fizeram isso com a gente? Por que ficam me dizendo que devo salvar o mundo?

Fang levantou a mão, e percebi que minha voz estava subindo.

— E se... — Fang disse devagar, sem olhar pra mim — ... e se a gente simplesmente esquecesse isso?

Meu queixo caiu. Você vive com alguém a vida toda, acha que conhece a pessoa, e ela vai e solta uma bomba dessas.

— O que você... — comecei a falar, mas Gasman chegou correndo com um caranguejo vivo, que deixou cair no meu colo, e Angel queria almoçar.

Não tive a chance de agarrar os ombros de Fang e berrar “Quem é você e o que fez com o verdadeiro Fang?”.

Talvez mais tarde.



Na manhã seguinte, Fang voltou da cidade e colocou o *New York Post* aos meus pés com uma pequena reverência. Folhee o jornal. Na página seis, li: “Crianças-aves misteriosas estão desaparecidas”.

— Que bom pra nós — falei. — Passamos dois dias sem causar grande comoção pública e agora temos nossa foto estampada em todos os jornais.

— Vamos nadar! — Nudge disse, batendo duas vezes na mão de Iggy.

Ele se levantou e seguiu Nudge, Angel e Gazzy até a água.

O sol brilhava, e, embora o mar ainda estivesse muito frio, isso não os incomodou. Eu estava feliz por eles estarem tendo aquelas pequenas férias, em que podiam apenas se divertir, comer e nadar sem se estressar.

Eu ainda estava me estressando, é claro.

Ao meu lado, Fang lia o jornal, comendo amendoins sem prestar atenção. Observei os mais novos brincando na água. Iggy começou

a fazer um castelo de areia, construído no tato, logo fora do alcance da água.

Como os Apagadores não nos encontraram ainda? Às vezes eles nos rastreavam com tanta facilidade e, em outras, parecíamos estar escondidos de verdade. Eu tinha um chip implantado ou não? Era como se eles só estivessem brincando conosco, mantendo-nos alerta, como um jogo...

Como um jogo. Como um maldito *jogo*.

Bem o que Jeb dissera na Escola. Bem o que a Voz ficava me dizendo, que tudo era um *jogo*, que você aprendia jogando, que tudo, cada coisinha, era um teste.

Eu me sentia como se uma placa de neon tivesse acabado de acender em frente ao meu rosto. Pela primeira vez, *finalmente* entendi que tudo aquilo poderia *ser* um jogo enorme, distorcido, doentio e importante.

E eu fora escolhida como uma das jogadoras principais.

Deixei a areia grossa escorrer entre os dedos, pensando bastante. Certo. Se isso era um jogo, havia apenas dois lados? Havia algum agente duplo?

Abri a boca para disparar meus pensamentos em Fang, mas parei. Ele olhou pra mim, os olhos escuros curiosos, e de repente senti um calafrio. Baixei o olhar, sentindo as bochechas esquentarem.

E se *não estivéssemos* todos no mesmo time?

Parte de mim tinha vergonha de pensar assim enquanto o restante se lembrava de quantas vezes minha adorável paranoia havia salvado nossa pele.

Olhei para a água, onde Angel estava molhando Gasman e rindo. Ela mergulhou, e Gazzy a seguiu.

Angel estava diferente desde que a resgatamos da Escola? Resmunguei e deixei a cabeça cair sobre as mãos. Tudo aquilo era demais. Se eu não pudesse confiar naquelas cinco pessoas, então minha vida não valia a pena.

— Sua cabeça dói? — Fang perguntou com atenção silenciosa.

Suspirando, fiz que não e olhei de novo para o mar. Eu dependia de Fang. Precisava dele. *Tinha* que poder confiar nele.

Eu confiava?

Gazzy olhava fixamente para a superfície da água, virando para lá e para cá, parecendo confuso. Depois, olhou para mim, pânico no rosto.

Angel não voltara para cima. Ainda estava debaixo d'água.

Comecei a correr.



— **A**ngel! — gritei, mergulhando na água. Cheguei perto de Gazzy e agarrei seu ombro. — Onde ela mergulhou?

— Bem aqui! — ele disse. — Foi para aquela direção. Eu a vi sumir.

Fang chegou espirrando água atrás de mim, e Nudge e Iggy se aproximaram. Nós cinco espiamos a água fria azul-acinzentada, conseguindo enxergar apenas alguns centímetros abaixo da superfície. Uma onda rebentou sobre nós.

— Este seria um momento excelente para um de nós desenvolver visão de raios X — murmurei, uma mão gelada se fechando em volta do meu coração.

Senti um puxão forte de uma corrente d'água nas pernas e vi que o vento estava agitando a água para alto-mar.

— Angel! — Nudge gritou, cercando a boca com as mãos.

— Angel! — berrei, andando com dificuldade pela água, dando passos largos, rezando para raspar nela.

Fang passava os braços pela água, o rosto perto da superfície. Nós nos espalhamos, apertando os olhos por causa do brilho do sol e nos revezando para mergulhar na rebentação.

Minha garganta fechou, e eu senti que ia engasgar. Minha voz era um som rouco e estrangulado; meus olhos ardiam do brilho e do sal.

Tínhamos coberto uma grande circunferência, talvez vinte e sete metros de diâmetro, e ainda assim não havia sinal dela. *Minha Angel*. Olhei para trás, para a costa, como se fosse vê-la andando para a areia, na direção de Celeste, que esperava por ela ao lado de uma madeira trazida pelo mar.

Minutos eternos se passaram.

Eu podia sentir a corrente marítima puxar meu corpo todo. Não conseguia deixar de imaginar o corpo de Angel sendo puxado para o oceano, os olhos arregalados de terror. Tínhamos ido tão longe só para perdê-la?

— Você viu *alguma coisa*? — gritei para Fang.

Ele fez que não com a cabeça, mantendo os olhos na água, balançando os braços para a frente e para trás.

Mais uma vez, varremos a área toda, absorvendo cada detalhe da água, da praia, do mar aberto.

E fizemos de novo.

E de novo.

Vi *alguma coisa* e pisquei, depois olhei com mais atenção.

O que era... Seria... Ah, meu Deus! A centenas de metros de distância, uma cabeça pequena, molhada e cheia de tranças afro saiu da água. Fiquei olhando. Angel levantou-se na água que lhe batia na cintura e acenou para nós.

Meus joelhos quase cederam. Precisei me segurar antes que caísse de cara no mar.

Angel e eu corremos uma para a outra, os outros nos alcançando.

— *Angel* — eu mal conseguia sussurrar, incrédula, quando enfim estava perto o bastante. — Angel, onde você estava?

— Adivinhem! — ela disse, feliz. — Consigo respirar debaixo d'água!



Agarrei Angel nos braços, abraçando seu corpo molhado e frio contra mim.

— Angel — murmurei, tentando não chorar —, achei que você tivesse se afogado! O que estava fazendo?

Ela se enroscou mais para perto, e eu a guiei até a praia. Jogamo-nos na areia molhada, e vi Gasman tentando conter as lágrimas também.

— Eu só estava nadando — Angel disse — e sem querer engoli um pouco de água e comecei a engasgar. Mas não queria que Gazy me encontrasse. A gente estava brincando de esconde-esconde — ela explicou. — Debaixo d'água. Por isso, fiquei lá embaixo e percebi que conseguia meio que engolir a água e ficar lá sem engasgar.

— O que quer dizer com engolir água? — perguntei.

— Eu só engulo e faço assim.

Angel espirrou ar pelo nariz, e eu quase ri da cara que ela fez.

— Ela sai pelo seu nariz? — Fang perguntou.

— Não — Angel disse. — Não sei para onde vai. Mas sai ar do meu nariz.

Olhei para Fang.

— Ela está extraindo oxigênio da água.

— Você pode nos mostrar? — Fang perguntou.

Angel se levantou e voltou com uma corridinha para a água. Entrou até onde a água lhe batia na cintura. Eu estava a centímetros dela, determinada a não deixá-la se perder de novo, nem por um segundo.

Ela se ajoelhou, encheu a boca de água e se levantou. Pareceu engolir e soprou ar do nariz. Meus olhos saltaram até eu achar que simplesmente iam cair: pequenos fluxos de água do mar estavam vertendo de poros invisíveis de cada lado do pescoço de Angel.

— Caramba! — Gasman arfou.

Nudge explicou para Iggy o que estava acontecendo, e ele assobiou, impressionado.

— Consigo fazer isso, ficar embaixo d'água e só continuar nadando — Angel contou.

Ela balançou os ombros, desdobrando as asas, para se secar na luz forte do sol.

— Aposto que também consigo! — Gasman disse. — Porque somos irmãos.

Ele se abaixou na água e encheu a boca. Em seguida, engoliu, tentando soprar ar.

Teve ânsia, engasgou e começou a tossir violentamente. Água do mar saiu pelo nariz dele, e ele teve ânsia de novo e quase vomitou.

— Você está bem? — perguntei quando ele finalmente estremeceu e parou.

Ele assentiu parecendo molhado, triste e enjoado.

— Iggy — falei —, toque o pescoço da Angel e veja se consegue sentir alguma coisa, esses poros por onde a água passa.

Como uma pluma, Iggy passou as pontas dos dedos sobre a pele clara de Angel, em volta de todo o pescoço.

— Não consigo sentir nada — falou, o que me surpreendeu.

Desse modo, todos nós tínhamos que tentar, só por garantia. Ninguém além de Angel conseguiu. Vou poupá-lo dos detalhes desagradáveis, mas deixe-me dizer apenas que você não vai me ver nadar por um tempo naquela parte do mar.

Então Angel conseguia respirar debaixo d'água. Nossas habilidades continuavam se revelando como se determinadas coisas tivessem sido programadas para aparecer em momentos diferentes, como quando chegássemos a idades específicas. De certa forma, a sensação era a de virar a rainha no jogo de tabuleiro: de repente, você tinha mais força, mais poder do que antes.

Que estranho.

Estranho, não, Max, minha Voz interrompeu sem aviso. Divino. E fantástico. Vocês seis são obras de arte. Aproveite isso.

Bem, eu aproveitaria, pensei com amargura, se não estivesse tão ocupada fugindo para salvar minha vida o tempo todo. Por Deus. Obras de arte ou aberrações? Copo meio vazio, copo meio cheio. Como se eu não fosse desistir das minhas asas em um segundo para ter uma vida normal com pais normais e amigos normais.

Uma risada fininha soou na minha cabeça. *Vamos, Max, disse a Voz. Você e eu sabemos que isso não é verdade. Uma família*

normal e uma vida normal iriam deixá-la entediadíssima.

— Quem te perguntou? — falei, brava.

— Perguntou o quê pra mim? — disse Nudge, levantando o olhar, surpresa.

— Nada — murmurei.

Aí está. Algumas pessoas têm habilidades interessantes, como ler mentes e respirar embaixo d'água, e outras ganham vozes irritantes presas na cabeça.

Que sorte a minha.

O que você queria conseguir fazer, Max?, perguntou a Voz. *Se pudesse fazer qualquer coisa?*

Hum. Eu não tinha pensado nisso. Digo, eu já podia voar. Talvez quisesse poder ler mentes também, como a Angel. Mas então eu saberia o que todos pensam, tipo se alguém não gostasse mesmo de mim, porém fingisse gostar. Se eu pudesse fazer qualquer coisa...

Talvez você quisesse poder salvar o mundo, a Voz disse. *Você pensa nisso?*

Não, franzi o cenho. *Deixe isso pros adultos.*

Mas quem está destruindo o mundo são os adultos, a Voz falou. *Pense nisso.*



— Olhe quem veio para a praia.

A voz baixa, macia e cheia de ameaça acordou-me naquela noite. Meu corpo endureceu como um arco longo, e eu tentei pular, mas fui segurada no chão por um grande pé calçado de bota na minha garganta.

Ari. Sempre Ari.

No segundo seguinte, Fang e Iggy acordaram, e eu estendi depressa minha mão livre para acordar Nudge.

A adrenalina correu por minhas veias, dando um nó em meus músculos. Angel acordou e pareceu decolar direto sem antes correr. Ela agarrou Celeste com força, pairando cerca de seis metros acima de nós. Eu a vi olhar ao redor; vi seu rosto ganhar uma expressão de desastre.

Olhei ao redor também. E arfei apesar de não querer.

Estávamos cercados por Apagadores. Mais Apagadores do que eu já vira antes. Literalmente centenas e centenas deles. Estavam criando aquelas coisas em quantidades que eu mal podia imaginar.

Ari inclinou-se para baixo e sussurrou:

— Você é tão bonita quando está dormindo... e sua boca está fechada. Mas que pena que cortou o cabelo.

— Quando quiser sua opinião, eu peço — desapareci, lutando contra a bota dele.

Ele riu, estendeu a mão para baixo e passou uma garra pelo meu rosto.

— Gosto de mulheres bravas.

— Sai de cima dela! — Fang se jogou sobre Ari, pegando-o de surpresa.

Ari era tranquilamente cerca de quarenta e cinco quilos mais pesado que Fang, mas este estava tomado por uma fúria gélida e em busca de sangue. Ele ficava assustador quando estava assim.

Iggy e eu pulamos de pé para ajudar e fomos agarrados no mesmo instante pelos Apagadores.

— Nudge e Gazzy... Para o alto e para longe! — gritei. — Agora!

Obedecendo sem questionar, os dois saltaram para o ar e bateram as asas com força, subindo para ficar ao lado de Angel. Os Apagadores tentaram morder-lhes as pernas, mas os dois tinham sido rápidos e estavam fora de alcance. Fiquei tão orgulhosa, em especial quando Nudge rosnou para baixo, maldosa.

Lutei, mas três Apagadores me seguraram em um abraço apertado e asqueroso.

— Fang! — berrei, mas ele já nem ouvia mais, preso na batalha com Ari, que lhe arranhava o rosto com as garras, deixando linhas paralelas de sangue.

Nós possuíamos força sobre-humana, mas nem mesmo nós temos a força muscular absoluta de um Apagador adulto. Fang estava em clara desvantagem, porém conseguiu quebrar a clavícula de Ari.

Ari ganiu e expôs os dentes. Afastou-se e deu um soco cruzado forte, atingindo Fang na parte de cima da cabeça. Vi a cabeça dele virar de lado e seus olhos se fecharem. Em seguida, caiu como um peso morto na areia.

Ari pegou a cabeça de Fang e bateu-a com força em uma pedra. E depois fez de novo.

— Deixe-o *em paz*! Pare com isso! Por favor, pare! — gritei, uma névoa de fúria nadando diante dos meus olhos.

Lutei contra os Apagadores que me seguravam e consegui pisar no peito do pé de um deles. Ele uivou um palavrão e girou meu braço até lágrimas rolarem pelas minhas bochechas.

Os olhos de Fang se abriram, fracos. Vendo Ari acima dele, agarrou areia e jogou-a no rosto dele. Fang ficou em pé, desajeitado, e deu um chute circular em Ari, acertando-o bem no peito. Ari cambaleou para trás, a respiração chiando, recuou depressa e golpeou Fang com o cotovelo. Sangue espirrou da boca de Fang, e ele caiu de novo.

Eu já estava chorando, mas não conseguia falar: a pata áspera e peluda de um Apagador estava firme sobre minha boca. Em seguida, Ari inclinou-se sobre o corpo de Fang, o focinho aberto, caninos afiados e prontos para rasgar a garganta dele.

— Já teve o bastante de vida? — ele rosnou, maldoso.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus, o Fang não, o Fang não...

— Ari!

Meus olhos se arregalaram. Eu conhecia muito bem aquela voz.

Jeb. Meu pai adotivo. Agora meu pior inimigo.



Encarei com raiva e ódio mais ferozes, mais justificados, enquanto Jeb Batchelder movia-se com facilidade pela multidão de Apagadores, abrindo espaço como se fosse Moisés, e eles, o Mar Vermelho. Era tão bizarro vê-lo; eu me acostumara tanto a estar de luto, não sentir desprezo, por ele.

Ari parou, a boca mortal e malcheirosa aberta sobre o pescoço de Fang. Este estava inconsciente, mas ainda respirando.

— Ari! — Jeb disse de novo. — Você recebeu ordens.

Jeb andou na minha direção, mantendo os olhos em Ari. Após segundos eternos, Ari afastou-se de Fang devagar, devagar, deixando seu corpo amassado de um jeito antinatural na areia.

Jeb parou na minha frente.

Ele salvara minha vida mais de uma vez. Salvara a vida de todos nós. Ensinou-me a ler, a fazer ovos mexidos, a fazer ligação direta em carros. Durante um tempo, confiei nele como se fosse o ar dos meus pulmões: ele era a minha única constante, a minha única certeza.

— Você entende agora, Max? — ele perguntou baixinho. — Você vê a incrível beleza do jogo? Nenhuma criança, nenhum adulto, ninguém já viveu nada parecido com o que você está sentindo. Você vê por que tudo isso é necessário?

O Apagador que me segurava tirou os dedos da minha boca para que eu pudesse falar. No mesmo momento, cuspi com força, limpando a boca e a garganta. Atingi o sapato de Jeb.

— Não — falei, mantendo a voz estável, embora tudo em mim estivesse guinchando, desesperada para correr até Fang. — Não entendo. Nunca vou entender. Eu quero *sair* disso.

Seu rosto devastadoramente familiar pareceu repuxado, como se Jeb estivesse perdendo a paciência comigo. Duro.

— Eu disse que você vai salvar o mundo — ele falou. — Esse é o propósito da sua existência. Você acha que uma menina normal e sem treinamento, de quatorze anos, poderia fazer isso? Não. Você tem que ser a melhor, a mais forte, a mais esperta. Você tem que ser absoluta. *Maximum*.

Bocejei e revirei os olhos, sabendo que ele odiaria isso, e o queixo de Jeb ficou duro de raiva.

— Não falhe! — ele disse, o tom firme na voz. — Você se saiu bem em Nova York, mas cometeu erros graves e bem idiotas. Os erros custam caro. Tome decisões melhores.

— Você não é mais meu pai, Jeb — falei, colocando o máximo de sarcasmo irritante possível no meu tom de voz. — Você não é responsável por mim. Faço o que quero. Escolhi meu próprio nome... *Maximum Ride*.

— *Sempre* serei responsável por você — ele soltou. — Se acha que está mesmo controlando a própria vida, então talvez não seja tão inteligente quanto pensei.

— Decida-se — soltei de volta. — Ou sou a maior, ou não. O que vai ser?

Ele fez um gesto com a mão, e os Apagadores soltaram a mim e Iggy. Ari virou-se e abriu um sorriso malicioso para mim, depois me jogou um beijo.

Cuspi para ele.

— Papai sempre gostou mais de mim! — sibilei, e o rosto dele ficou sério.

Ele deu um passo rápido na minha direção, as patas enroladas em punhos, mas foi empurrado por uma onda bruta e peluda de outros Apagadores. Eles o varreram e saíram arrastando os pés, contornando a grande pedra arredondada no fim da nossa praia. Jeb estava com eles. Não, ele era *um* deles.



Cambaleando bastante, meu ombro parecendo pegar fogo, percorri a praia. Antes de mexer em Fang, pus a mão em seu pescoço para ver se estava quebrado. Depois, virei-o com cuidado. Sangue pingava da boca dele.

— Fang, você precisa acordar — sussurrei.

Os outros vieram correndo.

Ele parece muito mal — Gazzy disse. — Devia ir ao médico.

Nada parecia quebrado, talvez o nariz, mas ele ainda estava desacordado. Coloquei a cabeça dele no meu colo e usei meu agasalho para limpar as linhas de sangue do seu rosto.

— Poderíamos carregá-lo, você e eu — disse Iggy, as mãos longas e pálidas flutuando sobre Fang, catalogando machucados, calombos e sangue.

— Para onde? — perguntei, ouvindo minha amargura. — Não é como se a gente pudesse dar entrada com ele em um hospital.

— Nada de hospital — Fang balbuciou, os olhos ainda fechados.

O alívio tomou conta de mim.

— Fang! — eu disse. — Está muito ruim?

— Muito ruim — ele disse numa voz confusa e, gemendo, tentou virar para um lado.

— Não se mexa! — falei, mas ele virou a cabeça e cuspiu sangue na areia. Levantou a mão e cuspiu alguma coisa nela, depois abriu os olhos sem enxergar bem. — Dente — ele disse, com nojo. — Eu me sinto uma merda — acrescentou, tocando na parte de trás da cabeça.

Tentei sorrir.

— Você parece um gatinho. — Fiz movimentos como de bigodes no meu rosto, indicando onde Ari o arranhara. Ele olhou para mim com a expressão azeda. — Fang — falei, a voz falhando —, apenas fique vivo, combinado? Fique vivo e tudo vai ficar bem.

Sem aviso, inclinei-me e beijei-o na boca, do nada.

— Ai — ele disse, tocando o lábio partido, então nos olhamos em choque.

A vergonha esquentou meu rosto. Levantei o olhar e vi Nudge e Gasman boquiabertos. Por sorte, Iggy era cego, e Angel estava buscando água para Fang.

Gazzy olhou de mim para Fang e para Iggy, claramente pensando que ele já era, uma vez que eu tinha obviamente cortado todos os laços com a realidade.

Devagar, Fang se levantou para sentar, a boca fechada com força, suor brotando no rosto.

— Cara — ele falou e tossiu —, estou me sentindo muito mal.

Era mais ou menos o máximo que ele já admitira em termos de dor. Ficou de pé desajeitado e pegou a água de Angel. Dando um

gole, limpou a boca e cuspiu na areia.

— Vou matar o Ari — Fang disse.



Fang e o restante de nós voltamos para Manhattan sem abandonar o céu por causa dos nossos machucados, da exaustão ou de ambos.

— Seu machão — falei quando enfim pousamos na escuridão do Central Park.

Ele parecia muito cansado, frio, molhado e pálido, mas voara o caminho todo sem reclamar.

— Esse sou eu — ele disse, mas me olhou por longo tempo, tipo eu não esqueci o que você fez, ou seja, o *Beijo*.

Corei violentamente, constrangida além do imaginável. Jamais me esqueceria daquilo na vida.

— Você está bem mesmo, Fang? — Nudge perguntou com a preocupação mais tocante na voz.

Nudge era doida por Fang.

Ele parecia ter caído de um penhasco, com machucados roxos enormes distorcendo-lhe o rosto, os terríveis arranhões que Ari lhe deixara nas bochechas, a maneira dura e dolorida como se mexia.

— Estou legal — afirmou. — Voar ajudou a me soltar um pouco.

— Olhem, vamos achar um lugar que nos sirva de abrigo, dar uma dormida e tentar de novo o Instituto — falei. — Temos que descobrir como... Não podemos parar agora. Certo, pessoal?

— É, certo! — Nudge disse. — Vamos fazer isso, acabar logo com isso. Quero saber da minha mãe. E outras coisas. Quero saber a história toda, boa ou má.

— Eu também — disse Gazzy. — Quero encontrar meus pais para poder dizer os cretinos que eles são! Tipo: *“Oi, mamãe e papai, vocês são um lixo!”*.

Decidi que era melhor ficarmos no subsolo por segurança. Na estação de metrô, pulamos da plataforma e andamos depressa pelos trilhos. Parecia familiar, e foi isso mesmo: alguns minutos de caminhada nos levaram à enorme caverna iluminada por fogueiras e habitada por pessoas sem-teto ou que não se encaixavam na sociedade. Lar, doce lar, principalmente se você for um rato de esgoto.

— Cara, isso parece convidativo, não? — Fang disse, esfregando as mãos.

Fiz uma careta para ele enquanto subíamos na saliência de concreto. Por dentro, eu estava feliz por ele ter energia o suficiente para ser sarcástico.

De repente exausta e emocionalmente esgotada, estendi o punho esquerdo para nosso gesto da hora de dormir. Fizemos o de sempre, e Angel se aconchegou perto de mim. Verifiquei se os outros, em especial Fang, estavam bem e me deitei, deixando o desespero me cobrir como uma manta.

Eu estava no meio de outra explosão cerebral provocada pelo sono quando me senti voltar à consciência sem abrir os olhos. Sem

perceber o impulso, joguei a mão e agarrei o *pulso de alguém*.

Mexendo-me depressa, ainda por instinto, sentei-me e virei o braço do intruso para trás, meus sentidos voltando à vida com um urro.

— Vá com calma, imbecil! — o dono do braço sussurrou, furioso.

Puxei para cima, ameaçando arrancar-lhe o braço do encaixe. Com certeza eu teria conseguido.

Fang levantou-se ao meu lado com um rangido. Os olhos alertas, mas o corpo duro nos movimentos.

— Você está estragando meu Mac de novo — disse o hacker, e eu afrouxei o aperto. — Nossa, o que aconteceu com você? — ele perguntou a Fang.

— Eu me cortei enquanto fazia a barba — Fang disse.

O hacker franziu o cenho e esfregou o ombro onde eu o puxara.

— Por que vocês voltaram pra cá? — ele perguntou, bravo. — Você está estragando meu disco rígido inteiro!

— Deixe-me ver — pedi, e ele abriu o laptop de mau humor.

A tela estava coberta com o *interior* da minha cabeça; imagens, palavras, fotos, mapas, equações matemáticas.

O hacker fez uma careta, parecendo mais perplexo que bravo.

— É estranho — ele disse. — Vocês não têm computador?

— Não — Fang respondeu. — Nem celular.

— E um Palm Pilot? — o hacker perguntou.

— Não — falei. — Somos, tipo, menos hi-tech que isso.

Por exemplo, ter lenços de papel seria um grande passo para nós.

— Um chip de memória? — ele persistiu.

Congelei. Quase contra a minha vontade, olhei para Fang.

— Que tipo de chip de memória ? — questionei, esforçando-me para parecer casual.

— Qualquer coisa — o hacker falou. — Qualquer coisa que tenha dados que possam interferir no meu disco rígido.

— Se tivéssemos um chip — falei com cuidado —, você conseguiria acessar?

— Se eu soubesse o que é — ele explicou —, talvez. O que vocês têm?

— É pequeno e quadrado — contei, sem olhar para ele.

— Assim?

O hacker afastou os dedos uns sete centímetros e meio.

— Menor.

Seus dedos estavam separados pouco mais que um centímetro.

— Vocês têm um chip de memória pequeno assim?

Fiz que sim com a cabeça.

— Mostre pra mim. Onde está?

Respirei fundo.

— Em mim. Está implantado em mim. Vi numa radiografia.

Ele me encarou com horror nos olhos. Desligou o laptop e fechou a tampa.

— Você tem um chip de memória pequeno assim *implantado* — ele verificou.

Fiz que sim, achando que aquilo era de alguma forma pior que ter piolho.

Ele deu vários passos para trás.

— Um chip assim é uma péssima notícia — ele falou devagar, como se fôssemos idiotas. — Pode ser a Agência de Segurança Nacional. Não quero mexer com isso. Olhem, fiquem longe de mim! Depois eles vão vir atrás de *mim*.

Ele recuou para a escuridão, as mãos levantadas como para afastar o mal.

— Eu odeio eles! Odeio!

Então sumiu, voltando para as entranhas do túnel.

— Até mais ver — sussurrei. — Eu não ia querer mesmo.

Fang olhou pra mim com irritação.

— Não posso te levar a lugar *nenhum*.

Eu queria muito que ele não estivesse todo destruído... Pra eu poder acabar com ele.



Tentamos dormir um pouco — Deus sabe que precisávamos. Eu meio que adormeci. Depois, *não estava* dormindo, sabia disso. Mas não estava exatamente acordada. Eu tinha sido, tipo, sugada para outra dimensão, onde conseguia sentir meu corpo, mais ou menos, sabia onde estava e, ainda assim, não conseguia me mexer ou falar. Estava em um filme, olhando pra mim, observando tudo acontecer ao redor. Estava descendo um túnel escuro, ou o túnel estava deslizando por mim, e eu estava imóvel. Trens passavam depressa por mim dos dois lados, então era um túnel de metrô.

Eu estava pensando: *Certo, túnel de metrô. É, e daí?*

Em seguida, vi uma estação: Rua 33. O prédio do Instituto ficava na Rua 31. Na escuridão do túnel de metrô do sonho acordado, vi uma grade imunda e enferrujada. Vi-me puxando a grade para cima. Uma água marrom e fétida gorgolejava por baixo. *Eca...* Era o sistema de esgoto, abaixo da cidade.

Hello.

No fim de um arco-íris...

Bingo, Max, disse a minha Voz.

Meus olhos se abriram de repente. Fang estava me observando, preocupado.

— E agora?

— Sei o que a gente tem que fazer — falei. — Acorde todo mundo.



— **P**or aqui — eu disse, caminhando na escuridão dos túneis.

Era como se um mapa detalhado estivesse impresso nas minhas retinas e eu pudesse vê-lo sobreposto à realidade, traçando o caminho que precisávamos seguir. Se aquele efeito de mapa fosse parte da minha vida para sempre, eu ficaria louca, mas naquele instante era útil pra caramba.

Acho que devo mencionar uma coisa: estava com muito, muito medo naquele momento, com mais medo do que já tivera antes, e nem sabia por quê. Talvez não quisesse saber a verdade. Além disso, minha cabeça estava pulsando, e isso me enlouquecia um pouco também. Eu estava chegando perto do meu prazo de validade? Iria morrer? Iria simplesmente cair e abandonar o mundo e meus amigos?

— A Voz te falou sobre isso, Max? — Nudge me cutucou e perguntou.

— Mais ou menos — respondi.

— Ótimo — ouvi Iggy murmurar, mas ignorei-o.

Cada passo nos levava mais perto do Instituto — eu podia sentir. Estávamos enfim prestes a ter nossas perguntas respondidas, e também era provável que enfrentaríamos a pior luta da nossa vida. Porém, nossa curiosidade era *muito* instigante: quem éramos? Como tínhamos sido tirados de nossos pais? Quem havia enxertado DNA aviário em nós e por quê? Minha mente evitava a pergunta que dizia respeito aos pais. Eu realmente não sabia se aguentaria descobrir. Mas tudo em mim queimava para saber os outros por quês. Eu queria nomes. Queria saber quem eram os responsáveis. Queria saber onde moravam.

— Certo, agora o túnel se divide — falei —, e vamos pegar o que não tem trilhos.

A mão de Angel estava na minha, pequena e confiante. Gasman ainda estava entorpecido de sono, às vezes tropeçando. Iggy tinha um dedo no passante da calça de Fang.

Estávamos procurando uma grade enferrujada colocada no chão. No meu sonho, eu a vira em um cruzamento de dois túneis e, desse modo, tinha de estar ali. Porém, não a vi. Parei, e os outros pararam atrás de mim.

— Tem que estar aqui — falei baixinho, espiando para dentro da escuridão.

Não pense no que tem que estar, Max. Pense no que está.

Apertei os dentes. *Você não pode falar as coisas diretamente?*, pensei. Por que tudo tinha que ser tipo: “Qual é o som da mão de alguém batendo” e tudo mais?

Mas tudo bem. O que *estava* ali, então? Fechei os olhos e simplesmente *senti* onde estava, deixando conscientemente qualquer impressão vir até mim, de verdade. Eu me sentia uma nerd completa.

Depois, apenas segui em frente, olhos fechados, tentando sentir aonde deveríamos ir. Por instinto, senti que tinha que parar. Então parei. E olhei para baixo.

Lá, aos meus pés, estava o contorno pouco visível de uma grade enferrujada e grande.

Bem, você é especial, hein?, falei para mim mesma.

— Está aqui — chamei.

Foi fácil puxar a grade, os parafusos se desintegrando em pó de ferrugem à medida que Fang, Iggy e eu os puxávamos. Ela se soltou, e nós a colocamos de lado.

Embaixo, havia um bueiro com apoios para as mãos enferrujados e no formato de U colocados de cada lado. Eu me abaixei pela borda e comecei a descer para o sistema de esgoto da cidade de Nova York.

Que destino.

Enfim, perguntei à Voz. TIVE QUE FAZER. *Vou morrer? É esse o motivo de tudo isso?*

Houve uma pausa, uma pausa longa, realmente agonizante, a pior.

Então, a Voz decidiu responder. *Sim, Max, você vai morrer. Assim como todo mundo.*

Obrigada, Confúcio.



Isso pode ser surpreendente para você, mas o sistema de esgoto de uma cidade com oito milhões de pessoas é ainda menos agradável do que você pode imaginar. Descemos pelo bueiro um a um e acabamos em uma saliência de tijolos muito suja, de uns sessenta centímetros de largura. Acima de nós, o túnel fazia uma curva, um pouco mais de quatro metros de um lado a outro, e abaixo da saliência havia uma corrente rápida de água de esgoto imunda.

— Eca! — disse Nudge. — Isso é tão nojento! Quando sairmos daqui, vou querer que alguém jogue em mim spray de, tipo, desinfetante.

Angel enfiou Celeste debaixo da blusa.

— Max? — disse Gasman. — Isso são, hum, ratos?

Adorável.

— Sim, parecem ser ou ratos ou camundongos que tomaram esteroides — falei depressa, tentando não soltar gritinhos e subir pelas paredes como uma menininha.

— Nossa! — disse Iggy, com nojo. — Seria de imaginar que eles fossem preferir morar num parque ou coisa do tipo.

À nossa frente, havia uma interseção de túneis com quatro direções, como uma grande cruz. Hesitei e virei à esquerda. Vários minutos depois, parei, total e completamente sem pista.

Alô, Voz?, pensei. Uma ajudinha, por favor!

Eu não tinha esperança nenhuma de que a Voz fosse responder, mas, se o fizesse, provavelmente diria algo como “Se uma árvore cai na floresta, ela ainda...”.

Olhei para baixo e, em seguida, engoli o ar tão depressa que quase engasguei. *Eu estava em cima de uma plataforma transparente suspensa bem alta acima do sistema de esgoto.* Eu queria gritar, sentindo-me desequilibrada e com medo. Abaixo de mim, conseguia ver outra Max, parecendo assustadíssima, e o resto do bando me encarando. Fang estendeu a mão e pegou o braço da outra Max, e eu senti, mas ninguém estava comigo.

Quando você vai confiar em mim, Max? Quando vai confiar em si mesma?

— Talvez quando eu não me sentir completamente *louca* — rosnei.

Engoli com dificuldade e tentei me acalmar. Hesitante, olhei para baixo de novo, para a superfície translúcida. Enquanto observava, linhas de luzes fracas traçaram o caminho atrás de nós, onde já tínhamos estado. Depois, as linhas continuaram pelo túnel, como uma placa “por aqui” em neon.

Rapidamente, olhei para cima, mas vi apenas arcos nojentos de tijolos amarelos cobertos de mofo... Nenhum teto de vidro. Fang ainda segurava meu braço, olhando para mim com atenção.

Lancei um sorriso envergonhado para ele.

— Você deve estar muito cansado de olhar pra mim com preocupação.

— *Está* mesmo repetitivo — ele respondeu. — O que aconteceu? Desta vez, quero dizer.

— Nem quero explicar — falei, limpando o suor frio da testa. — Você me internaria em um hospício.

Dei a volta nele com cuidado e guiei os outros adiante. Algumas partes do túnel recebiam iluminação fraca de grades abertas bem acima de nós, outras eram escuras e sinistras. Mas eu nunca me perdia, nunca tinha incerteza, e, após o que pareceram quilômetros, parei de novo porque senti que era a hora. Porque, tipo, o feng shui era apropriado, sabe? Argh.

Conforme ficamos parados olhando ao redor pela escuridão, evitando nossos amigos ratinhos guinchadores, vi por que estávamos ali. Fixada em uma parede de esgoto nojenta estava uma porta de metal cinza, quase completamente escondida.

— Chegamos, turma. Conseguimos.



Não fique muito animado. A porta estava trancada, é claro.

— Certo, pessoal — falei baixinho. — Algum de nós consegue abrir fechaduras com a mente? Avise agora.

Ninguém conseguia.

— Iggy, então.

Saí do caminho e puxei-o com delicadeza até a porta. Seus dedos sensitivos se estenderam e passaram por ela, sentindo seus cantos quase indistinguíveis, pairando em volta do buraco da fechadura. Como se alguém fosse descer ali com uma *chave*.

— Certo — Iggy murmurou.

Ele tirou do bolso seu kit de abrir fechaduras, como eu sabia que faria. Mesmo eu o tendo confiscado *para sempre* apenas dois meses antes, após ele ter mexido na fechadura do meu armário, em casa.

Casa. Nem pense nisso. *Você não tem mais casa. Você é sem-teto.*

Com cuidado, Iggy selecionou uma ferramenta, mudou de ideia, pegou outra. Angel trocou o peso de um pé para o outro, parecendo nervosa com os ratos, que estavam ficando cada vez mais assustadoramente curiosos conosco.

— Eles vão nos morder — ela sussurrou, agarrando minha mão, dando batidinhas em Celeste através da blusa suja. — Consigo ler a mente deles também.

— Não, querida — falei baixinho. — Eles só estão com medo da gente. Nunca viram... criaturas tão grandes e feias antes, e querem dar uma olhada em nós.

Fui recompensada com um sorrisinho.

— Somos feios pra eles. Certo.

Iggy levou três minutos, o que foi um recorde pessoal, quebrando o antigo recorde de quatro minutos e meio necessários para as três fechaduras do meu armário.

Iggy, Fang e eu agarramos a borda da porta com a unha e puxamos — não havia maçaneta. Devagar, devagar, a porta imensamente pesada abriu. Revelando uma escada extensa, escura e interminável à nossa frente. Descendo, é claro.

— É, é *disso* que a gente precisava — Fang murmurou. — Uma escada descendo para o Lugar Escuro.

Iggy soltou o ar, nada animado.

— Você primeiro, Max.

Coloquei o pé no primeiro degrau.

Você está por conta própria, Max, disse a Voz. Até mais tarde.



Minha dor de cabeça voltara pior que antes.

— Vamos continuar em frente — falei por sobre o ombro.

Diferentemente do esgoto, não havia nem uma luz distante na escada, então estava um breu. Por sorte, todos nós conseguíamos enxergar muito bem no escuro. Em especial Iggy.

Os degraus pareciam eternos e não havia corrimão. Acho que quem quer que tivesse construído aquilo não estava muito preocupado com *segurança*.

— Você sabe o que está fazendo? — Fang perguntou em voz baixa.

— Estamos nos aproximando do nosso destino — falei, descendo para a escuridão. — Estamos mirando nas respostas que sonhamos conseguir a vida inteira.

— Estamos fazendo o que a Voz nos disse pra fazer — ele comentou.

E era prudente.

— É? A Voz tem sido boa até agora, certo?

Havia um final, até que enfim.

— Aqui estamos — falei, o coração acelerado.

— Tem uma parede na sua frente — Iggy disse.

Estendi as mãos no escuro e, alguns metros adiante, meus dedos esticados tocaram uma parede, depois uma porta, depois uma maçaneta.

— Porta — falei. — Talvez eu precise de você, Iggy.

Virei a maçaneta, só para ver, e veja só: a porta começou a abrir.

Todos estávamos em silêncio. A porta se abriu inteira sem fazer nenhum barulho, e uma lufada de ar fresco e frio flutuou até nós. Após o cheiro fétido e abafado do esgoto, aquilo era incrível.

Sentindo-me como Alice no País das Maravilhas caindo pela toca do coelho, dei um passo à frente, meus sapatos imundos afundando no carpete grosso. Sim, carpete.

Luzes fracas me mostraram outra porta, e, quase guinchando de tensão, eu a abri.

De repente, tudo isso pareceu horrivelmente fácil, suspeitamente fácil, assustadoramente fácil.

Passamos pela segunda porta; em seguida, paramos e olhamos. Estávamos em um laboratório, um laboratório igual ao da Escola, a milhares de quilômetros, na Califórnia.

— Estamos no Instituto — falei.

— Hum, e isso é *bom*? — Gazzy perguntou.



— **M**as que [insira o palavrão da sua escolha aqui] — Fang disse, abismado.

— Pois é — falei.

Havia vários computadores mais altos que eu. E mesas com equipamentos de laboratório de primeira linha. Lousas brancas cobertas de diagramas — muitos dos quais eu vira durante meus ataques cerebrais. As coisas estavam no modo “inativo”, zumbindo baixinho, mas sem funcionar... Ainda não amanhecera.

Andamos entre as mesas, tentando absorver tudo enquanto nosso corpo tremia. Eu sabia que havia Apagadores naquele prédio; podia senti-los.

Depois, vi um computador ainda ligado, a tela brilhando, dados sendo processados enquanto eu o observava. Talvez fosse isso: a chance de descobrir sobre nosso passado, nossos pais, a coisa toda.

— Certo, pessoal — falei em voz baixa. — Espalhem-se, fiquem de guarda, me deem cobertura. Falo sério! Vou tentar hackear o computador.

Subi no banco do laboratório em frente ao balcão e agarrei o mouse.

Senha?

Estalei os dedos, fazendo Fang estremecer. Bem, podia só ser mais ou menos com milhões de coisas, pensei. E isso é difícil?

Comecei a digitar.

Não vou entediá-lo com a lista toda do que foi rejeitado. Fiquei agradecida porque o sistema não me bloqueou após três tentativas ruins. Mas “Escola”, “Batchelder”, “Mãe”, “Apagador”, “bando” e mais várias outras não deram certo.

— Isso é inútil — falei, os nervos em frangalhos.

— Qual é o problema, Max? — Nudge perguntou baixinho, indo ficar ao meu lado.

— Quem eu quero enganar? — falei. — Não tem como eu descobrir a senha. Viemos até aqui pra *nada*. Sou tão babaca! Não suporto!

Nudge inclinou-se mais para perto e tocou o monitor com um dedo, virando-o para poder ver melhor. Ela leu a tela, os lábios movimentando-se em silêncio. Eu desejava afastá-la, mas não queria ser cruel sem necessidade.

Nudge fechou os olhos.

— Nudge? — perguntei.

Sua mão espalhou-se pelo monitor como se o apertasse mais em busca do calor.

— Alô? — falei. — O que você está fazendo?

— Tente *x* maiúsculo, *j* minúsculo, *n* minúsculo, *p* maiúsculo, o número sete, *o* maiúsculo, *h* maiúsculo, *j* minúsculo e o número quatro — ela disse em um sussurro.

Eu a encarei. Do outro lado da sala, Fang estava nos observando, e meu olhar cruzou com o dele.

Rápido, antes que eu esquecesse, digitei o que ela dissera, vendo as letras aparecerem como pontinhos na caixa de senha.

Apertei o *Enter*, e o computador chiou e acordou, uma lista de ícones aparecendo no lado esquerdo da tela.

Tínhamos entrado.



Encarei Nudge, e ela abriu os olhos devagar. Um sorriso largo estampou seu rosto.

— Deu certo?

— É, deu certo — respondi, abismada. — Como conseguiu?

— O computador — ela disse, parecendo satisfeita. — Tipo, quando toquei nele. — Ela estendeu a mão e tocou nele de novo. — Consigo ver a pessoa que trabalha aqui. É uma mulher de cabelo ruivo frisado. Ela bebe café demais. Digitou a senha e consigo sentir.

— Uau! — falei. — Toque em outra coisa.

Nudge foi para a cadeira seguinte e colocou as mãos nela. Fechou os olhos e, alguns segundos depois, sorriu.

— Um homem se senta aqui. Carequinha. Ele rói as unhas. Foi para casa cedo ontem. — Abrindo os olhos, ela me olhou feliz. — Tenho uma habilidade nova! — disse. — Consigo fazer uma coisa nova! Isso é tão legal!

— Que bom pra você, Nudge — falei. — Você salvou nossa pele aqui.

Tentando me concentrar apesar desse acontecimento enlouquecedor mais recente, passei por ícones e cliquei com o botão direito do mouse para abrir o navegador. Pesquisei por “aviário”, “Escola”, “genética”...

Depois, ah, meu Deus... *Documentos encheram a tela.*

Meus dedos voaram pelo teclado procurando nomes, datas, qualquer coisa em que eu pudesse pensar para criar uma conexão.

Origens. Parecia promissor, e eu cliquei nele. Meus olhos correram pelas linhas do texto abaixo, e minha garganta fechou. Quase entrei em choque ali mesmo.

Vi *nossos* nomes, nomes de hospitais, nomes de cidades... Até o que pareciam nomes de pais. Em seguida, vi fotos de adultos que pareciam corresponder aos nomes. Aqueles eram nossos pais? Tinham que ser. Ai, meu Deus, ai, meu Deus! Era isso! Era exatamente do que precisávamos!

Apertei *Imprimir*, e as páginas começaram a ser cuspidas da impressora.

— O que você está fazendo? — Fang perguntou, aproximando-se.

— Acho que posso ter encontrado alguma coisa — falei, sem fôlego. — Eu sabia que não deveríamos parar e olhar as incríveis páginas ali. — Vou imprimir, e depois a gente deve dar o fora. Comece a reunir os outros.

Agarrei as páginas conforme saíam, dobrando-as e enfiando-as nos bolsos. Nem sabia quantas eram, mas por fim a impressora parou. Eu estava doida pra contar tudo aos outros, mas me contive.

Mordi o lado de dentro da bochecha até doer. Viu por que sou a líder?

— Vamos! — falei com pressa. — Vamos embora! Vamos!

— Hum, só um segundo, Max — disse Gasman, parecendo muito, muito estranho.



Gasman estava parado ao lado de uma parede coberta com tecido. Com sua típica curiosidade, puxou o tecido para o lado. Devagar, andamos até ele, e seis pares de olhos se arregalaram como pires.

Quando estava a sessenta centímetros de distância, meu coração parou de repente. Coloquei as mãos sobre a boca para não gritar. Angel, *sim*, gritou, até Fang colocar a mão em forma de concha na sua boca.

Atrás da cortina havia uma parede de vidro. Certo, nada demais.

Porém, atrás do vidro havia outro laboratório, com estações de trabalho, computadores e... *gaiolas*.

Gaiolas com formas adormecidas dentro. Formas em tamanho de crianças.

Dúzias delas.

Mutantes.

Assim como nós.



Eu não conseguia falar. Meu olhar atravessou a parede de vidro, e eu vi um pequeno botão na altura do olho. Fui até lá e apertei-o daquele jeito fofo “não pense antes de agir” que tenho.

A parede de vidro abriu, e nós a atravessamos na ponta dos pés, os nervos distendidos como tiras de borracha.

Era isso mesmo: havia crianças mutantes dormindo em gaiolas e grandes engradados para cachorros. Aquilo fez minha infância horrível e revoltante voltar farfalhando para mim, e me senti a ponto de ter um ataque de pânico. Eu me esquecera da dor de cabeça por talvez um minuto, mas ela estava de volta, palpitando como se meu cérebro estivesse se preparando para explodir.

Angel olhava triste para dentro de uma gaiola, e eu fui até ela. De centenas de experimentos genéticos, apenas nós e os Apagadores tínhamos sido pelo menos viáveis — até onde sabíamos. As duas criaturinhas adormecidas no chão da gaiola eram claramente erros terríveis e provavelmente não durariam muito mais tempo. Por terem alguns dos órgãos vitais do lado *de fora* do corpo e tal. Rins, intestinos, um coração. *Ah, pobres bebês.*

— Isso é patético — Fang sussurrou, e me virei e o vi olhando para um gato grande, como um serval ou um gato-maracajá.

Eu nunca vira um animal de verdade em nenhum dos laboratórios antes. Bem quando eu estava me perguntando qual era o motivo, ele acordou, piscou sonolento, virou-se e adormeceu de novo.

Engoli muito, muito em seco. *Ele tinha olhos humanos*. E, quando examinei suas patas mais de perto, vi dedos como os de humano por baixo das garras retráteis. Deus do céu!

Dei uma olhada e vi Angel lendo o cartão preso com uma tachinha a outra pequena gaiola. Seu ocupante parecido com um cachorro estava correndo enquanto dormia.

— Oi, au-au — Angel sussurrou. — Oi, cachorrinho. Você parece o Totó. De *O Mágico de Oz*.

Aproximei-me de Nudge, que estava parada e dura ao lado de uma gaiola. Olhei lá dentro.

Aquele tinha asas.

Cruzei o olhar com o de Fang, e ele se aproximou. Quando viu a criança-ave, suspirou e fez que não com a cabeça. Pude mesmo ver tristeza e ternura nos olhos dele. Isso me fez querer abraçá-lo. Mas não o fiz, é claro.

— Sabe, não podemos salvar *todos* — ele me disse em voz baixa.

— Devo salvar o mundo inteiro, lembra? — sussurrei de volta. — Bem, vou começar com este pessoal.

Muito bem, Max, disse a Voz. *Essa é a diferença entre você e Fang*.

Não ouse falar mal de Fang, pensei. *Em geral, ele está certo. Provavelmente está certo quanto a isso também*.

É importante estar certo ou é importante fazer o que é certo? É uma das lições mais difíceis de aprender.

Certo, tanto faz. Estou muito ocupada agora.

— Comecem a soltar os trincos — sussurrei para Iggy, que sussurrou para Gasman, e assim por diante.

Abri a gaiola e sacudi com delicadeza a criatura lá dentro para acordá-la.

— Fique preparado para correr — murmurei. — Vamos dar o fora daqui.

O pobre bebê olhou para mim sem entender.

Várias criaturas estavam acordadas fazendo barulhos estranhos que eu nunca ouvira antes. Fomos abrindo as portas o mais rápido que podíamos. Por fim, a maioria dos prisioneiros estava livre, parada ao redor, olhando a entrada do laboratório com confusão ou medo.

Uma gaiola guardava uma criança grande que estava agarrando as barras. Os traços finos diziam que provavelmente era mulher. Ela tinha asas... Eu podia vê-las bem apertadas contra as laterais do corpo. Era mais velha que as outras crianças aladas que tínhamos visto.

Soltei depressa o trinco da gaiola dela. Dei um pulo para trás quando ouvi uma voz.

— Quem são vocês? Por que estão fazendo isso? — ela sussurrou.

— Crianças não devem ficar em gaiolas — falei. Depois, disse em voz alta: — Certo, todo mundo. Vamos arrasar este buraco.



— **P**or aqui! — Nudge disse, tentando guiar a horda de mutantes para fora do laboratório. — Não tenham medo.

— Estou ouvindo vozes — Iggy disse. — Tenham *muito* medo.

— Vamos acelerar! — ordenei.

Meu coração estava palpitando... *O que eu estava fazendo?* Cuidaria de todas aquelas crianças? Eu mal conseguia lidar com as que eu tinha!

Pensaria nisso no dia seguinte.

— Nudge! Fang! Angel! — chamei. — Saiam, saiam, saiam! — Eles passaram depressa por mim, impulsionando os outros, atravessamos correndo a primeira porta e cruzamos o carpete alto até a segunda porta. — Subam a escada!

Eu não tinha a audição de Iggy, mas senti, pressenti, que nossa festa de libertação estava prestes a ser descoberta. E isso seria ruim.

Planeje antes, Max. Pense bem. Pense rápido.

Sim, Voz. Certo, tínhamos degraus e depois esgoto; eu praticamente empurrei os outros pelos degraus escuros, um, dois, três... Uma das crianças mutantes enlouqueceu e se enrolou, fazendo uma bola, choramingando. Eu a apanhei em um braço e continuei subindo, dois degraus por vez. Na minha mente, visualizei a rota que teríamos de tomar.

Lá em cima, Fang empurrou a última porta, a que levava ao túnel, e jorramos para fora atrás dele, passando do ar frio e fresco para uma umidade quente e fétida que fez meu nariz enrugar.

— Onde estamos? — perguntou a menina-ave que havíamos libertado.

Ela parecia ter uns dez anos e era uma das poucas que sabiam falar.

— Sistema de esgoto, embaixo de uma grande cidade — falei brevemente. — A caminho do ar fresco e da luz do sol.

— Mas não *ainda* — Ari sibilou atrás de mim. — Primeiro, precisamos conversar, Maximum. Você e eu. Pelos velhos tempos.



Fiquei imóvel e vi os olhos da menina-ave se arregalarem de medo também. *Ela conhecia Ari?* Devagar, passei a ela o mutante que chorava em meus braços e virei-me.

— Voltou? O que *você* está fazendo aqui? — perguntei. — Pensei que o papai estivesse te mantendo na coleira.

As mãos dele se fecharam em punhos.

Eu precisava de tempo. Atrás de mim, fiz sinais de “fujam!” com a mão.

— Então, o que aconteceu, Ari? — falei, mantendo a atenção dele em mim. — Quem cuidou de *você* quando Jeb foi embora com a gente?

Os olhos dele se apertaram, e eu vi seus caninos ficando visivelmente maiores.

— Os jalecos-brancos. Não se preocupe. Eu estava em boas mãos. Nas melhores. Alguém estava cuidando de *mim* .

Franzi o cenho, pensando...

— Ari, Jeb deu permissão para que eles fizessem de você um Apagador ou alguém simplesmente fez isso enquanto ele estava fora?

O corpo supermusculoso de Ari tremeu de raiva.

— Que importância isso tem pra você? Você é tão perfeita, a única recombinação bem-sucedida. Eu não sou ninguém, lembra? Sou o menino que foi deixado pra trás.

Apesar de tudo, apesar do fato de que eu poderia ter chutado os dentes dele com alegria pelo que fizera com Fang, senti mesmo uma pontada de pena de Ari. Era verdade: após termos saído da Escola, nunca mais pensara nele. Eu não pensara em por que Jeb o deixara, ou em que acontecera com ele.

— Alguém fez coisas terríveis com você porque o Jeb não estava lá pra te proteger — falei em voz baixa.

— Cale a boca! — ele rosnou. — Você não sabe de *nada*! Você é burra feito uma porta!

— Talvez não. Alguém queria ver se os Apagadores durariam mais se não comesçassem muito pequenos — continuei. Ari estava tremendo, as mãos abrindo e fechando convulsivamente. — Você tinha três anos, e eles inseriram DNA em você e conseguiram um Superapagador. Certo?

De repente, Ari se jogou para a frente e deu um golpe cruzado com uma pata em forma de concha. Mesmo com meus reflexos recorde em velocidade, ele conseguiu dar um tapa na minha cara forte o bastante para me girar contra a parede nojenta do túnel. Uma coisa parecida com pus grudou no meu rosto.

Prendi a respiração, aceitando que estava prestes a levar uma surra pesada. O velho Jeb, embora claramente um agente do mal, havia me ensinado a útil arte da luta de rua. Nunca faça uma luta justa; não é assim que se ganha. Use todos os truques sujos que

puder. *Espere* a dor. Espere ficar machucado. Se for surpreendido pela dor, você simplesmente perde.

Virei-me de volta para Ari, devagar.

— No mundo real, você deveria estar na segunda série — falei, sentindo o gosto de sangue salgado na boca. — Se Jeb tivesse te protegido.

— No mundo real, você teria sido morta por causa da aberração mutante nojenta que é!

Agora tínhamos tirado as máscaras.

— E você é... *o quê?* — perguntei, fingindo uma confusão bem-educada. — Aceite, Ari. Você não é só um menino de sete anos grande e peludo. É uma aberração mutante muito mais óbvia que eu, e o seu *próprio pai* deixou isso acontecer.

— Cale a boca! — Ari gritou, furioso.

Não consegui evitar. Senti pena dele por um segundo.

Mas apenas por um segundo.

— Sabe, Ari — falei em tom de conversa e, em seguida, joguei-me nele com um chute circular que teria quebrado o peito de um homem comum.

Ari apenas cambaleou.

Cambaleou meio passo para trás. Nem um passo inteiro.

Ele me bateu de novo, e vi círculos e estrelas. Deu-me um soco no estômago. Meu Deus, ele era forte como uma boiada. E isso é forte, não?

— Você está morta! — Ari grunhiu. — Digo, literalmente.

Depois, avançou sobre mim, as garras pra fora... *E escorregou.*

Sua bota deslizou na saliência coberta de lodo do túnel, e ele caiu pesado de costas. Tão pesado que ouvi a respiração deixá-lo, um sopro forte de ar.

— *Tire todos daqui!* — gritei para Fang, mal virando a cabeça, e depois, instantaneamente, joguei todo o meu peso no peito de Ari.

Eu conseguia ouvir meu coração e sentir a adrenalina serpenteando por mim, transformando-me na Supermenina. Lembrei que Ari machucara Fang bastante na praia — e gostara.

Ari esforçou-se para se levantar, a respiração chiando como um animal grande com pneumonia, tentando me tirar de cima. Agarrei a cabeça dele com as duas mãos, meu rosto retorcido de fúria.

Contudo, ele se soltou de mim. Era muito rápido, muito mais que eu.

Ari me socou de novo, e eu pensei ouvir uma costela quebrar. Ele estava me dilacerando pedaço a pedaço. Por que me odiava tanto? Por que todos os Apagadores nos odiavam?

— Sim, Maximum, *estou* gostando disso. E quero que dure muito, muito tempo.

Ele estava me esmurrando muito, e não havia nada que eu pudesse fazer. Você não pode imaginar a dor, ou a força dele, ou a fúria direcionada a mim.

A única coisa que me salvava da destruição era o piso escorregadio do túnel, a sujeira sob os pés dele. Nesse instante, Ari perdeu o equilíbrio outra vez, e eu vi a pequena abertura. Uma chance, enfim.

Eu o chutei de novo, desta vez na garganta. Firme, um bom chute.

Ari não conseguiu respirar e começou a cair. Joguei-me sobre ele, agarrando-lhe a cabeça, e caímos juntos em câmera lenta. Ele era enorme, pesado, e tombamos como chumbo. Bum! Traseiro, costas, cabeça... Segurei firme à medida que o pescoço de Ari batia com força contra a lateral escura do túnel. Ouvi um *crack* horrível, de revirar o estômago, que vibrou pelos meus braços. Ari e eu nos encaramos em choque.

— Você me machucou de verdade — ele disse num suspiro áspero, uma surpresa terrível na voz. — Eu não te machucaria. *Não assim.*

Em seguida, a cabeça dele tombou para baixo, e Ari ficou completamente mole. Seus olhos reviraram para cima, e a parte branca apareceu.

— Max? — Iggy estava tentando parecer calmo. — O que foi isso?

— Eu... Eu... — Engoli em seco, sentada no peito nu de Ari, ainda segurando a cabeça dele. — Acho que quebrei o pescoço dele. — Engoli em seco de novo, sentindo que poderia ficar enjoada. — Acho que ele está morto.



Ouvimos vozes coléricas e passos pesados e fortes nas escadas acima de nós.

Não havia tempo para pensar, para tentar entender o que acabara de acontecer.

Pulei de cima do corpo sem vida de Ari e agarrei a mão de Angel. Angel agarrou Iggy, e começamos a correr com Nudge e Gasman atrás de nós. Meu corpo inteiro doía, mas corri. Corri feito o diabo, o que quer que isso signifique. Não vi sinal de Fang e dos outros mutantes; eles já tinham ido.

— *Voem!* — berrei, soltando a mão de Angel, e ela imediatamente pulou por cima da água do esgoto, abrindo as asas depressa e empurrando o ar com força. Seus tênis mergulharam na água, mas depois ela subiu de novo e saiu voando pelo túnel, as asas brancas um farol na escuridão. Gasman foi em seguida, parecendo assustadíssimo e pálido, e Iggy decolou após ele.

Ouvi uma voz ressoar.

— *Ele era meu filho!*

O grito angustiado de Jeb ecoou terrivelmente atrás de mim, reverberando nas paredes de pedra, chegando a mim de todos os ângulos. Senti falta de ar. Eu tinha mesmo matado Ari? Feito com que ele morresse? Tudo aquilo parecia surreal: o esgoto, os arquivos, os mutantes, Ari... Eu estava sonhando?

Não. Eu estava dolorosamente acordada, era dolorosamente eu mesma, estava dolorosamente bem ali, bem naquele momento.

Virei-me e olhei para Jeb, o homem que, certa vez, fora meu herói.

— Por que você está fazendo isso? — gritei o mais alto que pude.
— Por que esse jogo? Esse teste? Olha o que você fez!

Jeb me encarou, e eu me lembrei com clareza de quando ele era como um pai, o único em quem eu confiava. Quem ele tinha sido de verdade naquela época? Quem ele era agora?

De repente, ele mudou por completo. Não estava mais gritando.

— Max, você quer respostas para os segredos da vida, e não é assim que funciona. Pra ninguém, nem pra você. Sou seu amigo. Nunca se esqueça disso.

— Já esqueci! — berrei e virei-me, deixando Jeb pra trás.

— Vire à direita! — gritei para Angel, e ela se virou, desviando graciosamente para um túnel mais amplo.

Tão logo me virei depois dela, quase batendo em uma parede porque me inclinei tarde demais, ouvi um último e assombroso grito. Jeb mudara de tom de novo, estava berrando comigo, e imaginei seu rosto vermelho, vermelho como uma placa “Pare”.

— Você matou *seu próprio irmão!*



As palavras horripilantes de Jeb ecoaram na minha cabeça de novo e de novo, o significado e as consequências parecendo cada vez piores. *Você matou seu próprio irmão.* Poderia ser verdade? Como? Ou era só mais teatro? Parte do meu teste?

De alguma maneira, conseguimos subir para a rua, onde Fang estava nos esperando. Senti-me fraca, como se tivesse sido atingida por um caminhão, mas forcei-me a continuar me mexendo. Lembrei-me do que estava enfiado nos bolsos. Nomes, endereços, fotos... dos nossos pais?

— Onde estão as outras crianças? Os mutantes? — perguntei a Fang.

Tanta coisa estava acontecendo. Era difícil entender tudo, mas tinha que ser feito, e assim fiz.

— A menina com asas levou todos eles. — Ele encolheu os ombros. — Ela não queria ficar com a gente. Não aceitava não como resposta. Parece alguém que você conhece?

Acenei com a mão, como se aquilo não importasse; eu não queria falar sobre isso naquele momento, não queria conversar sobre nada.

Ainda podia ver os olhos de Ari revirando, podia ouvir seu pescoço quebrar.

— Apenas andem. Continuem andando — falei e comecei a mancar. — Podem me seguir.

Só uns dois minutos depois percebi que Angel carregava alguma coisa além da Celeste.

— Angel? — Parei no meio da calçada. — O que é isso?

Uma coisa pequena, preta e peluda se contorceu debaixo do braço dela.

— É o meu cachorro — Angel respondeu, e seu queixo endureceu, como sempre fazia quando estava prestes a ficar teimosa.

— Seu o quê? — Fang disse, espiando o objeto em questão.

Todos nos juntamos em volta de Angel, mas lembrei-me do quão visíveis estávamos.

— Vamos em frente — murmurei. — Mas essa conversa não acabou, Angel.

No Battery Park, na extremidade de Manhattan, um coreto pequeno e abandonado estava quase completamente oculto por rododendros e arbustos de teixos sem aparar. Apertamo-nos dentro da sua proteção conforme a chuva lavava a poeira da cidade. Eu estava acabada. Sentia que não havia me sobrado nada.

— Certo — falei, sentando-me mais ereta, tentando colocar energia na voz. — Angel, explique o cachorro.

— Ele é meu cachorro — ela falou com firmeza, sem me olhar. — Do Instituto.

Fang me lançou um olhar que dizia: “Se você a deixar ficar com esse cachorro, eu te mato”.

— Angel, *não* podemos ter um cachorro com a gente — falei, rígida.

O cachorro se sacudi para fora dos braços dela e sentou-se ao seu lado. Parecia normal até onde eu conseguia ver. Seus olhos brilhantes e negros reluziram para mim e estavam sorrindo de um jeito amigável. O rabo curto e grosso balançava. O focinho farejava o ar, alegre, animado com todos os novos aromas do mundo.

Angel puxou o cachorro para perto de si. Gasman aproximou-se para olhá-lo.

— Além disso, você tem a Celeste — observei.

— Eu amo a Celeste — Angel disse com lealdade. — Mas não pude deixar o Total pra trás.

— Total? — Iggy perguntou.

— Era o que o cartão dele dizia — Angel explicou.

— Totalmente um cachorro mutante que provavelmente vai se revelar e nos matar enquanto estivermos dormindo — Fang disse.

O cachorro tombou a cabeça para o lado, o sorriso sumindo por um instante. Em seguida, o rabo balançou de novo, o insulto esquecido.

Fang olhou pra mim: tive que ser o tira mau e estabelecer a lei.

— Angel — comecei, persuasiva —, nós nem sempre conseguimos *nos* alimentar. Estamos *fugindo*. É perigoso aqui fora. Todas as energias são para cuidar de nós.

Angel travou o queixo e olhou para os tênis.

— Ele é o cachorro mais maravilhoso do mundo inteirinho — falou. — E *pronto*.

Olhei para Fang de mãos atadas.

— Angel — ele disse, severo.

Ela olhou para ele com olhos azuis arregalados, o rosto sujo, as roupas imundas, as trancinhas todas bagunçadas.

— Na primeira vez que você não tomar conta dele, bum, ele está *fora*! — Fang disse. — Entendeu?

O rosto de Angel se iluminou, e ela se jogou nos braços de Fang enquanto eu o olhava boquiaberta. Ele a abraçou de volta e viu minha expressão. Encolheu os ombros e soltou Angel.

— Ela fez olhinhos de Gato de Botas pra mim — ele sussurrou. — Você sabe que não consigo resistir quando ela faz olhinhos de Gato de Botas.

— *Total!* — Angel gritou. — Você pode ficar!

Ela abraçou o corpinho preto agitado e depois o afastou para sorrir para ele. Total soltou um latido fino e feliz, então deu um salto animado.

Nossos queixos caíram. Todos ficamos olhando, incrédulos. Total quase bateu no teto do coreto, cerca de cinco metros acima de nós.

— Ó — disse Angel, e Total pousou, descendo quase até o chão, e pulou de novo, e lambeu o rosto dela.

— É, ó — falei.



Naquela noite, fizemos uma pequena fogueira e nos sentamos perto da água em uma parte de Nova York chamada Staten Island. Estávamos nos recuperando dos ferimentos. Em especial, eu. Eu doía por inteiro. Mas também estava incrivelmente animada com o que encontrara no Instituto.

— Certo, estamos todos seguros, todos juntos. — Respirei fundo e soltei devagar. — Encontramos o Instituto e *talvez* tenhamos conseguido exatamente o que fomos buscar. Pessoal, encontrei nomes, endereços e até fotos de pessoas que podem ser nossos pais.

Eu podia ver surpresa, choque, animação no rosto de todos, mas também medo e nervosismo. Consegue imaginar como é conhecer seus pais quando você tem entre seis e quatorze anos? Eu com certeza não conseguia.

— O que você está esperando? — perguntou Iggy. — O envelope, *por favor*. Abra logo. E aí alguém me conta o que ele diz.

Tive uma sensação trêmula de entusiasmo à medida que comecei a puxar as páginas que tirara do Instituto. Lá estavam as respostas para os mistérios da nossa vida, certo? Os outros se juntaram em

volta, inclinando-se por cima dos meus ombros, ajudando-me a alisar as páginas impressas sem manchar a tinta.

— Max, o que o Jeb quis dizer... Você matou seu irmão? — Nudge perguntou do nada. A pergunta era tão típica dela; perdida em seu próprio mundo de novo. — Ele não quis dizer que o Ari era seu irmão, quis? Vocês não eram... Digo, *eca triplo*...

Levantei a mão, tentando não dar um gritinho por causa da emoção contida.

— Não sei, Nudge — falei, forçando-me a parecer calma. — Não posso pensar nisso agora. Vamos ler essas páginas. Quando alguém chegar a alguma coisa interessante, grite.

Entreguei as pilhas amassadas.

— Quem é seu papai? — cantarolou Gasman. — Quem é sua mamãe?



Angel começou a ler devagar, pronunciando as palavras.

— Não faz nenhum sentido pra mim — ela disse após uns dez segundos.

Depois Gasman se sentou ereto.

— Aqui estou eu! — ele gritou. — *Aqui estou eu!*

— Deixe-me ver, Gazzy.

Gasman me entregou sua pilha, e eu a examinei. Como esperado, encontrei o nome dele: “F28246eff (Gasman)”. Meu coração quase parou.

— Aqui tem um endereço! — falei, passando o dedo página abaixo. — É na Virgínia!

— Consegui um endereço também e alguns nomes — disse Fang. — E o *meu* nome. E, ah, cara, tem fotos.

— Mostre pra gente, mostre pra gente!

Todos se juntaram em volta de Fang, e, embora ele costumasse ser o Senhor Calmo, Frio e Controlado, estava tremendo. Todos

estávamos. Eu mesma estava tremendo como se a temperatura tivesse caído uns cinquenta graus.

Nudge apontava para uma fotocópia na mão de Fang, que mostrava um homem e uma mulher que pareciam ter por volta de trinta anos.

— Ele se parece com você, Fang. Ela também. Têm que ser seu pai e sua mãe! Sem dúvida.

A voz dela embargou, e de repente todos nós estávamos chorando, exceto Fang, é claro, que só murmurou:

— Talvez sim, talvez não.

Em seguida, todo mundo folheou as páginas, procurando seus pais. Ninguém emitiu nenhum som. Até...

— *Aqui estão eles!* Minha mãe e meu pai! — Gazzy gritou. — Cortlandt Lane, 167, em Alexandria, na Virgínia! Angel, olha! São eles. É superincrível! É um milagre! Eles se parecem comigo! E com você também, Angel!

Angel encarou a foto em silêncio por um instante, depois seu rosto se enrugou e ela estava soluçando. Estendi a mão na mesma hora e segurei o pequeno corpo dela perto do meu, passando-lhe a mão no cabelo. Angel geralmente não é chorona, e, quando a senti chacoalhar com os soluços, meu peito doeu com o sofrimento dela. Isso é que é um momento fofo. Tanto faz.

— Também há muitos números e coisas sem sentido impressos por todas essas páginas — Fang disse, trazendo-me de volta ao presente.

Vi o mesmo.

— Por que rabiscar apenas algumas das informações? Não faz sentido.

— Quem se importa? — Gazzy gritou, feliz. — Encontrei minha mãe e meu pai! U-HU! Retiro o que disse sobre estar bravo com eles!

Fang, Gazzy e Angel encontraram o que buscavam, mas até então Iggy e eu não tínhamos encontrado. E Nudge ainda não tinha certeza se seus pais estavam no oeste do país ou não.

— Iggy! Iggy! Sua mãe! Oh, ai... Diz que seu pai faleceu — Gasman relatou. — Sinto muito pelo seu pai. Mas sua mãe é bonita!

Ele começou a descrevê-la em voz alta.

Assim, havia apenas um excluído, apenas um de nós sem mãe e pai nos arquivos do Instituto. Você adivinhou: *moi*. Eu ainda não pertencia a ninguém, em nenhum lugar.

Eu gostaria de dizer que sou uma pessoa tão boa, tão envolvida com a equipe que não me senti totalmente deixada de lado, de coração partido, basicamente esfaqueada e destruída... Mas estou tentando controlar as mentiras de verdade. Senti de verdade todas essas coisas horríveis, e muitas outras mais. Porém, fiz uma expressão corajosa, e sorri, e comemorei, e exclamei, e reli os arquivos, ficando feliz pelos meus garotos — que, vamos ser francos, não tinham tido muita felicidade ainda em sua vida difícil, curta e estranha.

No entanto, minha mente brilhante não conseguia esquecer uma coisa.

— Então, por que rabiscar essas outras informações? — enfim perguntei de novo. Só pra dizer outra coisa, pra me colocar em algum lugar além do trono da dor.

— Talvez sejam informações que os jalecos-brancos nunca queriam que alguém descobrisse — Fang falou com a voz etérea, do tipo *Além da Imaginação*, que ele usava às vezes quando a

situação ficava incomumente estranha... Diferente de estranha como sempre.

— Tipo... financiamento — falei, pensando. — Os hospitais que deram os bebês pra eles. Outros cientistas doentes que ajudaram. Como as chaves para todo o Império do Mal.

— Minha nossa! — disse Iggy, sentando-se ereto, animado. — Se tivéssemos essas coisas, poderíamos revelar tudo sobre eles! Mandaríamos pra um jornal. Aquele cara gordo poderia fazer um filme... Tipo *Tiros em Columbine* ou algo assim.

Meu coração deu mortais para trás só de pensar nisso.

— Não ligo para essas coisas — disse Nudge. — Só quero achar minha mãe ou meu pai de uma vez por todas. Esperem, esperem! Esta sou eu! — Prendendo a respiração, ela examinou as informações em volta de N88034gnh (Monique). — Querem saber? — Nudge olhou depressa de página em página. — Todos esses endereços são na Virgínia, e em Maryland, e em Washington. Tudo isso é meio perto, não é? Além disso, é lá que fica o governo, certo?

— Isso é a coisa mais legal do mundo! — disse Iggy, parecendo perdido em pensamentos. — Primeiro, conhecemos nossos pais. Reencontros felizes, abraços, beijos. Depois vamos destruir a Escola, o Instituto, todos esses filhos da p... Digo, todos esses cretinos que mexeram com a gente. Seria tão incrível! Tipo, poderíamos eliminar os Apagadores, todos eles, de uma vez. Muito legal!

— Então o que vamos fazer? — Gasman perguntou, de repente muito sério. — *De verdade?*

— Quero fazer o que quer que a Max faça — Angel disse. — E a Celeste e o Total também.

Total se sacudiu ao ouvir seu nome e lambeu a mão de Angel. O que quer que tivesse sido feito com ele no Instituto, não parecia

guardar nenhum remorso. Em seguida, lambeu Celeste.

Aquela pobre urso precisava muitíssimo de um banho. Todos nós precisávamos. Olhei para a tropa. Estávamos seguros, por ora. Estávamos juntos. Uma onda de gratidão me tomou.

— Vamos para Washington — falei, enfim. — E tomar banho. E começar a rastrear nossos pais. Temos o endereço de todos eles, certo?

— U-hu! — Gasman gritou, batendo a mão com Iggy, pegando-o de surpresa.

Sorri para eles. Eu os amava muito e queria que fossem felizes. Podia fazer aquilo por eles. Mas, por dentro, sentia como se buracos negros estivessem corroendo meu peito. Eu matara alguém naquele dia. Talvez meu próprio irmão. Iríamos começar a descobrir coisas sobre o nosso passado, talvez o significado da nossa vida, e não sabia se era isso o que queria. E apenas uma parte do motivo era eu não fazer ideia de quem minha mãe e meu pai eram.

Contudo, nada disso importava, certo? Aquelas pessoas eram minha família. Eu devia a elas tentar ajudar seus sonhos a se tornar realidade.

Mesmo se isso me matasse.

Muito tarde naquela noite, ou talvez fosse de manhã cedo, tentei falar com a Voz. Talvez, só talvez, ela se daria ao trabalho de me responder.

Tenho duas perguntas pra você, tudo bem? Apenas duas perguntas. Não, são três. Certo. Onde estão minha mãe e meu pai? Por que sou a única que não tem nenhum arquivo? Por que estou tendo essas dores de cabeça terríveis? E quem é você? Você é um inimigo que está dentro de mim? Ou é meu amigo?

A Voz respondeu imediatamente: são mais de três perguntas, Max. E, às vezes, a questão se alguém é seu amigo ou inimigo depende totalmente de como você o vê. Mas, se precisa saber, eu me considero seu amigo, um bom amigo que a ama muito. Ninguém a ama mais que eu, Maximum. Agora, ouça. Eu faço perguntas, não você. Você só está aqui, e a Voz chegou mesmo a rir, *para fazer essa viagem. Para a incrível, indescritível viagem da Maximum Ride.*

EPÍLOGO

Não há nada no mundo inteiro como voar de manhã cedo, digamos por volta das seis.

A quatro mil e quinhentos metros, eu ainda conseguia distinguir a cor dos carros avançando lentamente pela New Jersey Turnpike abaixo de nós. Sentia-me fabulosa desenhando de novo círculos no ar, esticando as asas por inteiro, exercitando-me para acabar com a dor. Estávamos voando em uma formação dispersa, aproveitando o impulso de ar deslocado um do outro, sorrindo por nada. Estávamos felizes por voarmos juntos no céu, muito acima do mundo que guardava nossos mistérios e nossa dor.

Total parecia gostar do vento soprando seu pelo, e a altitude não parecia atrapalhar sua respiração, ainda. Eu sabia que os outros estavam animados para encontrar seus pais e sabia que faria aquilo com eles, até o fim da linha.

Fang olhou pra mim, o rosto suave e impassível, embora eu pudesse quase sentir a expectativa escorrendo de suas asas. Sorri pra ele, e seus olhos escuros se iluminaram.

Fang. Eu precisava parar um pouco pra pensar nele.

Eu. Eu precisava parar um pouco pra pensar em mim.

Quando chegássemos a Washington, seria maravilhosamente incrível ou um desastre completo de partir o coração. Iggy achava que conhecer os pais seria nossa passagem para a segurança, a liberdade e a felicidade. Eu não era tão ingênua assim.

O conhecimento é um fardo terrível, Max, disse a Voz. Suspirei. Ainda conosco.

É uma faca de dois gumes, continuou. *Pode ajudar, mas pode colocá-la em mais perigo que qualquer coisa que você já tenha encarado até agora.*

Beleza. Mas tenho que fazer isso de qualquer maneira.

Max... Você tem uma missão maior que encontrar os pais do bando. Concentre-se em ajudar o mundo todo, não apenas seus amigos.

Mantive minhas asas estáveis, planando com o impulso do vento por um longo, longo caminho, em uma corrente quente para cima. Era como flutuar em uma nuvem, a melhor sensação que você pode imaginar. Queria que você pudesse experimentar comigo. Talvez da próxima vez.

Sabe, Voz, pensei, enfim, meus amigos são meu mundo.

Lembra-se do que falei no comecinho?

Agora, estou dando uma opção a você:

Você pode largar este livro agora... Mas terá apenas um pouco da história.

Procure mais dela em outro lugar.

Cave ainda mais fundo e você poderá se tornar parte dela.

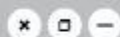
A rede de respostas está por aí.

Se você conseguir achar o portal.

Tenha cuidado. E não diga que não avisei.

Max

P.S.: Não deixe de verificar as postagens do blog do Fang na próxima página. A descoberta que ele e Nudge fizeram é extremamente importante.



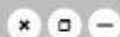
Nudge e eu vamos examinar Washington antes de o bando todo descer lá. Assim, quando partirmos, podemos fazer isso discretamente. Seria legal ter alguns dias ali antes de os Apagadores saberem que fomos embora.

Ela está cuidando do caminho. Sou o guarda-costas. Acho que ela levou apenas vinte minutos na internet pra definir três rotas mapeadas pra testarmos! Ela tem apenas onze anos, pessoal!

Max vai ficar aqui em Nova York com Ig, Gazzy, Angel e Total. Há muitos lugares para se esconderem e comerem. Ela com certeza vai ter bastantes problemas com os Apagadores, no entanto. Na verdade, estou um pouco preocupado com eles por eu não estar por perto. Sei que temos de nos “dividir para vencer”, mas não preciso gostar disso.

— Fang

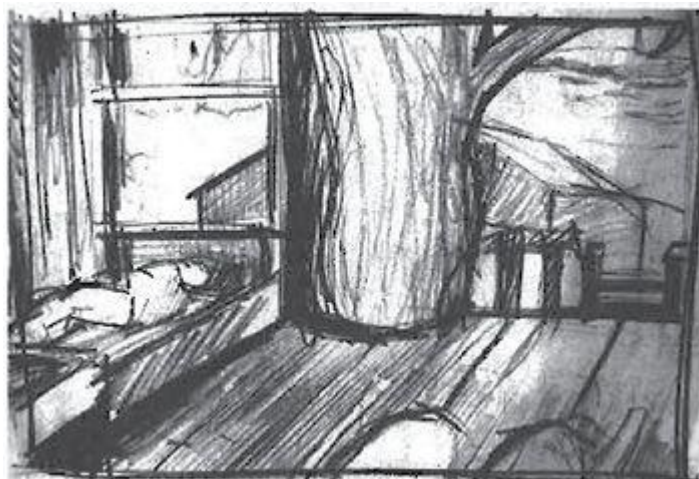
Estava frio quando partimos esta manhã, e é claro que fomos seguidos. Dois deles! E um muito maior que o outro. Eu não estava feliz por eles estarem ali, mas isso acabou mantendo a Nudge em silêncio. O que, devo dizer, achei bom. Nós os deixamos nos seguir até cruzarmos o rio para Jersey. (É incrível quanto as pessoas demoram para ir até lá pelo chão...) Depois, voltamos e fizemos de novo, e de novo, tentando rotas diferentes. Todas as vezes eles desistiam quando cruzávamos o rio e nos alcançavam quando voltávamos para a cidade. Eu os estava deixando nos verem ir e voltar. Dando a eles uma sensaçãozinha falsa de segurança. Cara, eles são idiotas! No último voo, encontrei uma casinha legal em uma árvore em um subúrbio elegante. Maravilha! Muito obrigada ao pai que construiu aquele lugar. Podemos mesmo ter um bom sono por sua causa, senhor.



Cruzamos duas rotas em um dia. Estou completamente exausto. Quatrocentos e oitenta quilômetros em doze horas tem que ser algum tipo de recorde! E, na última parte deles, tive que carregar a Nudge. Ela estava mesmo adormecendo enquanto voava! Acho que você não consegue entender de verdade quão cansado teria que estar pra dormir enquanto voa. É meio impossível. Mas essa é a Nudge, pessoal.

— Fang

Aqui tem um desenho que fiz da nossa casa na árvore. Nudge disse que deveríamos simplesmente morar aqui, porque os Apagadores não gostam dos subúrbios. Talvez ela esteja certa.



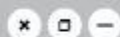
Acordei em completo pânico — coração disparado, adrenalina pulsando... A coisa toda. Algo acordou um cachorro enorme no quintal de um vizinho e em seguida silenciou a fera imediatamente. Um pouco rápido demais, se é que me entende. Nudge não acordou com nada, mas não gostei da sensação que tive depois. Eles sabem que estamos aqui.



Após meu pequeno ataque de pânico, mais nada aconteceu. Nudge acordou feliz, e eu quase não dormi. Mas isso é novidade?

Não vimos nada nos seguir, mas sempre que chegávamos perto dos limites da cidade havia helicópteros. Assim, fomos obrigados a viajar por terra. Graças a Deus pela Nudge, eu não conseguiria ler este mapa do metrô nem se minha vida dependesse disso. Ele me deu uma dor de cabeça nível Max. E também nos levou para uma estação de manutenção legal e sem uso. Um bom lugar para a noite.





◀ ▶ ↺ +  <http://www.maximumride.com.br>

Washington, é linda! Acho que os Estados Unidos são uma ótima ideia! Só queria poder entrar no escritório do meu senador e dizer: “Senador Tal, hum, temos um problema com uns cientistas doentes...”.

Mas, enfim, acho que nós nem temos um senador, temos? Existe um estado onde aberrações mutantes têm representação? Se existir, podem me avisar.

São quatro da manhã. Estamos em uma cafeteria em algum lugar, não sei onde. Eu estava dormindo na nossa estação de trem, e Nudge estava de vigia. Acordei com um som desagradável. O que vi foi Nudge se jogando na barriga de um Apagador com tanta força que ele bateu na parede e ouvi algumas costelas se quebrarem. (Mais uma vez, ela tem apenas onze anos.) Ele cuspiu sangue e bateu no cimento, tremendo. O maior atingiu-a com as costas da mão, fazendo-a voar, e depois veio até mim. Consegui segurá-lo bem e o girei. Ele passou pela beira da plataforma e me levou com ele. Tentei soltá-lo de mim, mas ele devia pesar uns cento e dez quilos. Nudge chegou pulando e colocou os dedos tão fundo nos seus olhos que ele pulou e recuou. Dei-lhe um chute, e ele deu um passo atrás, até o terceiro trilho. Apagador explosivo, em chamas! Por isso as mães falam pra vocês ficarem longe do terceiro trilho, mas ele com certeza foi útil dessa vez.

Pegamos a carteira do cara que tremia. Havia uma carta de motorista falsa, vários cartões de visita e, o melhor de tudo, algumas centenas de dólares! Bola dentro! Pegamos dois ônibus e fizemos um voo. Foi bom estar fora do chão... Muito bom!

A Nudge está agora no seu quarto donut e muito satisfeita consigo mesma. E deveria estar.



6 crianças, 12 asas e 1 Blog!

<http://www.maximumride.com.br>

Ainda não sabemos por que eles estavam tão empenhados em nos seguir. Preciso encontrar algumas respostas, e rápido. Max não iria gostar, mas todos nós sabíamos que ela procuraria as respostas também.

Primeiro, vamos nos abastecer e depois verificar esses cartões de visita.

Estranho. O segundo cartão da pilha nos trouxe aqui. A frente é um lugar de artigos eletrônicos, e a parte de trás é isto...

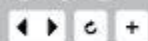
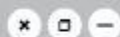


INSTITUTO PARA UMA AERONÁUTICA SUPERIOR!

Que diabos? É muito próximo para ser uma coincidência, não acha? E isso explicaria por que há tantos Apagadores por aqui...



Voltamos ao prédio esquisito do Instituto. À noite, havia muito mais atividade. Apagadores chegando sem parar. Carros bacanas, roupas bacanas, rostos bacanas e convencidos (que eu queria quebrar).



Eu não podia fazer muita coisa com Nudge lá atrás, mas tinha que dar uma olhada no que estavam fazendo naquele buraco. Assim, pedi que ela disparasse o alarme de todos os carros ao mesmo tempo. Foi muito engraçado. Depois, eles saíram em multidão como um monte de palhaços no circo.

Deslizei pela porta da frente, agachei atrás de um balcão de recepção genérico e esperei todos voltarem. Quando voltaram, arrastei-me até a passagem e olhei para dentro. Havia um salão como um hangar cheio de equipamentos de ginástica. Um cientista mais velho com jaleco de laboratório estava falando com o pessoal sentado no chão. Preciso dizer, a visão de outro jaleco-branco me fez congelar.

Ouvi, ou talvez senti, uma respiração na minha nuca. Virei e dei de cara com caninos pingando e um cheiro horrível. Apagador! Ele bateu no meu rosto, mas virei a cabeça e salvei meu nariz. Ele começou a gritar, mas eu era muito rápido e chutei-o entre as pernas com tanta força que ele não conseguia respirar. Um chorinho agudo saiu da sua boca aberta. Dei um chute circular na cabeça dele e derrubei-o. Quando cheguei à porta, Nudge estava agachada em cima de um lindo Hummer prateado. Sua expressão era malandra.

— Chamei reforços — ela disse. — A polícia, os bombeiros, os paramédicos e alguns serviços de entrega de pizza estão a caminho.

Guia do leitor

***Maximum Ride: Projeto Angel* não é só uma leitura divertida, mas também está cheio de elementos na história que nos levam a pensar e são ideais para grupos de discussão ou para você explorar sozinho. Aqui estão algumas perguntas para começar a conversa!**

1. Cada uma das seis crianças do bando possui uma habilidade. De que maneira o ponto forte de cada criança contribui para o bando?
2. Quando Angel é raptada, o bando fica arrasado porque sabe que ela será levada de volta para a Escola para mais testes e experimentos. Que opções eles têm para resgatá-la? Por que estão dispostos a se expor ao perigo para salvá-la?
3. Quais são as qualidades de um herói? Discuta por que Jeb tinha sido um herói para Max. Ele lhe ensinara a nunca confiar em ninguém. Qual é a ironia dessa lição?
4. Descreva a doutora Martinez. Em que momento Max percebe que pode confiar em Ella e na doutora Martinez? Por que é difícil para Max deixar o conforto da casa delas?
5. Max e Fang têm a mesma idade; então por que Max é a líder em vez de Fang? Que características ela possui, e Fang não, que permitem que ela lidere o bando com segurança? Quais são os obstáculos para a liderança dela? Fang seria um líder melhor? Por quê?
6. A procura dos membros do bando pelos pais lhes dá a esperança de um novo modo de vida. O que eles esperam que

aconteça ao encontrá-los? Você acha que as expectativas deles são realistas? Por quê?

7. De que maneira Max começa a perder a confiança em si mesma perto do final do livro? Você acha que ela permanece sendo verdadeira consigo mesma e com o bando? Como os objetivos dela mudam?
8. Debata a pergunta que a Voz faz para Max no fim do livro: é importante estar certo ou é importante fazer o que é certo?
9. Por causa da engenharia genética, Max e o bando podem se proteger com habilidades sobrenaturais e escapar rapidamente subindo para o céu. Ainda assim, essas crianças passam por testes terríveis nos laboratórios e são caçadas por criaturas ainda mais avançadas. No geral, você acha que o livro apoia a experimentação genética ou a desestimula? O que você acha da engenharia genética?

O que acontece com Max e as outras crianças? Será que conseguirão encontrar seus pais? Max descobrirá a origem da Voz? Ela vai ser capaz de salvar o mundo? Salvar de quê, aliás?

Não perca

**Maximum Ride:
FUGINDO DOS
HOMENS-LOBO,**

a incrível continuação de ***MAXIMUM RIDE:
PROJETO ANJO.***

Leia os dois primeiros capítulos!



Parte 1

**SEM PAIS,
SEM ESCOLA,
SEM REGRAS**



Voos amplos e eletrizantes, descendo e subindo — não há nada melhor. Por quilômetros em torno, éramos os únicos no infinito céu azul, abertíssimo e claro. Quer uma descarga de adrenalina? Tente recolher as asas, mergulhando livre por cerca de um quilômetro, depois *vusssh!* Asas abertas, pegue uma corrente de ar como um pit bull e espere pelo voo da sua vida. Céus, *nada* é melhor, mais divertido, mais empolgante.

Tudo bem, éramos aberrações mutantes, estávamos em fuga, mas, cara, voando — bom, existe uma razão para as pessoas sempre sonharem com isso.

— Ah, meu Deus! — disse Gasman, agitado. Ele apontou. — Um óvni!

Contei até dez em silêncio. Não havia nada para onde Gasman tinha apontado. Como sempre.

— Isso foi divertido nas primeiras cinquenta vezes, Gazzy — declarei. — Está perdendo a graça.

Ele grasnou a várias asas de distância de mim. Não há nada como o senso de humor dos oito anos de idade.

— Max? Quanto tempo até chegarmos a Washington? — perguntou Nudge, aproximando-se de mim. Ela parecia cansada; afinal, tivemos um dia longo e difícil. Bem, *mais um* dia longo e difícil em toda uma série de dias longos e difíceis. Se eu realmente viesse a ter um dia bom e fácil, provavelmente entraria em pânico.

— Mais uma hora? Uma hora e meia? — estimei.

Nudge não disse nada. Lancei um olhar rápido para o resto do meu bando. Fang, Iggy e eu aguentávamos firmes, mas tínhamos energia de sobra. Isto é, o grupo mais jovem também tinha energia, especialmente comparado com os humanos não mutantes, pequenos e insignificantes. Mas mesmo eles se cansavam com o tempo.

Eis os fatos — para todos os novatos nesta viagem. Somos seis: Angel, que tem seis anos. Gasman, oito; Iggy, que tem quatorze e é cego; Nudge, onze; Fang e eu (Max), que temos quatorze também. Escapamos do laboratório onde fomos criados, onde nos deram asas e outros poderes variados. Eles nos querem de volta — muito. Mas não vamos voltar. Nunca.

Passei Total para o meu outro braço, feliz por ele não pesar mais que nove quilos. Ele despertou um pouco, depois se encaixou no meu braço e voltou a dormir, o vento sibilando por entre os pelos escuros. Eu queria um cachorro? Não. Precisava de um cachorro? Também não. Éramos seis crianças correndo para salvar nossas vidas, sem saber de onde vinha nossa próxima refeição. Podíamos nos dar ao luxo de alimentar um cachorro? Que surpresa: não.

— Você está bem? — Fang se emparelhou comigo. Suas asas eram escuras e quase silenciosas, como o próprio Fang.

— Em que sentido? — perguntei. Isto é, havia a questão da dor de cabeça, a questão do chip, a questão da *Voz constantemente na minha cabeça*, meu ferimento a bala cicatrizando... — Dá pra ser mais específico?

— Matar Ari.

Meu ar ficou preso na garganta. Apenas Fang podia ir direto aos Xis da questão desse jeito. Apenas Fang me conhecia tão bem, e ia tão longe.

Quando escapávamos do Instituto, em Nova York, Apagadores e jalecos-brancos tinham dado as caras, obviamente. *Que Deus não permita* que façamos uma fuga perfeita. Os Apagadores, se você já não sabe, são criaturas parecidas com lobos que vêm nos perseguindo constantemente desde que escapamos do laboratório, ou Escola, como preferimos chamar. Um dos Apagadores era Ari. Lutamos, assim como tínhamos lutado antes, e então de repente, sem nenhum aviso, eu estava sentada sobre o peito dele, olhando fixamente para os seus olhos sem vida, o pescoço quebrado pendendo em um ângulo estranho.

Isso aconteceu vinte e quatro horas atrás.

— Era você ou ele — declarou Fang, calmamente. — Que bom que escolheu você.

Respirei fundo. Os Apagadores simplificavam tudo: eles não tinham escrúpulo em matar, então você também tinha que perder a sensibilidade em relação a isso. Mas com Ari tinha sido diferente. Eu o havia reconhecido, me lembrado dele criancinha lá na Escola. Eu o conhecia.

Além disso, houve aquele último e pavoroso grito do pai de Ari, Jeb, ecoando atrás de mim repetidas vezes enquanto eu voava pelos túneis:

— Você matou seu próprio irmão!



Obviamente, Jeb era um manipulador mentiroso e trapaceiro, por isso ele podia simplesmente estar fazendo um inferno comigo. Mas a angústia dele depois que descobriu a morte do filho tinha parecido real.

E, ainda que eu odiasse e desprezasse Jeb, ainda me sentia como se tivesse uma bigorna no peito.

Você teve que fazer isso, Max. Você ainda está trabalhando rumo ao bem maior. E nada pode interferir nisso. Nada pode interferir na sua missão de salvar o mundo.

Respirei fundo novamente por entre maxilares cerrados. *Santo Deus, Voz. Daqui a pouco você vai me dizer que para fazer uma omelete é preciso quebrar alguns ovos.*

Soltei um suspiro. Sim, tenho uma Voz dentro da cabeça, quero dizer, mais uma além da minha. Estou certo de que, se você procurar a palavra “doido” no dicionário, vai encontrar a minha foto. Só mais uma característica divertida do meu combo aberração-criança-pássaro-mutante.

— Quer que eu o carregue? — perguntou Angel, gesticulando para o cachorro nos meus braços.

— Não, está tudo bem — respondi. Total pesava quase metade do peso de Angel. Eu não sabia como ela o tinha carregado por toda aquela distância. — Eu sei — falei, me animando. — Fang vai levá-lo.

Dei uma batida extra de asas e sobrevoei Fang, nossas asas batendo no mesmo ritmo.

— Aqui — disse eu, descendo Total. — Lá vai um cachorro. — Um pouco terrier em tamanho e aparência, Total se agitou, depois rapidamente se acomodou nos braços de Fang, que levou uma lambidinha, e eu tive que morder a bochecha por dentro para evitar rir da cara que o Fang fez.

Acelerei um pouco, voando à frente do bando, sentindo uma excitação ofuscando minha fadiga e o peso sombrio do que tinha acontecido. Seguíamos para um novo território — e talvez até encontrássemos nossos pais desta vez. Escapamos dos Apagadores e dos jalecos-brancos — nossos antigos “guardiões” — novamente. Estávamos todos juntos e ninguém se encontrava gravemente ferido. Por esse breve instante, me senti livre e forte, como se estivesse começando do zero, tudo de novo. *Encontraríamos* nossos pais — eu podia sentir isso.

Eu estava me sentindo... Fiz uma pausa, na tentativa de dar nome a essa sensação.

Eu me sentia de certo modo otimista. Apesar de tudo.

O otimismo é supervalorizado, Max, disse a Voz. É melhor encarar a realidade de frente.

Eu me perguntava se a Voz, lá de dentro, podia me ver revirando os olhos.